

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO” - UNESP  
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO - FAAC  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - DCSO

MARIANA FERNANDES DA SILVA

**COMO A MÍDIA RETRATA CASOS DE MULHERES QUE COMETEM  
CRIMES GRAVES: UM ESTUDO DOS CASOS DE ELIZE  
MATSUNAGA E DE GRACIELE UGULINI**

BAURU  
2017

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO” - UNESP  
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO - FAAC  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - DCSO

MARIANA FERNANDES DA SILVA

**COMO A MÍDIA RETRATA CASOS DE MULHERES QUE COMETEM  
CRIMES GRAVES: UM ESTUDO DOS CASOS DE ELIZE  
MATSUNAGA E DE GRACIELE UGULINI**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social: Jornalismo, sob orientação da Professora Dra. Angela Maria Grossi.

BAURU  
2017

MARIANA FERNANDES DA SILVA

**COMO A MÍDIA RETRATA CASOS DE MULHERES QUE COMETEM  
CRIMES GRAVES: UM ESTUDO DOS CASOS DE ELIZE  
MATSUNAGA E DE GRACIELE UGULINI**

---

Professora Dra. Angela Maria Grossi  
(Orientadora e presidente da Banca)

---

Professora Adj. Maria Cristina Gobbi  
(Membro da banca examinadora)

---

Me. Daira Renata Martins Botelho  
(Membro da banca examinadora)

BAURU  
2017

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer primeiramente à minha família. Agradeço à minha mãe, por todo o cuidado, confiança, torcida e incentivo, especialmente nos últimos quatro anos, ao meu pai, por ter me ensinado a sempre questionar tudo e todos e não ter me deixado desistir, às minhas irmãs, por seguirem sempre por perto, acreditando e torcendo por mim. Obrigada, vocês são a razão de tudo.

Agradeço também ao restante da minha família, meu avô, tios, tias, primos e primas, pelo apoio constante.

Agradeço à minha orientadora, Professora Dra. Angela Maria Grossi, por ter aceitado me guiar neste trabalho. Sua sabedoria e disposição tornaram o processo muito mais leve e prazeroso.

Agradeço aos meus amigos de longa data, que estiveram comigo quando ingressei na faculdade e agora acompanham o final da graduação, e aos amigos que fiz na Unesp. Foi incrível passar por esse processo com todos vocês, assim como sei que também será na próxima fase.

Agradeço à banca examinadora, por aceitarem o convite.

Por fim, agradeço à Unesp, seus professores, funcionários e servidores, pelos últimos anos recheados de descobertas, questionamentos e crescimento.

## DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho aos meus pais e às  
minhas irmãs, pela torcida e apoio constantes.*

## RESUMO

O trabalho de conclusão de curso visa entender como o jornalismo retrata mulheres que cometem crimes graves, usando a revista semanal mais vendida do Brasil, a *Revista Veja*, e o jornal mais lido do país, a *Folha de S.Paulo*, como referências. Busca compreender como a mídia atuou na cobertura dos casos de Elize Matsunaga, condenada pelo homicídio do marido, e de Graciele Ugulini, indiciada pelo homicídio do enteado, Bernardo Boldrini. Como referencial teórico, são usados conteúdos relacionados ao Jornalismo e suas práticas, a relação entre o Jornalismo, a mídia e a criminologia, especialmente a criminologia feminina. A metodologia escolhida para ser usada na monografia é a Análise de Conteúdo. A maneira como a mídia retrata essas mulheres relaciona-se também à visão que a sociedade tem dessas pessoas e também do feminino em geral. Entretanto, é necessário destacar que essa prática não é composta apenas pelo Jornalismo, mas sim pela sociedade como um todo. Portanto, as práticas jornalísticas, aliadas ao sistema social, interferem na maneira que essas mulheres são vistas e retratadas.

**Palavras-chave:** Análise de conteúdo. Jornalismo. Mídia. Criminologia feminina.

## ABSTRACT

This study aims to understand how journalism portrays women who commit serious crimes, using Brazil's best-selling weekly magazine, *Revista Veja*, and the country's most read newspaper, *Folha de S.Paulo*, as references. The paper seeks to understand how the media dealt with the cases of Elize Matsunaga, convicted of the murder of her husband, and Graciele Ugulini, indicted for the murder of her stepchild, Bernardo Boldrini. As theoretical references, are used content related to journalism and its practices, the relationship between journalism and the media, and criminology, especially female criminology. The methodology chosen to be used in the monograph is Content Analysis. The way the media portrays these women is also related to the society's view of these people, and also to everything that is female in general. However, it is necessary to emphasize that this practice is not only composed by journalism, but by society as a whole. Therefore, journalistic practices, allied to the social system, interfere in the way these women are seen and portrayed.

**Keywords:** Content analysis. Journalism. Media. Female criminology.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - As narrativas observadas nos conteúdos jornalísticos analisados.....	67
Quadro 2 - Relação das publicações sobre o caso de Elize Matsunaga.....	68
Quadro 3 - A narrativa da sexualidade e desvio sexual - Elize Matsunaga.....	71
Quadro 4 - A narrativa da atração física - Elize Matsunaga.....	72
Quadro 5 - A narrativa de más esposas - Elize Matsunaga.....	73
Quadro 6 - A narrativa de más mães - Elize Matsunaga.....	73
Quadro 7 - A narrativa de monstros mitológicos - Elize Matsunaga.....	74
Quadro 8 - A narrativa de “vacas loucas” - Elize Matsunaga.....	75
Quadro 9 - A narrativa de manipuladoras do mal - Elize Matsunaga.....	75
Quadro 10 - A narrativa de não-agentes - Elize Matsunaga.....	76
Quadro 11 - Relação das publicações sobre o caso de Graciele Ugulini.....	77
Quadro 12 - A narrativa de atração física - Graciele Ugulini.....	79
Quadro 13 - A narrativa de más esposas - Graciele Ugulini.....	79
Quadro 14 - A narrativa de más mães - Graciele Ugulini.....	80
Quadro 15 - A narrativa de manipuladoras do mal - Graciele Ugulini.....	80



# SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>10</b>
<b>2 JORNALISMO, REVISTA E IMPRENSA</b>	<b>13</b>
2.1 Atividade Jornalística	14
2.2 Jornalismo de Revista	23
2.3 Jornalismo Impresso	29
<b>3 MÍDIA, DIREITO E CRIME</b>	<b>33</b>
3.1 Direito e mídia	33
3.2 Mídia e crime	37
3.2.1 Criminologia feminista	51
3.2.1.1 Sexualidade e desvio sexual	53
3.2.1.2 Atração física	54
3.2.1.3 Más esposas	55
3.2.1.4 Más mães	56
3.2.1.5 Monstros mitológicos	56
3.2.1.6 “Vacac loucas”	57
3.2.1.7 Manipuladoras do mal	58
3.2.1.8 Não-agentes	58
3.2.2 Conclusão do capítulo	59
<b>4 ANÁLISE DOS CASOS</b>	<b>62</b>
4.1 Histórico do caso de Elize Matsunaga	62
4.2 Histórico do caso de Graciele Ugulini	63
4.3 Metodologia	64
4.4 Análise: Elize Matsunaga	68
4.5 Análise: Graciele Ugulini	76
<b>5 RESULTADOS</b>	<b>82</b>
5.1 O Caso Elize Matsunaga	82
5.2 O Caso Graciele Ugulini	84
5.3 A relação do Jornalismo com a criminologia feminina	86
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>89</b>

<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>91</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>93</b>
A Relação de reportagens analisadas do caso de Elize	93
B Relação de reportagens analisadas do caso de Graciele	130

## 1 INTRODUÇÃO

O Jornalismo tem um papel legitimado pela sociedade como construtor da realidade social por meio da notícia, que, por sua vez, compõe a estratégia discursiva central da prática jornalística e é um produto da conjunção histórica, do avanço das técnicas jornalísticas de redação e transmissão, e da rotina produtiva das empresas de comunicação. A notícia também é uma das partes importantes para a construção da identidade da sociedade, através da qual é modelada a cultura daquele grupo. Ou seja, além de produzir reportagens e notas através dos acontecimentos sociais, a prática jornalística também constrói e transmite narrativas que podem ser reutilizadas e transformadas em novos acontecimentos pelo grupo social que a recebeu. Os acontecimentos escolhidos para tornarem-se notícia são selecionados a partir da tematização, que tem como função destacar os temas em comum mais importantes entre os diversos sujeitos daquele grupo. Portanto, o processo de captação de sentido, significação e construção de realidade não depende apenas da prática jornalística, mas também do universo referencial da audiência, construída por preconceitos, estereótipos e fundamentada socialmente, sendo diretamente ligada ao contexto cultural e coletivo em que o indivíduo está inserido. Ou seja, esse processo de tematização, construção e significação da notícia não depende apenas do jornalista, mas sim do planejamento da empresa de mídia e da concepção cultural daquele acontecimento, que pode até ser mais importante e significativa do que aos elementos jornalísticos em si.

Entre as notícias que passaram pela imprensa nos últimos anos, os casos de Elize Matsunaga e de Graciele Ugulini foram polêmicas que chamaram a atenção da sociedade brasileira e tiveram muito destaque na mídia, sendo noticiados frequentemente a cada novo desdobramento.

Tanto o caso de Graciele, como o de Elize, são chaves para a compreensão do tema do trabalho, que tem como objetivo geral entender e analisar como o jornalismo retrata mulheres que cometem crimes graves, especificamente como a *Revista Veja* e a *Folha de S.Paulo* atuaram na cobertura dos casos de Elize Matsunaga, condenada pelo homicídio do marido, e do caso de Graciele Ugulini, indiciada pelo homicídio do enteado Bernardo Boldrini.

Entre os objetivos específicos, estão: compreender como a abordagem escolhida pelas publicações ajuda na criação, desconstrução ou no reforço do estereótipo feminino; verificar como o inverso acontece, ou seja, como o estereótipo da mulher influencia na abordagem e na cobertura dos meios de comunicação; compreender como a maneira que a mídia retrata essas mulheres é representativa da sociedade como um todo.

Para alcançar os objetivos do trabalho, será usada a Análise de Conteúdo, tendo como referência o livro de Laurence Bardin, que define a metodologia como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 1991, p. 44).

A análise de conteúdo se encaixa no presente trabalho já que pode ser aplicada no universo da comunicação e em discursos, definidos como “toda a comunicação estudada, não só ao nível dos seus elementos constituintes elementares (a palavra por exemplo) mas também e, sobretudo, a um nível igual e superior à frase (proposições, enunciados, sequências).” (BARDIN, 1991, p. 217).

Para a análise do caso de Elize, serão usadas reportagens entre janeiro de 2012 (data do crime) e dezembro de 2016 (data do julgamento). No caso de Graciele, o recorte de tempo será entre abril de 2014 (data da morte de Bernardo) e outubro de 2016 (data em que o Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul negou recursos da defesa de Graciele e Leonardo Boldrini).

Como contribuição para o campo do Jornalismo, o Trabalho de Conclusão de Curso visa ser uma oportunidade para incentivar o debate sobre práticas adotadas pela mídia que reforcem estereótipos, especialmente sobre a mulher. Além disso, também deve auxiliar na reflexão sobre melhores práticas para a profissão do jornalista, bem como ser uma fonte de reflexão sobre o papel do jornalismo na sociedade. Para a Universidade Estadual Paulista (Unesp), o trabalho busca fomentar o debate sobre as práticas jornalísticas dentro da universidade pública, auxiliando no apontamento das que são nocivas ao reforçarem os estereótipos da mulher, estimulando a sugestão e a discussão de melhores práticas. Para a aluna, o

tema do trabalho é um tema de relevância pessoal, pois une áreas de interesse particulares como desigualdade de gênero, aprimoramento contínuo de práticas jornalísticas, desconstrução de estereótipos e o sistema penal brasileiro

Assim, este trabalho está dividido em 6 capítulos. No *Capítulo 1 - Introdução*, o tema e o objeto de estudo são apresentados. No *Capítulo 2 - Jornalismo, revista e imprensa*, são abordadas a atividade jornalística, o jornalismo de revista e o jornalismo impresso, com um breve histórico e panorama do jornalismo, bem como as particularidades de cada um. No *Capítulo 3 - Mídia, direito e crime*, são apresentadas as relações entre o direito e o jornalismo e entre a mídia e o crime, especialmente os crimes graves cometidos por mulheres. No *Capítulo 4 - Análise dos casos*, são apresentados os casos de Elize Matsunaga e de Graciele Ugulini, bem como a metodologia a ser aplicada. Além disso, também são expostos quadros com análises pontuais e individuais de trechos retirados das matérias selecionadas. No *Capítulo 5 - Resultados*, são analisados, separadamente, os dois casos e desenvolvidas conclusões relacionadas ao jornalismo e como ele retrata mulheres que cometem crimes graves. E, por fim, as *Considerações Finais*.

## 2 JORNALISMO, REVISTA E IMPRENSA

No presente capítulo serão abordados a atividade jornalística, o jornalismo de revista e o jornalismo impresso, destacando suas particularidades, como forma de fornecer embasamento teórico para o trabalho de conclusão de curso.

Para a definição de *notícia* e melhor compreensão da atividade jornalística, foi usado como base o livro de Muniz Sodré, “A Narração do Fato”. O autor compara a notícia com o grito do mercador em praça pública, definindo-a como uma “estratégia comunicacional constituída por um discurso enunciativo [...] comunica-se algo a ser notado ou sinalizado como marca factual de um instante particular” (SODRÉ, 2012, p. 91). Ainda discorre sobre a notícia como estratégia discursiva central na informação jornalística e afirma que a mesma decorre da conjunção histórica entre o avanço das técnicas de transmissão e a rotina produtiva da prática jornalística. Ao levar em consideração o impacto da internet e as mutações do jornalismo, Sodré (2012) fornece reflexões atuais sobre a fundamentação teórica da narrativa jornalística na atualidade.

Ainda para a conceituação de notícia e sobre o discurso jornalístico informativo, foi usado o livro “A Construção da Notícia”, de Miquel Rodrigo Alsina. O autor analisa as rotinas e métodos da produção jornalística, fornecendo embasamento teórico, discorrendo sobre a circulação e o consumo, os desafios que a sociedade da informação propõe, a comunicação de massas, as fases do trabalho jornalístico e como é feita a organização da informação, entre outros pontos. Alsina define notícia como “uma representação social da realidade quotidiana, produzida institucionalmente e que se manifesta na construção de um mundo possível” (ALSINA, 2009, p. 299). Desse modo, “a representação social seria um instrumento graças ao qual o indivíduo ou grupo apreende seu entorno” (ALSINA, 2009, p. 300).

Para melhor compreensão da Revista *Veja*, foi usado como base o livro “A Revista e seu Jornalismo”, organizado por Frederico de Mello B. Tavares e Reges Schwaab. Nele, define-se o jornalismo de revista como “um tipo bastante específico de discurso, que constrói sentidos sobre o mundo de forma lenta, reiterada, fragmentada e emocional” (BENETTI, 2013, p. 44). O jornalismo de revista deve criar um vínculo emocional com o leitor, para que ele tenha a revista como parte de seu

cotidiano e como uma necessidade. Segundo Benetti (2013, p.44), “complexo, diversificado e especializado, o jornalismo de revista engendra olhares e percepções sobre o mundo, sobre si e sobre o outro, e é nessa articulação que resiste seu amplo e fecundo poder”. Discorre sobre os novos padrões de produção e consumo da informação, a relação da revista com a sociedade na contemporaneidade e os diálogos que ela gera interna e externamente, entre outros temas.

Para melhor compreensão do jornal *Folha de S.Paulo*, foi usado como base o livro “A arte de fazer um jornal diário”, do jornalista Ricardo Noblat. Na obra, o autor defende o jornalismo responsável (como negócio, mas também como serviço público) e informativo. Segundo Noblat, o modelo que o jornalismo diário usa atualmente, valorizando a objetividade e sem humanização, é a principal causa do afastamento dos leitores. Enumera atitudes que os repórteres, editores e donos dos jornais devem tomar para reconquistar o interesse do público, além de discorrer sobre os valores que norteiam o jornalismo impresso. Noblat ainda aborda questões sobre a linguagem do jornalismo diário e o estilo dos textos jornalísticos. No entanto, defende a flexibilização destes padrões tornar o texto mais atraente ao público.

## **2.1 Atividade Jornalística**

Na atividade jornalística, o discurso, o texto, a notícia e a reportagem são elementos que aparecem frequentemente em conjunto. Apesar de possuírem algumas similaridades entre si, são conceitos diferentes e com empregos característicos dentro do jornalismo. A palavra *discurso* é empregada desde meados do século XX, e, especialmente para linguistas e semiólogos, refere-se um objeto de conhecimento da produção de bens culturais (podendo incluir textos verbais, orais, gestos ou imagens).

Discurso é mesmo, em linhas gerais, o funcionamento da linguagem, portanto, o lugar da intersubjetividade ou da formação do laço social. Ele é tanto a fala individual quanto a malha de inserção do indivíduo na complexidade relacional do *socius*, ou seja, é também realidade em construção, geradora de sentido para o que se apresenta como social e semanticamente fragmentado (SODRÉ, 2012, p. 141).

Ou seja, no discurso são construídos os sentidos através de um trabalho social, o que significa que todos os discursos são ideológicos e diferentes entre si. Já a palavra *texto* designa a materialidade imediata da linguagem, seja ela em forma som, letra ou formas.

Por outro lado, Sodré (2012) descreve a notícia como “o resultado de uma técnica de texto, de uma marcação temporal no fluxo dos fatos cotidianos, da manifestação de um arbítrio corporativo-profissional, assim como uma expressão institucional” (SODRÉ, 2012, p. 171), que tem a possibilidade de oferecer ao leitor uma espécie de retrato do fato. Já a reportagem deriva do latim *reportare* e tem como implicação semântica a possibilidade levar o leitor à cena do acontecimento que está reportando. Para este fim são usados recursos como figuras de estilo da retórica, que dão margem a construções linguísticas mais usadas na literatura, com o objetivo de aprofundar a atenção do leitor através de seus sentidos perceptivos.

A atividade jornalística tem um papel socialmente legitimado como construtora da realidade social através da notícia, o que compõe a estratégia discursiva central na informação jornalística e decorre da conjunção histórica entre o avanço das técnicas de transmissão e a rotina produtiva da prática jornalística. Segundo Alsina (2009, p.46):

A noção da “construção social da realidade”, tal como está defendida por Berguer e Luckmann (1979), localiza-se no nível da vida no cotidiano, em que se dá, no entanto, um processo de institucionalização das práticas e dos papéis. Esse processo é, ao mesmo tempo, social e intersubjetivamente construído. Isso faz caracterizarmos a atividade jornalística como um papel socialmente legitimado para gerar construções da realidade publicamente relevantes. Portanto, podemos dizer que os jornalistas têm um papel socialmente legitimado e institucionalizado para construir a realidade social como realidade pública e socialmente relevante. Essas competências são realizadas no interior de aparatos de produção específicos: a mídia. Como nos diz Altheide (1976: 25), “a institucionalização dos noticiários informativos tornou-se uma realidade sancionada”.

O discurso jornalístico só é efetivo quando sabe fazer a informação chegar até sua audiência, apesar de também possuir a habilidade de fazer com que o leitor acredite em algo (persuasão), faça algo (manipulação) e sinta-se de tal maneira (emoção). Para que seja eficiente e informe o leitor, o jornal deve possuir



credibilidade. Alsina (2009) define a ideia de “contrato pragmático fiduciário”, um conceito baseado na relação de confiança entre o leitor e o jornal:

Esse contrato baseia-se em atitudes epistêmicas coletivas, que foram se compondo através da implantação do uso social da mídia como transmissores da realidade social de importância pública. A própria mídia é a primeira que realiza uma prática contínua de autolegitimação para reforçar esse papel social [...] Devemos acreditar que isso que se diz é verdade, e que aconteceu de fato assim mesmo. Se um jornal, digamos, não tem credibilidade, suas informações perdem o sentido virtual e não servem para a informação [...] No caso que o destinatário não aceitasse o contrato pragmático proposto pelo comunicador, o discurso perderia seu sentido virtual. (ALSINA, 2009, p. 48).

Portanto, a relação entre o jornalista e sua audiência é definida por este contrato, sob o qual o jornalista tem a responsabilidade de compilar os acontecimentos e os temas importantes e dar-lhes sentido. Do outro lado, os destinatários devem fazer o uso adequado do discurso, já que o processo de construção de realidade não é unilateral.

Como diz Colombo (1983: 93), “a comunicação de massas é, portanto, um sistema de circulação de informações através de vastas redes de distribuição de notícia, que são superpostas a todas as formas de cultura local, de crença e de escolha original e interior, criando amplas regiões homogêneas de conhecimento comum”. (ALSINA, 2009, p. 53).

De acordo com Hall (1981, p. 384-386 *apud* ALSINA, 2009, p. 72), a mídia possui três funções básicas: fornecer o discurso a partir dos quais os grupos constroem imagens de suas próprias vidas, auxiliando na construção social e do imaginário através do qual são percebidas as realidades; determinar quais são as realidades aceitáveis, localizando, qualificando e classificando os acontecimentos em uma espécie de ‘mapa social’, fornecendo um inventário dos léxicos ali representados e, por fim, organizar o que tem sido representado seletivamente, gerando um consenso e um senso de legitimidade, sempre adaptados às circunstâncias atuais e a um grupo específico.

O acontecimento é um fenômeno social e [...] está determinado historicamente e culturalmente. É claro que, cada sistema cultural vai concretizar quais são os fenômenos que merecem ser considerados como acontecimentos e quais passam despercebidos. Sabe-se que toda forma de enxergar é uma forma de ocultar. Edward T. Hall (1978: 80) nos lembra que “a cultura é a que

decide em que nós devemos prestar atenção e o que devemos ignorar [...] Não podemos considerar tudo quanto temos em volta como algo significativo, pois não seríamos capazes de processarmos tanta informação. “O que um indivíduo escolhe, mesmo se for consciente ou inconscientemente, é o que vai fornecer a estrutura e o significado ao seu mundo” (HALL, 1978, p. 83 *apud* ALSINA, 2009, p. 115).

Em grande parte, os acontecimentos transmitem parte do imaginário coletivo (emoções, hábitos e representações) capazes de definir uma sociedade. Ao valorizar certos fatos, a mídia torna-se responsável por formar o horizonte espacial cognitivo e emotivo daquele grupo, ou seja, estabelece as fronteiras que definirão os limites entre o “nós” e o “eles”. Dessa maneira, além de auxiliar nos sistemas de representação da realidade, a mídia também é responsável por concretizar os processos de construção das identidades. Ao tornar certos fatos visíveis, as notícias extraem determinados conceitos de seus caracteres históricos específicos e os tornam manifestações documentais que perduram, além de os aproximar de determinados grupos. O leitor torna-se parte da história. No entanto, por outro lado, na mesma medida em que ilumina alguns acontecimentos, também faz com que outros percam força, seja pela repetição excessiva (saturação<sup>1</sup>) ou pela simples escolha em não reportá-los.

De acordo com Alsina, “todo tipo de informação faz-se a partir de uma perspectiva de identidade determinada” (ALSINA, 2009, p. 132). Através dessa identidade, instituem-se os espaços mental e sentimental, que são os dois lados de uma mesma construção cultural. O “espaço mental” é responsável por estabelecer a fronteira que separa os grupos “dos outros”, aqueles que estão “de fora”, além de instituir e racionalizar a sensação de pertencimento, estabelecendo o sentido do ser individual e sua identidade própria. Por outro lado, o “espaço sentimental” preenche o sentido do individual e os valores. A partir da ideia de que os meios de comunicação são responsáveis por formar as identidades culturais, é possível entender a importância da mídia para a cultura de uma comunidade.

Poderíamos considerar então que a mídia é um sistema que funciona com alguns *inputs*, os acontecimentos, e que gera alguns *outputs* que transmitem: as notícias. E essas notícias são recebidas como

---

<sup>1</sup> Segundo Leão Serva (2005), a saturação é consequência do aumento do número de meios e de notícias. A saturação faz com que o leitor receba uma carga de informação tão alta que torna-se difícil de processar e entender.

acontecimentos pelos indivíduos receptores da informação. Ou seja, todo e qualquer *output* pode também ser um *input* de outro sistema e todo e qualquer *input* também pode ter sido um *output* do sistema anterior. Portanto, o ponto de referência a partir do qual podemos definir um acontecimento ou uma notícia é o sistema com o qual eles estão relacionados. (ALSINA, 2009, p. 133).

Dessa maneira, ao mesmo tempo em que constrói notícias através dos acontecimentos sociais, a mídia também constrói e transmite narrativas que podem ser reutilizadas e se transformarem em novos acontecimentos. As notícias, como produto da mediação da instituição comunicativa, podem se transformar, dependendo da instituição de origem e do enquadramento escolhido. Ou seja, a mídia é capaz de criar não só a notícia, mas sim também acontecimentos em si. Além disso, o acontecimentos são a condição de existência da mídia. Se não existem acontecimentos para que os meios possam conferir-lhes publicidade, a mídia pode então passar a publicar factoides<sup>2</sup>.

A diferenciação entre interessante e importante também deve ser feita na mídia. “O importante é aquilo que afeta nossa vida do dia-a-dia e não somente de uma forma pontual e falsa, mas que terá consequências ao longo do tempo” (ALSINA, 2009, p. 146). Ou seja, nem tudo o que é interessante é importante e vice-versa. O autor ainda cita o exemplo do Livro dos Recordes: recheado de fatos interessantes, mas pouco importantes. Ao mesmo tempo, o consenso entre o que é importante para cada indivíduo é impossível, já que cada um vive o acontecimento de acordo com seu contexto e suas implicações próprias. Dessa maneira, o jornalismo considera relevantes os chamados “fatos-ruptura”, fatos excepcionais que representam uma quebra da continuidade, da normalidade e do que é rotineiro.

Não é suficiente que o tema da notícia seja considerado importante ou interessante por parte do público, mas sim que esteja também em sintonia com o público. A seleção do tema é chamada de tematização e tem como função destacar os temas em comum mais importantes entre os diversos sujeitos.

Através da tematização, desenvolve-se o nível cognoscitivo e valorativo sobre os acontecimentos e os problemas que eles trazem consigo. Na

---

<sup>2</sup> "Informação que se divulga ou aceita como fato verdadeiro devido à forma como é apresentada e repetida, mas que não tem fundamento real", de acordo com o Dicionário Online Priberam. Link para acesso: <https://www.priberam.pt/dlpo/factóides>. Acesso em: 10 de outubro de 2017.

tematização, dá-se claramente uma estratégia de interação política [...] A tematização como efeito faz referência à possibilidade da mídia de criar a opinião pública. Um tema que se repete por diversos meios de comunicação entra no circuito da atenção do público através do efeito da adição ou do eco (ALSINA, 2009, p. 192).

Por outro lado, Agostini (1984 *apud* ALSINA, 2009, p. 194) define a tematização como a atividade da mídia concretizada pela seleção dos temas e a eventual memorização desses temas por parte do público. Dessa maneira, a memorização é condição essencial da tematização. Segundo Sodré (2012), o acontecimento jornalístico é um fato determinado mais importante para o sistema da informação pública do que outros, sendo considerado pela mídia como mais válido para a formação da cotidianidade urbana do que aqueles que não foram publicados. No entanto, a escolha do tema por parte da mídia não deve ser vista como uma atitude isolada, já que os meios de comunicação também estão sujeitos às forças do mercado, contínuas inovações tecnológicas, lógicas empresariais e outros fatores característicos de ambientes corporativos e de construção de significados. Além desses fatores internos, a mídia também está sujeita a outros fatores externos, como as forças e mudanças dos sistemas políticos, tradições culturais, étnicas, nacionais e regionais, fatos históricos, características do tipo de suporte escolhido (internet, papel, imagem ou áudio) e especificidades de cada gênero.

Sodré (2012) aponta que o papel do jornalista no processo é parcialmente autônomo, pois deve sempre obedecer às regras de um planejamento produtivo em um contexto empresarial, assim como a uma concepção cultural do acontecimento, que pode até ultrapassar o jornalismo. Dessa maneira, a tematização, além de dizer muito sobre a sociedade em que a notícia está inserida, também diz muito sobre os processos internos da atividade jornalística. O autor destaca alguns valores-notícia importantes para as pautas profissionais:

Na rotina das pautas profissionais, destacam-se como valores-notícia a novidade (marca da atualidade), a imprevisibilidade (sinal para a singularização do relato), o peso social (sinal indutor de atenção coletiva), a proximidade geográfica do fato (índice contextual que facilita a identificação do público com os figurantes da notícia), a hierarquia social dos personagens implicados (sobrevvalor atribuído à identidade de famosos), a quantidade de pessoas e lugares envolvidos (magnitude do fato), o provável impacto sobre o público-leitor e as perspectivas de evolução do acontecimento (SODRÉ, 2012, p. 76).

No que diz respeito à relação do jornalismo com a política, Grossi (1983, p. 26 *apud* ALSINA, 2009, p. 191) afirma que a mídia não apenas transmite a política, mas também é responsável por torná-la compreensível, o que faz com que o jornalismo tenha papel ativo na definição do que é política naquele contexto cultural e de tempo específico. Segundo o autor, na comunicação política há “uma função particular da tematização que consiste na capacidade simbólica de estruturar a atenção, em fazer a distinção entre item e opinião, e na de programar o desenvolvimento cíclico dos temas” (GROSSI, 1983, p. 31 *apud* ALSINA, 2009, p. 191).

Outro elemento-chave no jornalismo é a objetividade, um conceito essencial para compreender o liberalismo mantido por grande parte da imprensa. O conceito de objetividade transformou-se muito ao longo da história e hoje é utilizado como um ritual estratégico de defesa. De acordo com Tuchman (1980b, p. 202 *apud* ALSINA, 2009, p. 250) “a objetividade tem a ver com os procedimentos de rotina, os quais podem ser considerados como sendo características formais [...] que protegem profissionais dos erros e das críticas”. No entanto, segundo Alsina (2009), não existe receita para a objetividade e o único recurso que pode ser empregado é a tomada permanente de consciência e de autocrítica por parte do jornalista e do meio em que trabalha. Além disso, existem diversas estratégias que o jornalismo pode lançar mão para influenciar o leitor de maneira mais sutil, como a hiperinformação e o sensacionalismo, a manipulação da notícia e a propaganda disfarçada. Sodré (2012) classifica estas estratégias como irrup es maléficas nas boas práticas e consciência jornalística, que, como outras atividades inseridas em um contexto mercadológico, não   imune às pressões externas, ao enfraquecimento institucional de seus mecanismos de apura o e   consequente perda de rigor na transposi o do que já foi pactuado com o público-leitor como realidade objetiva (o contrato pragmático fiduciário).

Quando a informa o que   transmitida passa do fazer saber para o fazer acreditar (a persuasão), e para o fazer sentir (o sensacionalismo emocional), se pode esconder o que acontece mostrando uma parte do que ocorre, embora seja a parte mais importante. Saber não   simplesmente ver, como às vezes pretende o discurso da televisão. Saber   compreender, compreender o acontecimento, compreender suas causas e consequências, assumir a existência das diversas interpreta es, etc. Pelo contrário, a

saturação de informação indiscriminada, anedótica e espalhafatosa, gera mais confusão do que conhecimento. (ALSINA, 2009, p. 246).

Um dos requisitos para que o contrato pragmático fiduciário seja aceito pelo destinatário é que o discurso construído pelo jornalista deve, no mínimo, parecer verídico. Como parte do ritual de construção da objetividade, o jornalista entrevista e cita fontes utilizadas que tornam a notícia verificável. Com o uso de aspas e a estruturação da notícia de forma adequada, seguindo as convenções do lead e colocando em primeiro lugar os dados essenciais, o jornalista tenta proteger-se de acusações de subjetividade. Ou seja, cria-se um efeito de verossimilhança, a partir de discursos reais, mas que não garantem que a narrativa passe a absoluta veracidade dos fatos.

O que o jornalista faz é interpretar os acontecimentos com base em algumas limitações pessoais e profissionais. As limitações pessoais acontecem pelos seus conhecimentos e pela sua ideologia. As limitações profissionais se referem ao meio de comunicação para o qual trabalham e à projeção social de sua atividade. Os interesses financeiros, políticos e publicitários exercem um controle inevitável na produção da informação. (ALSINA, 2009, p. 291).

Além da objetividade por parte do jornalista, o processo de captação de sentido e construção de realidade também passa pelo universo referencial da audiência. Este universo é uma matriz de significado individual que possui uma fundamentação social, diretamente ligada ao contexto cultural e coletivo em que o indivíduo está inserido.

Parte desse universo referencial é composto por preconceitos e estereótipos, que auxiliam na construção dos sentidos particulares. A palavra “estereótipo” vem do procedimento de impressão denominado estereotipia, que é a reprodução a partir de um molde. Ou seja, na construção de um estereótipo aplica-se um conceito a uma realidade determinada através de um molde pré-configurado, sem a reflexão sobre se aquele tipo de molde serve para aquela realidade.

Também há que considerar que, às vezes, esses preconceitos e estereótipos nos servem como um instrumento que nos ajuda a reduzir a complexidade da realidade, ou a dar sentido a realidades das quais temos pouca informação. Por isso, os preconceitos e os estereótipos tranquilizam a nossa sociedade e a nossa incerteza diante da falta de sentido de uma

situação. Talvez, por isso, todos nós tenhamos preconceitos e estereótipos. (ALSINA, 2009, p. 274)

Ao referir-se ao feminino, o jornalismo também retoma construções sociais e pode acabar reproduzindo construções ideológicas e biológicas de gênero. Segundo a pesquisadora feminista Rachel Moreno, a mulher que a mídia retrata:

Tem de ser casada ou aspirar ao casamento, ter filhos ou aspirar à maternidade, ser ou parecer jovem, ser vaidosa, cuidadosa. Ser branca, heterossexual, monogâmica, fiel, comportada, decidir mais com a emoção do que com a razão, ser sensível e delicada, preocupar-se mais em cuidar dos outros do que com qualquer outra questão, mesmo que trabalhe e tenha grandes responsabilidades profissionais ou políticas. (MORENO, 2008, p. 45).

Além dos estereótipos, o universo referencial também é composto pelo senso comum, que os gregos chamavam de *doxa*, palavra para uma experiência da realidade limitada à sensibilidade. O senso comum lança mão de representações sociais que reduzem a complexidade factual a imagens e conceitos mais simples, de fácil trânsito comunicativo. O jornalismo, por sua vez, não pode ignorar o senso comum, já que, segundo Sodré, ele é “estabilizador da consciência e mobilizador do pertencimento à comunidade” (SODRÉ, 2012, p. 45).

Alsina (2009) propõe a seguinte definição ao final de sua obra: “a notícia é uma representação social da realidade quotidiana, produzida institucionalmente e que se manifesta na construção de um mundo possível” (ALSINA, 2009, p. 299). Ao considerar os fatos como fragmentos da realidade e unidades dentro de um contexto - determinados e interpretados pela audiência e por jornalistas -, deve-se considerar que a audiência não vai encontrar na notícia os fatos brutos ou em seu estado puro, mas sim uma determinada percepção de uma interpretação da realidade. Segundo Sodré (2012), na notícia, o acontecimento referido deve sempre ser verídico (real-histórico) e deve também obedecer à técnica corrente na prática do jornal. “O real da notícia é a sua factualidade, a sua condição de representar um fato por meio do acontecimento jornalístico” (SODRÉ, 2012, p. 27).

Alsina (2009) também considera que tematização da notícia depende do que os meios percebem e interpretam como tendo suficiente interesse informativo para ser publicado. Dessa maneira, mesmo que a notícia e informação sejam

frequentemente usados como termos equivalentes, o autor sugere que a informação se refere a cada uma das versões jornalísticas que foram publicadas de um fato como notícia.

O modelo construtivista de *newsmaking* (conceito trabalhado por pesquisadores como Gaye Tuchman, Mauro Wolf, Michael Novak, Herbert Gans e outros), segundo o qual o “jornalismo não é reflexo, mas construção social de uma realidade específica” (SODRÉ, 2012, p. 26), ainda leva em conta a vigência da mídia eletrônica, capaz de dar um papel mais ativo à audiência, que pode deixar comentários nas matérias ou até reproduzi-las, criticá-las ou defendê-las em seus próprios blogs. O autor critica o modelo funcionalista, sob o qual a notícia apenas transmite aspectos da realidade, mas afirma que ele também é capaz de construir sua realidade própria.

Embora o relato jornalístico seja realmente uma “construção”, feita por uma subjetividade a partir de outros relatos (provindos de fontes), existe uma presunção de imparcialidade, garantida pelo estatuto profissional do jornalista. Produz-se a notícia com a presunção de que o acontecimento adquira o estatuto pleno de fato, dando sentido ao que ocorreu e possibilidades de previsão quanto ao que ainda vai ocorrer. (SODRÉ, 2012, p. 41).

A notícia, como operação discursiva codificada pela produção do jornal, é responsável por mobilizar a ação coletiva porque estabelece a possibilidade de um “diálogo” entre o que de fato aconteceu e o público, entre o texto de leis complexas e uma linguagem mais cotidiana, entre crimes bárbaros até narrativas adequadas, entre outras ocasiões. Dessa maneira, a ocorrência real é interpretada em função do código e dos meios que suportam aquela notícia, responsáveis por transformá-la em acontecimento jornalístico e acaba descontextualizando-se. Ou seja, o processo jornalístico descontextualiza o acontecimento para destacá-lo e recontextualizá-lo de outra forma narrativa.

## **2.2 Jornalismo de Revista**

O discurso jornalístico no jornalismo de revista constitui-se como um tipo bastante específico de discurso, que atua na construção social de uma realidade



específica de maneira mais lenta, reiterada, fragmentada e emocional. A revista, no geral, propõe uma reflexão sobre o contemporâneo - nunca sua representação do contemporâneo - mas sim uma apresentação estável de textos e imagens.

Não é difícil reconhecer que, numa revista, ocorre um encontro de temporalidades mistas e heterogêneas: os tempos dos acontecimentos factuais, os tempos da produção da revista, os tempos da leitura. Quando se empreende uma leitura crítica da revista, entra em cena a temporalidade do analista, do observador. A tudo isso, soma-se que cada imagem do presente, cada evento factual, se liga a uma rede de imagens já existentes, multiplicando os pontos de vista. (VOGEL, 2013, p. 25).

Revistas como a *Veja* (1968) foram historicamente responsáveis pela formatação do consumo de revistas no Brasil. Atualmente, as revistas semanais como *Época* (1998), *IstoÉ* (1976) e *Carta Capital* (1994) focam na cobertura política e cotidiana do Brasil, com um projeto editorial que valoriza páginas amplas, entrevistas, fotografias e gráficos de qualidade, com destaque para grandes reportagens históricas e investigativas e análises mais contundentes.

Entre as principais diferenças em relação ao jornal impresso diário, o jornalismo de revista traz um olhar panorâmico e muita preocupação com a estética e o projeto gráfico, além de buscar construir uma conversa próxima com o leitor. Desde sua origem, as revistas têm trabalhado com um público menor do que os leitores dos jornais impressos, o que se traduz na especialização dos títulos disponíveis, que exploram diversos temas e dividem-se em variadas linhas de atuação. Além disso, a formatação, o suporte (impresso ou online), a periodicidade e a variedade dão tons distintos ao seu discurso em relação a outras mídias e a sua maneira de produção e consumo, compondo uma forma específica de representar a realidade.

O primeiro saber que o jornalismo estabelece é a *definição de contemporâneo*. É o jornalismo quem diz “isto é atual”, “você precisa saber disto porque isto é da sua época”, “você só estará conectado a sua época se obtiver esta informação que eu estou trazendo”. O jornalismo tem como função oferecer o presente social (Franciscato, 2005; Gomis, 1991), reconstruindo cotidianamente os eventos que dizem respeito ao homem. No caso do jornalismo de revista, a noção do presente é estendida: atual é sinônimo de contemporâneo, não de novo. (BENETTI, 2013, p. 45).

De maneira ainda mais próxima do que no jornalismo impresso diário, o jornalismo de revista trabalha intensamente com uma ontologia de emoções (CAMPBELL, 2006 *apud* BENETTI, 2013, p. 47). Nesta modalidade do jornalismo, também é importante construir um vínculo emocional com o leitor, “não é suficiente informar [...] é preciso também construir um vínculo emocional, para que o leitor sinta a revista como sua, como parte de sua rotina, como uma necessidade.” (BENETTI, 2013, p. 47).

O contrato pragmático fiduciário mantém-se como um conceito de natureza intersubjetiva, multidimensional e sócio-histórica no jornalismo de revista. Intersubjetiva, porque só existe na relação entre dois ou mais sujeitos; multidimensional, porque constitui-se de diversidade de aspectos; sócio-histórica, porque foi conquistado em um contexto específico, condicionada sempre aos avanços e recuos da história. A credibilidade não se trata de uma qualidade que o jornalista ou a revista atribuem para si próprios, ela precisa ser percebida, reconhecida e conferida pela audiência. Ou seja, o vínculo da revista com seu público é intersubjetivo, já que depende de percepções como credibilidade, confiabilidade e legitimidade.

As revistas trabalham com um feixe de temáticas, contemplados por um leque amplo de temas e títulos. A segmentação não se dá apenas dentro das revistas, que possuem diversas editorias em uma mesma edição, mas também na amplitude de títulos disponíveis em uma mesma editora. Dentro da segmentação, há um lugar especial para as revistas semanais de informações gerais, que buscam informar o leitor sobre os acontecimentos mais importantes da semana, que podem abranger os fatos políticos, econômicos, internacionais, científicos e culturais. O acontecimento que “ganha” a capa de uma revista semanal de informação geral depende do resultado de uma série de fatores: recursos usados na confecção da reportagem, percepção do veículo sobre o leitor, percepção dos editores e potencial de desdobramentos.

Benetti (2013) define as seguintes características do jornalismo de revista:

O jornalismo de revista é um discurso e um modo de conhecimento que: é segmentado por público e por interesse; é periódico; é durável e colecionável; tem características materiais e gráficas distintas dos demais

impressos; exige uma marcante identidade visual; permite diferentes estilos de texto; recorre fortemente à sinestesia; estabelece uma relação direta com o leitor; trata de um leque amplo de temáticas e privilegia os temas de longa duração; está subordinado a interesses econômicos, institucionais e editoriais; institui uma ordem hermenêutica do mundo; estabelece o que julga ser contemporâneo e adequado; indica modos de vivenciar o presente; define parâmetros de normalidade e de desvio; contribui para formar a opinião e o gosto; trabalha com uma ontologia das emoções. Complexo, diversificado e especializado, o jornalismo de revista engendra olhares e percepções sobre o mundo, sobre si e sobre o outro, e é nessa articulação que reside seu amplo e fecundo poder. (BENETTI, 2013, p. 55).

Dessa maneira, “cada ‘mundo’ apresentado pela revista será um mundo criado pela relação entre atualidade (na qual se encontram os acontecimentos e personagens) e a expectativa da comunidade de leitores” (FRANÇA, 2013, p. 93). E tematização e os referentes jornalísticos são recortes da realidade feitos pela instituição jornalística a partir daquilo que ela acredita que os seus leitores esperam.

A relação entre o leitor e a instituição de mídia não depende apenas da aparição cotidiana nas bancas, mas também pela escolha constante de determinados temas e, principalmente, pela repetição da abordagem desses assuntos por aquela revista específica, cria-se uma relação na qual o leitor já espera determinado posicionamento da revista com relação a certos acontecimentos. Tal relação de expectativa e confiança só é possível através da marcação de um espaço discursivo próprio durante um período longo de tempo.

Para Charaudeau (2003 *apud* FRANÇA, 2013, p. 97), assim como para Alsina (2009) e Sodré (2012), o acontecimento midiático e sua tematiza o são sempre construídos, selecionados em fun o de seus potenciais de atualidade, socializa o e imprevisibilidade. O potencial de atualidade   avaliado em rela o ao tempo e   distância entre o momento do acontecimento e da informa o. O potencial de socializa o   avaliado segundo sua capacidade de representar a sociedade e o debate que pode gerar na coletividade. O potencial de imprevisibilidade   responsável por captar o interesse da audiência e acontece em razão da quebra do cotidiano causada por aquele fato. Ainda de acordo com Charaudeau (2003 *apud* FRANÇA, 2013, p. 97):

O acontecimento bruto  , de acordo com Charaudeau (2003), algo que produz uma modifica o no estado do mundo, se manifestado fisicamente, porém sem significa o. Para que signifique,   necessário que seja

percebido, mas também que seja formulado a respeito dele um discurso que permita dotá-lo de sentido e integrá-lo a um mundo de inteligibilidade social. O acontecimento midiático é o resultado de um dos discursos que transforma o fato bruto em um acontecimento passível de percepção e entendimento por parte dos receptores da informação. Porém, a atividade de transformação da instância midiática não se exerce de qualquer maneira: ela depende das propriedades potenciais do fato bruto e do contrato de comunicação que o vincula ao consumidor de informação.

Ou seja, o acontecimento bruto não tem significação por si só. Para que signifique, ele depende de um discurso - a notícia é apenas um dos discursos possíveis -, que pode fornecer significado e integrá-lo ao mundo social. Já a tematização, não é responsável apenas por organizar as pautas jornalísticas, mas também a leitura do real feita pelo discurso jornalístico, tanto em revistas de informação semanais, como também nas mais segmentadas, que atuam na construção de realidades específicas. Diversos referentes podem ser fruto da relação entre temas e acontecimentos e podem dar origem à diversas matérias.

Os temas são manifestações de um *ethos* social da época e também dos interesses mercadológicos da empresa de comunicação, refletindo pesquisas de mercado com indicadores das características e interesses de seu público-alvo. Significam e provocam significação, em uma mistura de interesses de mercado com a realidade social. (BENETTI, 2013, p. 98).

Um conceito importante definido por Benetti (2013) é o de *pensata*, uma ferramenta usada para organizar os referentes da publicação e responsável pela criação do mundo da revista. A criação da *pensata* não acontece naturalmente, mas sim faz parte de um processo de definição cuidadosa dentro da redação. A publicação final é o produto da *pensata*, que fornece uma realidade como reflexo exato do real, mas que, na verdade, é formatada para agradar seu público.

O poder de influência do jornalismo - especialmente o de revista por suas análises profundas e caráter histórico - de criar e influenciar realidades na coletividade aumenta a importância do processo de definição da *pensata*, pois as realidades criadas também influenciam a memória da sociedade. Através da *pensata*, aquilo de que a audiência se lembra não é exatamente o que aconteceu. Os acontecimentos foram transformados e enquadrados, porém, ao virar memória, tornam-se fatos fixos e verdadeiros, deixando de ser vistos como a simples representação daquilo que aconteceu.

A pensata, portanto, possui um grande poder de afetação coletiva, o que gera diversas implicações éticas. Quando toma decisões sobre o que mostrar, a edição da revista estabelece o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido. Dessa maneira, acontecimentos considerados não-comerciais são ignorados e, como não puderam fazer parte da memória da coletividade, costumam ser esquecidos - exceto por aquelas pessoas que o viveram.

Dessa maneira, a comunicação é entendida como interação, mais do que simples atos ou ações realizados por sujeitos - jornalistas e audiência. A perspectiva interacionista pressupõe a observação da comunicação como um todo, nunca apenas a partir de um sujeito. Ou seja, a comunicação, além de interação, também é essencialmente relacional. Ao mesmo tempo em que o processo de comunicação é mediado, o leitor, quando entra em contato com o texto, também é influenciado pelo universo social em que está inserido, buscando reconhecer o contexto discursivo daquela notícia. Por isso, a leitura não deve ser pensada como uma simples técnica ou processo. Nesse sentido, a leitura é compreendida como “negociação de sentidos: a leitura é significação, é a concretização dinâmica de um processo de comunicação mediado - em nosso caso, pelo jornalismo de revista” (STORCH, 2013, p. 135).

O jornalismo, como um discurso, organiza-se na dinâmica de um contrato de comunicação (Charaudeau, 2007) que, entre outros aspectos, precisa considerar sua *condição de identidade* “quem diz e para quem?”. Se, como afirmo, qualquer relação comunicativa é baseada nas antecipações sobre o outro, a capacidade de reconhecimento dos traços dessa imagem da alteridade torna-se condicionante da enunciação e da interpretação, de modo que a relação entre jornalistas e leitores se estabelece pelo reconhecimento competências e deveres. (STORCH, 2013, p. 138).

Ou seja, não basta organizar a notícia apenas em relação ao lead. Na revista, principalmente, o “como” e o “porquê” tornam-se ainda mais relevantes. Se a notícia é a matéria-prima do jornalismo impresso diário, a reportagem talvez ela seja o futuro do jornalismo, segundo Storch (2013), especialmente o da revista, já que é o veículo que reúne características que o tornam mais adequado para o aprofundamento da informação.

O perigo do aprofundamento acontece quando os veículos vão além das análises de possíveis consequências daquele fato. Segundo Storch (2013), em algumas circunstâncias, existem revistas que chegam a condenar pessoas que ainda não foram sequer julgadas. Processo parecido pode acontecer na construção de reportagens sobre polícia: o jornalista afasta-se do trabalho aprofundado e demorado de apuração para seguir o caminho da especulação, que mesmo assim apresenta-se como uma investigação aprofundada.

### **2.3 Jornalismo Impresso**

Antes da popularização da televisão, os fatos em geral só "aconteciam" quando eram publicados pelos jornais diários impressos. "Acontecer", nesse caso, significa alcançar repercussão e provocar consequências que vão além dos estreitos limites - em geral, físicos - onde tais fatos ocorreram. Além do fato de ser publicado em jornais, algumas situações só "aconteciam" quando eram publicadas por determinados veículos, que lhe conferiam credibilidade e status.

Com a televisão e, mais recentemente, a internet, os jornais impressos deixaram de ser os responsáveis por conferir o status de "acontecimento" ao fato. Essa mudança de responsabilidade trouxe uma mudança mais ampla, da maneira como esses jornais se estruturam até como os leitores os enxergam. De acordo com Ricardo Noblat (2002):

Um jornal é ou deveria ser um espelho da consciência crítica de uma comunidade em determinado espaço de tempo. Um espelho que reflita com nitidez a dimensão aproximada ou real dessa consciência. E que não tema jamais ampliá-la. Pois se não lhe faltarem talento e coragem, refletirá tão-somente uma consciência que de todo ainda não amanheceu. Mas que acabará por amanhecer. (NOBLAT, 2002, p. 18).

O jornal deve ser visto e proceder como um serviço público, não apenas um negócio. Além de informações, o "jornal deve transmitir entendimento. Porque é do entendimento que deriva o poder. E em uma democracia, o poder é dos cidadãos" (NOBLAT, 2002, p. 19). Ou seja, o principal dever dos jornalistas é com a verdade.

No entanto, mesmo com o seu serviço público, o jornal ainda é um negócio inserido em uma lógica capitalista: se não der lucro, morre. O lucro está intimamente ligado a sua capacidade de manter-se atento às necessidades dos leitores. Para isso, deve manter-se ligado a valores como a liberdade, a igualdade social e o respeito aos direitos fundamentais do ser humano, mesmo que isso implique colidir com as “leis do mercado”.

Segundo Noblat (2002), o conceito de “notícia” pode ser definido como:

De forma simplificada, notícia é todo fato relevante que desperte interesse público, ensinam os manuais de jornalismo. Fora dos manuais, notícia na verdade é tudo o que os jornalistas escolhem para oferecer ao público. E, como nós valorizamos principalmente as notícias negativas, o mundo que os meios de comunicação retratam parece muitas vezes pior do que verdadeiramente é. (NOBLAT, 2002, p. 26).

Historicamente, o texto é o elemento mais importante de um jornal. No princípio, o texto era o único meio disponível em um jornal para se informar qualquer coisa. Então, depois veio o desenho, a fotografia (em 1880) e os gráficos (em 1990). Mesmo com todas essas mudanças, o propósito do jornal continua o mesmo: informar através de narrativas que contam histórias. Atualmente, a melhor maneira para se contar uma história pode ser muito variada, lançando mão do texto, infografia ou fotografias.

Os jornais passam por uma crise causada pela mudança de comportamento dos repórteres e de funcionamento dos jornais. De acordo com ele, os repórteres não saem mais da redação à procura de notícias. Dessa maneira, são contados fatos que nascem dentro das próprias redações.

É mais fácil porque dá trabalho descobrir notícias. Registrar notícias não dá trabalho. É menos arriscado porque assim ninguém dá “furo” em ninguém. É mais barato porque a maioria das notícias que se publica tem sempre por trás alguém interessado em vê-las publicadas. E o interessado entrega quase tudo pronto aos repórteres. Os que mais ganham com isso são todos os que dispõem de bem montadas assessorias de imprensa — governos, partidos, associações de classe, sindicatos, bancos, empresas de médio e de grande porte. Os que mais perdem são os leitores. No fim, perdem os jornais. Porque acabam perdendo leitores. (NOBLAT, 2002, p. 36).

Ainda segundo Noblat (2002), o trabalho de perseguir a verdade cabe ao repórter, mesmo que não existe verdade absoluta. Dois repórteres que testemunham um mesmo fato provavelmente irão narrá-lo de forma diferente, mas não devem divergir no essencial. Na maioria das vezes, os repórteres não testemunham os fatos sobre os quais escrevem, mas sim publicam o que as fontes contaram a seu respeito. Diante de contradições, o trabalho deve ser de apurar até que tenham sido eliminadas.

No caso de histórias que levam muito tempo para serem concluídas, como julgamentos e crimes graves de grande repercussão, os jornais devem lembrá-las, atualizando as informações mais importantes. A contextualização é importante para que todos os leitores entendam sobre o que a notícia trata, mesmo aqueles que não lêem todas as notícias com frequência. A necessidade de contextualização não significa dizer que cada notícia deve conter a memória completa das notícias anteriores sobre o mesmo assunto, mas sim o seu mínimo, de maneira que não se torne ininteligível para o leitor. “Tudo que puder ser humanizado deverá sê-lo. Não esqueçam que toda notícia é uma história. E que gente gosta de ler histórias sobre gente.” (NOBLAT, 2002, p. 65).

Também destaca-se a importância da imaginação, sem a qual o jornalista não enxerga além do fato. O autor define a imaginação como pai e mãe de novas notícias, já que uma notícia não existe sozinha, conecta-se sempre com o passado e o presente.

Noblat (2002) diferencia notícia e reportagem da seguinte maneira: a notícia é um relato breve, a reportagem deve ser mais extensa, abrangente e contextualizada. Os leitores devem encontrar dois tipos de fatos nos jornais: as notícias novas e explicações competentes sobre tudo que aconteceu de importante ou está acontecendo.

Textos bem escritos não podem e não devem ser iguais. Nem parecidos. Se forem, não serão bons textos. Informação e opinião devem permanecer separadas. Mas podem aparecer juntas em determinadas ocasiões desde que seja possível distinguir uma da outra. Objetividade é preciso. O lead não pode estar no pé da matéria, por exemplo. Mas quase sempre ele está no título e nos subtítulos que muitos jornais utilizam para chamar a atenção dos leitores. (NOBLAT, 2002, p. 84)



Em um jornal, transmitir muitas informações é diferente de informar bem. Informação em excesso desinforma. Um dos papéis do jornal é exatamente este: saber separar o que é relevante do que não é, aprofundar o que for consistente e dar coerência ao que parece não fazer sentido. De acordo com o autor, essa é a maior vantagem competitiva dos jornais diante da televisão, do rádio e da internet.

Noblat (2002) afirma que a explicação competente das notícias é um recurso importante para a atualização e competitividade dos jornais. No entanto, deve ser respeitada a tênue fronteira que separa o jornalismo de interpretação do jornalismo de opinião. As opiniões devem manter-se nos artigos, sempre assinados.

No que diz respeito às manchetes, tanto na capa, quanto nas páginas internas, devem ser diretas e objetivas, tentando surpreender os leitores com informações novas. Se não tiver novidades, devem ser criativas, provocadoras e reflexivas, cumprindo seu papel de estimular a leitura das matérias.

Quanto à objetividade, Noblat (2002) afirma que nenhum jornal é neutro, já que o próprio ato de escolher publicar uma notícia carrega muito significado. Segundo o autor, com a competição com o rádio, a televisão e a internet, o jornal diário perdeu a condição de fonte primária de informação. No entanto, resta-lhe: ofertar “notícias e reportagens próprias, fora do cardápio de assuntos comum aos demais veículos de comunicação; selecionar, explicar, interpretar e analisar alguns poucos fatos cruciais do dia anterior; antecipar fatos em gestação.” (NOBLAT, 2002, p. 127).

### **3 MÍDIA, DIREITO E CRIME**

No presente capítulo serão abordadas a relação entre o jornalismo e os processos judiciais característicos do direito e entre o jornalismo e o crime, especialmente entre o jornalismo e mulheres que cometem crimes graves.

Para estudo das relações entre comunicação e crimes e sobre a criminologia feminina, será usado o livro “Mídia e Crime”, de Yvonne Jewkes. O livro discorre sobre as relações entre as duas instâncias, teoriza sobre mídia e crime, apresenta o processo de construção das notícias sobre crimes e discursa sobre a mídia e a moral do pânico. Usando teorias psicanalíticas e feministas, o capítulo “Misoginia da Mídia: Mulheres Monstruosas” mostra uma perspectiva psicossocial que afirma que a mídia reforça imagens misóginas de mulheres que não possuem as características aceitas socialmente como “feminilidade ideal”.

A autora apresenta oito formas narrativas padrão de estereótipos que o jornalismo lança mão ao falar da criminalidade feminina. São elas: sexualidade e desvio sexual; (ausência de) atração física; condição matrimonial, como más esposas; maternidade, como más mães; monstros mitológicos; “vacas loucas”; manipuladoras do mal; não-agentes.

Para a compreensão sobre a influência do jornalismo no julgamento das sentenças, será usado o livro “O Juiz e a Democracia”, de Antoine Garapon. O autor defende que a mídia possui um papel importante e pode até privar o cidadão de garantias básicas, como a presunção da inocência, sob o pretexto da máxima transparência.

#### **3.1 Direito e mídia**

Um processo judiciário é uma construção antiga e frágil, de acordo com o autor francês Antoine Garapon (1999). Mesmo sendo antigo e constantemente atualizado, novas regras não o tornaram totalmente imune a defeitos - e talvez nunca o será. Grande parte da fragilidade do processo vem dos testemunhos, que podem mudar diversas vezes, confissões e interpretações do júri. Segundo o autor,

“o processo é um jogo de pressões legítimas que devem paralisar as pressões ilegítimas, aquelas que vêm de fora” (GARAPON, 1991, p. 91).

Entre essas pressões, uma delas é a mídia. O autor chama de “alquimia duvidosa” a relação entre justiça e mídia, que consiste em uma profunda desordem da democracia. De acordo com ele, a mídia, especialmente com o advento da televisão, desmonta a base da instituição judiciária e abala a organização ritual do processo penal. Segundo Garapon (1999), a mídia “pretende oferecer uma representação mais fiel da realidade do que as ilusões processuais. Trata-se, portanto, de uma concorrência para a realização da democracia” (GARAPON, 1999, p. 75). A proximidade que a mídia representa do processo judiciário constrói a ilusão da democracia direta e do acesso irrestrito à verdade, livre de qualquer construção - o que, como já foi abordado no capítulo 2 deste trabalho, não é real.

Desde o advento da televisão até a popularização da internet, o processo judiciário também passou por diversas adaptações, assim como a mídia. Com o encurtamento do tempo entre o acontecimento e a veiculação da notícia, as percepções do público são muito mais imediatas. No entanto, no caso de notícias sobre crimes, pelo contrário, essa imediatez muitas vezes aumenta a distância, já que o tempo do judiciário permanece muito diferente do tempo da mídia.

A mídia abole as três distâncias essenciais em que se baseia a justiça: a delimitação de um *espaço* protegido, o *tempo* diferenciado do processo e a qualidade oficial dos personagens do seu drama social. Ela desloca o espaço judiciário, paralisa o tempo e destitui a autoridade. (GARAPON, 1999, p. 76)

No que diz respeito à qualidade oficial dos personagens, cada veículo de imprensa entrevista partes diferentes do processo, muitas vezes adotando o ponto de vista de uma parte específica. No entanto, esse ponto de vista pode mudar, dependendo das necessidades (com a revelação de novas provas ou testemunhos, por exemplo), no decorrer - ou até antes - do processo. Segundo Garapon (1999), “alguns jornalistas participam ativamente do inquérito e se consideram desobrigados de qualquer responsabilidade, desde que citem suas fontes” (GARAPON, 1999, p. 77). Esta participação ativa pode vir de atitudes como a interrogação de

testemunhas como fontes, verificação de informações e até o confronto de depoimentos.

As personalidades envolvidas sentem necessidade de “se explicar” diante da mídia, testemunhando e apresentando sua defesa nos jornais. A investigação jornalística integra-se gradativamente ao trabalho judiciário: juiz e jornalista trabalham juntos no interesse superior da verdade. (GARAPON, 1999, p. 78).

Enquanto em um tribunal os espaços são bem marcados, na mídia assume um papel de ubiquidade. Em um processo, sabe-se que o papel responsável pela justiça é o do juiz e o promotor faz a acusação, por exemplo. Embora simbólicos, tais papéis estão integrados e limitados por uma ordem determinada previamente. O lugar da mídia, portanto, torna-se um local confuso dentro do processo jurídico.

A mídia tem o poder de tornar ainda mais delicada a fragilidade do discurso judiciário, pois é orientada muitas vezes pela dialética e pela retórica que, quando não possui provas, visa o convencimento. A mídia, ao dar destaque não apenas para a melhor história, mas para aquela que é contada de maneira melhor, corre o risco de converter-se no instrumento de uma relação de força. O jornalista pode transformar o inquérito num duelo simbólico entre o juiz e o acusado (como pode ser observado em reportagens sobre a Operação Lava-Jato, por exemplo). Ao veicular notícias sobre procedimentos judiciais, por falta de conhecimento ou por escolha editorial, a mídia frequentemente limita-se à construção de narrativas rasas, a reativação de mitos, a composição de personagens.

Garapon (1999) destaca a importância do respeito à presunção de inocência, tendo em vista que o olhar empregado pela mídia pode modificar o comportamento daquele que é observado ou até daqueles que serão responsáveis por julgá-lo, especialmente no caso de procedimentos do júri, por exemplo. A mídia, ao interferir no inquérito, pode influenciar também o julgamento. Segundo Durkheim (1895, *apud* JEWKES, 2004, p. 79), “A finalidade da justiça é corrigir uma perturbação profunda causada ‘à fortaleza’ da consciência coletiva e interromper o ciclo da vingança pelo espetáculo catártico de uma violência deliberada e legítima.” A mídia pode tornar-se instrumento da indignação e da cólera públicas e propagar um sentimento de medo e de vitimização.

O relato proposto pela mídia é apresentado como mais real e superior à verdade judiciária, que é vista como complexa em excesso e por vezes obscura e vulnerável à dissimulações jurídicas e artimanhas processuais. Os jornalistas chegam a reportar-se no presente do indicativo, sem referência à fonte de informação ou testemunhos, criando a imagem de que estavam presentes no momento do acontecimento. Dessa forma, o crime é revivido diretamente, o que contrasta com o processo judiciário no qual o crime é reconstruído de maneira indireta pelas testemunhas.

A mídia constitui mais do que um contrapoder e até mesmo um poder. Seu registro é o da autoridade compreendida como o poder de representar a realidade. Ela disputa com a justiça a capacidade de encarnar o lugar de *visibilidade* da democracia. A mídia e a justiça assumem posição de concorrentes, uma vez que evoluem num mesmo campo. Aliás, elas têm muitos pontos em comum: seu início (a partir de um fato), seus métodos (dramatização e moralização), suas estruturas, que acolhem outros discursos, enfim, sua irresponsabilidade. (GARAPON, 1999, p. 92).

Segundo Hall (1993), a escolha das fontes jornalísticas prioriza agências penais (polícia e judiciário, por exemplo), ao invés de testemunhas ou partes comuns. Dessa maneira, reafirma-se o *status quo*, já que essas fontes são os responsáveis primários pelas definições dos crimes e também as mais entrevistadas. Assim, fica limitado pela prática jornalística o espaço para debate e discordâncias em matéria criminal.

Para atenuar os problemas encontrados na relação entre mídia e direito, Garapon (1999) propõe a responsabilização dos jornalistas, exigindo a mesma prudência esperada de profissionais como médicos e cientistas, por exemplo, ainda mais quando exercem um papel político. Na visão do autor, seria necessário, além do cumprimento formal das regras, que os jornalistas também antecipassem as consequências práticas de suas notícias. Aqueles que não o fizeram, correrão risco de sanção pública caso prejudiquem gravemente qualquer pessoa implicada numa questão judicial, seja ela promotora, juíza, acusada, testemunha ou qualquer outra modalidade. Para Garapon (1999), essa nova forma de regulação tem “o mérito de favorecer [...] um conjunto de regras mais bem adaptadas à complexidade

econômica e política da matéria, mais flexíveis e mais facilmente sujeitas a emendas do que uma regulação legislativa tradicional (GARAPON, 1999, p. 258).

### 3.2 Mídia e crime

Estudantes e pesquisadores de criminologia e estudos de mídia buscam entender as conexões entre a mídia e o crime há mais de um século. Mesmo que raramente trabalhem em conjunto, podem ser encontrados diversos paralelos entre os esforços dos criminologistas e teóricos da mídia para entender as relações entre crime, desvio e justiça criminal, por um lado, e mídia e cultura popular em outro. A socióloga britânica Yvonne Jewkes (2004) argumenta que a mídia, em todas as suas formas, é um dos principais lugares de inclusão e exclusão social.

Através de teorias psicanalíticas e feministas, a autora introduz uma perspectiva psicossocial para argumentar que a mídia reforça imagens misóginas de mulheres que não se encaixam em idéias culturais da feminilidade "ideal". Para essas mulheres, sua construção e isolamento como "outros" as tornam sujeitas a censuras hostis e seus crimes podem ocupar um lugar simbólico na psique coletiva.

Entre as teorias que estudam os efeitos da mídia, as teorias de *sociedade de massa* e *behaviorismo* observam os efeitos negativos das imagens mostradas na mídia em sua audiência. As duas abordagens possuem visões pessimistas da sociedade e acreditam que a natureza humana é instável e suscetível a influências externas, de forma que a imagens mostradas na mídia são responsáveis por corroer padrões morais, subverter códigos de comportamento consensuais e corromper mentes jovens.

No final do século XIX e início do século XX, estabeleceu-se a teoria sociológica *da sociedade de massa*, que ganhou força após a 2ª Guerra Mundial (1945). A teoria de *sociedade de massa* costuma trazer conotações negativas, referindo-se às massas como 'pessoas comuns', caracterizadas pela falta de individualidade e alienação aos valores éticos e morais. A mídia é vista como uma força poderosa que controla os pensamentos das pessoas e as distraem de ações políticas. A importância desta teoria em seu devido contexto histórico é fornecer origem a um número de modelos teóricos e empíricos clamando que a mídia de

massa pode ser usada de maneira subversiva como uma forma de manipulação poderosa de mentes vulneráveis. Algumas correntes científicas do século XIX, embasadas na psicanálise, afirmavam que a mulher era propensa à doença mental: “a menstruação, a gravidez e o parto seriam, portanto, os aspectos essencialmente priorizados na definição e no diagnóstico das moléstias mentais que afetam mais frequentemente ou de modo específico às mulheres” (ENGEL, 1997, p. 333). Acreditava-se que o corpo feminino era tão ambíguo e imprevisível que a “mulher transformava-se num ser moral e socialmente perigoso, devendo ser submetida a um conjunto de medidas normatizadoras extremamente rígidas que assegurassem o cumprimento de seu papel social de esposa e mãe” (ENGEL, 1997, p. 332).

Na primeira década do século XX, J. B. Watson (1958) foi o pioneiro do *behaviorismo*, teoria derivada da filosofia *positivista*. Psicólogos behavioristas afirmavam que a identidade do indivíduo é moldada por suas respostas ao ambiente externo, o que forma padrões de comportamento estáveis e reconhecíveis externamente. Foi largamente inspirado por estudos com cães, que produziam respostas condicionadas (como salivar) a estímulos externos condicionados (como o tocar de um sino). Entre o impacto desses estudos está a crença de que estruturas complexas e sistemas que formam comportamentos humanos podem ser observadas e medidas em uma maneira geral, de modo que são possíveis previsões sobre comportamentos.

No contexto da criminologia, o behaviorismo levou à crença de que a criminalidade não é uma questão de livre arbítrio, mas sim causada por elementos psicológicos e sociais ou pré-disposições sociais, sobre as quais o infrator não possui controle. Cesare Lombroso é o criminologista positivista mais importante e lançou estudos nos quais defendia que as causas dos crimes podem ser encontradas em elementos biológicos individuais. Além disso, acreditava que criminosos apresentavam retrocessos no desenvolvimento psicológico e poderiam ser identificados por anormalidades físicas. Lombroso e Ferrero foram responsáveis pela obra “The Female Offender” (1903), na qual avaliam a biologia feminina e definem os traços característicos das mulheres criminosas, como o tamanho do crânio, jugular, clitóris, lábios vaginais. Ainda eram levados em consideração traços

comportamentais, como hábitos de masturbação e orientação sexual (LOMBROSO; FERRERO, 1903).

Também derivada do positivismo, a primeira grande fase de pesquisa em mídia é chamada de *funcionalismo*, porque pesquisou o efeito da mídia na audiência. Desta teoria, surgem modelos como o da agulha hipodérmica, em referência ao relacionamento entre mídia e audiências, que era pensado como um processo sem sofisticação, no qual a mídia injeta valores, ideias e informações diretamente no receptor passivo, produzindo efeitos diretos. Segundo a autora, o principal problema com as pesquisas de efeitos da mídia de massa é que:

It mistakenly assumes that we all have the same ideas about what constitutes ‘aggression’, ‘violence’ and ‘deviance’, and that those who are susceptible to harmful portrayals and be affect by a ‘one-off’ media incident, regardless of the wider context of a lifetime of meaning-making (Boyd-Barrett, 2002). It also ignores the possibility that influence travels the opposite way; that is, that the characteristics, interests and concerns of the audience may determine what media producers produce. (JEWKES, 2004, p. 11)<sup>3</sup>.

Essas teorias sobre as pesquisas de efeitos da mídia de massa, positivismo e funcionalismo, depositam grandes responsabilidades no conceito problemático de *senso comum*, que Jewkes (2004) define como:

Common sense: a reservoir of historically discontinuous and disjointed ideas that functions as the philosophy of non-philosophers, a folklore whose fundamental distinction is its ‘fragmentary, incoherent and inconsequential character’ (Gramsci, 1971: 419). Others, meanwhile, have demonstrated how the unquestioned truths which we accept as common sense are, in fact, culturally derived mythologies specific not only to individual cultures but also to particular points in time (see, for example, Bathers, 197; Foucault, 1977; Geertz, 1983). (JEWKES, 2004, p. 12)<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> Presume erroneamente que todos temos a mesma ideia do que constitui-se como “agressão” e ignora toda uma vida de construção de significado, além de ignorar a possibilidade de que a influência é uma vida de mão dupla, ou seja, que as características, interesses e preocupações da audiência podem determinar o que a mídia produz. (Tradução livre da autora).

<sup>4</sup> Senso comum: uma reserva de ideias descontínuas e incoerentes que funciona como a filosofia dos não-filósofos, um folclore cuja distinção é seu ‘caráter fragmentado, incoerente e inconsequente’ (Gramsci, 1971: 419). Outros, enquanto isso, tem demonstrado como verdades não-questionadas que aceitamos como senso comum, são, na verdade, mitologias derivadas da cultura, especificadas são somente a culturas individuais como também a pontos particulares no tempo (ver, por exemplo, Bathers, 197; Foucault, 1977; Geertz, 1983). (Tradução livre da autora).



Em 1960, pesquisadores de mídia viram o behaviorismo como uma forma de atribuir muito crédito para a mídia e subestimar a importância de contextos sociais de consumo de mídia, das estruturas sociais que mediam a relação entre Estado e indivíduo e a sofisticação e diversidade da audiência. A coesão social pode ser considerada parcialmente responsável pela busca de objetivos comuns e a teoria chamada *anomia* e a *teoria da tensão* chamam a atenção para os objetivos que pessoas são encorajadas a buscarem, como níveis confortáveis de status e financeiros. A *anomia* normalmente descreve uma situação em que uma sociedade coloca ênfase em um objetivo em particular, mas muito menos ênfase nos meios apropriados de alcançar esse objetivo. O desequilíbrio entre os objetivos pode levar à ascensão de indivíduos chamados de “inovadores” que perseguem meios não conformistas e ilegais para alcançar os objetivos de sucesso culturalmente sancionados. A tensão causada pela disjuntura entre os objetivos culturais mostrados pela mídia e os meios legítimos de alcançá-los levam a uma pressão fortíssima e, nessas circunstâncias, alguns indivíduos podem recorrer a meios ilegítimos e cometer crimes.

Na metade do século XX, a sociedade viu uma mudança de foco do indivíduo para a sociedade. Essa mudança de paradigma levou a predominância de modelos de teorias de mídia inspirados no marxismo e nos escritos de Marx e Antonio Gramsci. Suas teorias sobre estruturas sociais levaram ao desenvolvimento de uma abordagem conhecida como *ideologia dominante* ou *mídia como hegemonia*, modelos que foram vistos com entusiasmo por criminologistas e pesquisadores de mídia nos anos 1960 e dominaram as discussões acadêmicas sobre poder de mídia por mais de 20 anos. Gramsci desenvolveu as teorias de Marx para incluir o conceito de hegemonia, que desempenhou um papel central na teorização sobre como a mídia retrata o crime, o desvio, a lei e a ordem. A hegemonia se refere ao processo pelo qual a classe dominante ganha a aprovação de suas ações por consentimento, ao invés de coerção. A mídia desempenha um papel crucial no ganho de consentimento para um sistema social.

A partir de 1970, pesquisadoras feministas estadunidenses incorporaram o termo “gênero” aos seus estudos, com o objetivo de rejeitar as explicações positivistas e biológicas. O gênero torna-se uma maneira de indicar as “construções

sociais”, criações da sociedade sobre os papéis que cabem aos homens e mulheres. A perspectiva de gênero busca uma abordagem relacional com outros fatores individuais e coletivos, como raça, orientação sexual, identidade de gênero, classe social e religião. O gênero passa a ser uma categoria de análise para ampliar, contextualizar e problematizar as ideias sociais de feminino e masculino.

Outra abordagem importante nos anos 1980 foi a *economia política*, que afirma que o crescimento de concentração de mídia faz com que a análise de Marx seja ainda mais relevante para debates contemporâneos sobre o poder da mídia. A abordagem questiona o poder da mídia de massa em moldar a compreensão, não apenas do crime, mas também do processo de criminalização. Um tema comum nos estudos é que a informação vem de cima para baixo, com a mídia representando a visão de líderes políticos e empresários. A teoria ainda reduz a audiência ao papel passivo de receptor, colocando sombra em suas opiniões, preocupações e crenças. Nessa teoria, o poder de criminalizar e descriminalizar certos grupos é da elite dominadora, que, através de um processo conhecido como “hegemonia”, ganha aprovação popular de suas ações através de instituições sociais, como a mídia. As teorias marxistas foram muito úteis para levantar consciência dos crimes dos tidos como “poderosos”, conhecidos como “crimes do colarinho branco”, pois chamavam atenção para o fato de que a mídia relutava em cobrir tais crimes.

Os modelos abordados até agora compartilham a crença da onipresença da mídia e assumem a ideia de uma audiência passiva, com aqueles na parte de baixo da estrutura sócio-econômica vistos como mais vulneráveis aos efeitos da mídia. A teoria da dominação é influente dentro da academia.

No decorrer dos anos 1980, movimentos na criminologia chamados de *realismo* pediram por abordagens mais sérias sobre o crime, focando na seriedade de seus efeitos - especialmente para mulheres e minorias étnicas - e na maior consideração com as experiências das vítimas em suas análises. Nos estudos de cultura e mídia, surgiu uma forma de pesquisa em audiência chamada de *análise da recepção*, re-contextualizando a influência da mídia - não mais como uma força além do controle do indivíduo - mas sim como um recurso usado conscientemente pelas pessoas. No ambiente de comunicação moderno, a maior parte da audiência seleciona imagens e significados relacionados com suas próprias experiências.

In an age of democratic, interactive, technology-driven communications, it is argued that media and popular culture are made from 'within' and 'below', not imposed from without and above as has been traditionally conceptualized (Fiske, 1989). By the mid-1990s, researchers had dismissed concerns about what the media *do* to people, and turned the question around, asking instead, 'what do people do *with* the media?' (JEWKES, 2004, p. 25)<sup>5</sup>.

O pós-modernismo é a mais recente mudança de paradigma nas ciências sociais e pode ser vista como uma resposta a mudanças significativas de padrões da cultura global, política e da vida econômica, que substituem características estruturais comumente associadas com a vida moderna. Como na *análise da recepção*, teóricos da comunicação pós-modernistas enxergam as audiências como ativas e criativas na construção de significados. Com a pluralidade de opções, todos os gostos são respaldados, ou seja, o consumidor tem o controle de escolher o que lê ou assiste.

This is the 'society of the spectacle' (Debord, 1967/1997) a hyperreality in which media domination suffuses to such an extent that the distinction between image and reality no longer exists (Baudrillard, 1981; 1983). Mass media and the collapse of meaning have produced a culture centred on immediate consumption and sensationalized impact but with little depth of analysis or contextualization (Osborne, 2002). (JEWKES, 2004, p. 26)<sup>6</sup>.

A abordagem *pós-modernista* da criminologia é a *criminologia cultural*, que procura entender a fascinação do público com a violência e o crime através da mídia de massa e também a aprovação da violência e do crime como forma de prazer ou espetáculo. A *criminologia cultural* propõe que o crime está enraizado na cultura e que as práticas culturais são incorporadas nos processos dominantes de poder. Ou seja, apóia a teoria influenciada pelo marxismo de que atos criminosos são atos de resistência às autoridades. A influência a longo termo da criminologia cultural ainda

---

<sup>5</sup> Em uma era de comunicação democrática, interativa e guiada por tecnologia, é defendido que a mídia e a cultura popular são feitas de "dentro" e por "baixo", não impostas e feitas de baixo para cima, como foi tradicionalmente contextualizado. Até o meio dos anos 90, pesquisadores tinham dispensado preocupações sobre o que a mídia faz com às pessoas e invertido a pergunta: o que as pessoas fazem com a mídia? (Tradução livre da autora).

<sup>6</sup> Essa é a era da 'sociedade do espetáculo', uma hiper realidade na qual a dominação da mídia é tão grande que chega em um nível no qual que a distinção entre imagem e realidade não existe mais. A mídia de massa e o colapso dos significados produziram uma cultura centrada no consumo imediato e no sensacionalismo, mas com pouca análise aprofundada ou contextualização. (Tradução livre da autora).

deve ser conhecida no futuro. Os criminologistas são encorajados a enxergarem além dos limites tradicionais de seu campo e expandir os horizontes intelectuais para que incluam os mundos da arte, mídia, cultura e estilo. A *criminologia cultural* celebra as noções pós-modernistas de diferença, descontinuidade e diversidade, além de quebrar estereótipos restritivos. O advento da internet fornece um ambiente propício para experiências com aspectos de identidade e abre novas áreas de interesse para a criminologia. Dentro da criminologia, o *pós-modernismo* implica no abandono dos conceitos de crime tradicionais e na construção de uma nova linguagem e modo de pensar, além de uma redefinição dos processos de criminalização.

A diversidade de teorias ilustra bem como a influência da mídia na criminologia pode ser conceitualizada de diversos modos, dependendo da perspectiva adotada, tanto negativamente (como a mídia responsável por parte dos crimes) como positivamente (a mídia faz um serviço público ao educar a população sobre o crime e ajuda na prevenção). Ou seja, o papel da mídia na representação da realidade é muito contestado e sujeito à interpretações. Segundo Jewkes (2004), as imagens mostradas pela mídia não são a realidade, mas sim uma versão da realidade determinada culturalmente e que depende de dois fatores relacionados: o processo de produção de notícias em organizações jornalísticas e as presunções que os profissionais fazem sobre a audiência, conhecido como “agendamento”, no qual a mídia escolhe alguns eventos para reportar do enorme número de possibilidades que ocorrem no mundo todos os dias.

Os valores-notícia são os valores que jornalistas e editores usam para julgar o apelo público de uma notícia ou o interesse do público. Os critérios de noticiabilidade variam entre países e culturas, mas Jewkes (2004) considera 12 características evidentes encontradas nas instituições de mídia contemporâneas e de significado particular nas pesquisas de notícias de crimes. Os valores *crime*, *negatividade* e *novidade* não aparecem na lista pois são temas que sustentam os critérios discutidos. É entendido que todos os crimes têm potencial para tornarem-se notícias, que eles sempre serão permeados por características negativas (mesmo que o desfecho seja positivo) e com elementos novos. No entanto, esses fatos podem ser

considerados ainda mais noticiáveis com a sua intersecção com outras características.

Um simples furto pode ser importante para a imprensa local de uma cidade pequena, mas dificilmente aparecerá em um meio nacional. Esse critério é o *limiar*.

Events have to meet a certain level of perceived importance or drama in order to be considered newsworthy. The threshold of a potential story varies according to whether the news reporters and editors in question work within a local, national ou global medium. (JEWKES, 2004, p. 41)<sup>7</sup>.

O segundo critério é a *previsibilidade*. Se um evento é raro, extraordinário ou inesperado, pode ser considerado noticiável. Como no *limiar*, a imprevisibilidade dá o fator de novidade à notícia. Normalmente, a descoberta da mídia de um novo crime pode ser suficiente para sua proeminência. Por outro lado, uma história previsível pode ser considerada noticiável porque jornalistas podem trabalhar em sua cobertura adiantadamente e usar seus recursos de maneira correta. O crime em si costuma ser espontâneo e esporádico, mas os jornalistas sabem com antecedência quando o Ministro da Justiça irá anunciar uma nova iniciativa de combate ao crime, por exemplo, ou conhece as datas e os prazos de um julgamento.

A *simplificação* é o terceiro valor-notícia.

Events do not have to be simple in order to make the news (although it helps) but they must be reducible to a minimum number of parts or themes. This process of simplification has several aspects. First, news reporting is marked by brevity in order that it should not strain the attention span of the audience. Second, the range of possible meanings inherent in the story must be restricted. (JEWKES, 2004, p. 43)<sup>8</sup>.

A personalização é um outro aspecto do processo de simplificação, na qual histórias sobre pessoas são favorecidas àquelas sobre conceitos ou instituições abstratas, o que faz com que a sociedade veja tais eventos como ações e reações

---

<sup>7</sup> Os eventos têm que alcançar um certo nível de importância ou drama para serem considerados dignos de notícias. O limite de uma história em potencial varia se o repórter trabalha em um meio local, nacional ou global. (Tradução livre da autora).

<sup>8</sup> Os eventos não devem ser simples para tornarem-se notícias (mesmo que ajude) mas eles devem ser reduzíveis a um número mínimo de partes ou temas. O processo de simplificação tem vários aspectos. Primeiro, as notícias são marcadas por uma ordem breve que não deve tensionar a atenção da audiência. Segundo, a amplitude de significados possíveis inerentes à história devem ser restritos. (Tradução livre da autora).

individuais. Um outro aspecto da simplificação é que a mídia de crime é inclinada a lidar com oposições binárias. Ou seja, histórias envolvendo crimes e criminosos são apresentadas em contextos que enfatizam o bem *versus* o mal. Com abordagens tão polarizadas, o resultado é a construção de categorias mutuamente exclusivas. Todos esses processos de simplificação resultam em uma visão mediada do crime na qual não existem áreas cinzas e uma realidade complexa é substituída por uma mensagem simples e incontestável.

O quarto valor-notícia é a *individualização*.

The media engage in a process of personalization in order to simplify stories and give them a 'human interest' appeal, which results in events being viewed as the actions and reactions of people. Consequently, social, political and economic issues tend only to be reported as the conflict of interests between individuals. (JEWKES, 2004, p. 45)<sup>9</sup>.

O efeito da *individualização* é que as origens sociais dos eventos são perdidas e as motivações individuais tendem a ser vistas como as origens de todas as ações. O resultado da individualização em justiça criminal é que os criminosos são definidos em termos de suas 'diferenças' e isolados através de políticas de prisão, incapacitação e vigilância.

Outro valor-notícia é o de *risco*. No Brasil, em 2017, 70% dos estupros foram cometidos por conhecidos das vítimas<sup>10</sup>. Também há um padrão claro de vitimização de certos grupos sócio-econômicos e localizações geográficas. No entanto, a mídia persiste em apresentar o padrão de crime grave como aleatório, sem significado, imprevisível e pronto para vitimar qualquer um a qualquer momento. Esse discurso de crimes cometidos por estranhos promove implicitamente estereótipos de perigosos criminosos prontos para atacar sem discriminação.

O sexto valor-notícia é o *sexo*, um dos valores mais salientes nas notícias sobre crime. Os temas de sexo e violência são interligados. Especialmente

---

<sup>9</sup> A mídia se vale do processo de personalização para simplificar as histórias e dá-las um apelo de 'interesse humano', nas quais os resultados de eventos são vistos apenas como ações e reações de indivíduos. Enquanto isso, problemas sociais, políticos e econômicos são reportados como conflitos e interesses entre dois indivíduos. (Tradução livre da autora).

<sup>10</sup> Os dados são de uma pesquisa do IPEA e foram encontrados na seguinte reportagem da BBC Brasil: <http://www.bbc.com/portuguese/brasil-36401054>. Acesso em: 10 de outubro de 2017

narrativas envolvendo mulheres tendem a ser altamente individualizadas e frequentemente contém detalhes que erotizam suas sexualidades e vida sexual.

As histórias são mais prováveis de tornarem-se notícias se puderem ser relacionadas com uma *celebridade* ou um nome conhecido. O nível de desvio necessário para que essas histórias chamem a atenção da mídia é significativamente menor do que ofensas cometidas por cidadãos ‘comuns’. Se são vítimas ou criminosos, até de crimes sub-representados, como ofensas, perjúrio e fraude, costumam ser reportados com grande atenção da mídia. Infratores sentenciados também pode se tornar ‘celebridades’ em virtude de seus crimes, o que também depende da proximidade geográfica. Personalidades conhecidas em um município também podem ser consideradas pois o valor de *proximidade* é válido.

A *proximidade* é o oitavo valor-notícia e possui uma dinâmica espacial e cultural. A dinâmica espacial refere-se à proximidade geográfica de um evento, enquanto a cultural se refere à relevância da história para a audiência. Esses fatores podem se misturar. A proximidade cultural também muda de acordo com o contexto histórico e cultural dos tempos.

O nono valor-notícia é a *violência*:

The news value is arguably most common to all media is that of ‘violence’. Violence fulfils the media’s desire to present dramatic events in the most graphic possible fashion, and even the most regulated media institutions are constantly pushing back the boundaries of acceptable reportage when it comes to depicting acts of violence.” (JEWKES, 2004, p. 53)<sup>11</sup>.

A violência tornou-se tão onipresente que, ao mesmo tempo que ainda é considerada valor-notícia, também é frequentemente reportada de uma maneira rotineira, mundana com pouco seguimento ou análise.

*Espetáculo e imagens gráficas* compõem o décimo valor-notícia. Apesar da violência ser um componente primário da seleção de notícias, existem diversos tipos de violência e eles podem ser representados graficamente de diversas maneiras. Imagens de vigilância que mostram atos inesperados e violentos e crimes

---

<sup>11</sup> O valor notícia mais comum para todas mídias é o da violência. A violência preenche o desejo da mídia de apresentar eventos dramáticos da forma mais gráfica possível e até os meios mais regulados estão sempre aumentando os limites de reportagem aceitável quando se trata de mostrar atos de violência. (Tradução livre da autora).

espetaculares costumam atrair muita atenção. Por outro lado, violência doméstica, abuso infantil e crimes de colarinho branco costumam receber menos atenção da mídia, mesmo que tenham um custo maior para a sociedade. Combinando a rotina mundana do dia a dia com o elemento surpresa, às imagens de vigilância apelam ao elemento *voyeurístico* da audiência, ao mesmo tempo que reforçam o senso de horror, repulsa e impotência.

O décimo primeiro valor-notícia são *crianças*. Qualquer crime pode ser noticiável se está associado a crianças e qualquer desvio é eminentemente mais noticiável se crianças estão envolvidas. A infância é uma construção social, ou seja, está sujeita a um processo contínuo de reinvenção e redefinição e é atualmente vista como um período de inocência. A infância é retratada como uma espécie de mediação social na qual pode ser testada a saúde da sociedade de maneira geral. Crianças e adolescentes representam o futuro e, se são infratores, isso será visto como sintomático de uma sociedade que está perdendo compasso moral. Para a mídia, os crimes cometidos pela juventude são usados como uma maneira de previsão fatalista sobre níveis de criminalidade e comportamento amoral na sociedade como um todo.

O último valor notícia é composto pela *ideologia conservadora/desvio político*. Os valores já discutidos têm em comum seu apoio no pensamento conservador. Em questões de crimes e desvios, essa agenda enfatiza a repressão e pedidos por mais policiamento, prisões e um sistema penal mais duro. Além disso, processos políticos e discurso de mídia parecem estar sempre juntos. Em tempos de clima generalizado de hostilidade com grupos marginalizados, muitas coberturas beiram o racismo e a xenofobia.

'Moral panic' is a familiar term in academic studies of crime, deviance and the media. It refers to public and political reactions to minority or marginalized individuals and groups who appear to be some kind of threat to consensual values and interests. The social reaction is predominantly media-fuelled. The mass media - usually led by the press - will define a group or act as the 'deviant' and focus on it to the exclusion of almost everything else. The concept of moral panic originated in British sociology in the 1970s with the publication of Stanley Cohen's (1972/2002) *Folk Devils and Moral Panics: The Creation of the Mods and Rockers*". (JEWKES, 2004, p. 64)<sup>12</sup>.

---

<sup>12</sup> "Pânico moral" é um termo familiar em estudos acadêmicos sobre crime, desvios e a mídia. Ele se refere a reações públicas e políticas a uma minoria, indivíduos marginalizados ou grupos que



De acordo com Cohen (2002), existem quatro tipos de pessoas que podem ser alvos de indignação moral: aqueles que cometem crimes graves; aqueles cujo comportamento varia dos procedimentos comuns ou quebram códigos de conduta convencionais no trabalho (como grevistas); aqueles que adotam padrões de comportamento ou estilo (rockers, punks, hippies) e os variados grupos de pessoas que falham em seguir os ideais consensuais e conservadores, especialmente no que diz respeito à instituição tradicional da família.

Existem cinco características definidoras do estado de pânico moral “presentation of the ordinary as extraordinary; the amplifying role of authorities and journalists; clarify the moral boundaries; notions of risk associated with social change; and the salience of youth” (JEWKES, 2004 p. 85).<sup>13</sup>

O pânico moral frequentemente envolve o valor-notícia da *previsibilidade*, no senso de que a mídia dá o prognóstico de que o que aconteceu, provavelmente acontecerá novamente. A *simplificação* também aparece através de um processo de simbolização, onde os nomes carregam ideias complexas e emoções. As percepções derivadas dessas atitudes também podem influenciar atitudes ‘oficiais’ para que se adequem aos estereótipos.

Quanto ao papel das autoridades, o pânico moral depende daqueles interessados em usar a mídia como um condutor para fazer afirmações morais sobre um grupo ou comportamento particular. Jewkes (2004) argumenta que aqueles em posições de poder rotulam grupos minoritários como subversivos de uma maneira que possam explorar os medos do público e então criar uma solução “popular”, o que, na retórica populista, geralmente significa aumentar as punições penais. Mas isso não apenas valida as preocupações iniciais da mídia, como também faz com que o grupo-alvo seja mais alienado, o que leva a mais desvios, mais atenção da

---

aparentam estar ameaçando de alguma maneira os valores e interesses comuns. A reação social é predominantemente alimentada pela mídia. A mídia de massa - normalmente liderada pela imprensa - vai definir um grupo ou ato como ‘desviante’ e focar nessa característica através da exclusão de todo o restante. O conceito de pânico moral originou-se na sociologia britânica em 1970, com a publicação de Stanley Cohen (1972/2002) *Folk Devils and Moral Panics: The Creation of the Mods and Rockers*. (Tradução livre da autora).

<sup>13</sup> A apresentação do ordinário como extraordinário, o poder ampliado das autoridades e jornalistas, a clarificação dos limites morais e a noção de risco associada com mudanças sociais e a proeminência da juventude. (Tradução livre da autora).

polícia, mais prisões e mais cobertura da mídia. Cria-se o chamado *espiral de amplificação dos desvios*. De acordo com essa teoria, o interesse da mídia vai eventualmente diminuir, seja como resultado de um novo pânico moral, de novas leis ou de outras maneiras de “eliminação do problema”.

Ao identificar um grupo responsável pela ameaça em questão, surge uma divisão aparente entre *nós* (decentes, respeitáveis e morais) e *eles* (desviantes, infratores e indesejáveis).

Na pós-modernidade, o “descongelamento” de características tradicionais da modernidade abriram novas estruturas possíveis. O sentimento de risco constante pode ser uma reação precipitada da “maioridade moral”, que se vê desorientada e perplexa com o ritmo das mudanças na vida contemporânea.

Entre os problemas com a teoria do pânico moral, o primeiro é que nunca houve uma concordância universal sobre qual período de tempo a mídia precisa dedicar a um grupo para fomentar o pânico moral. Em geral, são usados como exemplos episódios esporádicos curtos, que explodem na consciência coletiva durante algumas semanas ou meses. Também não fica claro o motivo pelo qual a mídia estigmatiza cada grupo.

As Hall says, ‘the tendency is... to deal with any problem, first by simplifying its causes, second by stigmatizing those involved, third by whipping up public feelings and fourth by stamping hard on it from above’ (Hall, 1978: 34). (JEWKES, 2004, p. 77)<sup>14</sup>.

Outro problema é a fonte do pânico moral, já que existem incidentes discretos e individuais que parecem ter emergido de repente, explodido e desaparecido abruptamente algum tempo depois. Longe de acontecer espontaneamente, como é sugerido em algumas ocasiões, o pânico moral pode ser visto como parte de lutas ideológicas longas que acontecem em toda a sociedade e dentro dos campos de representação pública. Para tanto, o alvo inicial dos infratores e as respostas estruturadas podem ser relacionadas à função hegemônica da mídia, dizendo mais sobre a natureza da mídia e seu relacionamento complexo com outras instituições

---

<sup>14</sup> Segundo Hall, ‘a tendência é, para lidar com qualquer problema, simplificar suas causas, estigmatizar os envolvidos, moldar os sentimentos do público e estampá-lo de cima para baixo’. (Tradução livre da autora).

sociais do que sobre as preocupações com aqueles que estão no poder. As fontes podem ser o governo ou as elites políticas e culturais, como grupos sociais, ou até os próprios jornalistas.

Teóricos têm discordado da tese implícita do pânico moral de que o público confia inocentemente na mídia e não consegue perceber que está sendo manipulado. É difícil explicar porque a criminologia e seus campos relacionados continuam a colocar o pânico moral no centro dos estudos sobre desvios enquanto a sociologia e a mídia o têm ignorado. Talvez uma justificativa seja que o pânico moral parece focar em episódios discretos e esporádicos com um impacto dramático, ao invés de refletir sobre a sua relação com tendências econômicas e políticas. Novas pesquisas têm enfatizado a audiência como ativa em seu papel de criação de significado e qualificada para ver além dos véus ideológicos.

The moral panic thesis was thus regarded by the new vanguard as reactionary, paternalistic and media-centric and the fact that, to a large extent it has been the mediated version of deviance and not the phenomenon itself which has been the focus of attention, is highly problematic for many media researchers. (JEWKES, 2004, p. 84).<sup>15</sup>

O pânico moral, da maneira como Cohen (2002) concebeu, é uma maneira de conceitualizar as linhas de poder em uma sociedade e as maneiras como a audiência é manipulada para levar algumas coisas muito à sério e outras sem a seriedade necessária.

Jewkes (2004) considera as respostas da mídia à mulheres que matam ou cometem outros crimes graves e busca explicações, derivadas também de teorias psicanalíticas, para a vilanização direcionada a essas mulheres infratoras. A justaposição entre tempo e lugar pode ser decisiva em resultar na condição extraordinária ou excepcional de um crime. A síntese dos contextos ideológico e jornalístico são instrumentais na criação de um consenso público e na modelagem do processo através do qual alguns indivíduos são designados como “outros”, monstros no meio da sociedade. Essa combinação também determina porque alguns casos são mais marcantes do que outros. A autora segue a linha usada por

---

<sup>15</sup> A tese de pânico moral é vista pela nova vanguarda como reacionária, paternalista e centrada na mídia, além do fato de que é focada na versão criada pela mídia do crime - e não o crime em si -, o que é visto como muito problemático por pesquisadores de mídia. (Tradução livre da autora).

teóricas feministas e defende que a mídia exacerba os medos do público sobre mulheres desviantes, enquanto presta menos atenção a criminosos homens que cometem crimes graves, mas cujo perfil não se encaixa no critério psicossocial de “outro”.

A mídia contemporânea reflete outras instituições sócio-políticas de casamento e família, que permanecem conservadoras. Noções da mulher como passiva, maternal e monogâmica coexistem com outras identidades, por exemplo, de lésbicas ou mães solteiras, que são sujeitas a censura hostil.

Mesmo que as mulheres raramente sejam as perpetradoras de crimes graves - 6,4% da população carcerária do Brasil é composta por mulheres, sendo que os crimes de homicídio correspondem a 14% de todas as ações penais pelas quais essas mulheres respondem<sup>16</sup> - aquelas que o fazem são altamente noticiáveis por conta de seu fator de novidade.

A autora defende que é na intersecção entre os medos do inconsciente e os preconceitos reforçados culturalmente que se define o senso de identidade e a visão de mulheres que não vivem dentro do estereótipo como “outras”. Segundo Minsky (1998, *apud* JEWKES, 2004, p. 72), essa visão não explica apenas relacionamentos entre gêneros, mas sim o sexismo, racismo, nacionalismo, terrorismo, homofobia e perseguições religiosas. A intenção de Jewkes (2004) é entender a extensão na qual o relação entre os medos inconscientes e as estruturas construídas socialmente ajudam a explicar as respostas da mídia à mulheres que cometem crimes graves. Teorias psicossociais e feministas são a base da discussão, focada na mídia, ao invés dos processos legais. As duas instituições têm um papel vital na manutenção de ideias sobre a perversão feminina em casos em que as mulheres cometem crimes, além de preservarem ideias de opressão feminina em casos que as mulheres são vistas como vítimas.

### 3.2.1 Criminologia feminista

---

<sup>16</sup> Os dados são do Levantamento nacional de informações penitenciárias - INFOPEN Mulheres, de junho de 2014, do Departamento Penitenciário Nacional – Ministério da Justiça. Disponível em: <http://www.justica.gov.br/noticias/estudo-traca-perfil-da-populacao-penitenciaria-feminina-no-brasil/relatorio-infopen-mulheres.pdf>. Acesso em outubro de 2017.

Em uma breve retrospectiva, estudos feministas na criminologia surgiram nos anos 1970 para desafiar o androcentrismo da criminologia tradicional. A primeira pessoa a fazer um impacto na criminologia feminina foi Carol Smart, com o livro *Women, Crime and Criminology* (1970), que expôs a visão tendenciosa e tradicional sobre a criminalidade feminina desde os dias de Cesare Lombroso, mais de um século antes. Smart argumentava que as hipóteses essencialistas sobre a psicologia e biologia social da mulher as condenavam a um tratamento diferente dentro da lei. “Woman who commit serious offences are judged to have transgressed two sets of laws: criminal laws and the laws of nature. In Ann Lloyd’s (1995) memorable phrase, which women are ‘doubly deviant and doubly damned’.” (JEWKES, 2004, p. 111)<sup>17</sup>.

Não existe apenas uma criminologia feminista, mas sim diversas abordagens que fazem diferentes, às vezes divergentes, declarações sobre as interseções de gênero, raça e classe com o crime. Três questões principais foram abordadas por teóricos feministas nos últimos anos: se mulheres são tratadas mais duramente ou brandamente em seus julgamentos; se mulheres que cometem crimes graves em parcerias com outros homens são vítimas passivas da opressão masculina ou peças ativas por escolha ou desejo e como as mulheres que matam e abusam são representadas na mídia.

Segundo Helena Kennedy (1950), mulheres que preenchem as expectativas da sociedade de boas mães e esposas são mais prováveis de conseguirem clemência jurídica. Por outro lado, mulheres que desafiam esses estereótipos são tratadas mais duramente, também levando em conta outros fatores, como sua classe, etnia, orientação sexual e idade. Heidensohn (1985), Worrall (1990) e Lloyd (1995) afirmam que quando mulheres cometem crimes graves, atraem atenção da mídia e do público, a imagem criada delas é mais forte e deixa uma impressão mais duradoura.

In the absence of any alternative discourse to explain the existence of violence and cruelty in those whom society views as essentially ‘good’,

---

<sup>17</sup> Mulheres que cometem crimes graves são julgadas por terem transgredido dois tipos de leis: leis criminais e leis da natureza. Na frase memorável de Ann Lloyd, tais mulheres são ‘duplamente desviantes e duplamente condenadas’. (Tradução livre da autora).

journalists fall back on stock notions of 'pure evil', which they illustrate with standard stories, motifs and stereotypes". (JEWKES, 2004, p. 113)<sup>18</sup>

Jewkes (2004) definiu oito narrativas-padrão usadas pela mídia para construir a imagem de mulheres que cometem crimes graves. Essas narrativas frequentemente mantêm aspectos do envolvimento da mulher no crime escondidos ou parcialmente representados, permitindo que o público faça suas próprias presunções, a partir de elementos culturais, para preencher as lacunas da maneira que preferirem. De maneira geral, gera-se uma imagem da mulher como passiva e instável, sem atitudes morais e incapaz de agir como um adulto. As 8 narrativas são: sexualidade e desvio sexual; (ausência de) atração física; condição matrimonial, como más esposas; maternidade, como más mães; monstros mitológicos; "vacas loucas"; manipuladoras do mal e não-agentes.

### 3.2.1.1 *Sexualidade e desvio sexual*

Crimes violentos que envolvem o 'tipo certo de vítimas', geralmente inocentes e vulneráveis, recebem mais atenção do que aqueles que vitimizam grupos marginais. Essa preferência também é estendida aos infratores, porém em ordem inversa. Dessa maneira, mulheres que cometem crimes graves já são novidade, tendo em vista sua relativa raridade e o valor notícia de *previsibilidade*. No entanto, elas podem ser ainda mais noticiáveis em referência a sua sexualidade (valor-notícia *sexo*). As mulheres são categorizadas como sexualmente promíscuas ou sexualmente inexperientes ou frígidas. Dessa maneira, comportamentos considerados 'normais' em delinquentes homens e jovens são reinterpretados como imorais em mulheres jovens. Assim, casos que poderiam ser usados para levantar questões sobre o potencial perigoso de instituições tradicionais (família, educação, serviços sociais, polícia, por exemplo) podem ser reduzidos a histórias curtas e inexpressivas.

---

<sup>18</sup> Na ausência de qualquer discurso alternativo para explicar a existência de violência e crueldade naquelas que a sociedade considera como essencialmente "boas", os jornalistas recorrem para noções de "puro mal", que ilustram com histórias, motivos e estereótipos padrão. (Tradução livre da autora).

Quando a questão é a construção da mídia de mulheres que cometem crimes, o desvio sexual é frequente. Longe de serem humanizadas com detalhes de suas vidas, histórico familiar e ambições, elas são retratadas de maneira simplista.

If women offenders cannot be constructed as lesbians or sexual sadists, their deviance will be verified with reference to their previous sexual conduct and sexual history. Basically, if a woman can be demonstrated to have loose moral standards, the portrayal of her as manipulative and evil enough to commit a serious crime is much more straightforward. (JEWKES, 2004, p. 118)<sup>19</sup>.

As preferências sexuais das mulheres têm sido há muito tempo utilizadas para justificar sua construção nas páginas de notícias como “monstros” mesmo quando os crimes não foram cometidos por elas, e sim por seus parceiros.

Na sociedade hetero-patriarcal (Hart, 1994), lésbicas, prostitutas e mulheres consideradas promíscuas são consideradas ‘de fora’. Dentro de um grupo já classificado como ‘outras’, as infratoras são ainda mais marginalizadas. Quando são vítimas, tornam-se invisíveis, mas quando são infratoras, são mais expressivas. Na perspectiva da mídia, lésbicas representam uma categoria anômala (LÉVI-STRAUSS, 1979; FISKE, 1982), posicionada precariamente no limite entre masculinidade e feminilidade.

Quando os crimes são cometidos por homens e mulheres em conjunto, os crimes das mulheres parecem ter mais peso do que os cometidos por seus parceiros, recebendo mais atenção da mídia.

### 3.2.1.2 *Atração física*

Além de sua sexualidade e histórico sexual, mulheres que matam são sujeitas a uma intensa análise de sua aparência física, um fato extremamente de acordo com a vida em geral. Em sociedades contemporâneas, a mídia está engajada em uma construção muito particular de gênero na qual esses aspectos de feminilidade são

---

<sup>19</sup> Se a mulher infratora não pode ser construída como lésbica ou sádica sexual, seu desvio vai ser verificado em referência ao seu comportamento sexual anterior ou histórico sexual. Basicamente, se pode ser demonstrado que uma mulher possui padrões morais frouxos, seu retrato como manipuladora e má o suficiente para cometer um crime é muito mais evidente. (Tradução livre da autora).

valorizados (juventude, magreza, beleza, entre outros) e construídos para o prazer masculino. Essa narrativa é presente em discursos dentro da publicidade, revistas, tabloides e até no jornalismo, numa extensão encontrada também nas notícias sobre criminalidade feminina. Segundo Jewkes (2004) “Yet women, it seems, cannot win. If conventionally attractive they will be presented as *femme fatales* who ensnare their victims with their good looks, but are cold, detached and morally vacuous” (JEWKES, 2004, p. 119 grifo da autora)<sup>20</sup>.

### 3.2.1.3 Más esposas

Quando as mulheres não se encaixam nos ideais vitorianos de feminilidade e domesticidade, e então são julgadas como más mulheres e esposas, elas são muito mais propensas a confundir a imagem do juiz e do júri de condição de mulher (Kennedy, 1992; Lloyd, 1995). Em contraste, status marital, histórico familiar e filhos tem pouco ou nenhum peso na maioria dos casos envolvendo homens infratores, nos quais a “respeitabilidade” pode ser percebida em fatores como histórico de empregos.

The consequence of this emphasis is that traditional conservative family and gender relations are endorsed and celebrated, even when the reality of many of the crimes discussed in this chapter indicates families and marriages as sites of (largely masculine) violence, sexual abuse and murder. (JEWKES, 2004, p. 121).<sup>21</sup>

“Women who kill their spouse or partner are the epitome of ‘bad wife’, almost regardless of the provocation that led to the crime” (JEWKES, 2004, p. 120).<sup>22</sup> Por outro lado, em casos em que o esposo comete o homicídio, os casos tendem a ser vistos como motivados por ciúmes ou depressão.

---

<sup>20</sup> Mesmo assim, parece, que as mulheres nunca ganham. Se convencionalmente atraentes, serão apresentadas como *femme fatales* que ludibriam suas vítimas com sua aparência bonita, mas são frias, desapegadas e moralmente vazias. (Tradução livre da autora).

<sup>21</sup> A consequência dessa ênfase é que relações tradicionais e conservadoras de família e gênero são reforçadas e celebradas, mesmo que a realidade de grande parte dos crimes discutidos neste capítulo indique família e casamento como locais de (predominantemente masculina) violência, abuso sexual e assassinato. (Tradução livre da autora).

<sup>22</sup> Mulheres que matam o esposo ou parceiro são a epítome de ‘má esposa’, quase independentemente da provocação que levou ao crime. (Tradução livre da autora).



#### 3.2.1.4 *Más mães*

Essa narrativa está mais presente quando as mulheres estão envolvidas na morte de crianças. Além disso, esse tipo de crime representa uma fração tão pequena que o valor-notícia de *novidade* garante o interesse da mídia. Mães que abusam sexualmente de crianças e jovens são a personificação da “mãe monstruosa”. A mídia encontra dificuldade em reportar a existência de um grupo de indivíduos que cometem crimes que desafiam a crença de que mulheres são incapazes de crimes sexuais. Além disso, em casos em que os homens praticam o abuso sexual, a mídia frequentemente distribui a responsabilidade também para as mães, que não perceberam ou não reportaram os abusos. As mulheres que cometem tais crimes não são vistas como culpadas apenas de infringir a lei, mas também de quebrar todas as regras do código de feminilidade, já que o papel “natural” da mulher, imposto pela sociedade, como mãe, faz com que seja tão difícil entender a ideia de que mulheres podem machucar crianças.

#### 3.2.1.5 *Monstros mitológicos*

Construções modernas de mulheres infratoras frequentemente invocam imagens de bruxas, satanistas, vampiros e noções cristãs de pecado, para que possam expressar de maneira mais didática o lado “mau” da mulher. As inspirações costumam derivar da mitologia pagã, teologia judaica ou cristã, arte clássica ou literatura. “The dichotomy between ‘good’ and ‘bad’ women... serves as means of patrolling, controlling and reinforcing the boundaries of behaviour considered ‘appropriate’ for all women (MORRIS; WILCZYNSKI, 1993: 217)”. (JEWKES, 2004, p. 125)<sup>23</sup>.

A representação das mulheres criminosas como vampiras ou outros monstros mitológicos cumpre o papel de transformá-las menos em mulheres e mais em monstros. Atitudes como essas reforçam a noção das mulheres infratoras como

---

<sup>23</sup> A dicotomia entre ‘boas’ e ‘más’ mulheres... serve como um meio de patrulhar, controlar e reforçar os limites de comportamento considerados apropriados para todas as mulheres. (Tradução livre da autora).

bode expiatório de uma cultura falocêntrica. Dessa forma, juntam-se às crenças mais profundas e os medos mais obscuros com ansiedades e medos da infância de monstros sobrenaturais e criaturas do submundo, geralmente passadas para outras gerações pelo folclore e pelas lendas.

### 3.2.1.6 “*Vacas loucas*”

Enquanto folclore e mitos são usados para criar a imagem das mulheres infratoras, pesquisadores do século 19, desde Lombroso a Freud, também influenciam na construção das noções patológicas de mulheres infratoras. Muitas mulheres que cometem crimes graves são aconselhadas a pedirem avaliações psiquiátricas<sup>24</sup>. Wilczynski (1997) nota que em casos de pais que matam os filhos, na Inglaterra, 30% dos homens pediram avaliações psiquiátricas, enquanto 64% das mulheres fizeram esses pedidos. Enquanto os homens que cometem esses crimes são frequentemente vistos pela mídia como “tristes”, mas mulheres são “loucas”. Essa diferenciação pode resultar na mulher sendo rotulada como “psicótica” para a vida toda.

The word ‘hysteria’ comes from the Greek *husterikos*, meaning ‘of the womb’, and has long been employed in order to reinforce the notion of women as ‘other’. Additional psychopathological states peculiar to women - for example, pregnancy, childbirth and lactation - are legally sanctioned explanations of infanticide<sup>24</sup>, while menstruation and menopause are also treated as inherently pathological states which ‘explain’ female offending (Heidensohn, 2000). (JEWKES, 2004, p. 127).<sup>25</sup>

Tratar mulheres que cometem infanticídios como hormonalmente perturbadas perpetua o “mito da maternidade” e sugere que mulheres “normais” são naturalmente maternas e enxergam a maternidade como constantemente gratificante

---

<sup>24</sup> No Brasil, o chamado estado puerperal é figura que torna o infanticídio menos grave quanto à pena ser aplicada.

<sup>25</sup> A palavra ‘histeria’ vem do grego *husterikos*, que significa ‘do útero’ e é usada amplamente para reforçar a noção da mulher como ‘o outro’. Além disso, estados psicopatológicos próprios da mulher - por exemplo, gravidez, parto e lactação - são explicações legalmente sancionadas de infanticídio, enquanto menstruação e menopause também são usadas como estados psicopatológicos inerentes que ‘explicam’ a infração cometida pela mulher. (Tradução livre da autora).

e feliz. A ideia de que as mulheres são reguladas pela biologia ainda persiste em muitos discursos da mídia, legais e médicos sobre crimes.

### 3.2.1.7 *Manipuladoras do mal*

Por vezes, a mídia e os processos legais constroem a imagem de que os homens, embora “ruins” e capazes de crueldade extrema nunca teriam agido sem a presença da mulher. Apenas juntos eles formam o “par letal” (Morrissey, 2003: 152). Dessa maneira, a mulher é instrumental para liberar a violência e perversidade que o homem até então mantinha contida. No entanto, como mulheres, o papel esperado é que demonstrem compaixão.

Women who form murderous alliances with men are the most problematic for the institutions that seek to understand them and communicate their actions to the rest of the society, particularly as their prey are often the archetypal ‘innocent’ victims - children and young women. These female offenders neither inspire sympathy as victims nor celebration as powerful avengers and, as such, they represent an enigma to mainstream academic and feminist discourses, and offer the least possibility for rehabilitation or redemption as far as the legal and média professions are concerned. (Morrissey, 2003). (JEWKES, 2004, p. 128).<sup>26</sup>

Os motivos pelos quais as mulheres formam parcerias com homens que matam e os ajudam são complexos e contestados. Alguns críticos defendem que, na maioria dos casos, essas são mulheres ‘comuns’ que se apaixonam e caem na influência de homens controladores. Por outro lado, um ponto bastante criticado é o de que essa teoria nega o livre arbítrio da mulher, que talvez elas possam procurar esses homens pois ambos possuem os mesmos desejos.

### 3.2.1.8 *Não-agentes*

---

<sup>26</sup> Mulheres que foram alianças assassinas com homens são as mais problemáticas para as instituições que procuram entendê-las e comunicar suas ações para o resto da sociedade, particularmente pois suas vítimas são frequentemente o arquétipo de ‘inocentes’ - crianças e mulheres jovens. Essas mulheres infratoras não inspiram simpatia quando vítimas nem celebração como vingadoras poderosas e, portanto, elas representam um enigma para os discursos acadêmicos e feministas convencionais, e oferecem a menor possibilidade de reabilitação e redenção no que tange às instâncias legais e de mídia. (Tradução livre da autora).

A conclusão de um número cada vez maior de estudiosos é que nem o feminismo acadêmico e nem a sociedade estão prontos para confrontar a realidade que mulheres também podem ser cruéis e violentas. A verdade simplificada de que homens são mais agressivos não só ajuda na ignorância cultural do fato de que as mulheres possuem potencial para violência, como ajuda a negar a noção de que as mulheres podem matar enquanto simplesmente mulheres. Tais mulheres são normalmente vistas como psicologicamente infantis ou masculinas, ou então tornam-se monstros míticos e perdem sua humanidade.

Explanations of female criminality that rely on deterministic assumptions about women's physiology and biology arguably have the most far-reaching implications for deviant and non-deviant women alike, and dominant discourses of madness most incontestably speak to the non-agency of female offenders. (JEWKES, 2004, p. 130)<sup>27</sup>

Existem apenas dois tipos de crimes pelos quais as mulheres podem manter sua humanidade e não são descritas como puramente más, mas ambos têm o significado implícito das mulheres como não-agentes. São eles: homicídio do esposo, onde a mulher pode ser vista como agindo em auto-defesa de um parceiro abusivo, e infanticídio, onde a mulher pode ser vista como uma mistura de má e triste. Em ambos os casos, a mulher pode ser vista como uma vítima, não sendo responsável por suas ações.

### 3.2.2 Conclusão do capítulo

Abordagens psicossociais do “outro” têm sido um enquadramento útil para estudar possíveis explicações para a intolerância e a histeria que caracterizam discursos legais e midiáticos sobre mulheres infratoras, além de iluminar o desconforto geral e profundo gerado por seus crimes. Os medos inconscientes do feminino ‘mau’ são reforçados por uma cultura hetero-patriarcal que apresenta qualquer sinal de desvio feminino como intrinsecamente chocante. Não é sugerido

---

<sup>27</sup> Explicações da criminalidade feminina embasadas em hipóteses deterministas sobre a psicologia e a biologia da mulher possuem implicações profundas para mulheres infratoras e não-infratoras, e os discursos dominantes sobre loucura determinam a não-agência dessas mulheres infratoras. (Tradução livre da autora).

que todos os homens infratores são tolerados, ignorados, compreendidos ou aplaudidos. No entanto, nota-se que as respostas da mídia e do público para mulheres infratoras são mais exacerbadas do que aquelas direcionadas aos homens. A violência é vista como um dos comportamentos possíveis para o homem, o que normaliza a infração de uma maneira impossível para as mulheres. Em todas as esferas da vida em sociedade - política, social, econômica e cultural - a violência masculina é fetichizada, articulada e até glorificada. No entanto, no caso de mulheres que cometem crimes graves, a vilanização opera para descolar a infratora de sua sociedade, insistir no seu papel como 'outra', assim evitando o conhecimento de que ela é uma produção daquela mesma sociedade'. (MORRISSEY, 2003, p. 24).

No que diz respeito aos critérios de noticiabilidade, mulheres que cometem crimes já são uma porcentagem tão pequena que imediatamente está garantido o valor de *novidade*, suas histórias são *simplificadas* pela mídia, sua patologia construída como *individual* e aleatória, seus crimes são frequentemente explicados por sua *sexualidade* e frequentemente tornam-se *celebridades*. Portanto, mulheres que cometem crimes encontram-se na posição curiosa de serem consideradas "à deriva" da sociedade, como os exemplos mais depravados de humanidade por um público que desconhece amplamente seus desvios de fato. Tais mulheres tornam-se simbolicamente separadas de seus crimes.

Em uma sociedade cada vez mais individualizada, articulações mediadas de crime e punição ainda podem ser vistas por veículos como forma de conectar pessoas (SPARKS, 2001). Como sugere Foucault (1988), a sociedade julga o criminoso, e não o crime. A sociedade pós-moderna ainda apoia-se em discursos positivistas e criminologistas do século XIX, atribuindo irracionalidade a mulheres, crianças e adolescentes que cometem crimes graves. Além disso, esses discursos apoiam-se na presunção de que a audiência possui diversos graus de passividade e vive desarmada para entender os preconceitos, vieses e estereótipos que podem estar sendo transmitidos de maneira sutil ou aparente. Jewkes (2004) defende que o relacionamento entre mídia e audiência que define os parâmetros de intolerância social e controle social é extremamente complexo.

Descrever o infrator como "outro" e o crime como "inimaginável", separando o infrator da sociedade e o qualificando como diferente moralmente, emocionalmente e

fisicamente alerta para a incapacidade coletiva de pensar nos motivos e tentar descobrir como e porque esses crimes acontecem, além de buscar soluções efetivas. Enquanto isso, crimes cometidos por homens, brancos, de classe média recebem menos atenção da mídia, já que convidam a sociedade a pensar que não são apenas às pessoas classificadas como “diferentes” ou “ruins” que são capazes de cometer esses crimes - essa é uma verdade que a sociedade não consegue contemplar. Segundo Jewkes (2004), essa negação pode vir do medo da sociedade de que o “mau” está em todos ou da indisposição geral em aceitar que, às vezes, o terror vive dentro das fachadas mais comuns.

Em seguida, as matérias referentes aos casos de Elize Matsunaga e Graciele Ugulini serão analisadas. Também serão apresentados breves resumos dos casos, bem como uma explicação e contextualização sobre a metodologia escolhida para o trabalho.

## **4 ANÁLISE DOS CASOS**

No presente capítulo serão explorados e analisados, separadamente, os casos de Elize Matsunaga e de Graciele Ugulini. Primeiramente, será feito um breve histórico de cada um dos casos, com um panorama das informações apresentadas pela mídia, bem como quais foram os desdobramentos finais até a presente data.

Depois do histórico dos casos, será feita uma apresentação da metodologia escolhida para o trabalho, a Análise de Conteúdo, que será aplicada a partir da referência de Laurence Bardin (1991), abordando sua função, contexto e principais etapas.

Após a metodologia, serão desenvolvidos e analisados, separadamente, quadros com os critérios definidos para cada um dos casos. Os critérios serão: veículo, data, posição na página, manchete, tamanho e uso de recurso gráfico e o uso de cada uma das oito narrativas-padrão que a mídia lança mão para falar sobre mulheres que cometem crimes graves, segundo Jewkes (2004).

### **4.1 Histórico do caso de Elize Matsunaga**

Elize Matsunaga foi condenada, em dezembro de 2016, a uma pena de 19 anos e 11 meses de prisão pelos crimes de homicídio e destruição e ocultação de cadáver do marido Marcos Matsunaga, em 19 de maio de 2012. O julgamento durou sete dias e foi um dos mais longos da história da Justiça de São Paulo. Elize já havia cumprido 4 anos e meio de prisão antes do julgamento.

De acordo com o Ministério Público do Estado de São Paulo, o homicídio foi premeditado e Elize matou o marido para ficar com seu dinheiro. Segundo a Promotoria, ela deu um tiro à queima-roupa no marido quando ele chegava com uma pizza no apartamento do casal. Ainda de acordo com o MP, Marcos Matsunaga morreu após ter sido esquartejado por Elize e a causa da morte foi um corte no pescoço feito por ela, que o levou à asfixia por causa do sangue. Já na versão da defesa de Elize Matsunaga, ela atirou na cabeça do marido para se defender de suas agressões durante uma discussão, na qual ela confrontou Marcos e revelou ter

contratado um detetive particular que descobriu que o marido a traía com uma prostituta.

De acordo com Elize, Marcos morreu em decorrência do tiro e ela, devido ao desespero, decidiu usar uma faca que encontrou no apartamento para esquartejar o corpo em sete partes, colocá-las em três malas e jogá-las em Cotia, região da Grande São Paulo.

O caso de Elize Matsunaga teve muito destaque na mídia, tanto na época do crime, quanto na época do julgamento, no final de 2016. O caso ficou conhecido como “Caso Yoki”, já que Marcos era CEO da empresa Yoki, que atua no segmento de produtos alimentícios. Elize e Marcos se conheceram em 2004, através de um site de acompanhantes, quando ela era profissional do sexo. Na época, Marcos era casado e tinha uma filha, mas pediu o divórcio. Elize e Marcos se casaram e tiveram uma filha, que tinha pouco mais de um ano de vida na época do crime.

#### **4.2 Histórico do caso de Graciele Ugulini**

O caso de Graciele Ugulini ainda não foi julgado. No entanto, Graciele está recolhida na Penitenciária Estadual Feminina de Guaíba, no Rio Grande do Sul. O caso ficou conhecido como “Caso do Menino Bernardo”, já que o corpo de Bernardo, na época com 11 anos, foi encontrado no dia 14 de abril de 2014 enterrado em uma área rural de Frederico Westphalen, a cerca de 80 km de Três Passos, Rio Grande do Sul, cidade em que ele morava com a família - depois de ficar desaparecido por dez dias.

Além de Graciele, madrasta de Bernardo, o pai do menino, Leandro Boldrini, uma amiga do casal, Edelvânia Wirganovicz, e o irmão dela, Evandro Wirganovicz, são réus pelo assassinato do menino e respondem por homicídio qualificado e ocultação de cadáver. Segundo a família de Bernardo, o menino foi visto pela última vez às 18 horas do dia quatro de abril, quando saiu para dormir na casa de um amigo. No dia seis, Leandro Boldrini, pai de Bernardo, relatou ter ido até a casa do amigo buscar o filho, mas foi avisado que o menino não havia aparecido por lá.



Ainda no dia quatro de abril, Graciele Ugulini foi multada por excesso de velocidade ao trafegar a 117 km/h em direção à área rural de Frederico Westphalen. De acordo com o Comando Rodoviário da Brigada Militar, ela estava acompanhada de Bernardo. No dia 6, Leonardo registrou o desaparecimento do filho e às investigações começaram.

No dia 14 de abril, o corpo de Bernardo foi encontrado em uma cova rasa, na área rural de Frederico Westphalen. De acordo com a Polícia Civil, Bernardo foi morto com uma superdosagem do sedativo midazolam, muito usado em cirurgias extensivas.

De acordo com a Promotora de Justiça Dinamácia Maciel de Oliveira, em coletiva de imprensa, “O Ministério Público está convencido de que Leandro Boldrini, Graciele Ugulini e Edelvânia Wirganovicz mataram Bernardo Uglione Boldrini. E o pai é o mentor intelectual. Ele tinha domínio do fato, a decisão foi dele”. (OLIVEIRA, 2014). Na denúncia, o Ministério Público apontou que Leandro e Graciele arquitetaram o plano e a história para que não fossem descobertos, contando também com a cobertura de Edelvânia e Evandro.

### **4.3 Metodologia**

Tanto o caso de Graciele, como o de Elize são chaves para a compreensão do tema do trabalho, que busca pesquisar e entender como o jornalismo retrata mulheres que cometem crimes, desenvolvendo e apresentando as conclusões em formato de monografia. Para alcançar o objetivo do trabalho, foi usada a Análise de Conteúdo, tendo como referência Laurence Bardin (1991), que define a metodologia como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 1991, p. 44).

A análise de conteúdo se encaixa no presente trabalho já que pode ser aplicada no universo da comunicação, em geral, e do jornalismo, em específico, e

em discursos, definidos como “toda a comunicação estudada, não só ao nível dos seus elementos constituintes elementares (a palavra por exemplo), mas também e, sobretudo, a um nível igual e superior à frase (proposições, enunciados, sequências).” (BARDIN, 1991, p. 217).

O método de abordagem usado no trabalho foi o teórico-empírico, pois vale-se do conjunto de técnicas da Análise de Conteúdo como ferramentas aplicadas em reportagens reais, veiculadas pela mídia sobre casos emblemáticos para a sociedade: os crimes e julgamentos de Elize Matsunaga e de Graciele Ugulini.

Segundo Laurence Bardin (1991, p. 32), a análise de conteúdo é “um método muito empírico, depende do tipo de fala a que se dedica e do tipo de interpretação que se pretende como objetivo”. O trabalho dedica-se aos processos de descrição, análise e interpretação dos dados levantados por referenciais bibliográficos e leitura de reportagens publicadas no jornal *Folha de S.Paulo* e na revista *Veja*, sobre os casos de Elize Matsunaga e de Graciele Ugulini.

No caso de Elize, foram usadas reportagens entre janeiro de 2012 (data do crime) e dezembro de 2016 (data do julgamento). No caso de Graciele, o recorte de tempo foi entre abril de 2014 (data da morte de Bernardo) e outubro de 2016 (data em que o Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul negou recursos da defesa de Graciele e Leonardo Boldrini).

Entre os objetivos, foram buscados indícios que apontem como a abordagem escolhida pelas publicações ajuda na criação ou no reforço do estereótipo feminino. Para tanto, foi levantada bibliografia sobre o tema que possa ajudar na elucidação dos objetivos, contemplando leitura sobre o jornalismo impresso e de revista.

Para analisar as reportagens, a metodologia escolhida foi a Análise de Conteúdo, tendo como base teórica e exemplos práticos da aplicação da análise no universo das comunicações propostos por Bardin (1991).

A Análise de Conteúdo busca interpretar, a partir de inferências e processos técnicos de validação, a finalidade das comunicações analisadas. Segundo Bardin, “a intenção da Análise de Conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos as condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)” (BARDIN, 1991, p. 40).

As etapas da Análise de Conteúdo são três: a pré análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, inferência e interpretação. A primeira fase possui três missões: “a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final” (BARDIN, 1991, p. 121). Nesta etapa, foi feita a leitura flutuante das reportagens dos casos de Elize Matsunaga e de Graciele Ugulini, depois escolhidos os documentos, demarcando o universo (gênero do documento) e a constituição do *corpus*, obedecendo sempre as regras de exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência. Ainda na primeira etapa, foram formuladas as hipóteses e os objetivos. Segundo Bardin (1991, p. 124):

Uma hipótese é uma afirmação provisória que nos propomos verificar (confirmar ou infirmar), recorrendo aos procedimentos de análise. Trata-se de uma suposição cuja origem é a intuição que permanece em suspenso enquanto não for submetida à prova de dados seguros. O objetivo é a finalidade geral a que nos propomos (ou que é fornecida por uma instância exterior), o quadro teórico e/ou pragmático, no qual os resultados obtidos serão utilizados .

Após a formulação, foram referenciados os índices e elaborados os indicadores, escolhidos em função das hipóteses. Foram determinadas “operações de recorte do texto em unidades comparáveis de categorização para análise temática e de modalidade de codificação para registro de dados” (BARDIN, 1991, p. 126).

Para finalizar a fase de pré-análise, o material foi preparado através do recorte das reportagens e o alinhamento de seus enunciados. Foi feita uma leitura criteriosa das reportagens para destacar quais enunciados são marcados por adjetivações e estereótipos relacionados ao gênero feminino.

A fase de exploração do material “consiste essencialmente em operações de codificação, decomposição ou enumeração, em função de regras previamente formuladas” (BARDIN, 1991, p. 127). Nesta fase, as reportagens escolhidas foram lidas em profundidade e organizadas de forma que auxilia na elucidação do objetivo geral do trabalho de entender como o jornalismo retrata mulheres que cometem crimes, especificamente como a *Revista Veja* e o jornal *Folha de S.Paulo* atuaram na cobertura dos casos de Elize Matsunaga e de Graciele Ugulini.

Na última fase, de tratamento dos resultados, inferência e interpretação, os resultados brutos foram tratados de forma a apresentarem-se como significativos e válidos através de tabelas. Para concluir os objetivos deste trabalho, foram elaborados quadros de resultados que destacam as informações fornecidas pela análise, como as adjetivações e estereótipos empregados nas reportagens. Para os dois casos, de maneira individual, foi criado um quadro para cada uma das oito narrativas padrão de estereótipos que o jornalismo lança mão ao falar da criminalidade feminina, listadas por Jewkes (2004). São elas: sexualidade e desvio sexual; (ausência de) atração física; condição matrimonial, como más esposas; maternidade, como más mães; monstros mitológicos; “vacas loucas”; manipuladoras do mal; não-agentes, conforme apresentadas no capítulo 3 e sintetizados no quadro 1 (abaixo). Nos quadros, foram listados os trechos que fazem uso de cada uma dessas narrativas.

Quadro 1 - As narrativas observadas nos conteúdos jornalísticos analisados

<b>Narrativas-padrão definidas por Jewkes (2004)</b>	
<b>Narrativa</b>	<b>Principais características</b>
<b>Sexualidade e desvio sexual</b>	As mulheres são categorizadas como sexualmente promíscuas ou sexualmente inexperientes ou frígidas. Ao invés de serem humanizadas com detalhes de suas vidas, histórico familiar e ambições, elas são retratadas de maneira simplista.
<b>Atração física</b>	Mulheres que matam são sujeitas a uma intensa análise de sua aparência física. São valorizados aspectos de feminilidade como juventude, magreza e beleza.
<b>Más esposas</b>	Quando as mulheres não se encaixam nos ideais vitorianos de feminilidade e domesticidade, são julgadas como más mulheres e esposas. Em contraste, status marital, histórico familiar e filhos têm pouco ou nenhum peso na maioria dos casos envolvendo homens infratores.
<b>Más mães</b>	Essa narrativa está mais presente quando as mulheres estão envolvidas na morte de crianças. As mulheres que cometem tais crimes não são vistas como culpadas apenas de infringir a lei, mas também de quebrar todas as regras do código de feminilidade.
<b>Monstros mitológicos</b>	Construções modernas de mulheres infratoras frequentemente invocam imagens de bruxas, satanistas, vampiros e noções cristãs de pecado, para que possam expressar de maneira mais didática o lado “mau” da mulher.

<b>“Vacas loucas”</b>	A ideia de que as mulheres são reguladas pela biologia ainda persiste em muitos discursos da mídia, legais e médicos sobre crimes. São usadas pesquisas do século 19, desde Lombroso a Freud, que influenciam na construção das noções patológicas de mulheres infratoras.
<b>Manipuladoras do mal</b>	Pode aparecer quando mulheres cometem crimes graves em conjunto com homens. Por vezes, a mídia e os processos legais constroem a imagem de que os homens, embora “ruins” e capazes de crueldade extrema, nunca teriam agido sem a presença da mulher.
<b>Não-agentes</b>	Também pode aparecer quando mulheres cometem crimes graves em conjunto com homens. Explicações da criminalidade feminina embasadas em hipóteses deterministas sobre a psicologia e a biologia da mulher possuem implicações profundas para mulheres infratoras e não-infratoras.

**Fonte:** Produzido pela autora a partir do proposto por JEWKES (2004).

Além das narrativas-padrão, também foram usados como categorias de análise: posição da reportagem ou nota na página, se foi usada como manchete, tamanho da reportagem ou nota e uso de recursos gráficos, como fotos, ilustrações e infográficos.

Para que seja alcançado o objetivo principal, os resultados foram organizados em quadros e analisados separadamente, com a proposição de inferências e interpretações que ajudam entender como o jornalismo retratou os casos de Elize Matsunaga e de Graciele Ugulini.

#### 4.4 Análise: Elize Matsunaga

A partir do conteúdo apresentado, foi realizada a análise de conteúdo das reportagens sobre o caso de Elize Matsunaga, publicadas no período selecionado na Revista *Veja* e no jornal *Folha de São Paulo*. No caso de Elize, o período escolhido foi de janeiro de 2012 (data do crime) e dezembro de 2016 (data do julgamento). Além disso, será apontado como se desenvolve a relação entre os elementos técnicos do jornalismo e a maneira como Elize é retratada. Posteriormente, será feita uma análise dos resultados obtidos.

Quadro 2 - Relação das publicações sobre o caso de Elize Matsunaga

Veículo	Data	Posição	Manchete	Tamanho	Recurso gráfico
---------	------	---------	----------	---------	-----------------

Folha de S.Paulo	05 de junho de 2012	Superior	Sim	½ página	Infográfico (mapa)
Folha de S.Paulo	06 de junho de 2012	Página completa	Não	1 página	Foto
Folha de S.Paulo	07 de junho de 2012	Página completa	Sim	1 página	Foto
Folha de S.Paulo	08 de junho de 2012	Página completa	Sim	1 página	Foto e infográfico (reconstrução do crime)
Folha de S.Paulo	09 de junho de 2012	Superior	Sim	½ página	Infográfico (reconstrução do crime)
Folha de S.Paulo	10 de junho de 2012	Página completa	Não	1 página	Foto
Folha de S.Paulo	11 de junho de 2012	Superior	Não	½ página	Infográfico (reconstrução do crime)
Folha de S.Paulo	12 de junho de 2012	Superior	Não	¼ página	Não
Folha de S.Paulo	13 de junho de 2012	Superior	Não	½ página	Foto
Veja	13 de junho de 2012	Página completa	Sim	7 páginas	Foto e Infográfico (reconstrução do crime e do esquitejamento)
Folha de S.Paulo	14 de junho de 2012	Superior	Não	½ página	Ilustração
Folha de S.Paulo	15 de junho de 2012	Superior	Não	½ página	Foto
Folha de S.Paulo	16 de junho de 2012	Superior	Não	½ página	Foto e Infográfico (reconstrução do crime)
Folha de S.Paulo	17 de junho de 2012	Superior	Não	½ página	Ilustração
Folha de S.Paulo	18 de junho de 2012	Superior	Não	⅛ página	Não
Folha de S.Paulo	19 de junho de 2012	Superior	Não	¼ página	Foto
Folha de S.Paulo	20 de junho de 2012	Superior	Não	½ página	Foto e Infográfico (reconstrução do crime)

Veja	20 de junho de 2012	Página completa	Não	2 páginas	Foto
Folha de S.Paulo	21 de junho de 2012	Superior	Não	1/8 página	Não
Folha de S.Paulo	21 de junho de 2012	Superior	Não	1/8 página	Não
Folha de S.Paulo	16 de julho de 2012	Página completa	Não	1 página	Ilustração
Folha de S.Paulo	31 de agosto de 2012	Superior	Não	1/8 página	Não
Folha de S.Paulo	02 de setembro de 2012	Inferior	Não	1/8 página	Não
Folha de S.Paulo	04 de setembro de 2012	Inferior	Não	1/8 página	Não
Folha de S.Paulo	18 de outubro de 2012	Superior	Não	1/2 página	Foto
Folha de S.Paulo	11 de dezembro de 2012	Superior	Não	1/2 página	Não
Folha de S.Paulo	16 de janeiro de 2013	Inferior	Não	1/8 página	Não
Folha de S.Paulo	31 de janeiro de 2013	Superior	Não	1/2 página	Foto
Folha de S.Paulo	13 de março de 2013	Superior	Não	1/8 página	Não
Folha de S.Paulo	16 de março de 2013	Superior	Não	1/2 página	Foto
Folha de S.Paulo	16 de agosto de 2013	Superior	Não	1/8 página	Não
Folha de S.Paulo	24 de outubro de 2014	Página completa	Sim	1 página	Foto
Folha de S.Paulo	18 de abril de 2015	Inferior	Não	1/8 página	Não
Folha de S.Paulo	26 de novembro de 2016	Superior	Não	1/2 página	Foto
Folha de S.Paulo	28 de novembro de 2016	Superior	Não	1/8 página	Não

Folha de S.Paulo	29 de novembro de 2016	Superior	Sim	½ página	Foto
------------------	------------------------	----------	-----	----------	------

Fonte: Produzido pela autora.

Nota-se que o caso de Elize foi publicado em 36 matérias, consideradas notas e reportagens, ao longo do universo determinado para a análise. Somando todo o conteúdo, o total de espaço que o assunto ocupou é de 24 páginas, sendo nove na *Revista Veja* e 13 na *Folha de S.Paulo*. Além disso, o caso foi manchete sete vezes. Foram usadas fotos em 17 ocasiões e três tipos de infográficos diferentes (mapa, reconstrução do esquartejamento e do crime) em oito ocasiões.

### Quadro 3 - A narrativa da sexualidade e desvio sexual - Elize Matsunaga

<b>Folha de S.Paulo</b> <b>08 de junho de 2012</b>	Advogado de Elize Matsunaga afirma que executivo esquartejado a conheceu quando ela era garota de programa.
<b>Veja</b> <b>Edição 2.273</b> <b>13 de junho de 2012</b>	Uma moça <i>linda</i> e pobre, nascida no interior, muda-se para a cidade grande e passa a levar a vida como <i>prostituta de luxo</i> , até que conhece um executivo cavalheiro, educado, herdeiro de uma empresa bilionária — e <i>casado</i> . Ele se apaixona por ela e, depois de três anos de envolvimento, <i>abandona a mulher e a filha pequena</i> para ficar com o novo amor.
<b>Veja</b> <b>Edição 2.273</b> <b>13 de junho de 2012</b>	O romance de um rico executivo que se casa com uma <i>bela garota de programa</i> começa como uma história de cinema e termina em tragédia.
<b>Veja</b> <b>Edição 2.273</b> <b>13 de junho de 2012</b>	Aos 18 anos, a moça partiu para a capital paranaense, onde fez um curso técnico de enfermagem. Chegou a trabalhar em um centro cirúrgico, <i>mas a vida ali também não lhe pareceu interessante</i> , e logo ela se mudou para São Paulo. São os anos mais nebulosos da sua história. A VEJA, a mãe de Elize disse não saber o que a filha fazia naquele período. O certo é que tudo se transformou quando ela conheceu Marcos. Depois de alguns encontros, Elize tornou-se amante do executivo.
<b>Veja</b> <b>Edição 2.273</b> <b>13 de junho de 2012</b>	De volta ao apartamento, a discussão continuou. E subiu de tom. “Como você teve a ousadia de usar o meu dinheiro para colocar um detetive atrás de mim?”, perguntou o marido, sem pedir desculpas. “ <i>Vou te mandar de volta para o lixo de onde você veio</i> ”.
<b>Veja</b> <b>Edição 2.273</b> <b>13 de junho de 2012</b>	“Você é fraca, não vai ter coragem de atirar. Vou mandar te internar. Não vou deixar minha filha ser criada por você. <i>Nenhum juiz vai dar a guarda a uma prostituta</i> ”, ameaçou Marcos.



<b>Folha de S.Paulo 14 de junho de 2012</b>	Mas, acima de tudo, o que transforma a história do casal em matéria de cordel é o fato de que Marcos encontrou Elize, em 2004, num site de garotas de programa.
<b>Folha de S.Paulo 14 de junho de 2012</b>	Se você ama uma mulher que por acaso é prostituta, aí, tudo bem; mas, se você ama essa mulher POR ELA SER prostituta, atenção: nesse caso, seria sábio você se familiarizar com a fantasia que sustenta seu amor. Qual é, em geral, a fantasia em questão?

Fonte: Produzido pela autora.

O primeiro tipo de narrativa, na qual são destacados comportamentos sexuais da vida da mulher, pôde ser observada em oito ocasiões diferentes, dentro de um universo de 24 páginas. O passado de Elize como profissional do sexo ganhou destaque, principalmente na *Revista Veja*, que lançou mão deste elemento da narrativa em cinco ocasiões diferentes.

#### Quadro 4 - A narrativa da atração física - Elize Matsunaga

<b>Folha de S.Paulo 13 de junho de 2012</b>	No site, Elize se apresentava como Kelly, uma “ <i>loirinha muito carinhosa</i> ” e que o cliente “não vai se arrepender de conhecê-la. Já retirado do site, o anúncio de Elize, feito em 2005, apresentava seus dados: <i>19 anos, 50 kg, manequim 36 e com 1,65 m de altura</i> . Ao todo, o site exibia 22 fotos sensuais de Elize, identificada como Kelly.
<b>Veja Edição 2.273 13 de junho de 2012</b>	Uma moça <i>linda e pobre, nascida no interior</i> , muda-se para a cidade grande e passa a levar a vida como <i>prostituta de luxo</i> , até que conhece um executivo cavalheiro, educado, herdeiro de uma empresa bilionária — e <i>casado</i> . Ele se apaixona por ela e, depois de três anos de envolvimento, <i>abandona a mulher e a filha pequena</i> para ficar com o novo amor.
<b>Veja Edição 2.273 13 de junho de 2012</b>	O romance de um rico executivo que se casa com uma <i>bela garota de programa</i> começa como uma história de cinema e termina em tragédia.
<b>Veja Edição 2.273 13 de junho de 2012</b>	As fotos bem produzidas da <i>mulher loira, de traços delicados, corpo sinuoso</i> e codinome Kelly chamaram a atenção do jovem executivo de ascendência japonesa.

Fonte: Produzido pela autora.

O segundo tipo de narrativa, que analisa a aparência física da mulher, foram encontradas em quatro ocasiões, sendo três na *Revista Veja*. Ainda nessa narrativa, ganha destaque a sexualidade de Elize e seu passado como trabalhadora do sexo,

já que os jornais fazem menção a esse elemento em conjunto com os atributos físicos.

Quadro 5 - A narrativa de más esposas - Elize Matsunaga

<b>Veja</b> <b>Edição 2.273</b> <b>13 de junho de</b> <b>2012</b>	Como é próprio dos enamorados, eles fazem de tudo juntos, de cursos de vinho a aulas de tiro. Viajam e frequentam os melhores restaurantes. Ele a cobre de presentes e faz todas as suas vontades.
<b>Veja</b> <b>Edição 2.273</b> <b>13 de junho de</b> <b>2012</b>	Os que conviveram com os dois nesse período descrevem Marcos <i>como um homem “à moda antiga”</i> . <i>Abria a porta do carro para Elize e levantava-se da mesa para puxar-lhe a cadeira até quando ela ia ao banheiro</i> . Juntos, iam à missa, faziam cursos e frequentavam ótimos restaurantes.
<b>Veja</b> <b>Edição 2.273</b> <b>13 de junho de</b> <b>2012</b>	<i>Nunca lhe faltou dinheiro, mas ela também não era de esbanjar</i> . Tinha uma Pajero TR4, presente de Marcos, e gostava de jóias e bolsas.
<b>Folha de S.Paulo</b> <b>06 de dezembro de</b> <b>2016</b>	Romântico, amante de vinhos e restaurantes refinados, passou a tratar Elize como namorada e a enchê-la de presentes.

Fonte: Produzido pela autora.

Quanto à caracterização de Elize em relação a seu casamento, foram encontrados elementos em quatro ocasiões, sendo três na *Revista Veja*. Em todos, são destacadas características do esposo como “romântico” e “à moda antiga” e à Elize cabe a passividade.

Quadro 6 - A narrativa de más mães - Elize Matsunaga

<b>Folha de S.Paulo</b> <b>08 de junho de</b> <b>2012</b>	Disputa por filha causou morte de executivo da Yoki, diz defesa.
<b>Veja</b> <b>Edição 2.273</b> <b>13 de junho de</b> <b>2012</b>	Nenhum vizinho diz ter ouvido o estampido. <i>A filha pequena dormia no quarto</i> .
<b>Veja</b> <b>Edição 2.273</b> <b>13 de junho de</b> <b>2012</b>	Passará um longo tempo na prisão, sem direito à herança e <i>sem saber o que será do futuro da filha</i> .

Fonte: Produzido pela autora.

Com relação à Elize como mãe, foram encontrados elementos em três ocasiões, sendo dois na *Revista Veja*. Em contraste, como Jewkes (2004) afirma, não há nenhuma menção à relação do esposo de Elize, Marcos Matsunaga, com a filha do casal.

Quadro 7 - A narrativa de monstros mitológicos - Elize Matsunaga

<b>Veja</b> <b>Edição 2.273</b> <b>13 de junho de</b> <b>2012</b>	<i>Para Elize, o conto de fadas terminou. Para a família de Marcos, restaram as imagens de um filme de terror.</i>
<b>Folha de S.Paulo</b> <b>14 de junho de</b> <b>2012</b>	Esse fato de crônica tem tudo para se tornar <i>literatura de cordel</i> . Há o sangue frio de Elize depois do crime. Há a diferença social entre Marcos, empresário e herdeiro da Yoki, que acaba de ser vendida por R\$ 1,7 bilhão, e Elize, enfermeira e bacharel em direito, mas de origem bem humilde.
<b>Folha de S.Paulo</b> <b>14 de junho de</b> <b>2012</b>	Todo mundo se lembra de “Uma Linda Mulher”, filme adorável de Garry Marshall, em que o rico Edward (Richard Gere) se apaixona por Vivian (Julia Roberts), uma prostituta que ele “levantou” na rua. <i>Será que a história de Marcos e Elize é “Uma Linda Mulher” sem o final feliz?</i>
<b>Folha de S.Paulo</b> <b>14 de junho de</b> <b>2012</b>	A frieza de Elize é monstruosa.
<b>Folha de S.Paulo</b> <b>14 de junho de</b> <b>2012</b>	E choca ver que as pessoas não estão dando muita importância ao caso, e que estão tratando Elize como uma pessoa quase normal, com o respeito que se deve dar a qualquer ser humano; só que ela não é um ser humano, é um monstro, e monstros devem ser tratados como tal.
<b>Veja</b> <b>Edição 2.274</b> <b>20 de junho de</b> <b>2012</b>	O assassinato e esquartejamento de Marcos Matsunaga pela mulher, Elize, já tinham <i>ingredientes de um filme de terror</i> , mas a divulgação, na semana passada, do laudo pericial sobre a causa da morte do executivo adicionou contornos <i>mais macabros ao episódio</i> .
<b>Veja</b> <b>Edição 2.274</b> <b>20 de junho de</b> <b>2012</b>	À defesa de Elize caberá agora provar que ela é só uma assassina, e não <i>um monstro</i> .
<b>Veja</b> <b>Edição 2.301</b> <b>26 de dezembro de</b> <b>2012</b>	Elize Matsunaga, de 31 anos, colocou seu nome na <i>história macabra</i> do Brasil como a mulher que deu um tiro na cabeça do marido e o esquartejou quando o sangue ainda corria por suas veias.

Fonte: Produzido pela autora.

A construção de Elize como “monstro mitológico” foi encontrada em nove ocasiões, sendo cinco no jornal *Folha de S.Paulo*. Os enunciadores comparam o caso a diversos elementos: literatura de cordel, conto de fadas, filme *hollywoodiano* e filme de terror. Em uma crônica na *Folha de S.Paulo*, o escritor chega a afirmar que Elize não é um ser humano, mas sim um verdadeiro monstro.

Quadro 8 - A narrativa de “vacas loucas” - Elize Matsunaga

<p><b>Veja</b> <b>Edição 2.273</b> <b>13 de junho de</b> <b>2012</b></p>	<p>O que explica crime tão brutal? <i>Embora seja impossível dizer com precisão, especialistas citam um distúrbio psiquiátrico, a catatimia, que se manifesta quando alguém fica remoendo obsessivamente um trauma afetivo, como uma traição, e desenvolve um plano que tem a violência como componente essencial. Alguns comportamentos de Elize podem ser definidos como catatímicos. Mas não todos.</i></p>
<p><b>Folha de S.Paulo</b> <b>17 de junho de</b> <b>2012</b></p>	<p>Eu teria medo de deixá-la sozinha com a própria filha, pois ela parece capaz de tudo, e não sei se existe um nome para definir uma doença tão, tão - nem sei o quê.</p>

Fonte: Produzido pela autora.

A ideia de que Elize foi regulada pela biologia foi encontrada em duas ocasiões, uma em cada veículo pesquisado. Os trechos a constroem como uma pessoa que sofria de problemas patológicos.

Quadro 9 - A narrativa de manipuladoras do mal - Elize Matsunaga

<p><b>Folha de S.Paulo</b> <b>7 de junho de 2012</b></p>	<p>Cinco dias após o crime, Elize comprou bolsas Louis Vuitton no shopping Iguatemi com o cartão do marido.</p>
<p><b>Veja</b> <b>Edição 2.273</b> <b>13 de junho de</b> <b>2012</b></p>	<p><i>Esquartejar alguém é uma tarefa que requer força, paciência e destreza. Elize Matsunaga demonstrou ter tudo isso — e ainda capacidade de planejamento, no que a ajudaram os conhecimentos de anatomia adquiridos no curso de técnica de enfermagem, feito em Curitiba, antes de se mudar para São Paulo.</i></p>
<p><b>Veja</b> <b>Edição 2.273</b> <b>13 de junho de</b> <b>2012</b></p>	<p>Ao que tudo indica, Elize <i>sabia onde os cortes deveriam ser feitos de modo a facilitar seu trabalho, realizado com uma faca de lâmina de 30 centímetros.</i></p>
<p><b>Veja</b> <b>Edição 2.273</b> <b>13 de junho de</b> <b>2012</b></p>	<p>Para chegar até as articulações, Elize teve de cortar primeiro pele, músculos, tendões e ligamentos. <i>Segundo os médicos-legistas, o mais difícil nesse processo é o rompimento dos ligamentos, estruturas formadas por fibras tão resistentes quanto tiras de couro.</i></p>
<p><b>Veja</b> <b>Edição 2.273</b></p>	<p>Elize Matsunaga levou quatro horas para esquartejar o marido. <i>Alguém sem os seus conhecimentos anatômicos levaria, no mínimo, seis.</i></p>

<b>13 de junho de 2012</b>	
<b>Folha de S.Paulo 20 de junho de 2012</b>	Elize Matsunaga, 30, matou e esquartejou o marido, o executivo Marcos Matsunaga, 41, de maneira premeditada para se vingar porque era traída e também para ficar com R\$ 600 mil de um seguro de vida da vítima.
<b>Veja Edição 2.274 20 de junho de 2012</b>	A aparente reviravolta na história não altera a natureza do crime cometido por Elize, um homicídio doloso qualificado.
<b>Veja Edição 2.301 26 de dezembro de 2012</b>	Seu <i>rosto tranquilo</i> foi registrado pelas câmeras de vigilância do prédio onde morava quando, na manhã seguinte, descia pelo elevador puxando sua carga sinistra.

Fonte: Produzido pela autora.

Em contraste com o quadro anterior, a construção de Elize como “manipuladora do mal” foi encontrada em oito ocasiões, sendo seis na *Revista Veja*. O enunciador defende que Elize tinha planejamento, conhecimentos e sangue frio para esquartejar o marido, habilidades que - segundo o enunciador - advém do curso de enfermagem que fez.

#### Quadro 10 - A narrativa de não-agentes - Elize Matsunaga

<b>Veja Edição 2.273 13 de junho de 2012</b>	O que explica crime tão brutal? Embora seja impossível dizer com precisão, especialistas citam um distúrbio psiquiátrico, a catatimia, que se manifesta quando alguém fica remoendo obsessivamente um trauma afetivo, como uma traição, e desenvolve um plano que tem a violência como componente essencial. Alguns comportamentos de Elize podem ser definidos como catatímicos. Mas não todos.
--	--

Fonte: Produzido pela autora.

Como “não-agente”, Elize aparece uma vez. O enunciador destaca que ela poderia não estar ciente do que estava fazendo o tempo todo, devido à catatimia<sup>28</sup>.

#### 4.5 Análise: Graciele Ugolini

<sup>28</sup> Segundo o dicionário Michaelis Online, a catatimia é “um distúrbio psicopatológico que se manifesta com grande intensidade, mas de modo passageiro, afetando a percepção, o raciocínio e as recordações de um indivíduo, em função da forte carga emocional e afetiva que atravessa seus desejos, ocorrências de sua experiência de vida e angústias pessoais”. Link para acesso: <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=w9K4> Acesso em: 27 de novembro de 2017.

A partir do conteúdo apresentado, foi realizada a análise de conteúdo das reportagens sobre o caso de Graciele Ugulini, publicadas no período selecionado na *Revista Veja* e no jornal *Folha de São Paulo*. No caso de Graciele, o recorte de tempo foi entre abril de 2014 (data da morte de Bernardo) e outubro de 2016 (data em que o Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul negou recursos da defesa de Graciele e Leonardo Boldrini). Além disso, será apontado como se desenvolve a relação entre os elementos técnicos do jornalismo e a maneira como Graciele é retratada. Posteriormente, será feita uma análise dos resultados obtidos.

Quadro 11 - Relação das publicações sobre o caso de Graciele Ugulini

<b>Veículo</b>	<b>Data</b>	<b>Posição</b>	<b>Manchete</b>	<b>Tamanho</b>	<b>Recurso gráfico</b>
Folha de S.Paulo	17 de abril de 2014	Superior	Sim	½ página	Foto
Folha de S.Paulo	18 de abril de 2014	Página completa	Não	1 página	Foto
Folha de S.Paulo	20 de abril de 2014	Página completa	Não	1 página	Foto
Folha de S.Paulo	21 de abril de 2014	Superior	Não	¼ página	Não
Folha de S.Paulo	23 de abril de 2014	Página completa	Não	1 página	Foto
Veja	23 de abril de 2014	Página completa	Sim	7 páginas	Foto
Folha de S.Paulo	26 de abril de 2014	Superior	Não	½ página	Foto
Folha de S.Paulo	29 de abril de 2014	Superior	Não	⅙ página	Não
Folha de S.Paulo	30 de abril de 2014	Superior	Não	⅙ página	Não
Veja	30 de abril de 2014	Página completa	Não	1 página	Foto
Folha de S.Paulo	1° de maio de 2014	Superior	Não	½ página	Não
Folha de S.Paulo	02 de maio de 2014	Inferior	Não	⅙ página	Não

Folha de S.Paulo	03 de maio de 2014	Superior	Não	1/8 página	Não
Folha de S.Paulo	06 de maio de 2014	Superior	Não	1/8 página	Não
Veja	07 de maio de 2014	Página completa	Não	1 página	Foto
Folha de S.Paulo	08 de maio de 2014	Superior	Não	1/2 página	Não
Folha de S.Paulo	11 de maio de 2014	Superior	Não	1/8 página	Não
Folha de S.Paulo	14 de maio de 2014	Superior	Não	1/2 página	Foto
Folha de S.Paulo	15 de maio de 2014	Superior	Não	1/8 página	Não
Folha de S.Paulo	17 de maio de 2014	Superior	Não	1/2 página	Foto
Veja	21 de maio de 2014	Página completa	Não	1 página	Foto
Folha de S.Paulo	07 de junho de 2014	Superior	Não	1/8 página	Não
Folha de S.Paulo	14 de junho de 2014	Inferior	Não	1/8 página	Não
Folha de S.Paulo	21 de julho de 2014	Superior	Não	1/2 página	Foto
Folha de S.Paulo	27 de agosto de 2014	Superior	Não	1/2 página	Foto
Folha de S.Paulo	28 de agosto de 2014	Página completa	Não	1 página	Foto
Folha de S.Paulo	30 de agosto de 2014	Página completa	Não	1 página	Foto
Folha de S.Paulo	28 de maio de 2015	Página completa	Não	1 página	Foto
Folha de S.Paulo	14 de agosto de 2015	Superior	Não	1/8 página	Não

Nota-se que o caso de Graciele foi publicado em 29 matérias ao longo do universo determinado para a análise. Somando todas as matérias, o total de espaço que o assunto ocupou é de 21 páginas, sendo dez na *Revista Veja* e 11 na *Folha de*

*S.Paulo*. Além disso, o caso foi manchete duas vezes. Foram usadas fotos em 16 ocasiões e nenhum outro tipo de recurso gráfico.

Quadro 12 - A narrativa de atração física - Graciele Ugulini

<b>Veja</b> <b>Edição 2.370</b> <b>23 de abril de 2014</b>	Afáveis, bonitos e bons profissionais, o médico Leandro Boldrini e a enfermeira Graciele desprezaram o garoto Bernardo, de 11 anos.
<b>Veja</b> <b>Edição 2.370</b> <b>23 de abril de 2014</b>	Leandro Boldrini, um cirurgião respeitado na região, já era visto com Graciele, uma enfermeira bonita e loira que ele havia contratado como secretária em sua clínica.
<b>Folha de S.Paulo</b> <b>28 de maio de 2015</b>	A madrasta estava abatida, com o cabelo sem corte nem tintura, bem diferente das imagens divulgadas à época do crime.

Fonte: Produzido pela autora.

O segundo tipo de narrativa, na qual são destacados aspectos de feminilidade como juventude, magreza e beleza, pôde ser observada em três ocasiões diferentes, sendo duas na *Revista Veja*. Em um primeiro momento, o enunciador caracteriza o casal como “belo” e, mais de um ano depois, o jornal *Folha de S.Paulo* destaca o aspecto físico de Graciele, “abatido” e com o “cabelo sem corte”.

Quadro 13 - A narrativa de más esposas - Graciele Ugulini

<b>Folha de S.Paulo</b> <b>02 de maio de 2014</b>	“A situação dele é muito difícil. Ele também tinha uma filha com ela [Graciele]. Ele perdeu o filho, a mulher e a guarda da filha, são muitas coisas” (fala do advogado de Leandro Boldrini).
<b>Folha de S.Paulo</b> <b>06 de maio de 2014</b>	Defesa diz que pai de Bernardo vai se separar da madrasta.
<b>Veja</b> <b>Edição 2.406</b> <b>31 de dezembro de 2014</b>	Ele (Leandro) e Graciele nunca mais se encontraram (os dois foram liberados de comparecer as audiências diante do juiz), nem conversaram por carta ou telefone, segundo uma pessoa próxima da família do médico.

Fonte: Produzido pela autora.

No terceiro tipo de narrativa, que destaca o elemento matrimonial da vida das mulheres, Graciele é sempre vista do ponto de vista de Leandro, que quer distância do casamento. Esse elemento foi encontrado em três ocasiões, sendo duas vezes no jornal *Folha de S.Paulo*.



Quadro 14 - A narrativa de más mães - Graciele Ugulini

<b>Folha de S.Paulo 20 de abril de 2014</b>	Sem a chave de casa e rejeitado pela madrasta, segundo os vizinhos, Bernardo pulava o portão de dois metros de altura para entrar.
<b>Veja Edição 2.370 23 de abril de 2014</b>	Pediu uma segunda chance e dispôs-se, inclusive, a atender a alguns desejos do filho, como ter um peixinho de aquário ( <i>a madrasta havia proibido qualquer animal de estimação em casa</i> ).
<b>Veja Edição 2.370 23 de abril de 2014</b>	Bernardo adorava a irmã, <i>mas a madrasta o proibia de pegá-la</i> .
<b>Veja Edição 2.371 30 de abril de 2014</b>	Seu advogado, Vanderlei Pompeo de Mattos, contou que ela se alegrou ao ser informada de que a filha está com a irmã na cidade vizinha de Santo Augusto, dado que o lugar fica “pertinho” dali e que ela poderá visitar a criança “quando sair da cadeia”.

Fonte: Produzido pela autora.

O terceiro tipo de narrativa, que destaca as mulheres como mães, foi encontrado em quatro ocasiões, sendo três na *Revista Veja*. No entanto, a condição de Graciele como madrasta de Bernardo é mencionada em todas as matérias, que frequentemente se referem à Graciele simplesmente como “a madrasta”.

Quadro 15 - A narrativa de manipuladoras do mal - Graciele Ugulini

<b>Folha de S.Paulo 21 de abril de 2014</b>	A amiga relatou que Graciele planejava a morte havia muito tempo e que a madrasta tentou matá-lo anteriormente com um travesseiro.
<b>Veja Edição 2.370 23 de abril de 2014</b>	O ginecologista Ivo Weis, colega e ex-vizinho de Boldrini, afirma que Graciele tentava jogar o marido contra o filho.
<b>Folha de S.Paulo 30 de abril de 2014</b>	Segundo ele, a assistente social afirma ter ajudado a ocultar o corpo após sofrer “pressão psicológica”.
<b>Veja Edição 2.372 07 de maio de 2014</b>	Graciele Boldrini diz à polícia que matou o enteado ao lhe dar uma dose equivocada de calmante. Mas ao menos duas evidências sugerem que ela mente.
<b>Folha de S.Paulo 27 de agosto de 2014</b>	A delegada disse que o vídeo mostra o pai, Leandro Boldrini, se “omitindo” enquanto Graciele “agride verbalmente” o garoto.
<b>Folha de S.Paulo 28 de agosto de 2014</b>	Em vídeo, Bernardo pede socorro, madrasta ameaça e pai não reage.

Fonte: Produzido pela autora.

O sétimo tipo de narrativa aparece com mais frequência quando mulheres cometem crimes graves em conjunto com homens, como no caso de Graciele. Nesse caso, o enunciador constrói a imagem de que Leandro, embora não fosse um “bom pai”, nunca teria agido sem a presença de Graciele. Essa narrativa foi encontrada em seis ocasiões, sendo quatro na Folha de S.Paulo.

## 5 RESULTADOS

No presente capítulo serão analisados, separadamente, os casos de Elize Matsunaga e de Graciele Ugulini. Como os casos já foram apresentados no capítulo anterior, juntamente com os quadros com os critérios definidos para cada um, agora serão apresentadas as conclusões inferidas com base no referencial teórico e nos dados levantados. Serão desenvolvidas conclusões relacionadas ao jornalismo e como ele retrata mulheres que cometem crimes graves, definidas a partir dos dados colhidos e do referencial teórico usado.

### 5.1 O Caso Elize Matsunaga

Na análise de conteúdo do caso de Elize Matsunaga, aparecem todas as narrativas-padrão definidas por Jewkes (2004). A maior frequência foi a de “monstro mitológico”. A história do crime e da vida de Elize possuem diversos aspectos que movimentam o imaginário do leitor e fazem referência à cultura popular. Como a *Revista Veja* menciona em uma capa dedicada ao caso de Elize, a história reconta elementos de filmes como “Cinderela”. No primeiro, Elize é a “gata borralheira” e Marcos é o “príncipe encantado”, que a “salva” de uma vida de dificuldades e transforma em uma vida de luxos e riqueza.

No jornal *Folha de S.Paulo*, foi publicada uma crônica na qual o autor compara as histórias de Elize e do enredo de “Uma Bela Mulher”, filme no qual a protagonista, uma profissional do sexo, apaixona-se por um cliente, assim como aconteceu com Marcos e Elize. No entanto, diferentemente dos filmes, a história de conto de fadas acaba em tragédia. Como ex profissional do sexo, Elize é vista como ingrata e monstruosa. São explorados elementos de sua vida pessoal como atributos físicos e conhecimentos profissionais. A vida sexual, a beleza, o passado e sua capacidade psicológica surgem como elementos que tentam explicar as circunstâncias sob as quais o crime ocorreu e também se encaixam nos padrões narrativos definidos por Jewkes (2004).

Também é possível notar que, ainda no caso de Elize, a narrativa muda entre dois estereótipos: Como “não-agente”, aparece uma vez, na *Revista Veja*, a

possibilidade de Elize estar agindo devido ao distúrbio psicológico da catitímia, mas, ainda assim, o enunciador conclui o parágrafo afirmando que nem todos seus atos foram irracionais. Em contraponto, como “manipuladora do mal”, foram encontrados textos na *Revista Veja* e na *Folha de S.Paulo* sobre como o homicídio de Marcos foi planejado em todos detalhes e sobre como Elize demonstrou ser uma esquartejadora exímia, embasada por seu curso em enfermagem e seu sangue frio natural. A frase “À defesa de Elize caberá agora provar que ela é só uma assassina, e não um monstro”, retirada da *Revista Veja*, do dia 20 de junho de 2012, ilustra bem essa dicotomia.

Com diferentes ênfases, todas as oito narrativas-padrão estabelecidas por Jewkes (2004) estão presentes nos textos sobre Elize Matsunaga. Destaque para: “monstro mitológico”, que aparece em nove ocasiões, “sexualidade e desvio sexual”, que aparece em oito momentos e faz referências constantes ao passado de Elize como trabalhadora do sexo e “manipuladora do mal”, que também aparece em oito momentos.

Além das narrativas, também foram analisados critérios como quantidade de conteúdos jornalísticos, como notas e reportagens, número total de páginas, posição da matéria na página, manchete e uso de recurso gráfico. Entre todas as 36 publicações sobre o caso de Elize no universo determinado para a análise, foram ocupadas 24 páginas completas. A *Folha de S.Paulo* foi o meio que fez uso de mais páginas (13 páginas), mas as matérias da *Revista Veja*, como é característico das revistas semanais, foram mais longas. Das 36 matérias, apenas duas foram publicadas na *Revista*, que usou nove páginas para o caso no total. No que diz respeito aos infográficos, foram usados apenas três tipos diferentes em oito ocasiões: mapa do crime, reconstrução do crime e do esquartejamento de Marcos.

O caso foi capa da *Revista Veja* em uma ocasião, no dia 13 de junho de 2012, com a manchete “Caso Yoki: Mulher fatal - A história de Elize Matsunaga, assassina confessa, que esquartejou o marido milionário enquanto a filha dormia”. A capa foi ilustrada com uma foto de Elize e um fundo preto. Já no jornal diário *Folha de São Paulo*, Elize aparece na capa em seis ocasiões diferentes. No dia cinco de junho de 2012, logo após o crime, com a manchete “Corpo de executivo da Yoki é achado esquartejado em SP”. No dia sete de junho de 2012, Elize aparece na capa sendo

levada pela polícia, com o texto: “Mulher confessa que esquartejou executivo da Yoki, diz polícia”. No dia seguinte, oito de junho de 2012, com a manchete “Mulher afirma que matou marido para não perder filha”. As outras manchetes aparecem nos meses de junho e julho, com desdobramentos sobre o caso, sem mostrar fotos de Elize. Após mais de dois anos, quando começa o julgamento do caso, a foto de Elize volta a aparecer na capa da *Folha de São Paulo*. Ela aparece no dia 29 de novembro de 2016, sentada, no salão do júri, aguardando a audiência, com a legenda: “Júri popular - Elize Matsunaga no primeiro dia do julgamento que definirá sua pena por ter esquartejado o marido, Marcos, herdeiro do grupo Yoki, em 2012”.

É interessante notar a construção de Elize como “celebridade” pelo jornal *Folha de S.Paulo*. Na edição de oito de junho de 2012, o jornal entrevista um criminalista que afirma que “O clamor popular em torno de alguns crimes, como a morte e o esquartejamento do executivo Marcos Kitano Matsunaga, 42, impede um julgamento técnico para esses atos, afirmam especialistas. ‘Em casos assim, aquilo que talvez fosse juridicamente menos importante, passa a ser essencial para a sociedade’, diz Roberto Podval, criminalista acostumado a participar de júris midiáticos.” (FOLHA DE S.PAULO, 2012). Após a publicação desta entrevista, nos dias 12 e 21 de junho, o jornal publicou outras matérias anunciando que o “caso do diretor da Yoki” (FOLHA DE S.PAULO, 2012) poderia virar série de TV paga. Ainda no que diz respeito à visão de Elize como celebridade, em 16 de junho de 2012, o jornal diário publicou uma reportagem sobre o presídio em que Elize estava, referindo-se a ele como “presídio de Caras”, afirmando que fazia referência à revista de celebridades, já que conta com presidiários envolvidos em crimes que tiveram grande repercussão na imprensa brasileira.

## **5.2 O Caso Graciele Ugulini**

Na análise de conteúdo do caso de Graciele Ugulini, a forma narrativa que mais apareceu foi a de “manipuladora do mal”, em seis ocasiões diferentes. Segundo Jewkes (2004), essa narrativa costuma aparecer quando mulheres cometem crimes graves em parceria com homens, mais comumente, seus esposos. De acordo com a autora, nesses casos, a mídia e a justiça constroem a narrativa de

forma que deixa claro que os homens, embora capazes de cometer o crime e outros atos de crueldade, jamais teriam agido sem a presença da mulher e de suas atitudes manipuladoras. A explicação de Jewkes (2004) condiz com a narrativa encontrada nos textos selecionados, pois o enunciador coloca Graciele na posição de executora e mentora do crime, enquanto o esposo, Leandro, apenas “não reage” (FOLHA DE S.PAULO, 2014, 28 de agosto) e “omite-se” (FOLHA DE S.PAULO, 2014, 27 de agosto) diante das agressões físicas e verbais que Graciele dirigia a Bernardo. Graciele é vista como a principal responsável pelo crime, mesmo que estejam sendo investigados outros três envolvidos. Todos os trechos apontam Graciele como a grande manipuladora, que planejou, manipulou todos e executou o crime. Segundo o enunciador, fica exposto que, sem a presença dela, o homicídio jamais haveria ocorrido.

Também merece destaque a construção de Graciele como “má esposa”, que aparece em três ocasiões diferentes dentro do universo dos conteúdos delimitados. Em todas as menções ao casamento de Graciele e Leandro, a esposa é vista aos olhos do marido. Todos os trechos mostram as reações de Leandro ao crime e o ponto de vista dele e de sua defesa sobre a participação da esposa no homicídio, que ele também é acusado de ter cometido. Em nenhum momento aparece o posicionamento de Graciele ou de sua defesa sobre a participação de Leandro ou sobre o casamento dos dois.

Outro ponto que deve ser destacado é a construção de Graciele como “má mãe”, que aparece em quatro momentos. No entanto, apesar desse número, nas 29 matérias analisadas, Graciele é referenciada como “a madrasta”, mesmo que o texto não esteja explorando seu comportamento como mãe ou a sua relação com a vítima. Enquanto o pai de Bernardo é mais comumente referenciado como “o médico”, “o cirurgião” ou apenas “Leandro”, o nome de Graciele vem acompanhado de “madrasta”, reforçando a importância do papel que era esperado dela dentro do núcleo familiar. Em vários trechos, o nome de Graciele não é mencionado, sendo usado apenas a referência de “a madrasta”. Nos textos selecionados, Leandro é referenciado como “pai” em três ocasiões e Graciele é definida como “madrasta” em sete.

Em diferentes quantidades, quatro, das oito narrativas-padrão estabelecidas por Jewkes (2004) aparecem nos textos jornalísticos sobre Graciele Ugulini. A narrativa que aparece com mais frequência é como “manipuladora do mal”, em seis momentos, depois aparece “más mães”, em quatro ocasiões, e “más esposas” e atração física aparecem três vezes cada uma.

Assim como na análise do caso de Elize Matsunaga, para o caso de Graciele Ugulini também foram analisados critérios como quantidade de notas e reportagens, número total de páginas, posição da matéria na página, manchete e uso de recurso gráfico. Entre todas as 29 publicações a sobre o caso de Graciele no universo de tempo e espaço determinado para a análise, foram ocupadas 21 páginas completas. A *Folha de S.Paulo* foi o meio que empregou mais páginas (11 páginas), mas as matérias da *Revista Veja* foram mais longas e detalhadas, contando a história do crime, reconstruindo e fazendo um trabalho investigativo mais profundo. Das 29 matérias, três foram publicadas na *Revista Veja*, totalizando dez páginas dedicadas ao caso. Não foram empregados recursos gráficos em nenhum momento, mas foram usadas fotos de Bernardo, de Leandro ou de Graciele em 16 ocasiões diferentes.

Além disso, o caso foi manchete duas vezes. Primeiramente, foi capa do jornal *Folha de São Paulo* no dia 17 de abril de 2014, com uma foto da avó de Bernardo em seu enterro. A chamada era: “Jussara Uglione no enterro do neto Bernardo Uglione Boldrini, 11, encontrado morto em matagal no interior do Rio Grande do Sul; preso desde segunda-feira sob suspeita do crime, pai do garoto nega participação”. No dia 23 de abril de 2014, uma foto de Graciele e de Leandro sorrindo estamparam a capa da *Revista Veja*, com o título: “As faces do mal: Afáveis, bonitos e bons profissionais, o médico Leandro Boldrini e a enfermeira Graciele desprezavam e maltratavam o garoto Bernardo, de 11 anos. Agora, são os principais suspeitos de tê-lo assassinado com uma injeção letal”.

### **5.3 A relação do Jornalismo com a criminologia feminina**

Do leque diverso de questões levantadas pelo encontro da criminologia feminina e do jornalismo, este trabalho buscou por estudar as representações

jornalísticas de dois casos de mulheres que cometeram crimes graves e atraíram a atenção da mídia.

De acordo com o Infopen Mulheres<sup>29</sup>, um levantamento nacional de informações penitenciárias do Ministério da Justiça, a população carcerária feminina subiu de 5.601 para 37.380 detentas entre 2000 e 2014, um crescimento de 567% em 15 anos. Sendo 68% das prisões são por tráfico de drogas. Além disso, 68% da população carcerária feminina é negra, 31% das mulheres são brancas e 1%, amarela. 50% desta população têm entre 18 e 29 anos; 18%, entre 30 e 34 anos; 21%, entre 35 e 45 anos; 10% estão na faixa etária entre 46 e 60%; e 1%, tem idade entre 61 e 70 anos. No que diz respeito à escolaridade, apenas 11% das mulheres detentas concluíram o Ensino Médio e menos de 1% possui Ensino Superior Completo. Metade destas mulheres possui o Ensino Fundamental incompleto e 4% são analfabetas.

No entanto, os dois casos que receberam mais atenção na mídia brasileira nos últimos anos foram de Graciele Ugulini e Elize Matsunaga. Ambas são mulheres brancas, de classe média, com formação em curso superior e que foram acusadas de homicídio, contrapondo, em todos os aspectos, com as características da população carcerária feminina em geral.

A partir do cruzamento destes dados com o contexto do jornalismo e as teorias da criminologia feminista, é possível avançar para uma interpretação mais clara, que reflete tanto a condição das mulheres na sociedade, quanto os problemas da escolha do agendamento, cobertura e investigações jornalísticas, além dos problemas do sistema carcerário brasileiro, como a superlotação, a precariedade do sistema e a dificuldade de recuperar e inserir as detentas na sociedade.

A problemática do sistema carcerário no Brasil tem sido pouco explorada pelo jornalismo. O inchaço dos presídios, sua filtragem racial e de classe, a ineficácia do sistema penal e as sistemáticas violações dos direitos humanos são negligenciadas por diversas instâncias da sociedade. No caso da mídia, a cobertura jornalística foca na espetacularização de casos “famosos”, que não representam o verdadeiro perfil

---

<sup>29</sup> Os dados são do Levantamento nacional de informações penitenciárias - INFOPEN Mulheres, de junho de 2014, do Departamento Penitenciário Nacional – Ministério da Justiça. Disponível em: <http://www.justica.gov.br/noticias/estudo-traca-perfil-da-populacao-penitenciaria-feminina-no-brasil/relatorio-infopen-mulheres.pdf>. Acesso em outubro de 2017.



das pessoas encarceradas e o faz através de uma cobertura que estereotipifica essa população e transforma suas personagens em não-humanas, alheias à sociedade.

Como afirma Alsina (2009), a mídia é responsável por formar o horizonte espacial cognitivo e emotivo do grupo, estabelecendo os limites entre “nós” e “eles” e concretizando os processos de construção das identidades. Quando o jornalismo faz um recorte da realidade muito específico e pouco representativo, acaba por explorar personagens e notícias que se assemelham aos mitos, reforçando a dualidade entre o diferente e comum, entre desconhecido e conhecido.

Sobre a figura da mulher que comete crimes, o jornalismo não costuma explorar dados e histórias realmente representativas do sistema carcerário feminino brasileiro, mas sim apóia-se na exploração de personagens, de maneira a exercer uma forma de controle social. Ao contar as histórias dessas mulheres, a mídia, além de explorar o crime em si, também dá valores a outras condutas que são vistas, dentro do sistema, como desviantes.

As duas personagens aqui analisadas são representadas como monstros e com personalidades e atitudes que não se encaixam nos papéis esperados pela sociedade de mulheres, mães e esposas. Além desses atributos, características como atração física e vida sexual são expostas e exploradas como partes fundamentais dos crimes que cometeram. No entanto, estes processos de avaliação e julgamento social impostos nos casos de Graciele e Elize, vão além do jornalismo. A sociedade em geral também exerce esta cobrança sobre as mulheres: para que se encaixem dentro do padrão de gênero imposto e tenham atitudes condizentes ao que é esperado delas.

Como Jewkes (2004) cita, mulheres que cometem crimes são duplamente punidas: primeiramente, por terem transgredido uma lei penal do Estado. Além disso, também são punidas por terem transgredido as leis da natureza feminina, falhando com as normas sociais que delimitam os papéis de tudo aquilo que é feminino. Nesse sentido, falar sobre mulheres que cometem crimes graves, como Graciele e Elize, é falar sobre o que é feminino como um todo.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa científica acadêmica é essencial para a produção e o aprimoramento de conhecimentos novos, diversos e necessários. Especialmente dentro de uma universidade pública, ela também deve ser um instrumento de debate entre as diversas áreas do saber e uma maneira de contribuir com as múltiplas esferas da sociedade. Nesse sentido, todo o processo de construção deste Trabalho de Conclusão de Curso foi muito significativo para ampliar os conhecimentos sobre a relação entre o jornalismo e o feminismo, e entre o jornalismo e a criminologia, mais especificamente no caso das mulheres que cometem crimes graves. Além disso, a monografia também foi importante para estimular as discussões e reflexões a respeito da interação entre as duas esferas - da mídia e do crime - e especialmente em relação às mulheres.

Este TCC procurou investigar a maneira e as narrativas que a *Revista Veja* e a *Folha de São Paulo* lançaram mão para retratar os casos de Elize Matsunaga e de Graciele Ugulini. Dessa modo, o estudo buscou auxiliar o desenvolvimento e a evolução de outros estudos e aprofundamentos a respeito das relações entre o jornalismo e a criminologia feminina, bem como verificar como o jornalismo retrata essas mulheres. Com foco na importância dos processos e das práticas de comunicação na sociedade, o Trabalho realizou uma análise de conteúdo das matérias selecionadas, a fim de produzir um conteúdo de fácil acesso e compressão, sempre levando em consideração as particularidades da sociedade e das mulheres, bem como a maneira como essas mulheres são vistas pela mídia e pela sociedade.

Durante o desenvolvimento do Trabalho, notou-se uma deficiência em relação aos estudos, artigos e livros sobre as relações entre crimes graves e a mídia brasileira e também entre a criminologia feminina e o jornalismo.

Todo o processo de produção da pesquisa, desde as primeiras reflexões sobre o tema, levantamento bibliográfico, leitura das matérias e análise, foi importante para o desenvolvimento de uma base teórica mais sólida e, principalmente, de senso crítico mais aguçado. Este senso crítico não se refere apenas ao papel do jornalismo como formador de opiniões e prestador de serviços, mas também à sociedade como um espaço de significados e debate. O Trabalho

também mostrou como o jornalismo, sendo um espaço discursivo da sociedade, pode dar força ou desconstruir ideias, concepções e valores dominantes e tradicionais.

Este Trabalho de Conclusão de Curso pode ser desdobrado em análises futuras, sobre outros meios de comunicação, casos de outras mulheres no Brasil ou em outros países, ou até sobre crimes graves cometidos por outro grupo populacional. Com o desenvolvimento de diversas análises, poderão ser estudadas as relações entre os diferentes casos, como forma de validar ou problematizar as conclusões. Também poderão ser estudados os impactos, consequências e resultados da narrativa escolhida pela mídia na sociedade e no sistema penal brasileiro.

## REFERÊNCIAS

ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da Notícia**. Tradução de: Jacob A. Pierce. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: 70, 2016.

ENGEL, Magali. Psiquiatria e feminilidade In: PRIORE, Mary Del (org.) **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997, p. 332 - 361.

FISKE, J. **Introduction to Communication Studies**, London: Routledge, 1982.

FOUCAULT, M. **Politics, Philosophy, Culture: Interviews and Other Writings, 1977–1984**, London: Routledge, 1988.

G1 RIO GRANDE DO SUL. **Madrasta de Bernardo 'sorria' após desaparecimento, diz amigo do pai**. Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/caso-bernardo-boldrini/noticia/2014/11/madrasta-de-bernardo-sorria-apos-desaparecimento-diz-amigo-do-pai.html>. Acesso em: 10 ago. 2017.

G1 SÃO PAULO. **Elize Matsunaga pega 19 anos e 11 meses de prisão por matar e esquarterar o marido em SP**. Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/elize-matsunaga-e-condenada-por-matar-e-esquarterar-o-marido-em-sp.ghtml>. Acesso em: 10 ago. 2017

GARAPON, Antoine. **O juiz e a Democracia: O Guardião das Promessas**. Tradução de: Maria Luiza de Carvalho. Rio de Janeiro: Revan, 1999.

JEWKES, Yvonne. **Media & Crime**. London: Sage Publications, 2004

LÉVI-STRAUSS, C. **The Raw and the Cooked**, London: Cape, 1979

LOMBROSO, Cesare; FERRERO, William. **The Female Offender**, 1903.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. DEPARTAMENTO PENITENCIÁRIO NACIONAL. **Sistema integrado de informações penitenciárias – InfoPen**. Disponível em: <http://www.justica.gov.br/noticias/estudo-traca-perfil-da-populacao-penitenciaria-feminina-no-brasil/relatorio-infopen-mulheres.pdf>. Acesso em 05 de outubro de 2017.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO RIO GRANDE DO SUL. **Caso Bernardo: Denúncia do MP é detalhada durante coletiva de imprensa**. Disponível em: <https://www.mprs.mp.br/noticias/criminal/35342/>; Acesso em: 10 ago. 2017.

MORENO, Rachel. **A beleza impossível**. São Paulo: Agora, 2008.

SERVA, Leão. **Jornalismo e desinformação**. 3a. ed. São Paulo: editora Senac, 2005.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2012.

TAVARES, F. M. B.; SCHWAAB, R. (Org.). **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013.

ANEXOS

A Relação de reportagens analisadas do caso de Elize

# FOLHA DE S. PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

Terça-feira, 5 de Junho de 2012

**ESPECIAL rio-20**

## economia verde

Transição para um novo sistema de produção será o tema central da cúpula

**Relatório mostra a ação pró-ambiente da indústria**

**Ativista que tinha 12 anos na Eco-92 volta ao Brasil**

**País tem muito a fazer para que lixo não seja negligido**



**Principal alvo da 'faxina' de Dilma, PR se alia a Serra**

Ex-ministro demitido após acusações de corrupção costurou apoio a tucano

Ex-ministro do Meio Ambiente, Aécio Neves (à esquerda) discursa no ato que formaliza a aliança com o tucano José Serra.

OPE (Partido da República), principal aliado "securo" da presidenta Dilma Rousseff em seu primeiro ano de governo, formaliza após a reeleição de José Serra à Prefeitura de São Paulo.

O tucano é o principal adversário do PT, que com a eleição integral do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, estaria reconquistando poder na capital paulista.

A aliança, que poderá ser estendida a outras cidades, dará a Serra mais um importante mecanismo de TV.

O acordo foi costurado e formalizado pelo presidente nacional do PR, Alfredo Nascimento, que foi demitido do Ministério dos Transportes após acusações de corrupção no posto.

Instituído, o PR chegou a anunciar que deixaria a base do apoio do governo Dilma, mas finalmente ainda é aliado do PT. Lider do partido e vice do município, Valdemar Costa Brito não esteve no encontro.

"Estamos fazendo aliança com partidos, não com pessoas", disse Serra. **Pablo An.**

**Corpo de executivo da Yuki é achado esquarterado em SP**

Grupo de Marcos Klamon Moraes, 42, ex-vice-chefe de Yuki Mizunuma, foi achado esquarterado perto de Costa (SP). O empresário estava desaparecido desde 20 de maio. No mês mais, a Yuki foi vendida por R\$ 1,7 bilhão a um grupo dos EUA.

A morte, a Justiça determinou a prisão temporária de sua mulher, que negou envolvimento com o político. **gabrielcs**

**ESPORTE**

Renanaldo experimenta e já treina no Atlético-MG

**BOLEIO**

Proteção médica semanal em academias é obrigatória

**JOEL SONIA**

Tô preocupado com a Gretchen, que não casa há dois meses



**DELTA SE DIA 'VÍTIMA DE BULLYING' E TENTA EVITAR A FALÊNCIA**

Alvo de investigação da CPQ4-Catubamba, ex-ministro Delta entrou na Justiça do Rio com pedido de recuperação judicial para evitar entrar a falência.

A situação, que poderá ser estendida a outras cidades, dará a Serra mais um importante mecanismo de TV.

**Ministro nega o fim de abajuel de horários nas TVs**

O ministro Paulo Bernardo (Comunicações) negou que o decreto que regulará o conteúdo de rádio e TV vá proibir o alargamento de horários pelas emissoras. Ele informou que uma medida assim só poderia ser tomada por lei. "Isso não está na minha pauta", disse durante entrevista coletiva no Rio. **Pablo An.**

**MERCADO**

País pode ter milhões de filhos no Facebook

**ATMOSFERA**

Leto "Infraestrutura selgada", melhor artigo na história

**PAÍS SEM A TOLHA**

País sem a tolha de importação de produtos estrangeiros

**MARIA CRISTINA TEIXEIRA**

Para Votorantim, foco deve ser em investimento

**mercado 23**

BC intervém no Conselho do Sul após rebaixar de R\$ 1,2 bil

**ROBERTO**

País sem a tolha de importação de produtos estrangeiros

## ELANTRA 2013

SEGURANÇA, DESEMPENHO, DESIGN E TECNOLOGIA QUE CONQUISTARAM O MUNDO.

**HYUNDAI COM TAXA ZERO**

VEJA NAS PÁGINAS 5, 6 E 7



Hyundai Motor Company

## Executivo da Yoki Alimentos é esquartejado

Marcos Kitano **Matsunaga** sumiu em maio; mulher da vítima teve prisão decretada sob suspeita de crime passionnal

**Cabeça, uma perna e os dois braços foram encontrados num matagal em Cotia, na Grande São Paulo**

ANDRÉ CARAMANTE  
DE SÃO PAULO

O empresário Marcos Kitano **Matsunaga**, 42, diretor executivo da Yoki Alimentos, foi esquartejado.

Os pedaços do corpo do executivo, que estava desaparecido desde o dia 20 de maio, foram localizados em Cotia (Grande São Paulo).

A Yoki era uma das maiores empresas alimentícias do Brasil e foi vendida no mês passado por cerca de R\$ 1,75 bilhão para o grupo norte-americano General Mills.

Na noite de ontem, a Justiça determinou a prisão temporária (por cinco dias) da mulher de **Matsunaga**, Elise Ramos Kitano **Matsunaga**, sob a suspeita de crime passionnal. Até a conclusão desta edição, ela negou envolvimento no crime aos policiais.

A polícia também investiga se o executivo havia feito recentemente um seguro de vida de R\$ 600 mil.

**ENTENDA O CASO** Restos mortais de empresário foram achados na Grande SP



**ONDE FORAM ENCONTRADAS PARTES DO CORPO**  
Estrada dos Pires, em Cotia

**ONDE O EMPRESÁRIO MORAVA**  
Rua Carlos Weber, Vila Leopoldina

O DHPP (Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa), da Polícia Civil, passou a investigar o crime somente na última sexta-feira.

### IMAGENS DO PRÉDIO

De acordo com o advogado Luiz Flávio Borges D'Urso, contratado pelos pais de **Matsunaga** para atuar no caso, câmeras de segurança do edifício mostram o empresário deixando o local na manhã de domingo (20 de maio) sozinho e a pé. Depois disso, ele não foi mais visto.

"Os pais e o irmão do Marcos estão transtornados com a maneira como ele foi mor-

to, de maneira muito cruel, mas eles têm convicção de que a polícia vai conseguir desvendar o mistério sobre tudo o que ocorreu", disse D'Urso ontem à noite, ainda antes da prisão da suspeita.

O advogado afirma ainda que o empresário não recebeu nenhum tipo de ameaça. "Ele não tinha inimigos. É tudo muito estranho."

### ESQUARTEJAMENTO

A cabeça, uma perna e os dois braços do empresário foram encontrados na estrada dos Pires, uma região de mata em Caucaia do Alto, em Cotia, no dia 27 de maio.

### 20.mai

Câmeras mostram o empresário Marcos Kitano **Matsunaga**, 42, saindo de casa, um apartamento na Vila Leopoldina, sozinho e a pé. É o último registro de imagens dele. Depois, as câmeras mostram apenas a mulher dele saindo de casa com uma mala de rodinhas. Família registra o desaparecimento do executivo

### 27.mai

A cabeça e outras partes do corpo dele são encontradas na estrada dos Pires, em Cotia; familiares reconhecem os restos mortais do empresário

### 10.jun

Caso é encaminhado ao DHPP, mas é mantido em sigilo por conta da suspeita de envolvimento de policiais militares

### Ontem

Polícia faz busca no apartamento do executivo e prende a mulher dele

Empresa começou com imigrante japonês em 1960

AGNALDO BRITO  
DE SÃO PAULO

A Yoki remonta a 1960, quando o imigrante japonês Yoshizo Kitano iniciou a carreira de empresário no Brasil. A companhia Kitano comercializava cereais e farináceos. Logo, introduziu especiarias. Nas décadas seguintes, chás e gelatinas.

Entre o fim dos anos 1980 e início dos anos 1990, a Kitano foi vendida. Seis meses depois, foi criada a Yoki, referência às duas primeiras letras de Yoshizo Kitano.

A Yoki apostou em produtos prontos e semi-prontos. Deu tão certo que ela recomprou a marca original.

A empresa fabrica 180 produtos. Em 2011, faturou R\$ 1 bilhão. Há duas semanas, a marca foi vendida para a americana General Mills por R\$ 1,75 bilhão. A operação envolveu ainda o pagamento de uma dívida da Yoki de R\$ 200 milhões.

» LEIA MAIS na pág. C3

**ENTENDA O CASO** Investigação sobre morte de empresário da Yoki aponta mulher como suspeita



**O CRIME**  
 No dia 21, partes do corpo do empresário Marcos Elias Mattosanga, 42, diretor executivo da Yoki Alimentos, foram localizadas em Cotia (Grande São Paulo). Ele estava desaparecido desde o dia 20

**A SUSPEITA**  
 A mulher é Elize Ramos Klitzke Mattosanga, 38, está presa em Curitiba. Ela nega participação no crime



**INDÍCIOS CONTRA ELIZE MATTOSANGA**  
 Seguros e câmeras



**Câmeras de segurança**  
 Mostram Elize deixando o prédio onde estava arrastando três malas. As imagens são de 13h58 no dia 20. Na noite anterior, imagens mostram o marido pagando um entregador de pizza



**Seis anos de Elize**  
 Casada com filho varonilho, bastante parecida com aquelas onde estavam os corpos do corpo de Elize, foram achadas em Curitiba



**Armas**  
 Armas em Elize entregou para policiais à Guarda Civil Metropolitana três armas: duas revólveres e uma pistola de calibre 7,62 mm, o mesmo da usada contra a vítima



**O cartão de crédito e e-mail de Mattosanga**  
 Polícia investigou e encontrou cartões por Elize logo após desaparecimento da vítima

**“Ele entrou no apartamento e as câmeras de vigilância do prédio não mostram a sua saída”**  
 JAMES CAMARGO  
 chefe de polícia

## Traição pode ter motivado morte de executivo da Yoki, diz polícia

Imagens mostram mulher da vítima deixando prédio com 3 malas em 20 de maio; ela voltou sem elas

**Policiais dizem que suspeita contraria um detetive para seguir o marido; presa, ela nega participação no crime**

AROUND CARAVANTES  
 20 de maio

A polícia diz ter indícios de que o empresário Marcos Elias Mattosanga, 42, diretor executivo da Yoki Alimentos, foi morto com um tiro e espartilhado porque sua mulher descobriu que ele a traiu. Desde segunda-feira, Elize Ramos Klitzke Mattosanga, 38, mãe de uma filha de 11 anos do executivo, está presa em Curitiba (paraná) por ordem da Justiça. A polícia, ela nega as acusações.

Os policiais do DDP (departamento de homicídios) suspeitam que Elize contratou um detetive para seguir o executivo. É descrito que, entre 17 e 18 maio, ele saiu com algumas mulheres.

Os investigadores também procuram um homem que, segundo depoimentos, teria ajudado Elize a se desfazer do corpo do executivo.



A mulher da vítima, Elize Ramos Klitzke Mattosanga, é transferida de delegacia para um prédio forense na Grande SP

policiais, esse também é outro indício contra Elize.

**CÂMERAS DO PRÉDIO**

A polícia também afirma que as imagens das câmeras de segurança do prédio onde o caso veio à tona mostram a mulher do executivo.

As câmeras registraram quando marido e mulher, com a filha e a babá, chegaram ao prédio na noite de 19 de maio. Depois, a babá e a empregada deixam o local.

Algum tempo depois, Mattosanga foi filmado descendo para pagar uma pizza. Essa é a última imagem dele vivo.

No dia 20 de maio, por volta das 11h30, Elize foi filmada ao entrar em um carro com três malas com o marido. Ela só retornou por volta da meia-noite, já sem as malas.

**FORAM AO ENTERRO**

Mattosanga foi enterrado em Curitiba, no município de São Paulo. Apesar de pai, Milton, e irmão, Mauro, contemporâneo, segundo uma decisão da família. Havia mais sete pessoas, entre advogados e familiares da empresa.

Não houve velório, mas apenas uma cerimônia de missa mínima, realizada por um padre anglicano.

**OUTRO LADO**

### Mulher negou envolvimento na morte do marido quando foi presa

DE SÃO PAULO

Bacharel em direito e com um currículo de militância no currículo, Elize Mattosanga, 38, nega ter assassinado o marido, Marcos Mattosanga, desde a prisão, quando a polícia apontou a como responsável pelo crime.

De acordo com o delegado Jorge Carrasco, do DDP (departamento de homicídios), Elize não havia sido interrogada formalmente até o fechamento desta edição. Carrasco disse que ela ainda não tinha advogado de defesa.

A reportagem localizou parentes de Elize.

Elize disse à polícia que Mattosanga saiu do apartamento casa na manhã de 20 de maio, entre as 9h e as 10h da manhã, e desapareceu. As imagens gravadas pelas câmeras do prédio não registraram a saída do executivo.

Sobre o fato de sair do prédio com três malas e voltar

sem elas, Elize disse ter decidido viajar para o Paraná, mas que depois teria se arrependido e voltado para casa.

Por conta da viagem, entre o marido e Elize, houve exames psicológicos nas mãos dela para tentar descobrir vestígios de pedras.

Elize está presa em Itaquera (Grande SP). Até o fim de semana, a polícia pediu à Justiça a prisão preventiva (até possível julgamento) ou a prisão da prisão temporária.

### Casal frequentava igreja na periferia e ajudava creche

TALITA RODRIGUES  
 DE SÃO PAULO

Um homem discreto. Assim Marcos Elias Mattosanga é descrito pelos vizinhos do edifício Brasa, na Vila Leopoldina, zona oeste de SP, onde vivia em uma cobertura avaliada em R\$ 1,5 milhão.

Todas as manhãs, o arquiteto formado pela FGV (Fundação Getúlio Vargas) caminhava 22 minutos em direção a um mesadário local, onde comparecia, sempre

sozinho, clamor feroz católico. Na igreja que ele frequentava, a Catedral Anglicana de São Paulo, poucos sabiam que o homem oriental que assistia à missa ao lado da moça Barboza e da filha de cerca de um ano era um executivo importante, afirma o reverendo Aldo Gasparini.

“Ele era um homem muito discreto. Nunca levou um pacote de farinha ou algo que demonstrasse que era um membro da família Yoki.”

O empresário e a mulher

Elize passaram a frequentar a igreja anglicana há cerca de três anos, quando se casaram. Lá batizaram a filha.

Ele era diretor executivo da Yoki, uma das maiores empresas alimentícias do Brasil e que foi vendida no mês passado por cerca de R\$ 1,25 bilhão para o grupo norte-americano General Mills.

Mattosanga era diretor de marketing da filha de três anos da primeira casamento — e a catedral anglicana, acatolico da católica, acatava a nova unidade religiosa.

Quando profeta frequentava a unidade da igreja na Vila Brasilândia, na periferia da zona norte, e não a da Catedral de Fátima, na zona sul, onde costumava ir com filho de maior idade.

Na Vila Brasilândia a igreja mantém uma creche. O diácono, segundo o reverendo, costumava doar brinquedos para as crianças.

“Ele faziam questão de esmolar e entregar pessoalmente”, afirma.



# FOLHA DE S. PAULO

Desde 1921

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO

ANO 92 ★ QUINTA-FEIRA, 7 DE JUNHO DE 2012 ★ Nº 30.381

EDIÇÃO SP/DF ★ CONCLUÍDA À 0H20 ★ R\$ 3,00

## Mulher confessa que esquartejou executivo da Yoki, diz polícia

A bacharel em direito Elize **Matsunaga**, 38, confessou, **segundo** a polícia, ter matado e esquartejado o marido, o executivo da Yoki Marcos **Matsunaga**, 42.

Em **oito horas** de depoimento em São Paulo, ela disse ter atirado na cabeça dele numa briga por causa de ciúmes. Elize afirmou que cortou o corpo com uma faca e que agiu sozinha — o que a polícia questiona. **Cotidiano C1**

### PREPARE-SE PARA O FERIADO

**Piores horários para viajar**  
Anhanguera/ 9h às 13h  
Bandeirantes  
Castello Branco 7h às 15h



Elize Ramos ao chegar para depor na manhã de ontem

## STF começará a julgar mensalão em 1º de agosto

Expectativa é que decisão sobre escândalo do governo Lula, há sete anos, seja anunciada perto das eleições

O Supremo Tribunal Federal decidiu que o julgamento do mensalão terá início em 1º de agosto — a expectativa é que se estenda pelo decorrer de setembro.

O ministro revisor da ação penal, Ricardo Lewandowski, disse que concluirá a análise até o fim de junho.

Denunciado há sete anos pelo deputado Roberto Jefferson à **Folha**, o escândalo da compra de apoio político com dinheiro público foi o maior do governo Lula.

A condenação ou absolvição dos 38 réus deve sair antes do primeiro turno das eleições municipais.

A realização do julgamento no segundo semestre pode impossibilitar a participação de Cezar Peluso, que completará 70 anos no início de setembro e terá de se aposentar compulsoriamente.

Segundo o Supremo, a saída do ministro não inviabiliza o julgamento. **Poder A6**

# cotidiano

**POLÊMICA**  
Religiosas  
críticas à proposta  
de redução de  
danos do aborto  
Pg. C3

**LITORAL**  
Prédios tortos da  
orla de Santos  
têm inclinação  
de até 1,80 m  
Pg. C3



Elize chega alegando para prestar depoimento ao departamento de homicídios

“Ela confessou espontaneamente ser a autora do homicídio e que o praticou sozinha”

JOSÉ CARNEIRO  
Ator de 2017

Eles nunca tomaram conhecimento de qualquer tipo de problema entre o casal

AURA ALMEIDA LARETA  
Advogada de família de Elize

A família está mais uma vez absolutamente chocada. A família que perde o filho assassinado, espartilhado, tem confirmado agora que isso se deu de maneira fútil e brutal

LEI FÁBIO BORGES DE SAES  
Advogado dos familiares de Elize

## Mulher confessa ter espartilhado executivo da Yoki, afirma polícia

Acusada diz em depoimento que atirou no marido durante discussão provocada por ciúmes

**Elize Matsunaga** disse à polícia ter usado uma arma que havia ganhado do próprio marido para atirar na cabeça dele

ANDRÉ CARANANTE  
de São Paulo

Entre crises de ciúmes e momentos de fúria, Elize Matsunaga, 36, confessou ontem, segundo a polícia, ter matado e espartilhado o marido, o executivo Marcos Kitano Matsunaga, 42.

Após o depoimento de cerca de oito horas, ela disse ter dado um tiro na cabeça do marido após uma discussão, seguida de agressão, provocada por ciúmes. Desse tiro era um dos herdeiros da Yoki Alimentos, vendida recentemente a um grupo norte-americano por R\$ 1,7 bilhão.

A polícia diz acreditar que Elize contraiu um delírio e descobriu que era traidora. Na discussão na sala, disse, o marido a agrediu com um tapa. Ela, então, pegou uma pistola .380 taca — presente dado pelo marido — e atirou nele.

O crime ocorreu de 19 para 20 de maio no apartamento do casal, a cobertura de um prédio na Vila Leopoldina, zona oeste de São Paulo.

Antes da descoberta da morte, a polícia investigou o desaparecimento do executivo, registrado em 22 de maio por seu irmão.

**O CRIME**

Pela versão dada à polícia, Elize — sem a ajuda de ninguém — levou o corpo do marido da sala para o banheiro do quarto de hóspedes dos funcionários da família e conseguiu costurá-lo com uma faca.

Um médico legista ouvido sob anonimato afirmou que a versão de Elize para o espartilhamento era a ajuda de ninguém é possível com uma faca de cozinha limpa.

A filha do casal, de 16 anos, estava no apartamento na hora do crime. Elize e Matsunaga se casaram há dois anos.

A polícia investiga se Elize agiu sozinha quando espartilhou o marido, colou nele o corpo em sacos plásticos e o jogou em um terreno baldio em Cotia, na Grande São Paulo.

“Talvez o que ela disse na investigação será chegado ao final, mas ela confessou espontaneamente ser a autora do homicídio e que o praticou sozinha. Ela realizou a tese de que o crime foi passional”, disse Jorge Carneiro, delegado da Polícia Civil.

Apesar de Elize sustentar que cometeu o crime sozinha, uma testemunha disse ter visto um motociclista jogar sacos amarrados, nos vasos por ela em Cotia. A polícia tenta identificar o suspeito.

Após atirar no marido, Elize, que também tem formação técnica em enfermagem, disse que esperou cerca de dez horas o corpo esfriar para enviar um sarrafamento maior da vítima.

Na presença de seu advogado, Luciano Sorrento, Elize confessou demonstrar de quatro horas para espartilhar o marido. Depois, tempo a bochecha para evitar contatos.

A faca e os três metros usados para lavar o corpo do em presépio não foram achados.

Outra, a prisão temporária de Elize foi prorrogada por mais 15 dias pela Justiça.

O tratamento do telefilme celular de Elize aponta que, em 20 de maio, ela estava em Cotia, onde as partes do corpo foram jogadas.

Elize afirmou também que se lembra do corpo no momento do crime que costurava para passar pela região a caminho de um sítio em Itaipava.

Cinco dias após o crime, Elize comprou botas Lonsdale Valtour no shopping Iguazú com o cartão do marido.

Após, a polícia tenta descobrir quem usou o cartão de crédito executivo, a partir de um celular, após sua morte.

A mensagem foi enviada para o telefone de um dos irmãos de Elize, Marcos Kitano Matsunaga, e dizia “só tá no celular”.

**COMO FOI O CRIME**

Segundo informações da polícia sobre o depoimento de Elize Matsunaga



**19 mai**  
Por volta das 19h, marido e mulher, com a filha e o bebê, chegam ao prédio. Depois, todos desce o local



**20 mai**  
Ela dirige até a entrada da Fies, em Cotia, onde atira os pedregal. As mãos e a faca são jogadas em outro local



Por volta das 23h50, Elize volta ao prédio sem as mãos

FOLHA.COM  
Veja imagens das câmeras do prédio da casa: [bit.ly/1u6v11A17](http://bit.ly/1u6v11A17)

Familiares de acusada pedirão guarda da bebê

ESTRELA BASS CARAZZINI  
de Curitiba

A família de Elize Matsunaga, que vive no interior do Paraná, pretende pleitear a guarda mensal de um ano que ela teve com o marido. Marcos Kitano Matsunaga.

Os advogados e advogado da família de Elize, Aura Almeida Lareta, se desentendem “chocados” com o crime e com a confissão.

“Eles nunca tomaram conhecimento de qualquer tipo de problema entre o casal”, afirmou à Folha.

Toda a família de Elize é de Champagnat, município de 19 mil habitantes no sudoeste do Paraná (a 794 km de Curitiba). Foi lá que Elize nasceu e onde ainda mora boa parte de sua família, incluindo mãe, tio e duas irmãs.

Segundo o advogado, uma tia de Elize viajou a São Paulo ontem para falar com a filha que ela teve com Matsunaga. Nos últimos dias, porém, conseguiu contato com a suspeita só agora.

A mãe de Elize, uma costuradeira, está em tratamento contra um câncer e é em “delicado estado de saúde”, de acordo com o advogado. Por isso, segundo ele, ainda não viajou a São Paulo para ver a filha ou o neto.

## Confissão chocou família de vítima, diz advogado

de São Paulo

“A família está mais uma vez absolutamente chocada. A família que perde o filho assassinado, espartilhado, tem confirmado agora que isso se deu de maneira absolutamente fútil, banal, inexplicavelmente realizado dentro do período de espartilhamento com alguém que convivia com todos os familiares.”

Foi assim que Luiz Flávio Borges D’Uso, advogado dos familiares do executivo Marcos Kitano Matsunaga, definiu ontem **terroreiros**, depois de Elize Matsunaga ter confessado o crime.

“A família está mais uma vez com essa revelação, com sua confissão”, continuou.

Após ser questionado sobre como Elize **espartilhou** se espartilhou, **terroreiros** não ter detalhes sobre a vida privada do casal.

Ele disse que o casal tinha uma vida normal e não demonstrava que tivesse ocorrido algum tipo de briga.

Segundo o advogado, “desde o primeiro momento, todos os elementos colhidos na investigação foram reforçados a tese desse homicídio seguido de espartilhamento”.

Para D’Uso, as manchas de sangue encontradas no apartamento podem ajudar a polícia a descobrir com detalhes como a parte do corpo de Matsunaga foram desmembradas.

D’Uso disse também que as imagens do prédio onde o casal vivia serviram para desmontar a primeira versão de Elize para o crime.

Muito primeiro momento, ela disse que o marido havia sido do prédio entre as 19h e as 19h de 20 de maio, mas as imagens provaram que, depois de buscar uma pizza na noite de 19 de maio, o empreendimento nunca foi visitado.

**MEMÓRIA**  
IMGRANTE JAPONÊS, AVÓ CRIOU EMPRESA

A história da Yoki começou em 1946, quando Yoshio Kitano (avô da vítima) criou a Kitano para vender cereais. A empresa acabou vendida, mas, pouco depois, em 1990, foi criada a Yoki — sigla inicial do nome do fundador. A aposta em produtos prontos deu certo e ela reconstruiu a origem.

A marca foi vendida há 2 semanas por R\$ 1,7 bilhão para a General Mills, dos EUA.

## Comboio da ONU leva tiro e é barrado em missão na Síria

O regime sírio impediu ontem a visita de uma missão das Nações Unidas a uma aldeia na qual ao menos 78 pessoas haviam sido mortas um dia antes. Segundo Ban Ki-moon, secretário-geral da ONU, os observadores também foram alvo de tiros. Não houve feridos.

Ban rotulou o novo massacre, na região central do país, como uma "barbárie inominável". **Mundo A17**

## Técnica 'lê' DNA do feto a partir de saliva do pai e sangue da mãe

Pesquisadores dos EUA conseguiram pela primeira vez determinar praticamente todo o genoma de um feto humano a partir de amostras do sangue da mãe grávida e da saliva paterna.

A nova técnica pode permitir o diagnóstico de algumas doenças e não traz risco ao bebê, diferentemente da coleta de células da placenta ou amostras do líquido amniótico. **Saúde C9**

MÔNICA BERGAMO

Alckmin quer dar bônus a negros em concurso público

O governador Geraldo Alckmin estuda adotar em SP



SEM TAPETE Sacos de serragem em Santana do Parnaíba, que, por conta da chuva, não foram usados na festa de Corpus Christi; o tempo abre amanhã em SP Poder A4 e Cotidiano C6

# Subsídio via BNDES foi de R\$ 28 bilhões em três anos

Custo do Tesouro com empréstimos ao banco sobe desde a crise de 2008

Os empréstimos do Tesouro ao Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social em 2009, 2010 e 2011 custaram aos contribuintes R\$ 28,2 bilhões. O valor consta de recente relatório do TCU (Tribunal de Contas da União).

O subsídio é a diferença entre os juros que o Tesouro Nacional paga para tomar dinheiro no mercado e as taxas mais baixas que o banco cobra ao emprestar os recursos para as empresas.

Desde a crise de 2008, o governo tem ampliado a capacidade do BNDES de prestar ao setor produtivo. O Tesouro, desde então, repassou R\$ 282,4 bilhões ao banco de fomento.

Para o governo, esses empréstimos compensam porque aquecem a economia e, mais à frente, retornam aos cofres públicos por meio da ampliação da arrecadação de impostos. Em 2012, o Tesouro poderá repassar R\$ 45 bilhões ao banco. **Poder A4**

## Para reaquecer economia, China corta taxa de juros

O banco central chinês cortou os juros de curto prazo em 0,25 ponto percentual com o objetivo de reverter a desaceleração da economia, visível em dados recentes da indústria. A taxa de empréstimo para um ano caiu a 6,31%, no primeiro corte desde 2008. **Mundo A15**

## Mulher afirma que matou marido para não perder filha

A defesa de Elize Matsunaga disse que ela matou o marido, Marcos Matsunaga, porque ele ameaçou tomar a guarda da filha caso se separassem. Segundo seu advogado, ela cogitou chamar a polícia após atirar no executivo da Yoki, mas desistiu e o esquitejou. **Cotidiano C1**

# cotidiano

**RODOVIÁRIA**  
Prefeitura 'desengaveta' projeto para dois novos terminais  
Pág. C3 >

**HOMOFOBIA**  
Crescem as investigações de crimes contra homossexuais  
Pág. D6 >

## Disputa por filha causou morte de executivo da Yoki, diz defesa

Segundo advogado, Marcos **Matsunaga** ameaçava ficar com guarda da criança em caso de separação

**Advogado de Elize Matsunaga afirma que executivo esfaquejado a conheceu quando ela era garota de programa**

ARNEDE CARVALHO  
DE SÃO PAULO

A **Yoki**, em direito Elize **Matsunaga**, 36, disse ter conhecido o executivo Marciano **Matsunaga**, 42, porque tinha sido garota de programa de perder a guarda em uma possível separação do casal.

Essa é a resposta do advogado de Elize, Luciano Santos, sobre as justificativas de sua ex-aluna no curso de direito da Unip (Universidade Paulista) para o crime cometido aos herdeiros da Yoki Alimentos, vendida recentemente a um grupo norte-americano por R\$ 1,75 bilhão.

"O casal atravessava uma crise conjugal há pelo menos um mês e, nesse período, Elize pediu a separação três vezes, mas o Marcos dizia que se ela fosse embora ficaria sem a filha. E a Elize pensou como a mãe que nunca aceitaria ficar longe da filha", disse Santos.

Segundo o advogado, ao contrário do que disse a polícia, o decisão de cometer o crime partiu da própria Elize. Quarta-feira, a polícia anunciou que ela confessou após ser confrontada com indícios — rastreamento do celular e imagens das câmeras do prédio onde o casal vivia, na Vila Leopoldina (zona oeste).

Aí, agora, sete pessoas foram ouvidas na investigação. Desde então está o deslinde particular construído por Elize para seguir o marido e que comprovou que ele a traiu.

A polícia, o detetive disse que Elize precisava de dinheiro, mas, um dia após o crime, para pegar imagens do executivo com a amante.

As imagens foram gravadas entre 17 e 19 de maio, quando Elize, a filha e uma babá viajaram para Choptank, no Panamá, a 206 km de Curitiba, para visitar avô e a avó.

**O CRIME**  
Elize confidenciou à polícia ter matado o marido e o esfaquejado na cobertura de quase 300 m² onde o casal, que tinha um filho de pouco mais de um ano, morava. A criança dormia no apartamento quando o pai foi morto.

Segundo o advogado Luciano **Matsunaga**, a conhecida Elize **Matsunaga** não era garota de programa, quando ela era garota de programa.

Elize não tem vínculo com o **Matsunaga** quando o presidente **Matsunaga** a ligou e acabou agredido por ele com uma tampa de vidro. No vídeo, pega uma pistola .380 mm e atira em sua cabeça.

"Ela chegou a pensar em ligar para a polícia e confessar o crime logo após o disparo, mas buscou uma solução para manter com o corpo e não comprometer sua situação, principalmente perante a opinião pública", disse Santos.

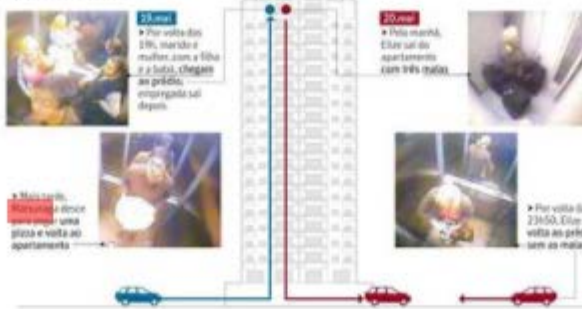
O advogado da família de **Matsunaga**, Luiz Hlévio **Freitas**, não foi encontrado ontem para comentar a versão do defensor de Elize.

### O CRIME SEGUNDO A DEFESA

Acusada matou, em reprodução simulada, como matou e esfaquejou o marido



### IMAGENS DO CIRCUITO INTERNO DO CONDOMÍNIO



### PERGUNTAS SEM RESPOSTA

- O crime foi passional ou premeditado?
- Elize recebeu ajuda para se livrar das partes do corpo?
- Quem é o mototelefone que uma testemunha viu jogar sacas de lixo azuis na região de Cotia?
- Onde estão o facho usado para o esfaquejamento e as malas utilizadas para tirar o corpo do prédio?



Policiais com o corpo do morto em simulação da morte do empresário Marcos **Matsunaga**

## Matsunaga guardava armas e munições no banheiro

**JORNAL IZUMO**  
DE SÃO PAULO

Genocídio Marcos **Matsunaga** (reprodução de um dos banheiros de seu apartamento em um vídeo para garantir as 30 armas lá armazenadas)

A polícia afirmou que a pistola .380 mm usada no crime foi encontrada durante a reprodução simulada, guardada no cômodo junto com outras armas e munições.

**Matsunaga**, uma pistola .380 mm, que recebeu matando o executivo da Yoki.

O armamento foi apreendido pela polícia durante a reprodução simulada de seu bônus de seguro de esfaquejamento.

Parte das cartuchos, fuzis, submetralhadoras e outras pistolas estava empilhadas por outros cômodos do apartamento de quase 300 m² do casal, na Vila Leopoldina, na zona oeste de São Paulo.

**Matsunaga** não foi encontrado em um esboço no prédio onde morreu.

De acordo com a polícia, todas as armas que o executivo Yoki mantinha em seu apartamento, mesmo as de uso exclusivo das Forças Armadas, eram legalizadas e liberadas para a condição de colecionador.

Todas as armas foram apreendidas pela polícia e, segundo o advogado de Elize, Luciano Santos, esse foi um pedido da defesa da acusada, que tentou deixar o apartamento no apartamento onde aconteceu apenas a filha de 1 e uma tia que veio do Paraná para ficar com a criança.

“O casal tinha uma crise conjugal. Elize pediu a separação três vezes, mas o Marcos dizia que se ela fosse embora ficaria sem a filha. Ela pensou como a mãe que nunca aceitaria ficar longe da filha”

Ela chegou a pensar em ligar para a polícia e confessar o crime logo após o disparo, mas buscou uma solução para sumir com o corpo e isso complicou sua situação

LUCIANO SANTOS, advogado de Elize **Matsunaga**, que confidenciou ao jornalista Arne de Carvalho, o crime cometido por ela

Clamor popular impede júri técnico, dizem especialistas

EDUARDO CERDAS  
DE SÃO PAULO

O clamor popular em torno de alguns crimes, como a morte esfaquejada do executivo Marcos **Matsunaga**, 42, impede um julgamento técnico para esses atos, afirmam especialistas.

“Em casos assim, aquilo que talvez fosse juridicamente muito importante, passa a ser essencial para a sociedade”, diz Roberto Fedral, criminalista acostumado a participar de júris simulados.

Ele citou, por exemplo, o julgamento do caso Isabella, na defesa de Alexandre Heróides e Aécio Carreira Júnior, pai e madrasta da menina. Os dois foram condenados a mais de 30 anos de prisão.

No caso de Elize **Matsunaga**, que confessou ter matado o marido, diretor do grupo Yoki, com um tiro, sua sentença também deve ser definida por um júri popular.

“A teoria do crime está definida. O júri vai discutir a atenuação”, afirma Fedral. O criminalista também se posiciona a favor do julgamento da Yoki acusado em matéria de **Yoki** Roger Passal, que é seu irmão. Em 2001, ele matou a esposa em uma noite de insônia, Maria do Carmo Alves.

Julgado em 2002, Passal recebeu pena de 12 anos, mesmo foi preso. Ele aguarda a aplicação de seu direito de liberdade, após obter um habeas corpus no STF. Fedral, porém, entende, defendeu a tese da legítima defesa.

Caso o esfaquejamento “intencional”, não parecer do advogado Alberto Torres, o juiz, nessas situações, entre quase condenado ao júri. Ele afirma como assistente de acusação de **Yoki** von **Yoki** e defendeu o ex-pai Nicolas dos Santos Neto.

De acordo com o criminalista, “o clamor popular” inflado pela mídia, cria um efeito compressivo, que pode interferir para os dois lados. “No caso da **Matsunaga**, sabemos que me sentiria veleidado com vento de popo”, diz.

A polícia do Palácio Ilustre de exemplo oposto para **Matsunaga**, que não atire no caso. “Todos noticiaram que o prédio havia sido erguido para a filha da mãe. Mas ninguém disse que o pai desmentiu isso na sentença. Houve um erro estrutural.”

## Construtora troca terceirizado por mão de obra fixa

Com o aquecimento do mercado imobiliário, construtoras estão aumentando a contratação de funcionários próprios e diminuindo a terceirização. O atraso na entrega de obras e o crescimento de ações trabalhistas também contribuem para esse movimento. **Mercado B1**

João Walner - 06.dez.2005/folhapress



★ **FOLHA DE SÃO PAULO**  
★ SÁBADO, 9 DE JUNHO DE 2012 C1

## FOLHINHA

Estreia na sexta novo canal 'sem violência' para crianças Pág. 4

## SAÚDE

Inteligência de autista deve ser estimulada, diz psiquiatra c10

## ILUSTRADA

Livro mostra



## Com o corpo de diretor da Yoki no carro, Elize parou em blitz

Um dia após matar Marcos Matsunaga, herdeiro da Yoki Alimentos, Elize Matsunaga foi parada pela polícia rodoviária na região de Capão Bonito (226 km de SP), na SP-127, por estar com o licenciamento vencido. Ela seguia rumo ao Paraná. Não houve revista: Elize foi multada e decidiu retornar a São Paulo. Ela levava no seu Pajero TR-4 as três malas com o corpo esquartejado do marido. **Cotidiano C1**

# cotidiano

**TRÂNSITO**  
Tatuapé tem rua com rush parecido com da Faria Lima  
Pág. C4 ▶

**ACIDENTE**  
Motorista fica 5 dias soterrado por laranjas e sobrevive  
Pág. C7 ▶

## PM parou carro de mulher com o corpo de executivo

Elize Matsunaga, 30, foi multada por PMs e foi liberada no interior paulista

**Polícia considera o caso esclarecido; garota de programa com quem a vítima traía a mulher ainda vai ser ouvida**

ANDRÉ CARAMANTE  
DE SÃO PAULO  
JOSMAR JOZINO  
DO "AGORA"

A bacharel em direito Elize Matsunaga, 30, foi parada pela Polícia Militar Rodoviária de SP, no dia 20 de maio, quando levava em seu carro as três malas com o corpo esquartejado do marido, Marcos Matsunaga, 42, herdeiro da Yoki Alimentos e morto por ela no dia anterior.

Elize foi parada porque o carro dela, uma Pajero TR4, estava com o licenciamento vencido havia dois dias.

Os PMs foram avisados por um "radar inteligente" sobre a pendência e pararam o veículo na Rodovia Antônio Romano Schincariol, a SP-127.

Segundo a PM, a abordagem tinha o objetivo de aver-

riguar a situação do carro e do condutor (possíveis sinais de alteração ou atitudes suspeitas).

O carro não foi revistado e Elize seguiu viagem. A multa foi aplicada na região de Capão Bonito (226 km de SP), quando Elize ia ao Paraná, onde ela jogaria as partes do corpo de Matsunaga.

## Mãe afirma que perdoa filha por matar o marido

LÉO ARCOVERDE  
DO "AGORA"

Dilta Ramos Araújo, 54, mãe de Elize, disse ontem que perdoa a filha pelo assassinato e esquartejamento do marido.

"Ninguém tem o direito de tirar a vida de ninguém, mas sou evangélica e tenho de perdoar a minha filha."

Dilta frequenta a Igreja

## Assembleia de Deus.

Ela é auxiliar de serviços da Prefeitura de Chopinzinho (PR) e disse que conversou com a filha no dia 18, véspera do crime.

"Ela não comentou nada com a gente de flagrar o Marcos. Também não contou nada sobre nenhum problema que enfrentava no casamento. Minha mãe é de idade e a Elize queria que ela visse a sua filha", disse.

Dilta disse que não sabe como será a próxima conversa com a filha. "Não sei quando poderei visitá-la", afirmou a mãe.

Em certo trecho, Elize se arrependeu da viagem por causa da filha de um ano, voltou para São Paulo e jogou as malas em Cotia.

Às 23h53 do dia 20, Elize voltou para a cobertura do casal, na Vila Leopoldina (zona oeste de SP), onde câmeras de segurança do condomínio a flagraram sem as malas.

Elize disse que jogou as malas vazias numa caçamba na região da USP.

A faca usada no esquartejamento foi jogada perto de um shopping center na zona oeste paulistana.

Para a polícia, a morte de Matsunaga está totalmente esclarecida. Apenas a garota de programa com quem ele traía Elize será interrogada na próxima semana. A polícia investiga se Matsunaga apresentou a amante com um carro novo, blindado, de aproximadamente R\$ 100 mil.

Elize confessou o crime e foi indiciada pelos crimes de homicídio duplamente qualificado (motivo fútil e meio cruel) e ocultação de cadáver. Elize e Matsunaga se conheciam desde 2004 e estavam casados havia dois anos. O executivo a conheceu quando ela trabalhava como garota de programa e atendia por meio de um site.

Ontem, a Polícia Civil informou que Elize, ao contrário do que havia sido dito pelas próprias autoridades policiais, tem 30 anos e não 38.

## O CRIME SEGUNDO A DEFESA

Acusada mostrou, em reprodução simulada, como matou e esquartejou o marido



## CASO YOKI

## Assassina de empresário de SP reclama do tamanho de cela

**DE SÃO PAULO** - Presa por ter matado e esquartejado o marido, a bacharel em direito Elize Matsunaga, 30, reclamou para policiais civis da cela de 9 metros quadrados, na Cadeia Pública de Itapevi (Grande São Paulo), onde está desde terça-feira.

Por ter curso superior, Elize está numa cela isolada. Ao todo, a Cadeia Pública de Itapevi abriga 80 mulheres.

Na manhã de sexta-feira, Elize, segundo policiais, comparou a cela com a cobertura onde vivia até ser presa, na Vila Leopoldina (zona oeste de São Paulo).

Segundo o relato, ela disse que o local é menor do que a cama em que dormiu até segunda-feira, quando foi presa.

Depois de reclamar do espaço onde está confinada, Elize almoçou o que todas as outras presas receberam: arroz, feijão, frango e salada.

Ex-garota de programa e também com curso técnico de enfermagem no currículo, Elize confessou à polícia ter matado o marido, Marcos Matsunaga, 42, entre 19 e 20 de maio, depois de uma discussão motivada porque ela descobriu ser traída por ele.

Matsunaga era um dos herdeiros da Yoki Alimentos, uma das maiores empresas alimentícias do Brasil.

A empresa foi vendida recentemente para um grupo norte-americano por R\$ 1,75 bilhão.

**CLUBE DE TIRO**

### CLUBE DE TIRO

Foi o Matsunaga quem ensinou Elize a atirar e, segundo a investigação policial, a mulher se tornou uma exímia atiradora ao fazer aulas de tiro em um clube localizado na rua Tonelero, na Lapa (zona oeste de São Paulo).

Uma pistola 380 dada de presente por Matsunaga a Elize foi a arma usada por ela para dar um tiro na cabeça do marido. Depois disso, ela esquartejou o corpo dele e jogou as partes em Cotia (Grande São Paulo). (ANDRÉ CARAMANTE E JOSMAR JOZINO)

» LEIA MAIS NA PÁG. C5

# 'Ela queria ter uma vida melhor', diz mãe de Elize Matsunaga

Dilta Ramos Araújo, 54, afirma que a filha nunca contou detalhes sobre como vivia com o marido

**Elize confessou ter matado e esquartejado seu marido, Marcos Kitano Matsunga, executivo da Yoki**

sava com muita gente". Mas, como a mãe trabalha na prefeitura há 20 anos e uma tia é enfermeira do hospital da cidade, a notícia de que uma filha de Chopinzi-

nho cometeu o assassinato e o esquartejamento do marido, em São Paulo, se espalhou rapidamente, assim que a imagem de Elize passou na televisão.



Dilta Araújo, mãe de Elize, em sua casa, em Chopinzinho

“Estou arrasada. Você não sabe como se sente uma mãe em uma situação dessas

Não sei como vou superar isso tudo. Só sei do que ocorreu pela televisão. Ainda não falei com minha filha

Eles vieram juntos para Chopinzinho algumas vezes e nunca percebemos nada

DILTA RAMOS ARAÚJO, 54  
mãe de Elize Araújo Kitano Matsunaga

**LÉO ARCOVERDE**  
DO "AGORA", ENVIADO ESPECIAL A  
CHOPINZINHO

Elize Araújo Kitano Matsunaga, 30, —que na última semana confessou ter matado e esquartejado o marido, Marcos Kitano Matsunaga, executivo da Yoki— teve uma infância e juventude tranquilas no interior do Paraná.

Estudiosa, sempre tirou boas notas no colégio Genec, escola particular de Chopinzinho (394 km de Curitiba), onde nasceu e viveu até concluir o ensino médio.

A amigos sempre confidenciou a vontade de viver numa cidade grande. “[Elize] Queria estudar e trabalhar fora e ter uma vida melhor”, diz a mãe, Dilta Ramos Araújo, 54.

A mais velha de três irmãs, Elize sempre viveu na mesma casa, de 30 m<sup>2</sup> e tijolos à vista. Nela, vivem hoje a mãe, o padrasto, a irmã caçula, Naina, 21, e o filho de Naina.

Frequentava esporadicamente a paróquia São Francisco de Assis. Além de estudar, trabalhou como secretária em um escritório.

Elize se mudou para Curi-

**Walmart** É MENOR PREÇO

**Datafolha** comprova mais uma vez: **Walmart é menor preço.**

Confira a nova pesquisa Datafolha no [www.walmartmenorpreco.com.br](http://www.walmartmenorpreco.com.br). Os preços dos produtos aqui anunciados não foram necessariamente pesquisados pelo Datafolha.

TV32" LCD

TV32" LED

**SAMSUNG**

Elize se mudou para Curitiba há cerca de dez anos, para estudar enfermagem. Três anos depois, foi para São Paulo, onde estudou direito.

Sempre teve uma relação próxima com a mãe. "Ela sempre ligava pelo menos uma vez na semana. Em datas como Natal e Dia das Mães mandava presentes."

Elize nunca contou detalhes de como levava a vida em Curitiba e em São Paulo. Por isso, a mãe diz que nunca soube que a filha trabalhou como garota de programa e enfrentou problemas no casamento com **Matsunaga**.

"Eles vieram juntos para Chopinzinho algumas vezes e nunca percebemos nada."

#### 'PELA TELEVISÃO'

Apesar de ter nascido e vivido em uma cidade de 19 mil habitantes, Elize não é conhecida da maioria dos moradores de Chopinzinho. Quem conhece algum familiar dela, diz que a enfermeira e bacharel em direito "foi embora há muito tempo" e "não conver-

**'No dia em que falar com ela, vou perguntar por quê?'**

DO "AGORA"

A funcionária pública Dilta Ramos Araújo, 54, mãe de Elize Araújo, 30, diz que "nunca vai superar o trauma" de a filha ter assassinado e depois esquarterado o corpo do genro, Marcos Kitano Matsunaga, 42.

"Não sei como vou superar isso tudo. Por enquanto, só sei do que ocorreu pela televisão. Ainda não falei com a minha filha. No dia em que eu conversar com ela, vou perguntar para ela por que isso aconteceu?"

Dilta diz que, depois do crime e da repercussão que o caso ganhou, a vida dela "está de cabeça para baixo". "Estou arrasada. Você não sabe como se sente uma mãe em uma situação dessas."



**TV 32" LCD**  
A partir de: **R\$ 798,00**  
12x R\$ 66,50



**TV 32" LED Samsung**  
Ref.: D4003  
A partir de: **R\$ 1.098,00**  
12x R\$ 91,50



**TV 42" LCD**  
Full HD 1080  
A partir de: **R\$ 1.298,00**  
12x R\$ 108,16



**TV 51" Plasma**  
A partir de: **R\$ 1.998,00**  
12x R\$ 166,50



**DVD**  
A partir de: **R\$ 68,00**



**DVD Samsung**  
Ref.: C360KS  
A partir de: **R\$ 148,00**  
3x R\$ 49,33



**Blu-Ray**  
A partir de: **R\$ 258,00**  
8x R\$ 32,25

**Pague em até 12x SEM JUROS no seu**

Central de Relacionamento com o Cliente: 0800-7055050 ou [walmartvoce@wal-mart.com](mailto:walmartvoce@wal-mart.com).

Os preços citados neste impresso são em Reais e válidos de 10 a 16/06/2012 ou enquanto durarem os estoques, prevalecendo o que ocorrer primeiro, para as lojas mencionadas. Garantimos a quantidade mínima de 10 unidades por loja dos produtos aqui anunciados, na data de início de validade desse impresso. Não vendidos por atacado. Quantidades limitadas. Fotos ilustrativas. Lojas e horários: GRANDE SP - Aricanduva Seg a Sex das 8h às 23h; São das 8h às 24h (Dom/Fer das 8h às 23h); Indaiatuba Seg a Sex das 7h às 23h; São e Dom das 8h às 23h; Osasco Seg a Sex das 8h às 24h; São e Dom das 8h às 23h; Pacaembu Seg a Sáb das 8h às 23h (Dom/Fer das 8h às 23h); Santa André Seg a Sáb das 8h às 23h (Dom/Fer das 8h às 23h); - S. Bernardo do Campo das 7h às 24h - São; Central Plaza das 8h às 23h - Tumburá Seg a Sáb das 8h às 24h (Dom/Fer das 8h às 23h); - Morumbi Seg a Sáb das 8h às 23h (Dom/Fer das 8h às 23h); - V. Guilherme Seg a Sáb das 8h às 23h (Dom/Fer das 8h às 23h); - Leopoldina das 8h às 23h - Washington Luis das 7h às 24h - Guarulhos Seg a Sex das 8h às 23h; São e Dom das 8h às 23h - Grajaú Viana Seg a Sáb das 8h às 23:30h (Dom/Fer das 8h às 23h).

Outras opções online [www.walmart.com.br](http://www.walmart.com.br)

C8 cotidiano ★ ★ ★ SEGUNDA-FEIRA, 11 DE JUNHO DE 2012

FOLHA DE S. PAULO

# Executivo da Yoki me deu carro, diz amante

Garota de programa teria sido o estopim de discussão que resultou no assassinato do empresário Marcos **Matsunaga**

**Prostituta diz durante depoimento sigiloso à polícia que ela e a vítima se relacionavam desde o início do ano**

JOSMAR JOZINO  
DO "AGORA"  
ROGÉRIO PAGNAN  
DE SÃO PAULO

Uma garota de programa conhecida como Natália afirmou à polícia de São Paulo ter mantido, desde o começo do ano, um relacionamento amoroso com Marcos Matsunaga, 42, executivo da Yoki.

Afirmou, ainda, ter recebido um carro de presente do empresário, mesmo sem saber dirigir, e que esteve com ele nos três últimos dias antes de sua morte, em maio.

O caso com Natália, que não teve o nome verdadeiro divulgado, teria sido o estopim da briga entre Matsunaga e sua mulher, a bacharel de direito e ex-garota de programa Elize **Matsunaga**, 30.

Elize está presa desde a semana passada. Ela confessou ter matado o marido com um tiro na cabeça e, depois, esquarterado a vítima. Os pedaços do corpo foram jogados em Cotia (Grande São Paulo).

"O início da discussão foi essa traição. O início, mas não foi só por isso que teve todo o desfecho", afirmou o advogado de defesa de Elize, Luciano Santoro.

Segundo ele, o principal motivo foram as ameaças feitas pelo marido de que ela perderia a guarda da filha em uma eventual separação.

O depoimento da garota de programa vinha sendo man-

tido em sigilo. Na tarde de ontem, nem Santoro nem Luiz Flávio Borges D'Urso, advogado da família **Matsunaga**, sabiam que a **mulher tinha** sido ouvida pela polícia.

#### RASTREAMENTO

A polícia chegou a Natália por meio do detetive contratado por Elize para investigar a infidelidade do marido.

A assassina confessa conheceu **Matsunaga** em um site de relacionamento quando era garota de programa.

Foi no mesmo site que Matsunaga conheceu Natália, uma morena de Minas Gerais, que, segundo policiais, seria

mais jovem que Elize.

D'Urso disse que seria importante ouvir Natália, para saber se **Matsunaga** tinha contado algo. Importante também seria, segundo ele, ouvir o policial rodoviário que falou com Elize quando ela (ainda com os pedaços do marido dentro de malas) foi abordada em posto policial.

"É fundamental ouvi-lo para saber se ela estava realmente sozinha", disse. O advogado defende ainda que a polícia deveria ouvir mais uma vez o reverendo amigo da família que disse ter alertado **Matsunaga** dos perigos que **corria** com a mulher. "É preciso apurar melhor essa história. Se for isso, não seria algo sem premeditação."

Para concluir a investigação, a polícia aguarda agora apenas os laudos periciais. Não deve ouvir mais ninguém, nem mesmo o policial.

Até agora, a polícia não encontrou a faca utilizada pela mulher para o esquarteramento do marido. Elize afirma que jogou a arma fora.

#### O CRIME SEGUNDO A DEFESA

Acusada mostrou, em reprodução simulada, como matou e esquarterou o marido





# Executivo usou carro de Elize para ver amante

Marcos **Matsunaga** foi filmado por detetive

ANDRÉ CARAMANTE

DE SÃO PAULO

JOSMAR JOZINO

DO 'AGORA'

Vídeos gravados por detetive particular entre os dias 17 e 19 de maio mostram que o executivo Marcos **Matsunaga**, 42, usou ao menos **uma vez o** carro da mulher, Elize Matsunaga, 30, para encontrar a amante, garota de programa conhecida como Natália.

O executivo da Yoki foi morto e esquartejado pela mulher entre o dia 19 e o dia 20, segundo a defesa dela.

As gravações estão em um dossiê que o detetive preparou para Elize —no período, ela estava com a filha, de um ano, e uma babá no Paraná.

As imagens também mostram que o executivo passou 15 horas, entre a noite do dia 18 e a tarde de 19 de maio, com Natália, para quem deu um carro. Cada passo de Matsunaga era reportado a Elize pelo detetive.

Na tarde de 19 de maio, **Matsunaga** foi ao aeroporto **buscar a** mulher, a filha e a babá. De lá, eles foram para a cobertura onde viviam, na Vila Leopoldina (zona oeste).

Por volta das 21h do dia 19, segundo Elize, ela confrontou o marido com o relato do detetive. Então, disse, o casal brigou e ela matou o marido.

Com base na alegação de que ela colaborou com as investigações e não vai fugir, a defesa pedirá à Justiça a revogação da prisão temporária.

A filha do casal está com uma tia de Elize, no apartamento onde o crime ocorreu.

# televisão

## OUTRO CANAL

KEILA JIMENEZ [keila.jimenez@grupofolha.com.br](mailto:keila.jimenez@grupofolha.com.br) / [folha.com/outrocanal](http://folha.com/outrocanal)

### Caso de diretor da Yoki pode entrar em série da TV paga

A série "Até que a Morte nos Separe", coprodução do canal pago A&E com a Prodigio Films, ganhou um farto material nos últimos dias.

O seriado, que documenta assassinatos passionais envolvendo casais, já está de olho no caso do executivo da Yoki Marcos Matsunaga, 42, morto e esquartejado por sua mulher, Elize Matsunaga, 30.

O crime, que ganhou repercussão nacional, pode virar um episódio da produção, que exibirá na próxima terça-feira (19) outro destaque entre as manchetes policiais no país: o desaparecimento de Elisa Samudio, amante do ex-goleiro Bruno, do Flamengo.

Inspirado em seriados policiais dos anos 1960, "Até

que a Morte nos Separe" conta a história como se tivesse um detetive à frente das investigações, ouvindo os dois lados, com depoimentos de familiares, amigos, psiquiatras forenses e juristas.

A data de exibição do caso de Elisa vinha sendo mantida em sigilo para evitar liminares proibindo a exibição. O ex-goleiro está preso desde julho de 2010, acusado de ter participado do desaparecimento de Elisa, que queria que o jogador reconhecesse a paternidade de seu filho.

O programa terá depoimentos da delegada Alessandra Wilke, que participou do início das investigações, e Cláudio Delladone, advogado de Bruno, entre outros.



» JUVENTUDE Eis a primeira imagem de Silvio Santos com os cabelos pintados novamente, ao lado da filha, Patricia Abravanel; no ar no domingo (17), no SBT



**Rio+20** O que esperar do encontro que celebra o triunfo da consciência ambiental  
ESPECIAL • 28 páginas

Editora ABRIL  
edição 2273 - ano 45 - nº 24  
13 de junho de 2012

**veja** [www.veja.com](http://www.veja.com)

EXEMPLAR DE ASSINANTE VENDA PROIBIDA  
R\$ 9,90

**CASO YOKI**  
**MULHER FATAL**  
A história de Elize Matsunaga, assassina confessa, que esquartejou o marido milionário enquanto a filha dormia

Especial



# FIM DO CONTO DE FADAS

O romance de um rico executivo que se casa com uma linda garota de programa começa como uma história de cinema e termina em tragédia

LAURA DINIZ E LEONARDO GOUTINHO

**DIAS FELIZES**  
Elize e Marcos **Matsunaga** na cobertura de mais de 300 metros quadrados em que viviam no bairro de Vila Leopoldina, em São Paulo. A foto é de 2009, ano em que se casaram. O executivo detinha mulher e filha para viver o novo amor

Uma moça linda e pobre, nascida no interior, muda-se para a cidade grande e passa a levar a vida como presidente de luxo, até que conhece um executivo cavalheiro, educado, herdeiro de uma empresa bilionária — e casado. Ele se apaixona por ela e, depois de três anos de envolvimento, abandona a mulher e a filha pequena para ficar com o novo amor. Durante algum tempo, o casal vive o que parece ser um romance perfeito. Como o próprio dos enamorados, eles fazem de tudo juntos, de cursos de vinho a aulas de tiro. Viajam e frequentam os melhores restaurantes. Ele a cobre de presentes e faz todas as suas vontades. E terminam aí as coincidências entre a vida do casal Marcos e Elize **Matsunaga** e histórias de cinema como *Uma Linda Mulher*, em que o galã interpretado por Richard Gere se apaixona pela garota de programa Julia Roberts e os dois vivem felizes para sempre. A paranaense Elize, de 30 anos, andava atormentada pelo medo de ser raptada por outra mulher e pela possibilidade de perder a guarda da filha de 1 ano. Na noite de 19 de maio, ela zovassinou o marido, Marcos, de 42, com um tiro de pistola. Depois, pacientemente esvaziou o corpo, colocou os pedaços em sacos plásticos, que alojou em três malas, e os jogou fora. Na vida real, o final feliz deu lugar à tragédia.

Marcos **Matsunaga** conheceu Elize Araújo em 2004, em um site na internet, o M-Class, no qual garotas de programa oferecem seus serviços por um preço médio de 300 reais. As fotos bem produzidas da mulher loira, de traços delicados, corpo sinuoso e codiçone Kelly chamuram a atenção do jovem executivo de ascendência japonesa. Marcos sempre foi tímido, mas não a ponto de ser

veja | 11 DE JUNHO DE 2012 | 83

Especial



**PRIMEIRO DA CLASSE**  
Marcos **Matsunaga** em 1988, com a namorada do 9º ano da Colégio Santa Cruz: filha de apelidado e bom aluno



antisocial. Na infância, passada no bairro paulistano do Parque Continental, tinha muitos amigos e gostava de brincar na rua. Com pais exigentes, figurou entre os primeiros da classe nos colégios por onde passou, dois dos mais tradicionais de São Paulo, o Rainha da Paz e o Santa Cruz. Formou-se nesse último, em 1988. A maioria escolheu impecável colunista na faculdade de administração da Fundação Getúlio Vargas, uma das melhores e mais concorridas do país. Logo que se graduou, começou a carreira na empresa da família, a Yoki, fundada por seu avô na década de 60. Foi já como executivo que conheceu Elize, a moça que mudou a sua vida — e privou-a da sua morte.

A trajetória dela, até então, havia sido muito diferente da dele. Nascida numa cidade no interior do Paraná, com apenas 20.000 habitantes, Choptoizinho (a 392 quilômetros de Curitiba), Elize foi criada pela mãe. Dita. Ela trabalhava como empregada doméstica e foi abandonada pelo marido quando a garota era ainda pequena — o nome dele nem sequer consta da certidão de nascimento de Elize. Aos 18 anos, a moça partiu para a capital paranaense, onde fez um curso técnico de enfermagem. Chegou a trabalhar em um centro cirúrgico, mas a vida ali também não lhe parecia interessante, e logo ela se mudou para São Paulo. São os anos mais rebuscados da sua história. A VEA, a mãe de

Elize disse não saber o que a filha fazia naquele período. O certo é que tudo se transformou quando ela conheceu Marcos. Depois de alguns encontros, Elize tornou-se amante do executivo. A vida dupla de Marcos durou três anos, até que ele tomou a decisão de por fim ao casamento e uni-se à nova mulher. Já moravam juntos quando decidiram se casar, no civil e no religioso. Para a festa com 300 convidados, contrataram um dos buffets mais tradicionais da cidade, o Torres. Para a cerimônia religiosa, procuraram a Igreja Anglicana, já que a Católica não permite o segundo matrimônio. Casaram-se em outubro de 2009.

Foram os dias de ouro do casal. Os que conviveram com os dois nesse pe-

riodo descrevem Marcos como um homem "a moda antiga". Abria a porta do carro para Elize e levantava-se da mesa para puxá-la a cadeira até quando ela ia ao banheiro. Juntos, iam à missa, faziam cursos e frequentavam ótimos restaurantes, como o Aguiar, em Pinheiros, onde eram habituês e amigos do dono, padrinho de casamento do casal. Coletavam vinhos — que guardavam às centenas em uma adega climatizada — e armas — de pistolas a fuzis, em um valor total de mais de 500.000 reais. Em 2006, ainda na condição de amante do futuro marido, Elize começou a cursar direito na Unip. Formou-se no ano passado, mas, mesmo com o diploma, ela nunca mais trabalhou — o marido também preferia assim. Nunca lhe faltou dinheiro, mas ela também não era de estagnar. Tinha

## A Yoki foi vendida no meio do caso

Quando Marcos Kitano **Matsunaga** estava desaparecido, a empresa fundada por seu avô no início dos anos 60, a Yoki, foi vendida por 1,7 bilhão de reais à multinacional americana General Mills, gigante do setor de alimentos e dona de marcas como o sorvete Häagen-Dazs. A conclusão do negócio em meio ao desaparecimento de um membro da família teria chamado atenção não fosse o fato de que Marcos não tinha influência sobre os destinos da companhia, que passou para o comando da General Mills só no segundo semestre deste ano. O comando da empresa pertence às duas filhas de fundador, Micaela, mãe de Marcos, e Yuki. Os respectivos maridos ocupam as posições-chave da Yoki, o presidente é o de vice. Marcos era diretor executivo de exportações. Uma das 500 maiores empresas do Brasil, a Yoki tem faturamento anual de 1,1 bilhão de reais, nove fábricas e 5.000 funcionários. Sua venda é atribuída, em parte, a uma crise familiar entre os maridos das donas. Quando o avô de Mar-



cos, morreu nos anos 80, começou o negócio, a empresa se chamava Kitano e comercializava apenas cereais e farinhas. No fim dos anos 80, o fundador criou uma parte da linha de produtos e, seis meses depois, criou a Yoki — um dos primeiros sabores de seu nome (Yuki no Kitano). Um novo ramo também passou a ser explorado: o de produtos prontos como farinha e betata-palha. O sucesso foi tanto que, em 1996, o grupo começou a exportar e, logo depois, recuperou a parte da Kitano que havia vendido. Agora, a família teme que a marca da tragédia fique gravada na trajetória de sucesso da Yoki.

## "VOCÊ TE MANDAR DE VOLTA PARA O LIXO DE ONDE VOCÊ VEIO?"

Foi depois de ouvir essa frase que Elize **Matsunaga** matou o marido, Marcos **Matsunaga**, conforme relatou à polícia



Depois de obter de um detetive particular a informação de que estava sendo traída, Elize confronta **Matsunaga** e eles começam a discutir, por volta das 19 horas de 19 de maio



Durante a briga, ele dá um tapa em Elize e diz: "Você te mandar de volta para o lixo de onde você veio". Ela pega uma pistola 380 e aponta para ele



**Matsunaga** diz que ela é fraca e não tem coragem de atirar. Ameaça tirar dela a guarda da filha. Elize dispara a uma distância de 1,5 metro e acerta a cabeça do empresário, fazendo o cair no chão



Elize arrasta o corpo do marido até o quarto de hóspedes, no 1º andar da cobertura. Fecha a porta, limpa o rastro de sangue e espera amanhecer



Na manhã do dia seguinte, depois de constatar o enrijecimento do corpo, ela pega uma teca de couro com lãmina de 30 centímetros de comprimento e começa a esvaziá-lo. A operação leva quatro horas



As partes do corpo são colocadas em sacos de lixo, divididos em três malas de viagem. Elize vai para o carro, onde está Colô e espalha os sacos à beira da estrada. Depois, lava-se das mãos e da face

86 | VEJA JUNHO DE 2012 | veja

veja | 11 DE JUNHO DE 2012 | 87

Especial

uma Pajero TR4, presente de Marcos, e gostava de jolas e bolsas. Também ajudava a mãe e a família em Chopinzinho, mas nunca com grandes somas. Dizia ainda trabalhar e vive em uma casa modesta no centro da cidade.

Elize sempre foi ciumenta, segundo contam a VIEA ex-empregados do apartamento. O casal que em público era só harmonia brigava bastante dentro de casa, muitas vezes por provocação da mulher. Ela chegou a obrigá-lo a marido a demitir uma secretária, depois de entrar no escritório dele e encontrar os dois sorrindo. Elize suspeitava de Marcos e constantemente o acusava de flertar com outras mulheres. Mas o casamento começou a ruir para valer em uma viagem que os dois fizeram a Mato Grosso, em 2010. Fazia algumas semanas que Elize sentia que algo estava errado com o marido. Em um descuido dele, ela fugou em seu computador uma troca de mensagens com outra mulher. Os dois brigaram e chegaram a falar em separação. De volta a São Paulo, o clima continuou ruim. Foi então que Elize engravidou. O nascimento do bebê amainou a crise conjugal e, ao menos por um tempo, eles voltaram a viver em bons termos. Nos últimos meses, porém, Elize começou a reclamar que o marido quase não conversava, chegava em casa, fazia sexo, virava-se para o lado e dormia. O fantasma da traição voltou.

No início do mês passado, ela procurou um advogado de família. Quería saber em que condições poderia conseguir o divórcio e o que lhe caberia. Quando decidiu visitar a família em Chopinzinho, para apresentar a filha à mãe e à avó, aproveitou a oportunidade para confirmar se estava sendo traída. Dias antes de viajar, entrou em contato com um detetive que encontrou em um anúncio de revista. Passou-lhe as informações sobre o marido — seu carro, endereços e rotina — e embarcou para a cidade natal. Assim que chegou ao interior do Paraná, o detetive telefonou. Disse que, na mesma manhã em que Elize partiu, no dia 17, o marido havia se encontrado com uma amante no hotel Mercure da Vila Olímpia. Na noite seguinte, os dois jantaram juntos no restaurante Alucci Alucci, nos Jardins. Em seguida, voltaram ao hotel.



No dia 19 de maio, Marcos **Matuszaga** foi ao aeroporto buscar a mulher, Elize, a filha do casal e a babá, que voltavam de uma visita à família dela, no Paraná. Os quatro chegaram ao apartamento do casal, na Vila Leopoldina, bairro nobre de São Paulo, às 18h40. Subiram juntos, pelo elevador social, para a cobertura, de mais de 500 metros quadrados. A babá foi embora pouco tempo depois e o bebê foi colocado para dormir no 2º andar do apartamento.

Assim que chegou ao apartamento, o casal pediu uma pizza. Em seguida, Elize deu início à discussão em que acusava o marido de traição. A conversa foi interrompida quando a pizza chegou. Marcos desceu para buscá-la. As imagens de segurança mostram de volta com a pizza são as últimas em que aparece vivo. A discussão continuou quando ele entrou no apartamento. Antes que eles conseguissem jantar, Elize matou o escultor com um tiro disparado da pistola que sacou de uma gaveta da sala.

Cerca de dezasseis horas depois de assassinar o marido, Elize deixou o apartamento com três malas, que continham os pedaços do corpo dele esquarterado embalados em sacos de lina. Pegou o carro na garagem e dirigiu até a cidade de Curitiba. Lá, jogou os sacos numa estrada de terra. O rastreamento do seu telefone celular mostra que ela seguiu em direção ao Paraná, mas mudou de ideia e resolveu voltar para casa. Na mesma noite, tirou as malas numa sacaneta perto do prédio.

O TRONCO É A PARTE MAIS DIFÍCIL

Esquarterar alguém é uma tarefa que requer força, paciência e destreza. Elize **Matuszaga** demonstrou ter tudo isso — e ainda capacidade de planejamento, ao que a ajudaram os conhecimentos de anatomia adquiridos no curso de técnica de enfermagem, feito em Curitiba, antes de se mudar para São Paulo. De acordo com o seu relato à polícia, depois de matar o marido com um tiro na cabeça, ela esperou dez horas para dar início aos cortes. "O tempo é mais do que suficiente para reduzir a vazão de sangue durante o processo de resfriamento", diz o médico-legista Marcos de Almeida, professor titular de medicina legal da Universidade Federal de São Paulo.

A partir da terceira hora da morte, o sangue coagula. O soro sanguíneo, a parte líquida do sangue responsável pelo transporte das proteínas anticoagulantes, deteriora-se rapidamente, devido à falta de oxigênio. Sem essas substâncias, o sangue se torna denso, o que reduz seu derramamento. Também depois desse período tem início o processo de rigidez cadavérica. Ele ocorre em razão da falta de glicogênio no organismo, um composto associado aos movimentos musculares. Como as paredes das artérias são formadas por músculos, elas também se ressecam, o que contribui para o enfriamento do corpo.

Ao que tudo indica, Elize sabia onde os cortes deviam ser feitos de modo a facilitar seu trabalho, realizado com uma faca de lâmina de 30 centímetros. O corpo de **Matuszaga** foi desmembrado nas articulações. Foram seis grandes cortes — as pernas foram separadas na altura dos joelhos; os braços, na região dos ombros; o tronco, abaixo das costelas; e a cabeça, pelo pescoço (veja o quadro ao lado). Para chegar até as articulações, Elize tem de cortar primeiro pele, músculos, tendões e ligamentos. Segundo os médicos-legistas, o mais difícil nesse

processo é o rompimento dos ligamentos, estruturas formadas por fibras tão resistentes quanto tiras de couro. Em seu relato à polícia, Elize contou ter feito mais força no corte do tronco. Os ligamentos da coluna vertebral estão entre os mais robustos do corpo humano. Mesmo que, durante um esquarteramento, o derramamento de sangue seja pequeno, o odor causado pelo líquido e pela carne exposta é sempre intenso. Elize **Matuszaga** levou quatro horas para esquarterar o marido. Alguém sem os seus conhecimentos anatômicos levava, no mínimo, seis.

ADRIANA DIAS LOPES

COMO FOI O ESQUARTEJAMENTO\*

Instrumento utilizado: faca com lâmina de 30 centímetros

Duração: 4 horas

A sequência dos cortes

1 Pernas, na altura dos joelhos

2 Braços, na altura dos ombros

3 Tronco, abaixo das costelas

4 Pescoço

\*Segundo a versão de Elize **Matuszaga** contada à polícia





**Especial**

**PASSADO NO INTERIOR** A mãe de Elize, Dilia, que se trata de um câncer no intestino, na casa onde vive, em Chopinzinho, no interior do Paraná; abaixo, Elize ainda criança e, no destaque, foto de celular tirada por um amigo da faculdade de direito na Unip, em 2006



LEI Z MARIANO

Elize acompanhou os relatos do detetive, registrados em vídeo, praticamente em tempo real. Em Chopinzinho, sua família nem desconfiou do que se passava. Ela voltou a São Paulo no fim da tarde do dia 19, com a filha e a babá. Dispensou a ajudante assim que chegaram à cobertura de mais de 500 metros quadrados na Vila Leopoldina, Zona Oeste de São Paulo. Em seguida, confrontou o marido. Disse que sabia da traição e contou que um detetive contratado por ela havia filmado todos os seus passos. Em meio à discussão, Marcos ainda desceu para pegar uma pizza que haviam pedido por telefone — as últimas imagens dele com vida. De volta ao apartamento, a discussão continuou. E subiu de tom. “Como você teve a ousadia de usar o meu dinheiro para colocar um detetive atrás de mim?”, perguntou o marido, sem pedir desculpas. “Vou te mandar de volta para o lixo de onde você veio.” Nesse instante, Elize pegou de dentro de uma gaveta na sala uma pistola calibre 380 que havia ganhado de presente de Marcos e a apontou para o marido. “Você é fraco, não vai ter coragem de atirar. Vou mandar te internar. Não vou deixar minha filha ser criada por você. Nenhum juiz vai dar a guarda a uma prostituta”, ameaçou Marcos. Nesse momento, ela atirou. A janela antirruído abafou o disparo. Nenhum vizinho diz ter ouvido o estampido. A filha pequena dormia no quarto. Na manhã seguinte, Elize esquartejou o corpo do marido e guardou



REPRODUÇÃO

os pedaços em sacos plásticos, que jogou à beira de uma estrada.

O que explica crime tão brutal? Embora seja impossível dizer com precisão, especialistas citam um distúrbio psiquiátrico, a catatímia, que se manifesta quando alguém fica remoendo obsessivamente um trauma afetivo, como uma traição, e desenvolve um plano que tem a violência como componente essencial. Alguns comportamentos de Elize podem ser definidos como catatímicos. Mas não todos. A polícia começou a desconfiar de Elize assim que obteve as primeiras imagens feitas pelas câmeras do elevador do prédio em que

a família morava. “Elas mostravam que o Marcos entrou em casa, mas não saiu”, afirma o delegado Jorge Carrasco, chefe do Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa. Ela confessou o crime dois dias depois de ser presa. Passará um longo tempo na prisão, sem direito à herança e sem saber o que será do futuro da filha. Para Elize, o conto de fadas terminou. Para a família de Marcos, restaram as imagens de um filme de terror. ■

**COM REPORTAGEM DE ANDRÉ ELER, DE CHOPINZINHO, JULIA CARVALHO, CAROLINA RANGEL, FABRÍCIO LOBEL, RAFAEL FOLTRAN E VÍCTOR CAPUTO**

# Família vai pedir DNA de filha de executivo

Descoberta de que ré confessa da morte de um dos herdeiros da Yoki era prostituta levantou dúvida sobre a paternidade

**Justiça negou ontem o pedido da defesa de Elize Matsunaga, 30, para revogar sua prisão temporária, de 20 dias**

ANDRÉ CARAMANTE  
DE SÃO PAULO

A família do executivo Marcos Matsunaga, 42, morto e esquartejado pela mulher, Elize Matsunaga, 30, pedirá à Justiça um exame de DNA para comprovar se ele é o pai da filha de um ano do casal.

A decisão, segundo Luiz Flávio Borges D'Urso, advogado da família da vítima, está baseada "no passado de Elize", que conheceu Matsunaga quando era prostituta e atendida pelo site M.Class.

No site, Elize se apresenta

como Kelly, uma "loirinha muito carinhosa" e que o cliente "não vai se arrepender" de conhecê-la. Já retirada do site, o anúncio de Elize, feito em 2005, apresentava seus dados: 19 anos, 50 kg, manequim 36 e com 1,65 m de altura. Ao todo, o site exibia 22 fotos sensuais de Elize, identificada como Kelly.

Foi pelo M.Class que Matsunaga a conheceu, assim como a mulher com quem a traiu nos seis meses antes de sua morte, uma morena conhecida como Natália.

"Por conta desse fato [Elize ter sido garota de programa], a família acha por bem acabar com todas as dúvidas que existem", disse D'Urso.

Matsunaga era um dos herdeiros da Yoki Alimentos, uma das maiores empresas alimentícias do Brasil, vendi-



Anúncio de Elize Matsunaga em site de acompanhantes

da recentemente para um grupo norte-americano por R\$ 1,75 bilhão.

Para a família de Matsunaga, segundo D'Urso, a investigação do crime é "satisfató-

ria", "mas precisa de pequenos esclarecimentos".

"Ainda precisamos saber sobre a possibilidade de ela [Elize] ter recebido ajuda de alguém para se desfazer do

corpo do Marcos e se o crime foi ou não premeditado". "O que Elize fez no período de 12 horas em que esteve fora de casa no dia 20 de maio, quando ela saiu para jogar as partes do corpo do marido [quando foi parada pela Polícia Rodoviária em uma estrada]? Isso precisa ser melhor detalhado."

## VIOLENTA EMOÇÃO

"A família não está convencida sobre essa questão do crime sob violenta emoção. Elize alega que a briga começou após a questão da traição, a possível ameaça de separação e perda da guarda da filha, mas todos esses temas já eram de conhecimento de ela havia muito tempo", disse. "Ela havia procurado advogados para tratar sobre tudo isso bem antes da morte

do Marcos", afirmou. O advogado de Elize, Luciano Santoro, não foi localizado ontem para se manifestar sobre a suspeita da paternidade da filha do casal.

A Justiça negou ontem a revogação da prisão temporária (20 dias) de Elize. Até sexta-feira, a polícia pedirá sua prisão preventiva (até um possível julgamento) à Justiça.

## DINHEIRO PARA AMANTE

À polícia, a garota de programa Natália disse que Matsunaga dava R\$ 4.000 por mês a ela, desde fevereiro, quando se conheceram, para tê-la como amante.

Ainda segundo ela, Matsunaga chegou a pagar R\$ 27 mil, em 4 de maio, para que ela retirasse do site M.Class as fotos em que aparece se oferecendo aos clientes.

E12 ilustrada ★ ★ ★ QUINTA-FEIRA, 14 DE JUNHO DE 2012

FOLHA DE S. PAULO

NUMA COBERTURA da Vila Leopoldina, em São Paulo, na noite de 19 de maio, Elize Araújo Matsunaga, 30, assassinou o marido, Marcos Matsunaga, 42, com um tiro na cabeça. Na manhã seguinte, com uma faca de cozinha, Elize esquartejou o cadáver, de modo a poder transportar os pedaços em três malas. Logo, ela foi se desfazer das malas e da faca.

Esse fato de crônica tem tudo para se tornar literatura de cordel. Há o sangue frio de Elize depois do crime. Há a diferença social entre Marcos, empresário e herdeiro da Yoki, que acaba de ser vendida por R\$ 1,7 bilhão, e Elize, enfermeira e bacharel em direito, mas de origem bem humilde.

Além disso, o ciúme foi um dos motivos: na noite do crime, Marcos acabava de ser confrontado por Elize, que conseguira a prova da infidelidade do marido. Mais: o horror aconteceu depois de seis ou sete anos do que foi, ao que tudo indica, uma genuína paixão; a filha, de um ano, estava no apartamento, dormindo, durante o crime; foi Marcos que transmitiu a Elize o interesse pelo tiro e pelas armas (havia 30, todas registradas, no apartamento).

Mas, acima de tudo, o que transforma a história do casal em matéria de cordel é o fato de que Marcos encontrou Elize, em 2004, num site de garotas de programa.

A informação parece ser repetida pela imprensa como uma mensagem aos homens: olhe o risco que você corre, se você amar uma prostituta e casar com ela.

Ora, quero corrigir esse lembrete. Se você se apaixonar por uma pros-



Mariza Dias Costa

## Uma linda mulher

CONTARDO CALLIGARIS

tituta (ex ou não, tanto faz) e quiser se casar com ela, recomendo apenas uma cautela, que não tem nada a ver com sua futura mulher e tudo a ver com você.

Claro, a culpa do crime de 19 de maio é só de Elize, mas o lembrete preventivo é para os homens, embora chegue tarde para Marcos.

Se você ama uma mulher que por acaso é prostituta, aí, tudo bem; mas, se você ama essa mulher POR ELA SER prostituta, atenção: nesse caso, seria sábio você se familiarizar com a fantasia que sustenta seu amor. Qual é, em geral, a fantasia em questão?

Todo mundo se lembra de "Uma Linda Mulher", filme adorável de

Se você ama uma mulher por ela ser prostituta, tente entender a fantasia que está atrás de seu amor

Garry Marshall, em que o rico Edward (Richard Gere) se apaixonou por Vivian (Julia Roberts), uma prostituta que ele "levantou" na rua. Será que a história de Marcos e Elize é "Uma Linda Mulher" sem o final feliz? De fato, sempre pensei que, depois dos sorrisos do fim do filme, Edward e Vivian acabariam mal — talvez não tão mal quanto Marcos e Elize, mas mal. Por quê?

Logo quando Edward decide trazer Vivian para o seu mundo, ele

"acha graça" confessar a um amigo que aquela linda mulher que está com ele é uma prostituta de rua. Prognóstico inelutável. Um dia, Edward não resistirá à fantasia que lhe fez escolher Vivian: ele a humilhará (e se humilhará), lembrando, eventualmente diante de amigos e parentes, que Vivian vem da sarjeta e que ele poderia jogá-la de volta para lá.

Na noite do dia 19, segundo a confissão de Elize, Marcos a ameaçou: "Vou te mandar de volta para o lixo de onde você veio". Ele também declarou que, se a mulher quisesse se separar, a filha ficaria com ele, pois será que um juiz daria a guarda da menina a uma prostituta? (Eu apos-

to que sim, mas sou otimista...).

Em regra, o desejo de um homem que se apaixona por prostitutas (e planeja "redimi-las") é sustentado por uma fantasia (inconsciente) de vingança — contra a mulher e contra ele mesmo, por ter se deixado seduzir. Explico.

A sexualidade de muitos homens é patologicamente neurótica: eles olham para o sexo pelo buraco da fechadura do quarto dos pais. Nessa ótica infantil, não se salva ninguém: é "puta" qualquer mulher que vai com os outros, ou seja, todas as mulheres são "putas", inclusive a mãe (surpreendentemente), porque ela vai com pai, padrasto e companhia — enquanto, para a gente, ela só tem carinho contido.

Para o homem de calça curta, ajoelhado diante da fechadura, a "puta" é um paradoxo: vergonhosamente acessível a todos, salvo a ele.

É nessa infantilidade que nascem a misoginia básica, o gosto da violência contra as prostitutas, a ideia de que todas as mulheres, se não são prostitutas, sonham com isso e uma preferência amorosa quase exclusiva por meretrizes.

Quando um desses homens ama uma prostituta e se casa com ela, seu ressentimento pode se calar em nome do amor, mas só por um tempo: ainda ele vai puni-la por ter sido e ser para sempre a "puta" que vai com os outros.

ccalligari@uol.com.br  
@ccalligaris

AMANHÃ NA ILUSTRADA:  
Carlos Heitor Cony



DÚVIDAS

Polícia agora investiga se executivo da Yoki estava morto quando foi esquartejado por sua mulher



Reprodução/ME/Infocuriosos Press  
Marcos Matsunaga



Camila Posselt/Infocuriosos Press  
Elize, assassina confessa

SEM RESPOSTA

- 1 O crime foi passionai ou premeditado?
- 2 Onde estão a faca do esquartejamento e as malas usadas para retirar as partes do corpo do prédio?
- 3 Elize teve ajuda para se livrar do corpo?
- 4 Quem é o motoqueiro que testemunha viu jogar sacos de lixo em Cotia?

# Polícia apura se executivo da Yoki foi degolado vivo

Elize, que confessou o crime, afirmou que atirou primeiro na cabeça de seu marido

**Laudo vê sinais de que Marcos Matsunaga, baleado na cabeça, não estava morto quando mulher o esquartejou**

ANDRÉ CARAMANTE  
DE SÃO PAULO  
JOSMAR JOZINO  
DO "AGORA"

A Polícia Civil investiga se o executivo Marcos Matsunaga, 42, foi decapitado pela mulher, Elize Matsunaga, 30, ainda vivo, quando agonizava após ter sido baleado com um tiro de pistola na cabeça. No laudo necroscópico do executivo consta como causa da morte "choque traumático (traumatismo craniano) associado à asfixia respiratória por sangue aspirado devido à decapitação".

Por causa da suspeita, os policiais ainda aguardam os laudos da reprodução simulada do crime para entender como Matsunaga foi morto por Elize, que confessou o cri-

me, segundo seus advogados de defesa e polícia. No mesmo laudo também consta que o disparo de pistola 380 de Elize contra o marido "foi de característica do tipo encostado", ou seja, à queima roupa, "da esquerda para a direita, de cima para baixo e de frente para trás". Elize disse à polícia que atirou em Matsunaga na noite de 19 de maio, depois de uma discussão motivada pelo fato de ela ter descoberto que ele a traía com uma garota de programa chamada Natália. Para os policiais, a trajetória do tiro mostra que Matsunaga não estava em pé quando foi baleado por Elize. Isso coloca em dúvida se o executivo agrediu a mulher com um tapa no rosto, como ela disse em depoimento. Procurado ontem para se manifestar sobre Elize ter degolado Matsunaga quando ele ainda estava vivo, o defensor da suspeita, Luciano Santoro, disse que não iria falar porque não teve acesso aos laudos da morte. O inquérito policial em que Elize foi indiciada pela Polícia Civil nor homicídio dupla-

**ZERO\***

**POSITIVO**

**Microcomputador D3710**  
Instal. Pentium® 4  
Windows® 7 Starter Original  
Memoria RAM 2 GB, HD 500 GB,  
Monitor de 18" LCD Widescreen.

MONITOR 18" LCD PCTV

3D

149,90

SEM JUROS NA CARTÃO em 12 vezes R\$ 1.499,00



- 1 O crime foi passional ou premeditado?
- 2 Onde estão a faca do esquartejamento e as malas usadas para retirar as partes do corpo do prédio?
- 3 Elize teve ajuda para se livrar do corpo?
- 4 Quem é o motoqueiro que testemunha viu jogar sacos de lixo em Cotia?



## Elize, que confessou o crime, afirmou que atirou primeiro na cabeça de seu marido

**Laudo vê sinais de que Marcos Matsunaga, baleado na cabeça, não estava morto quando mulher o esquartejou**

**ANDRÉ CARAMANTE**  
DE SÃO PAULO  
**JOSMAR JOZINO**  
DO "AGORA"

A Polícia Civil investiga se o executivo Marcos Matsunaga, 42, foi decapitado pela mulher, Elize Matsunaga, 30, ainda vivo, quando agonizava após ter sido baleado com um tiro de pistola na cabeça.

No laudo necroscópico do executivo consta como causa da morte "choque traumático (traumatismo craniano) associado à asfixia respiratória por sangue aspirado devido à decapitação".

Por causa da suspeita, os policiais ainda aguardam os laudos da reprodução simulada do crime para entender como Matsunaga foi morto por Elize, que confessou o cri-

me, segundo seus advogados de defesa e polícia.

No mesmo laudo também consta que o disparo de pistola 380 de Elize contra o marido "foi de característica do tipo encostado", ou seja, à queima roupa, "da esquerda para a direita, de cima para baixo e de frente para trás".

Elize disse à polícia que atirou em Matsunaga na noite de 19 de maio, depois de uma discussão motivada pelo fato de ela ter descoberto que ele a traía com uma garota de programa chamada Natália.

Para os policiais, a trajetória do tiro mostra que Matsunaga não estava em pé quando foi baleado por Elize.

Isso coloca em dúvida se o executivo agrediu a mulher com um tapa no rosto, como ela disse em depoimento.

Procurado ontem para se manifestar sobre Elize ter degolado Matsunaga quando ele ainda estava vivo, o defensor da suspeita, Luciano Santoro, disse que não iria falar porque não teve acesso aos laudos da morte.

O inquérito policial em que Elize foi indiciada pela Polícia Civil por homicídio duplamente qualificado (motivo fútil e meio cruel) e ocultação de cadáver foi entregue na manhã de ontem à Justiça em Cotia (Grande São Paulo), onde as partes do corpo de Matsunaga foram jogadas.

Há, ainda, a chance de o processo, que será iniciado nos próximos dias, ser transferido de Cotia para o 5º Tribunal do Júri de São Paulo porque Matsunaga foi morto no apartamento onde vivia com a mulher e a filha de um ano, na Vila Leopoldina (zona oeste de São Paulo).

Matsunaga era um dos herdeiros da Yoki Alimentos, uma das maiores empresas alimentícias do Brasil, vendida recentemente para um grupo norte-americano por R\$ 1,75 bilhão.

A IMPRENSA tem sido amável e discreta, com Elize **Matsunaga** reproduziu o diálogo **entre ela e seu** (ex?) marido do jeito que ela contou, claro, já que não havia ninguém presente, além dos dois. Ok, jornais e revistas devem ser imparciais, mas existe limite para tudo; em certos casos, até para a imparcialidade.

Marcos **Matsunaga** estava traindo Elize? **Estava, e se** todas as mulheres tivessem o direito de matar os maridos que as traem, sobriariam poucos para contar a história.

Ele ameaçou tirar a guarda da filha dela? Todos dizem isso na hora da separação. Foi encontrar a nova namorada no carro (dado por ele) de Elize? Razão para uma certa simpatia pela mulher traída: um absurdo ele usar o carro da própria mulher para sair com a outra. Ela estava visitando a família no Paraná, com a filha e a babá, enquanto ele a trai? Mais digna de simpatia ainda. Seu marido presenteou a nova namorada com um carro? Repetiu o que havia feito com Elize quando a conheceu, ainda casado.

Na hora da briga ele a chamou de prostituta? É melhor mesmo que ninguém se lembre nem do que ouviu, nem do que falou nessa hora, tudo faz parte. Não costumam ser coisas amáveis, mas há muitos que esque-

cem e até fazem as pazes depois.

Ele a agrediu fisicamente? Nenhuma novidade, também costuma acontecer.

Na vida real, muitas mulheres que se sabem traídas — e sobretudo as que têm uma prova, como o vídeo feito pelo celular — têm vontade de matar. Algumas até matam, a maioria não, mas que muitas têm vontade, isso têm. As que matam costumam ser rápidas; mulher não gos-

## Sobre o assassinato

DANUZA LEÃO



Bebel Franco

**Na vida real, muitas mulheres que se sabem traídas têm vontade de matar. Algumas até matam**

ta de ver sangue.

Segundo os jornais, Elize vai ser acusada de assassinato e ocultação de cadáver; não por esquitejamento — esse detalhe não deve existir no Código Penal, como também não

deve existir a antropofagia, coisas inadmissíveis na cabeça dos que fazem as leis.

A morte de uma pessoa querida é sempre dolorosa; se for uma morte violenta, mais dolorosa ainda. Se seguida de esquitejamento, nem dá para imaginar o que deve ter sentido a família de Marcos Matsunaga na hora do enterro. Não existem palavras para avaliar essa dor.

A frieza de Elize é monstruosa. Eu

teria medo de deixá-la sozinha com a própria filha, pois ela parece capaz de tudo, e não sei se existe um nome para definir uma doença tão, tão — nem sei o quê. Crimes como esse, confessados e comprovados, não merecem nem julgamento. Não gosto de pensar no que seus advogados vão dizer, na tentativa de absolvê-la; nessa hora, advogados são capazes de tudo. E choca ver que as pessoas não estão dando muita importância ao caso, e que estão tratando Elize como uma pessoa quase normal, com o respeito que se deve dar a qualquer ser humano; só que ela não é um ser humano, é um monstro, e monstros devem ser tratados como tal.

Em outros tempos, certos crimes davam manchetes, e até nomes aos assassinos; quem já era nascido deve lembrar da “fera da Penha”.

Nem lembro mais quem ela matou, mas de como ela era chamada não esqueci. Por que será que um crime tão hediondo como o de Elize quase não mobiliza ninguém, nem numa conversa entre amigos?

Está faltando a capacidade de se indignar, e isso é preocupante.

danuza.leao@uol.com.br

AMANHÃ EM COTIDIANO  
Sílvia Corrêa

### CASO YOKI

## Amante diz que executivo deixaria filha com a mulher

**DO “AGORA”** - O diretor-executivo da Yoki, Marcos Kitano Matsunaga, 41, morto e esquitejado pela mulher, a bacharel em direito Elize Araújo Kitano **Matsunaga**, 30, queria se separar dela e não queria ficar com a filha do casal, de um ano.

O desejo dele era deixar a garota com a mãe. A revelação foi feita pelo executivo à amante, a garota de programa N.V.R.L., 23, segundo o depoimento prestado por ela.

Elize confessou ter matado e esquitejado o marido no dia 19 de maio, no apartamento do casal, na Vila Leopoldina (zona oeste de São Paulo).

A versão da amante contradiz a de Elize. A acusada disse que atirou no marido durante uma discussão por conta da traição e porque ele ameaçou tirar dela a guarda da filha.

O laudo necroscópico do executivo também afirmou que a morte foi causada por “choque traumático (traumatismo craniano) associado à asfixia respiratória por sangue aspirado devido à captação”.

# Programas de hoje abordam crimes envolvendo mulheres

Globo e A&E relembram casos famosos que marcaram o país

ELISANGELA ROXO  
DE SÃO PAULO

TV paga e TV aberta investigam hoje o envolvimento de mulheres com crimes.

A Globo, com o “Profissão Repórter”, traça o perfil das criminosas brasileiras. O programa vai mostrar a única (e superlotada) cadeia feminina do Pará.

O apresentador Caco Barcellos também reporta o caso de Elize Matsunaga, suspeita de assassinar e esquartejar o marido.

O canal A&E, por sua vez, foca na vítima. O episódio de hoje da série “Até que a Morte nos Separe” relembra Eliza Samudio, jovem cujo desaparecimento há dois anos motivou a prisão de Bruno Fernandes, ex-goleiro do time carioca Flamengo.

A mãe dela, Sônia Moura, é uma das entrevistadas da atração. “Falar à série foi uma forma de mostrar à sociedade a necessidade de fazer justiça, pressionar os envolvi-



Sônia Moura, mãe de Eliza Samudio, em entrevista ao A&E

dos. Por isso abri a boca para contar a verdade”, explicou, em entrevista coletiva.

**NA TV**  
**Profissão Repórter**

Episódio sobre criminosas  
QUANDO hoje, às 23h40, na Globo

CLASSIFICAÇÃO não informada

**NA TV**  
**Até que a Morte nos Separe**

Episódio sobre Eliza Samudio  
QUANDO hoje, às 23h, no A&E  
CLASSIFICAÇÃO não informada

# Elize matou por dinheiro, diz Promotoria

Justiça recebeu ontem denúncia por homicídio triplamente qualificado e decretou prisão preventiva de acusada

**Para promotor, mulher de Marcos Matsunaga, herdeira da Yoki, queria ficar com os R\$ 600 mil do seguro de vida**

ANDRÉ CARAMANTE  
DE SÃO PAULO

Elize Matsunaga, 30, matou e esquartejou o marido, o executivo Marcos Matsunaga, 41, de maneira premeditada para se vingar porque era traída e também para ficar com R\$ 600 mil de um seguro de vida da vítima.

Essas são as principais conclusões da acusação contra a bacharel de direito oferecida ontem à Justiça pelo promotor José Carlos Cosentino.

Após receber a denúncia, o juiz Adilson Paukoski Simoni transformou Elize em ré no processo criminal. Também transformou a prisão temporária (que terminaria amanhã) em preventiva (até possível julgamento).

O advogado Luciano Santoro, defensor de Elize, não atendeu ao pedido de entrevista feito ontem. Segundo ele disse antes, Elize matou o marido depois de ser agredida com um tapa no rosto — a agressão ocorreu após a ré dizer a Matsunaga ter descoberto que ele a traía e ele ameaçar pedir a guarda da filha do casal.

## 'INDEPENDÊNCIA'

Na denúncia, o promotor disse que Elize cometeu homicídio doloso triplamente qualificado (o que serve para aumentar a pena): motivo torpe (vingança), recurso que dificultou defesa da vítima e meio cruel. Ela também será processada por ocultação de cadáver.

"Extimia atiradora, conhe-

## AS VERSÕES PARA O CRIME

Justiça aceita denúncia contra Elize Matsunaga

**1** Casal briga; Matsunaga dá um tapa no rosto de Elize

**2** Elize pega uma pistola e mata o marido com um tiro na cabeça

**3** O corpo é arrastado até o quarto de hóspedes; ela limpa as marcas de sangue

**4** Dez horas depois, Elize esquarteja o corpo de Matsunaga

**5** Nas duas versões, Elize coloca o corpo em sacos plásticos; na manhã seguinte ela deixa o prédio com três malas

**6** Nas duas versões, A mulher dirige até a estrada dos Pires, em Cotia, onde joga as partes do corpo

**Versão da defesa**

**Versão da Promotoria**

**A MOTIVAÇÃO PARA O CRIME**

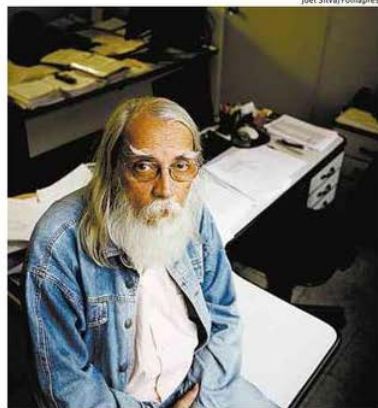
Segundo a Promotoria, Elize matou para ter direito ao seguro de vida do marido, de R\$ 600 mil, e para se vingar de uma traição

cedora de armas e enfermeira com conhecimento de anatomia humana, [Elize] viu na morte do marido a sua independência. Ficaria com a guarda natural da filha e receberia um seguro de vida de grande valor — R\$ 600 mil", acusou o promotor Cosentino.

"[Elize] Chegou de viagem, com tudo pronto na cabeça e condições materiais. Enquanto o marido, sem a menor noção do risco, desceu pelo elevador para receber uma pizza, ela se armou (...) e dele se aproximou, desferindo um tiro na frente", diz a denúncia.

A morte foi em 19 de maio, no apartamento onde o casal vivia com a filha de um ano, na Vila Leopoldina (zona oeste). As partes do corpo foram deixadas em Cotia (Grande SP).

**L** Leia a íntegra da denúncia [folha.com/no1107199](http://folha.com/no1107199)



Joel Silva/Folhapress

O médico-legista Jorge de Oliveira, no IC de São Paulo

## 'Nunca tinha visto um corpo assim', afirma médico-legista

DE SÃO PAULO

"Nunca tinha examinado um corpo como o desse moço. Já fiz necropsias em vítimas de acidentes de trem, de carro, sempre muito mutiladas, mas nunca como nesse caso. Não consigo explicar como as partes do corpo estavam num estado de conservação que podemos considerar bom."

Assim o médico-legista Jorge Pereira de Oliveira, 64, descreve a análise feita nas partes do corpo do executivo Marcos Matsunaga, 41.

Foi ele quem desmentiu Elize ao descobrir que Matsunaga teve a cabeça e o braço esquerdo arrancados quando ainda estava vivo — ela dis-

se que esperou dez horas até cortar o corpo do marido.

"Até agora, o braço direito da vítima não foi encontrado. Porém, de todas as outras partes achadas, apenas o braço esquerdo apresentava estado avançado de putrefação. Todas as outras estavam num estado de conservação muito bom e não foi possível explicar o motivo", afirma Oliveira.

Pela versão de Elize, Matsunaga foi baleado quando estava em pé. Mas o laudo aponta que o tiro foi à queima-roupa. Quando foi ferido, Matsunaga estava em um plano mais baixo do que a mulher. Ele podia estar de joelhos, sentado ou até mesmo deitado, segundo o laudo.

## Brasil

# REVIRAVOLTA MACABRA

Laudo da perícia contradiz a versão apresentada à polícia por Elize Matsunaga e revela que ela degolou o marido e cortou seus braços quando ele ainda estava vivo

LADINA DINIZ E JULIA CARVALHO

O assassinato e o esquartejamento de Marcos Matsunaga pela mulher, Elize, já tinham ingredientes de um filme de terror, mas a divulgação na semana passada do laudo pericial sobre a causa da morte do executivo adicionou contornos ainda mais macabros ao episódio. Ao concluir que o diretor da Yoki morreu aos 42 anos em decorrência de um tiro na cabeça associado a "assistida respiratória por sangue aspirado devido à decapitação", o estudo levou a duas conclusões. A primeira é que Elize, de 30 anos, ex-garota de programa, mentiu ao dizer que matou o marido com um tiro e que desmembrou o cadáver apenas na manhã seguinte, em uma tentativa desesperada de livrar-se do corpo. A segunda conclusão é que ela degolou Matsunaga ainda vivo. Um dos profissionais que participaram da necropsia confirmou a VEJA que também os dois braços do executivo foram cortados en-

quanto ele ainda vivia. A informação consta do laudo pericial. Diz o documento: "As seções na região cervical e raras dos membros superiores apresentam características de reação vital. As seções em região abdominal e joelhos direito e esquerdo não apresentam sinais vitais". Isso significa que, ao analisarem o pescoço e os braços da vítima, os legistas perceberam que os tecidos dessas regiões apresentavam circulação sanguínea ativa no momento dos cortes, o que só pode ocorrer enquanto o coração está batendo. A situação não se repetiu na análise de outras partes do corpo.

VEJA ouviu quatro especialistas para comentar o laudo. Nenhum deles considerou a possibilidade de outra ação, que não a degola, ter causado o sangramento que, de acordo com o exame, assistiu Matsunaga e ajudou a levá-lo à morte. A hipótese, por exemplo, de o tiro de pistola calibre 380 que atingiu a têmpora do executivo ter provocado a hemorragia é, segundo os peritos, altis-

mente improvável, dado que a bala teria de cumprir uma trajetória muito específica para que isso ocorresse.

Desconsiderando a hipótese de existirem falhas no laudo, legistas e policiais ouvidos pela reportagem ensinam apenas dois cenários para explicar o que se passou na cobertura do casal na Vila Leopoldina, bairro de classe média alta de São Paulo, no dia 19 de maio, quando o diretor da Yoki foi assassinado. No primeiro, Elize atirou na cabeça do marido e, achando que ele estivesse morto, começou a esquartejá-lo em seguida para limpar o corpo. Ao perceber que Matsunaga ainda vivia — ou diante da abundância de sangue que jorrava do seu corpo —, interrompeu a ação para retorná-la na manhã seguinte. No segundo cenário, ela teria disparado contra Matsunaga e iniciado a degola em seguida, consciente de que ele vivia e impulsionado pelo ódio.

As duas versões, no entanto, esbarram em uma questão. A perícia encontrou poucos indícios de sangue na sala, onde o crime ocorreu. O início de esquartejamento, com Matsunaga vivo, obrigatoriamente faria jorrar uma grande quantidade de sangue. Mas os peritos encontraram resquícios da substância apenas entre as frestas do piso.

O laudo derrubou outro ponto importante da defesa de Elize. Ela afirmava ter atirado no marido quando os dois estavam frente a frente, em pé, depois de ele ter dito que a enviaria "de volta para o lixo de onde ela veio". A análise dos peritos mostra outra cena. O tiro atingiu Matsunaga de cima para baixo, à queima-roupa, o que indica que ele estava sentado ou abaixado — sinais de uma execução calculada, não de um rompante emocional provocado por uma discussão, conforme o relato de Elize.

"A necropsia demonstra a versão dela e aumenta a gravidade do homicídio", diz o criminalista Luiz Eládio Borges PVL, contratado pela família de Matsunaga. A aparente reviravolta na história não altera a natureza do crime cometido por Elize, um homicídio doloso qualificado. Não há dúvida, porém, de que o peso atribuído por um júri popular ao crime da mulher que matou o marido segada pelo crime e pelo pavor de perder tudo — a vida de luxo à guarda da filha — é bem diferente daquele que recairia sobre uma assassina que, a sangue-frio, o esquartejou vivo. A defesa de Elize caberá agora provar que ela é só uma assassina, e não um monstro.

## A penúltima noite de vida

O estopim que teria levado Elize a assassinar o marido foi a descoberta do relacionamento dele com uma prostituta que denunciou seus pecados no mesmo site no qual ela própria o havia conhecido cinco meses antes.



**ROMANCE VENAL** Matsunaga e a amante, de 23 anos e codinome Lara, deixam um restaurante sem saber que estão sendo filmados pelo detetive contratado por Elize; o executivo da Yoki pagava 4.000 reais por mês para sair com a mulher e já havia lucrado 27.000 reais para que tivesse a amante lá; site, último de um corte



**ROMANCE VENAL** Matsunaga e a amante, de 23 anos e codinome Lara, deixam um restaurante sem saber que estão sendo filmados pelo detetive contratado por Elize; o executivo da Yoki pagava 4.000 reais por mês para sair com a mulher e já havia lucrado 27.000 reais para que tivesse a amante lá; site, último de um corte



**ROMANCE VENAL** Matsunaga e a amante, de 23 anos e codinome Lara, deixam um restaurante sem saber que estão sendo filmados pelo detetive contratado por Elize; o executivo da Yoki pagava 4.000 reais por mês para sair com a mulher e já havia lucrado 27.000 reais para que tivesse a amante lá; site, último de um corte



**ELIZE MATSUNAGA**  
Assassina confessa do marido, ela tentou provar que não é um monstro

## CASO YOKI

**Elize Matsunaga vai para prisão no interior**

Acusada de matar e esquarterar o marido, Marcos Matsunaga, 41, Elize Matsunaga foi transferida ontem da Cadeia Pública de Itapevi (Grande São Paulo), onde estava desde a noite do dia 5, para o Complexo Penitenciário de Tremembé (a 138 km de São Paulo). Por abrigar condenados e acusados de crimes de grande repercussão,

o complexo é conhecido como “Presídio de Caras”, referência à revista de celebridades “Caras” —lá está, por exemplo, Suzane von Richthofen, condenada por matar os pais. Elize teve a prisão preventiva decretada anteontem. Nos próximos dez dias Elize poderá receber apenas visitas de advogados.

## Em carta, Elize afirma estar arrependida de ter matado o marido

Ré pelo assassinato do executivo da Yoki, bacharela se diz humilhada no casamento

DE SÃO PAULO

Em uma carta divulgada por seus advogados de defesa, a bacharela em direito Elize Matsunaga, 30, afirmou estar arrependida de ter matado e esquarterado o marido, o executivo Marcos Matsunaga, 41, um dos herdeiros da Yoki Alimentos, e também que era constantemente ameaçada de morte por ele.

O crime ocorreu na noite de 19 de maio, no apartamento onde o casal vivia, na Vila Leopoldina (zona oeste de SP), com uma filha de um ano.

Elize está presa desde o dia 4 deste mês. Semana passada, a ex-garota de programa foi transformada pela Justiça em ré no processo no qual foi acusada pela Promotoria de

ter matado o marido para ficar com R\$ 600 mil de um seguro dele e para se vingar de uma traição da vítima.

A carta de Elize foi revelada ontem pelo “Fantástico”, da Rede Globo.

Nas palavras de Elize, sua vida foi um conto de fadas com final às avessas.

“Falam que o conto de fadas acabou. Pergunto: Qual conto de fadas? Não me lembro de ter lido em ‘Cinderela’ que o príncipe a humilhava. Não me lembro de ter lido que o príncipe tirou a princesa do lixo e que ela deveria, por conta disso, ser submissa às suas vontades pervertidas e humilhantes porque se tornara sua esposa.”, escreveu Elize, hoje presa em Tremembé (a 138 km de São Paulo).

# Ciúme, infelicidade e crime

LUIZA NAGIB ELUF

O ciúme nasce com o ser humano. Irmãos lutam pela atenção dos pais, crianças têm apego possessivo pelos brinquedos. No entanto, além das tendências inatas, padrões culturais centenários insuflam o sentimento de posse, de domínio do outro nas relações afetivas e sexuais.

Ao contrário do que disse Vinícius de Moraes, o ciúme não é o perfume do amor — e pode ser sua desgraça. Impossível estabelecer uma relação gratificante quando as perseguições e as cobranças são a tônica da vida a dois.

A exclusividade entre parceiros não deveria merecer tanta prioridade. A supervalorização da fidelidade é um erro, é a maior causa de infelicidade conjugal. Não que se deva ignorar a importância de um parceiro fiel e dedicado, mas a obsessão pela exclusividade pode tornar a vida um inferno e levar à violência doméstica. Crime passionai nada mais é do que homicídio por ciúme.

O que caracteriza a passionalidade é o motivo do crime. O Código Penal qualifica o homicídio, aumentando a pena, quando ele é praticado por motivo torpe. O ódio gerado pelo ciúme e a sede de vingança que atormentam a pessoa que foi trocada por outra configuram a torpeza.

O móvel do crime é uma combinação de egoísmo, de amor próprio ferido, de instinto sexual e, acima de tudo, de uma compreensão deformada da Justiça, pois o homicida acha que está no seu “direito”.

A pena prevista é de 12 a 30 anos de reclusão. Quanto mais estreita a mentalidade do agente, maior sua insegurança, sua necessidade de dominar e de se autoafirmar às custas da companheira ou companheiro.

O homicídio entre casais é uma aberração que durante séculos foi avalizada pela sociedade, principalmente quando o autor era homem e a vítima, apontada como traidora, era mulher. Foi assim que morreram Ângela Diniz, Eliane de Grammont, Sandra Gomide e muitas outras.

O caso **Matsunaga** é uma exceção à regra do **crime passionai**. Na esmagadora maioria das vezes, quem mata é o homem; a mulher é vítima do marido e da sociedade patriarcal.



**Supervalorizar a fidelidade é um erro. Os amores livres, sem mentiras, narrados por Stieg Larsson nos mostram: nossa natureza não é a exclusividade**

de eterna. A exclusividade entre parceiros existe, mas em geral é apenas temporária.

Além disso, o ciúme é um mal a ser extirpado, não a ser incentivado, como se costuma fazer. Não se pode cultivar sentimento de posse e propriedade sobre um ser humano.

O ciúme incomoda, fere, humilha quem o sente. Diz Roland Barthes: “Como ciumento, sofro quatro vezes: porque sou ciumento, porque me reprovoo por isso, porque temo que meu ciúme magoe o outro e porque me deixo dominar por uma banalidade. Sofro por ser excluído, agressivo, louco e comum”.

O sueco Stieg Larsson, autor da trilogia Millennium, criou em sua obra personagens envolvidos em tramas intrincadas e fascinantes. Extremamente moderno e arrojado, ele construiu relações amorosas baseadas na liberdade individual, mostrando as variadas possibilidades

ua por outra conseguem a torpeza.

O móvel do crime é uma combinação de egoísmo, de amor próprio ferido, de instinto sexual e, acima de tudo, de uma compreensão deformada da Justiça, pois o homicida acha que está no seu "direito".

A pena prevista é de 12 a 30 anos de reclusão. Quanto mais estreita a mentalidade do agente, maior sua insegurança, sua necessidade de dominar e de se autoafirmar às custas da companheira ou companheiro.

O homicídio entre casais é uma aberração que durante séculos foi avalizada pela sociedade, principalmente quando o autor era homem e a vítima, apontada como traidora, era mulher. Foi assim que morreram Ângela Diniz, Eliane de Grammont, Sandra Gomide e muitas outras.

O caso **Matsunaga** é uma exceção à regra do **crime passionnal**. Na esmagadora maioria das vezes, quem mata é o homem; a mulher é vítima do marido e da sociedade patriarcal.

A tragédia transcende o casal. No geral, há filhos que ficam órfãos, pais e mães que definham no desespero de perdas irreparáveis, futuras gerações que são obrigadas a suportar o estigma do assassinato em família.

Está na hora de corrigir padrões de comportamento que contrariam a natureza humana e por isso não são respeitados.

A natureza não ditou a fidelida-



### Supervalorizar a fidelidade é um erro. Os amores livres, sem mentiras, narrados por Stieg Larsson nos mostram: nossa natureza não é a exclusividade

de eterna. A exclusividade entre parceiros existe, mas em geral é apenas temporária.

Além disso, o ciúme é um mal a ser extirpado, não a ser incentivado, como se costuma fazer. Não se pode cultivar sentimento de posse e propriedade sobre um ser humano.

Leon Rabinowicz, em 1933, já mostrava perplexidade com o crime passionnal: "Curioso sentimento o que nos leva a destruir o objeto de nossa paixão! Mas não devemos nos extasiar perante o fato. É preferível deplorá-lo". O instinto de destruição é exatamente o instinto de posse exacerbado. A propriedade completa compreende também o poder de matar.

O ciúme incomoda, fere, humilha quem o sente. Diz Roland Barthes: "Como ciumento, sofro quatro vezes: porque sou ciumento, porque me reprovo por isso, porque temo que meu ciúme magoe o outro e porque me deixo dominar por uma banalidade. Sofro por ser excluído, agressivo, louco e comum".

O sueco Stieg Larsson, autor da trilogia Millennium, criou em sua obra personagens envolvidos em tramas intrincadas e fascinantes. Extremamente moderno e arrojado, ele construiu relações amorosas baseadas na liberdade individual, mostrando as variadas possibilidades de ser feliz no amor sem as amarras da exclusividade e da mentira.

Se conseguirmos lidar melhor com nosso egoísmo, o fim do amor será sempre resolvido nas varas da família, não no Tribunal do Júri.

**LUIZA NAGIB ELUF, 57, é procuradora de Justiça do Ministério Público de São Paulo. É autora, entre outros livros, de "A Paixão no Banco dos Réus" (Saraiva), sobre crimes passionais**

#### EXECUTIVO DA YOKI

## Polícia investiga vazamento de fotos de corpo de **Matsunaga** esartejado

**DO "AGORA"** - A polícia investiga o vazamento de pelo menos 13 fotos do corpo esartejado do executivo Marcos Kitano Matsunaga, 41. As imagens fazem parte do processo em que Elize Araújo Kitano **Matsunaga**, 30, mulher da vítima, é ré confessa pela morte do marido em maio.

As imagens mostram as par-

tes do corpo do empresário em mesas do IML (Instituto Médico Legal). Segundo a Secretaria da Segurança Pública, a Corregedoria da Polícia Civil já foi acionada. Se constatada a autenticidade das imagens, será instaurado um processo para investigar se o vazamento ocorreu de dentro da polícia.

cotidiano em cima da hora

# DNA mostra sangue de outro homem no quarto de Matsunaga

Advogado afirma que Elize matou o marido sozinha e que sangue encontrado é antigo

DE SÃO PAULO

Exames de DNA de amostras coletadas no quarto onde Marcos Kitano Matsunaga, 41, foi esquartejado por sua mulher, Elize Araújo Kitano Matsunaga, 30, apontam a existência de sangue de outro homem no recinto, além do executivo.

Elize vem dizendo que fez tudo sozinha: matou e esquartejou o marido no apartamento do casal na Vila Leopoldina (zona oeste de São Paulo) e espalhou partes do corpo em Cotia (Grande SP).

Segundo a revista "IstoÉ", que revelou trechos do laudo na edição que começou a circular ontem, os exames de DNA provam que Elize teve um cúmplice no assassinato.

Luciano Santoro, advogado de Elize, disse à **Folha** que

a interpretação está errada.

De acordo com o advogado, dos 30 cotonetes com amostras de sangue coletadas no local, em 28 havia apenas sangue de Matsunaga.

Em outro cotonete, disse Santoro, havia apenas sangue de mulher —provavelmente de Elize, que teria se machucado no esquartejamento. No último apareceu uma mistura de sangue de mulher e de outro homem que não era Matsunaga.

"Eles espalharam luminol e coletaram sangue em vários pontos. Nesse cotonete não tinha luminol. É sangue que estava lá há tempos. Pode ser um monte de coisas. É invenção dizer que tinha outro homem com Elize. É só ver as imagens: no prédio não entrou e não saiu ninguém", afirmou Santoro.

## ASSASSINATO

### Ninguém ajudou Elize a esquartejar corpo, diz delegado

**DO "AGORA"** - O delegado Mauro Dias disse ter convicção de que Elize Matsunaga, 30, agiu sozinha no assassinato do marido, Marcos Matsunaga, 41.

"Imagens do condomínio não mostram ninguém saindo da cena do crime, a não ser Elize."

A declaração contradiz laudo pericial que atesta que sangue de outro homem foi achado no apartamento, indicando que Elize pode ter tido ajuda para esquartejar o corpo.

FOLHA DE S.PAULO

QUINTA-FEIRA, 18 DE OUTUBRO DE 2012 ★ ★ ★ cotidiano C5

# Elize teve ajuda para matar o marido, afirma promotor

Ministério Público pede abertura de inquérito policial para investigar suspeita

**Pedido é baseado em laudos do IML, que mostraram cortes diferentes, e IC, que viu DNA de outro homem**

FELIPE SOUZA  
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA  
JOSMAR JOZINO  
DO "AGORA"

O Ministério Público pediu a abertura de inquérito policial para apurar a participação de uma segunda pessoa no assassinato do empresário Marcos Kitano Matsunaga.

Sua mulher, Elize Araújo Kitano Matsunaga, 30, confessou o crime. O pedido é baseado em laudos do IML (Instituto Médico Legal) e da

Polícia Técnico-Científica.

Em um deles, feito pelo IC (Instituto de Criminalística), amostras coletadas no quarto onde a vítima foi esquartejada apontaram a existência de sangue e outros materiais genéticos de outro homem.

Já no laudo elaborado pelo IML, foi constatado que o corpo tinha dois tipos de corte. Os que foram feitos nos joelhos e na região abdominal eram precisos e cirúrgicos, típicos de alguém com noções de anatomia —Elize era técnica em enfermagem e trabalhou em um centro cirúrgico.

Já o esquartejamento feito na cabeça e nos braços da vítima têm retalhos, o que mostra a dificuldade ou inexperiência de quem os fez. "Não é possível que técnicas tão dis-

tintas tenham sido usadas pela mesma pessoa", diz o promotor José Carlos Coszeno.

Para ele, Elize mentiu ao dizer que cortou sozinha, na sequência, os membros inferiores, superiores, abdômen e pescoço. "O laudo mostra em sequência lógica que primeiro foi cortado o pescoço, membros superiores, abdômen e membros inferiores."

A polícia Elize diz ter usado uma faca de cozinha de 30 cm. A Promotoria não descartou a possibilidade de os ferimentos terem sido feitos por materiais diferentes.

#### MATERIAL GENÉTICO

O laudo do IC identificou materiais genéticos de três pessoas diferentes no local do crime, sendo dois homens.

Para a Promotoria, não é possível dizer com precisão se o material foi deixado após a morte, embora tenha sido próximo à data do crime.

O delegado Jorge Carrasco, diretor do DHPP (Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa), afirmou que ainda não recebeu o pedido. "Mas se a Promotoria solicitar, vamos investigar" disse. Ele afirmou estar convicto de que Elize não teve ajuda.

#### ENTENDA O CASO

Ministério Público pede investigação para saber se Elize agiu sozinha



Elize Araújo Kitano Matsunaga, 30, confessou o assassinato do marido Marcos Matsunaga, 41

#### COMO FOI

O crime ocorreu em 19 de maio, no apartamento do casal. A investigação apontou que Matsunaga levou um tiro na cabeça e, depois, foi esquartejado

#### O QUE APONTARAM OS LAUDOS

**IC (Instituto de Criminalística)**  
Existência de material genético de outro homem além de Marcos no quarto onde a vítima foi esquartejada

#### IML (Instituto Médico Legal)

Corpo de Marcos tinha dois tipos de corte: parte deles precisos e cirúrgicos, típicos de alguém com noções de anatomia (caso de Elize, técnica em enfermagem); em outros, havia retalhos, o que indica dificuldade ou inexperiência de quem os fez

**SAÚDE DO HOMEM  
COM ÉTICA E SERIEDADE**





Alexandre Moreira/Brasil Photo Press/Folhapress

» PASSEATA No Dia Internacional dos Direitos Humanos, manifestantes fazem ato na av. Paulista; segundo balanço do governo federal, até novembro o serviço Disque 100 recebeu 77% de denúncias a mais do que no mesmo período de 2011

# Elize denunciou ameaças antes de matar seu marido

Rê ligou para a Polícia Militar em abril, um mês antes de esfaquear diretor da Yoki, Marcos Matsunaga

**Na ligação, ela diz que seu marido saiu de casa após ameaçá-la e pergunta se pode trocar a fechadura da porta**

DE SÃO PAULO

Quase um mês antes de matar o marido, a bacharel em direito Elize Araújo Kitano Matsunaga ligou para a Polícia Militar e disse que estava sendo ameaçada por ele. Na ligação, que foi gravada pela central da polícia, Eli-

ze denuncia que seu marido, Marcos Matsunaga, saiu de casa após ameaçá-la.

Na mesma chamada, ela pergunta ao policial se poderia trocar a fechadura da porta da casa deles.

A resposta do PM é que Marcos, diretor da fábrica de alimentos Yoki, tinha o direito de entrar em sua própria residência. O policial diz que uma equipe poderia ir à casa dela, o que ela aceita. Porém, quando os policiais chegam ao local, ninguém os atende.

A ligação para a PM foi feita em 24 de abril deste ano.

Em 19 de maio, após uma discussão, Elize matou Marcos com um tiro na cabeça e esfaqueou o corpo do marido.

O áudio da chamada telefônica foi anexado ao processo pela defesa de Elize.

“Queremos demonstrar que ela não vivia no mar de rosas que a acusação diz”, afirmou o advogado da acusada, Luciano Santoro.

Elize e duas testemunhas deverão ser ouvidas hoje pelo juiz na audiência de instrução.

Ela admite que matou o marido, mas diz que agiu sob forte emoção porque estava sendo traída e brigava constantemente com Marcos.

A acusação sustenta que ela agiu por motivações financeiras, pois tem uma filha com o executivo e temia que ele a abandonasse.

O promotor do caso, José Cosenzo, disse que a ligação não serve de prova.

“Desde quando uma bacharel em direito vai perguntar para um PM do 190 o que fazer no caso de ser ameaçada?”, questiona.

O corpo de Marcos foi encontrado em uma mala no dia 27 de maio. Elize está presa desde 5 de junho.

2012 • Brasil

## Crime, castigo e mais mistério

Elize Matsunaga, de 31 anos, colocou seu nome na história macabra do Brasil como a mulher que deu um tiro na cabeça do marido e o esfaqueou quando o sangue ainda corria por suas veias. Acossada os pedacos em sacos de lixo, que guardou em três malas de viagem com rodinhas. Seu conto tranquilo foi registrado pelas câmeras de vigilância do prédio onde morava quando, na manhã seguinte, desceu pelo elevador puxando sua carga sinistra. O crime, ocorrido em São Paulo, em maio, foi devidamente registrado depois que a polícia encontrou os pedacos do corpo de Marcos Kitano Matsunaga, jogados por Elize em diversos pontos numa estrada próxima à capital. Ex garota de programa, ela conheceu Marcos no exercício da profissão. Apaixou-se. Casaram-se de papel passado. Elize se tornou a senhora Matsunaga. Tiveram uma filha. Mas... muitas que o império taca... o amor durou só dois anos. Marcos começou um novo ciclo de acasalamento com outra garota de programa. Elize descobriu tudo e estigou satisfação. Ele ameaçou ficar com a criança de filha. Ela apontou o gatilho. O Ministério Público suspeita que Elize tenha premeditado o crime. Ela contou uma motosserra pouco antes da tragédia, mas esfaqueou o marido com uma faca mesmo. Agiu só? A polícia tem indícios penais de que ela talvez tenha sido ajudada no desmembramento do corpo do marido. Presa, bem comportada. Elize aguarda julgamento trabalhando na biblioteca da prisão. Nunca mais viu a filha.

# Amante de **Matsunaga** diz que Elize agredia o marido

Ela e a mulher do empresário, acusada de esquitej-lo, foram interrogadas ontem

**Embora faixa preta em lutas marciais, ele sofreria com arranhões constantes da esposa e vivia sendo machucado**

DO "AGORA"

A amante do empresário Marcos **Matsunaga**, 42, afirmou que **ele costumava ir visitá-la com arranhões e que ele e sua mulher, Elize Araújo Kitano **Matsunaga**, 39, estavam sempre brigando.**

Nathália Vila Real Lima, 24, foi interrogada na manhã de ontem, no Fórum Criminal da Barra Funda, na zona oeste de São Paulo. Elize, que confessou ter matado e esquitejado o empresário no dia 19 de maio de 2012, foi ou-

vida durante a tarde.

De acordo com Roberto Parentoni, advogado da amante de **Matsunaga**, Nathália disse ao juiz **Adilson Paukoski Simoni**, da 5ª Vara do Júri, que o empresário era calmo.

"Ela disse que Marcos sempre foi uma pessoa boa, carinhosa e amável."

Nathália disse também que ela e o empresário planejavam viver juntos, e que Marcos e Elize dormiam em quartos separados.

"A Nathália revela o perfil do Marcos como o de alguém angustiado porque o casamento não ia bem. Embora faixa preta de lutas marciais, ele aparecia machucado porque recebia agressões da Elize", afirmou Luiz Flávio Borges D'Urso, advogado da família do empresário assassi-

nado.

**ELIZE**

O interrogatório de Elize **Matsunaga** começou às 13h40 e terminou por volta das 16h.

Ela não respondeu às perguntas do Ministério Público e dos advogados da família do empresário.

Em outubro do ano passado, o Ministério Público pediu a abertura de inquérito policial para apurar a participação de uma segunda pessoa no assassinato.

A acusada falou apenas com o juiz do caso, mantendo a versão dada à polícia de que foi agredida antes de baleiar o marido na cabeça e esquitej-lo.

Quase um mês antes de matá-lo, Elize ligou para a Polícia Militar dizendo ter sido ameaçada por Marcos.

Na ligação, que foi gravada pela central da polícia, ela diz que seu marido saiu de casa depois de ameaçá-la.

De acordo com Luciano Santoro, advogado de Elize, ela recebia constantes ameaças do marido. "Ela não aguentou aquele momento de pressão", afirmou Santoro.

O advogado diz que durante os três meses anteriores ao crime, o empresário saiu com Nathália e ameaçou Elize, dizendo que iria interná-la e tirar a guarda da filha do casal.

Para Santoro, o caso de Marcos com Nathália não foi a motivação para o crime, mas, sim, a discussão do dia anterior à morte de **Matsunaga**.

A Justiça ainda aguarda os laudos da exumação do corpo do empresário para marcar o julgamento.

Robson Ventura/Folhapress



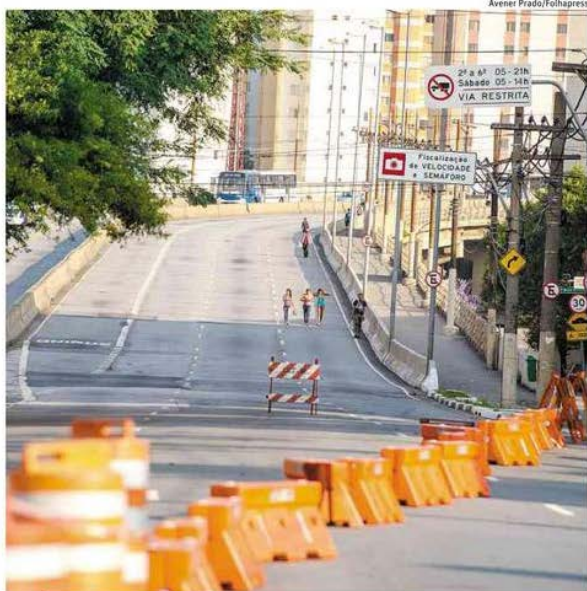
Nathália, amante de **Matsunaga**, chega para depoimento

## CASO YOKI

## Corpo de executivo é exumado para perícia

O corpo de Marcos Matsunaga foi exumado ontem, após pedido feito pela defesa de Elize Matsunaga, mulher do empresário e ré confessa do crime. A nova perícia deve determinar o exato momento da morte

do executivo, assassinado em maio de 2012. Há dúvidas se ele morreu pelo tiro que atingiu sua cabeça ou se ainda estava vivo quando foi esquartejado. A Justiça aguarda a exumação para decidir se Elize irá a júri.



» TRÂNSITO LIVRE Sinalização no viaduto Engenheiro Orlando Murgel, no centro, que será liberado para carros a partir das 12h de amanhã devido à conclusão de obras

## Jovem que atropelou ciclista é transferido para 'prisão de Caras'

Alex Siwek foi levado ontem para penitenciária de Tremembé (SP), destinada a abrigar presos famosos

**Suzane von Richthofen e casal Nardoni estão entre os detentos; defesa diz que pedirá a soltura do estudante**

DE SÃO PAULO

O estudante Alex Siwek, 21, que atropelou um ciclista na avenida Paulista, arrancando-lhe o braço direito, foi transferido na manhã de ontem para a penitenciária de Tremembé (a 138 km de SP). O complexo prisional é conhecido como "presídio

de Caras", numa referência à revista de celebridades, por abrigar pessoas envolvidas em crimes que tiveram grande repercussão na imprensa brasileira.

Na lista dos "hóspedes" famosos estão Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá, condenados pela morte de Isabella Nardoni, 5.

Para o presídio também foram encaminhados o jornalista Pimenta Neves e Lindemberg Alves, ambos condenados pela morte de ex-namoradas.

Já as alas femininas abrigam Suzane von Richthofen,

condenada pela morte do pai, e Elize Matsunaga, acusada de esquartejar o marido.

Esses "presos midiáticos" são enviados para o complexo por questão de segurança.

O local não é controlado pelo crime organizado, como ocorre na maioria dos presídios, até em razão de ter como boa parte dos internos ex-policiais ou filho de policiais.

A unidade masculina 2, onde Siwek ficará, tem capacidade para 239 pessoas e abrigava 416 no início do mês.

O estudante estava no CDP (centro de detenção provisória) de Belém, na zona leste, com 1.515 presos além da capacidade (eram 768 vagas para 2.283 pessoas).

A transferência ocorreu após a Justiça determinar a prisão preventiva do jovem, que poderá ficar preso até a data de seu julgamento.

Os advogados de Siwek afirmaram ontem que devem apresentar um pedido de habeas corpus no começo da semana. Eles dizem que não solicitaram a transferência do jovem para Tremembé.

## VIOLÊNCIA

## Justiça decide que Elize Matsunaga irá a júri popular

**DO 'AGORA'** - A Justiça decidiu ontem mandar a júri popular Elize Kitano Matsunaga, 31, acusada de matar e esquartejar o marido, o empresário Marcos Kitano Matsunaga, 42.

A decisão foi tomada pelo juiz Adilson Paukoski Simoni. A data do julgamento ainda não foi marcada.

O crime ocorreu em 19 de maio, no apartamento onde o casal vivia, na Vila Leopoldina (zona oeste), e os pedaços do corpo de Marcos foram jogados em locais distintos de Cotia (Grande São Paulo).

Segundo sua defesa, Elize matou Marcos após uma discussão na qual foi agredida por ele e porque temia ficar sem a guarda da filha em uma eventual separação do casal.

Para a Promotoria, Elize matou e esquartejou o marido de maneira premeditada para se vingar de uma traição e para ficar com R\$ 600 mil de um seguro de vida da vítima.

Elize é ré confessa e está presa desde o dia 4 de junho no Complexo Penitenciário de Tremembé (138 km de São Paulo).

Ela é acusada de homicídio doloso triplamente qualificado por motivo torpe, recurso que dificultou a defesa da vítima e meio cruel. A reportagem não localizou o advogado dela.

Em agosto, a Justiça negou o pedido de habeas corpus feito pela defesa. A liminar do pedido de liberdade já tinha sido negada em junho.

## Roubos em SP aumentam pelo 16º mês consecutivo

Os roubos em São Paulo, no Estado e na capital, cresceram pelo 16º mês seguido. Em setembro, o ritmo da alta, que caíra nos três meses anteriores, subiu 16,7% no Estado e 20% na cidade.

O número de homicídios no Estado caiu 11,9% em um ano. "SP é um dos Estados mais seguros do país", disse, em nota, o governo Alckmin (PSDB). **Cotidiano C1 e C3**

## a nova vida de Suzane

Preso há 12 anos pela morte dos pais, Suzane von Richthofen, 30, se tornou evangélica, conselheira de detentas e, desde setembro, está casada. Sua parceira é Sandra Regina Gomes, condenada por sequestro e ex-mulher de Elize Matsunaga, presa por esquitejar o marido. Suzane e Sandra dividem cela com mais oito casais no presídio de Tremembé (SP). **Cotidiano C6**



O ministro da Fazenda, Guido Mantega, que viu na reeleição sinal de que a população aprova a política econômica do país

### EQUILÍBRIO

Livro comum pode estimular mais as crianças que e-book, dizem pediatras **C7**

### SUZANA HERCULANO-HOUZEL

Ultrassom em excesso pode afetar a formação do cérebro do bebê **C7**



Raquel Cunha/Folhapress

Defendida pela presidente Dilma, a ideia de plebiscito sobre o sistema político enfrenta resistência no PMDB. Para o presidente do Senado, Renan Calheiros (PMDB-AL), cabe ao Congresso aprovar a reforma para depois realizar referendo.

O presidente da Câmara, Henrique Eduardo Alves (PMDB-RN), defendeu esse mesmo rito. **Eleições 2014 pág. 5**

### ABILIO DINIZ

Presidente, o gosto da vitória traz mais responsabilidades

Opinião A3

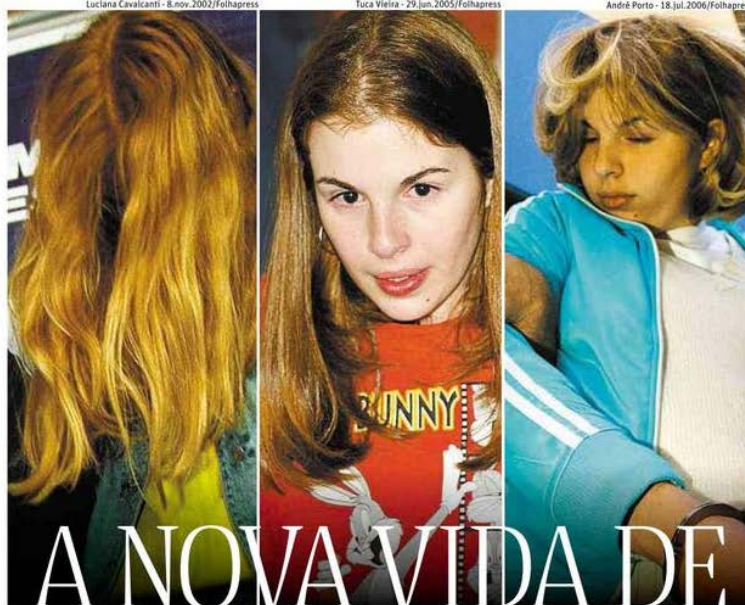
## Festa petista tem euforia, alívio e 'Macho Man'

O PT fechou restaurante em Brasília para celebrar a vitória eleitoral com festa "open bar". A euforia se misturou a alívio. Nas rodinhas, desabafa pelo receio de derrota. Animados, ministros dançavam suados. O hit "Macho Man" perdeu só para o jingle "Coração Valente". **Eleições 2014 pág. 10**

### INDEX DEPOIS DA ELEIÇÃO

C6 cotidiano ★ ★ ★ TERÇA-FEIRA, 28 DE OUTUBRO DE 2014

FOLHA DE S. PAULO



# A NOVA VIDA DE Suzane

Condenada pela morte dos pais, Suzane von Richthofen deixa a ala das evangélicas para se casar com uma sequestradora em presídio de SP

ROGÉRIO PAGNAN  
DE SÃO PAULO

Os cerca de 12 anos de prisão foram transformadores para a vida da ex-estudante Suzane von Richthofen, 30.

Condenada a 38 anos e seis meses pela morte dos pais, em outubro de 2002, atrás das grades Suzane se tornou evangélica, conselheira de outras detentas e, agora, inicia uma nova vida.

Abriu mão de lutar pela herança dos pais, tenta se aproximar do irmão e, desde setembro, está casada.

Suzane trocou a ala das evangélicas, que sempre ocupou em Tremembé (interior paulista), e passou a habitar a ampla cela das presas casadas, onde divide espaço com mais oito casais.

Para poder dormir com seu novo amor, a ex-estudante teve de assinar um documento de reconhecimento de relacionamento afetivo, exigido para todas as presas que resolvem viver juntas.

Em Tremembé, esse papel funciona como uma certidão de casamento. Permite o convívio marital, mas também impõe algumas regras de convivência aos casais.

Após assinatura desse compromisso, por exemplo, caso se separe, a presa não poderá voltar à cela especial — única destinada a casais — num prazo de seis meses.

A mulher de Suzane, Sandra Regina Gomes, condenada a 27 anos de prisão pelo sequestro de uma empresária em São Paulo, teve de cumprir a quarentena para poder se casar novamente.

No começo deste ano, Sandra havia se casado com a também famosa Elize Matsunaga, 32, presa pela morte e

esquitejamento do marido Marcos Kitano Matsunaga, 41, em junho de 2012.

O relacionamento entre Elize e Sandra terminou, segundo relato de pessoas ligadas ao ex-casal, justamente em razão de Suzane.

As três trabalhavam na fá-

brica de uniformes da prisão, onde Suzane ocupa cargo de chefe. O triângulo amoroso rompeu a amizade entre elas.

O novo amor é apontado com um dos motivos para Suzane ter aberto mão do direito de passar os dias fora da prisão. Em agosto passado, a ju-

za Sueli de Oliveira Armani, de Taubaté (a 140 km de São Paulo), concedeu a chamada "progressão de regime".

Os advogados tentavam obter essa decisão desde o final de 2008. Surpreendentemente, Suzane pediu à magistrada para adiar a sua ida para o

regime semiaberto.

Se fosse agora, teria de ir para outra unidade, já que a unidade feminina de Tremembé onde elas estão só tem autorização para receber presas em regime fechado.

Em outras penitenciárias por onde passou, Suzane sem-

pre despertou paixões.

Em Rio Claro, por exemplo, duas funcionárias do presídio se apaixonaram por ela.

Com isso, recebeu algumas regalias ilegais, como acesso à internet. A história só foi descoberta porque as funcionárias brigaram uma com a outra pelo amor de Suzane.

Em Ribeirão Preto, para onde foi transferida, um promotor teria se apaixonado por Suzane e prometido lutar para tirá-la da "vida do crime". Ela não gostou da proposta e denunciou as investidas.

O promotor foi punido pelo Ministério Público por comportamento inadequado — ele nega o suposto assédio. Pessoas que conversaram com Suzane recentemente afirmam que ela pretendia fazer uma cerimônia no começo de novembro para comemorar a sua união. Tinha escolhido até padrinhos.

Suzane soube que uma TV preparava uma reportagem sobre ela. E, com medo de expor a relação, adiou o evento.

Quando foi presa, Suzane namorava Daniel Cravinhos, à época com 21 anos. Teria sido em nome desse amor que eles arquitetaram a morte dos pais. O pai da menina não aceitaria esse namoro porque Daniel não estudava nem trabalhava. Para concretizar o plano, contaram com a ajuda do irmão de Daniel, Cristian.

Todos foram condenados. Os irmãos cumprem pena no regime semiaberto. O Ministério Público acredita que ela foi a mentora do crime.

Agentes penitenciários descrevem Suzane como a "Marcola de saias", numa alusão ao principal chefe do PCC, Willians Herbas Camacho, pela forma como a detenta consegue persuadir as demais.

## INVESTIGAÇÃO

## Polícia reabre caso de empresário da Yoki morto pela mulher

DO "AGORA" - A polícia reabriu a investigação sobre a morte do empresário Marcos Kitano Matsunaga, herdeiro do grupo Yoki, em maio de 2012, por solicitação do Ministério Público.

Segundo a investigação, há indícios que apontam que a autora do crime, Elize Matsunaga, mulher do empresário, pode ter tido ajuda para se livrar do corpo, que foi esquartejado.

Em dezembro, uma mulher registrou um ocorrência em Cotia (Grande SP) acusando o marido de agressão e denunciando que ele ajudou Elize a se livrar do corpo em terreno da cidade.

FOLHA DE S. PAULO

SÁBADO, 26 DE NOVEMBRO DE 2016 ★ ★ ★ cotidiano B9

# Elize busca pena branda quatro anos após matar herdeiro da Yoki

Mulher confessou morte de Marcos Matsunaga, mas dirá a júri que agiu no calor da discussão

**'Pelo requinte do crime, não vou me conformar se houver menos de 25 anos de condenação', afirma promotor**

ROGÉRIO PAGNAN  
DE SÃO PAULO

Quatro anos após matar, esquartejar e espalhar o corpo do marido em uma mata, Elize Kitano Matsunaga, 34, vai a júri popular a partir desta segunda-feira (28) em busca de uma condenação mínima pelo crime de ampla repercussão em São Paulo.

Bacharel em direito, ex-empfeira, ex-gerente de programa e, desde 2012, presidária de Tremembé (interior do Estado), Elize é ré confessa.

Diz ter atirado no marido, o empresário Marcos Matsunaga, herdeiro do grupo Yoki, na noite de 19 maio de 2012 em meio a uma das inúmeras brigas do casal. Afirma que agiu no calor da discussão (usou uma das quatro armas registradas em seu nome) e que foi agredida por ele com um tapa no rosto.

Após efetuar um disparo na têmpora da vítima, ela dividiu o corpo em seis partes (diz ter usado uma faca de cozinha), colocou-os em malas de viagem (dentro de sacos de lixo) e levou-se deles numa mata em Caucaia do Alto (na Grande São Paulo).

"Fez isso por desespero. Desespero de uma mãe que ia perder sua filha. Abando-

nar as partes do corpo foi apenas uma consequência desse desespero, porque não encontrou outra saída", afirma a advogada Roselle Soglio, uma das defensoras de Elize.

Com houve confissão do crime, a tentativa da defesa será tentar afastar as três qualificadoras do homicídio (motivo para agravar a pena) pelas quais ela é acusada: meio cruel (esquartejamento), sem chances de defesa e motivo torpe (teria matado por vingança e pela herança).

Os advogados de Elize afirmam haver no processo provas que afastam ao menos duas dessas qualificadoras, em especial sobre o meio cruel.

A defesa diz que, quando houve o esquartejamento, a vítima já estava morta. A Promotoria sustenta que ele ainda estava vivo e, por isso, há sinais de sangue no pulmão.

Se for condenada por homicídio simples, Elize terá uma pena entre 6 e 20 de prisão. Como está presa há mais de quatro anos e não tem outros antecedentes criminais, ela poderia sair do júri com ordem de soltura por ter cumprido mais de um sexto da pena.

A condenação por destruição e ocultação de cadáver, de 1 a 3 anos de prisão, não afetaria muito na contagem.

Roselle Soglio diz acreditar até na hipótese de absolvição pelo homicídio, já que Marcos era maior que a vítima e lutador de artes marciais. "O fato de ser ré confessa não quer dizer que não possa ser absolvida. Ela tinha



Elize Matsunaga deixa a cadeia de Itapevi (Grande SP) em 2012; ela vai a júri popular

motivos para ter atirado. Existem motivos para ela ter praticado o ato", disse Roselle.

Com as qualificadoras, o homicídio é considerado hediondo e a condenação pode chegar a 30 anos. Além disso, os pedidos de progressão de pena só poderiam ser feitos após o cumprimento de dois quintos da pena total.

"Eu não posso concordar, como promotor de Justiça e como ser humano, que ocorra um fato deste impunemente", afirmou o promotor José Carlos Cosenzo. "Pelo requin-

te, pela forma que a vítima foi morta, menos de 24, 25 anos de condenação, eu não vou me conformar", concluiu.

Para o Ministério Público, a versão de briga contada por Elize não tem lastro em provas. Na verdade, na visão da Promotoria, ela cometeu o crime por ciúmes do marido (ficou sabendo de nova amante) e tinha interesse no dinheiro da família. O valor do grupo Yoki era estimado em R\$ 2 bilhões (além de seguro de vida de R\$ 600 mil). Cosenzo diz que a persona-

lidade da ré pode ser medida pelo próprio esquartejamento. "Qualquer literatura jurídica diz que o esquartejamento é coisa de psicopata. A pessoa sabe efetivamente o que vai fazer. É ódio incontido."

A expectativa é de que o julgamento dure ao menos três dias. Os trabalhos devem começar com a escolha dos sete jurados e vai ocorrer do Tribunal de Justiça da Barra Funda (zona oeste de SP). Foram convocadas pela acusação e defesa 22 testemunhas, incluindo peritos e policiais.

Ativista confessa elo com facção, diz secretário

FERNANDA PEREIRA NEVES  
DE SÃO PAULO

O secretário da Segurança Pública de São Paulo, Máximo Alves Barbosa Filho, afirmou, nesta sexta (25), que o vice-presidente do conselho estadual de direitos humanos, Luiz Carlos dos Santos, confessou ter recebido pagamento mensal do PCC (Primeiro Comando da Capital).

Integrante do Condepe (Conselho Estadual de Defesa da Pessoa Humana) ele foi preso na terça (22) com outros 34 acusados de ligação com a facção criminosa que atua em São Paulo. Santos foi o único preso que teve o nome divulgado.

O primeiro pagamento a Santos ocorreu em janeiro de 2015 por uma advogada envolvida com a facção. Ele afirma que recusou o valor e negou pedidos do grupo, mas foi ameaçado e os pagamentos continuaram, passando de R\$ 2.000 para R\$ 5.000 com o tempo.

Santos teria tocado processos indicados pelo grupo, passado relatórios sobre ações em andamento e dado carteiras de identificação do Conselho Ouvidor de Direitos Humanos que ele soube depois serem usadas para acessar presídios.

"Infelizmente a gente viu que uma pessoa com assento no conselho recebeu parcelas de dinheiro. Audiências públicas promovidas por interesse dessa organização foram realizadas", disse o secretário. O Condepe decidiu nesta sexta-feira pelo afastamento de Santos do cargo.

## JUSTIÇA

## Começa júri de Elize Matsunaga, que esartejou marido

**DO AGORA** - O júri popular de Elize Araújo Kitano Matsunaga, 34, começa nesta segunda-feira (28) no fórum criminal da Barra Funda (zona oeste), com a disputa entre acusação e defesa para definir quanto tempo ela permanecerá na cadeia, onde já está há quatro anos.

Elize confessou ter matado e esartejado o marido, o executivo e herdeiro da Yoki Marcos Kitano Matsunaga — com quem tem uma filha —, em maio de 2012, no apartamento onde o casal morava, na zona oeste.

Elize colocou as partes do corpo em sacos de lixo dentro de malas e as jogou ao longo de uma estrada.

A defesa alega que ela agiu por forte emoção, depois de ter sido agredida pelo marido. A promotoria afirma que ela agiu por vingança, após descobrir traição de Marcos;

## MERCADO

Comprou na Black Friday pela internet e se arrependeu? Veja o que fazer **A14**

## JOÃO PEREIRA COUTINHO

Eastwood conseguiu traduzir a mais séria lição da minha vida

*Por causa de "Sully", talvez o mais conservador dos filmes de Clint Eastwood, reli o ensaio "Rationalism in Politics", de Michael Oakeshott.*

*Encontrei nele um filósofo que, contra toda a arrogância da modernidade, mostrava como a imperfeição pode ser uma forma de salvação. O ensaio era, paradoxalmente, lição de humildade e apologia da grandeza humana.*

*Eastwood traduziu para imagens a mais séria lição da minha vida. Ilustrada **C6***

EDITORIAIS Opinião **A2**

Leia "Fidel Castro", acerca da morte do ditador cubano, e "A qualidade da inclusão", sobre desempenho de alunos beneficiados por política de cotas.



» **JÚRI POPULAR** Elize Matsunaga (à esq.) no primeiro dia do julgamento que definirá sua pena por ter esartejado o marido, Marcos, herdeiro do grupo Yoki, em 2012. Cotidiano **B5**

**CIRCULAÇÃO**  
308.684/dia (impressos + digitais)

**ATMOSFERA** Cotidiano **B2**  
Frente fria causa chuva no Sudeste  
Lua minguante

**RODÍZIO** Cotidiano **B2**  
Não devem circular carros com placas cujo final seja: **34**

ISSN 1414-5721  
9 771414 572032 3 2 0 1 7

## EQUILÍBRIO

Terapeuta lança livro com exercícios de postura para as crianças **B6**

## CIÊNCIA

Cientistas brasileiros pretendem lançar a 1ª missão do país à Lua até 2020 **B7**

## ILUSTRADA

Coletânea reúne textos de Paulo Francis publicados pela Folha **C1**

Crédito incentivado com agilidade e eficiência para sua empresa colher os melhores resultados.

## Agronegócio Safra

www.safra.com.br

Conheça nossas soluções para o Agronegócio: CRA, LCA, CPR, Crédito Rural, Repasses BNDES, Câmbio e Comércio Exterior. Converse com um de nossos gerentes e seja nosso cliente.

SAC (Serviço de Atendimento ao Consumidor) / Atendimento aos Portadores de Necessidades Especiais Auditiva ou de Falta: 0800 772 0135. Atendimento 24h por dia, 7 dias por semana. Ouvidoria: 0800 772 1226. Atendimento de 9h a 17h, das 9h às 18h, exceto feriados.

175 ANOS  
UNIVERSIDADE  
SAFRA

**Safra**  
Tradição Secular de Segurança

Nelson Antoline/FramePhoto/Folhapress



Elize Matsunaga, em seu primeiro dia de julgamento

## Júri de Elize tem falas sobre serra elétrica e traição

Acusada de matar marido empresário foi levada a julgamento nesta segunda-feira (28)

DE SÃO PAULO

O primeiro dia de julgamento de Elize Matsunaga, nesta segunda (28), foi marcado por depoimentos sobre a compra de uma serra elétrica no dia do crime e a investigação de uma traição conjugal cometida por Marcos Matsunaga.

Elize é acusada de matar o marido, empresário e herdeiro do grupo Yoki, em 19 maio de 2012, e esartejá-lo. Para a acusação, a compra da serra no dia do crime indica que Elize, assassina confessa, premeditou a morte do marido.

Segundo o depoimento da babá da família, Mauriceia José Gonçalves dos Santos, a serra elétrica foi comprada em Cascavel (PR) quando Elize voltava de viagem, acompanhada da babá. Elize teria dito que a serra era um pedido do marido — para usar em caixas de vinho em sua adega.

Amonir Hercília dos Santos, filha de Mauricélia, também babá da família, relatou ao jú-

ri ter ouvido da mãe sobre a compra da ferramenta.

O detetive particular William Coelho de Oliveira, contratado por Elize para investigar se Matsunaga tinha um caso extracnjugal, também foi ouvido. Ele confirmou que Elize soube da traição do marido ainda no Paraná.

A defesa de Elize alega que

o crime ocorreu num momento de forte emoção, sem planejamento, e argumenta que ela teria usado uma faca de cozinha no esartejamento. A Promotoria disse, semana passada, que não está claro qual instrumento foi usado.

Embora tenha sido convocado pela acusação, o testemunho do detetive teve mui-

tos pontos favoráveis à defesa, já que Oliveira disse que Elize ficou muito abalada ao receber a notícia da traição.

Durante alguns momentos, Elize chorou diante do júri, formado por quatro mulheres e três homens. Os trabalhos devem ser retomados na manhã desta terça-feira (29) com depoimentos de acusação.



EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS  
DIRETORIA REGIONAL DE SÃO PAULO INTERIOR

**AVISO DE ADIAMENTO DE LICITAÇÃO**

Pregão Eletrônico nº. 16000134/2016

Objeto: Prestação de serviços de mão-de-obra temporária, com jornada de 40 (quarenta) horas semanais diurnas, para suprir a carência transitória de pessoal regular e permanente ou o acréscimo extraordinário de serviços, para a execução de atividades internas de Correios, no âmbito dos Centros de Entrega de Encomendas - DR/SPI, por meio do sistema de registro de preços - SRP, conforme edital. A abertura da Licitação prevista para ocorrer no dia 07/12/2016 às 08:30 horas foi adiada para o dia 12/12/2016, às 08:30 horas (<http://www.licitacoes-e.com.br> - ID-654086). Retirada do edital e informações: no endereço <http://www.correios.com.br>, pelo telefone (14) 3108-4694.

Camila Cristina Batista Paiva  
Pregoeira CPL/DR/SPI



# ‘Eu queria calar ele’, afirma Elize Matsunaga sobre morte do marido

Ré disse que não tinha intenção de matar Marcos Matsunaga e deu detalhes sobre o esquartejamento

Jales Valquer/Fotoarena/Folhapress

**Segundo ela, a decisão de cortar o corpo de seu companheiro ocorreu em momento de irracionalidade**

ROGÉRIO PAGNAN  
DE SÃO PAULO

“Eu não queria atirar nele. Eu queria calar ele. Queria que tudo acabasse”, disse Elize Matsunaga, em fala emocionada, alternando entre mágoa, raiva e tristeza.

Em interrogatório na manhã deste domingo (4), sétimo dia do julgamento de Elize Matsunaga, a ré, que confessou o crime, deu detalhes de como matou e esquartejou o marido, o empresário Marcos Matsunaga, em maio de 2012.

Elize disse que não tinha intenção de matar o marido. Segundo ela, o crime ocorreu em momento de forte emoção. Após ser agredida pelo empresário com um tapa no rosto, disse, pegou uma arma que estava na sala e, na cozinha, passou ser xingada por ele.

“Se eu estiver mentindo, que Deus me castigue da pior forma possível”, disse no interrogatório, que durou mais de duas horas —começou às 10h21 e terminou às 12h40. Elize se recusou a responder às perguntas feitas pela acusação.

“Ele xingava a minha família. Eu não estava aguentando mais”, disse ela. “Também senti alívio porque sabia que não estava louca. Todas as vezes que eu dizia que ele tinha outra, ele dizia que não tinha fundamento, que eu estava louca.”

Questionada pelo juiz Adilson Paukoski Simoni se não poderia ter tomado outra decisão a não ser o disparo, Elize respondeu que estava desesperada.

“Poderia fazer um milhão de coisas. Mas, na hora, eu não racionei. Fazia dois dias que não dormia. Com o detetive [contratado por Elize para investigar um possível caso extraconjugal de Marcos Matsunaga] me ligando a todo momento. No momento, eu não racionava direito. Eu estava com o coração na boca”.

Elize afirmou que só esquartejou o marido porque queria se livrar do corpo e não encontrou outras alternativas. “Infelizmente, a única forma que encontrei foi cortá-lo”, disse.

O médico legista Carlos Alberto Souza Coelho, considerado um dos melhores especialistas na área e testemunha de acusação ouvida na quinta (1ª), afirmou que o esquartejamento de Marcos ocorreu com ele ainda vivo ou “minutos” após sua morte.

Elize contou que começou, na manhã de 20 de maio, um

domingo, a cortar o marido pelos joelhos, que estavam mais próximos da porta. Em seguida, cortou os ombros, abdômen e, por fim, o pescoço. A maior dificuldade, segundo ela, foi cortar a coluna.

A afirmação de Elize é compatível com a análise do assistente de defesa Sami El Jundi, legista e perito criminal. Segundo ele, a morte de Marcos Matsunaga se deu instantaneamente com a explosão do projétil da arma de fogo. Isso afastaria a possibilidade de a vítima ter sido esquartejada ainda com vida.

Essas informações são importantes para o futuro de Elize porque, mesmo sendo ré confessa da morte e esquartejamento do marido em 2012, as qualificadoras do crime (que aumentam a pena) serão definidas pelo entendimento dos jurados, entre outros pontos, se a vítima sofreu com o esquartejamento e se houve chance de defesa para Marcos Matsunaga.

Caso seja condenada por homicídio simples, Elize terá uma pena entre 6 e 20 anos de prisão.

A ré disse que resolveu se livrar do corpo do marido sem racionar muito, porque era “tudo que vinha na cabeça”. “Eu não podia ligar para minha sogra, pessoa que sempre me tratou com respeito, [dizendo] ‘eu dei um tiro no seu filho’”, afirmou Elize.



Elize Matsunaga (à esq.) chora no sétimo dia de julgamento

# Condenada a quase 20 anos, Elize deve ser solta até 2018

Previsão de advogados é baseada em benefícios da lei para reduzir pena

**Defesa já entrou com recurso para baixar punição; ela está há 4 anos e meio na prisão pela morte do marido**

ROGÉRIO PAGNAN  
DE SÃO PAULO

Condenada a 19 anos, 11 meses e um dia de prisão pelo assassinato e esquartejamento do marido, Elize Matsunaga, 35, deverá ficar no máximo mais dois anos detida em regime fechado. Essa é a estimativa de advogados ouvidos pela Folha a partir da sentença do Tribunal do júri e com base nos benefícios da legislação para cumprimento de penas. Elize foi condenada na madrugada desta segunda-feira (5) no fórum criminal da Barra Funda, zona oeste de São Paulo, depois de sete dias ininterruptos de julgamento. Ela confessou ter matado seu marido, Marcos Matsunaga, em maio de 2012, mas alegou ter agido sob forte emoção, após discutir com ele. Os jurados consideraram esse crime hediondo porque

a ré teria armado tocaia para atirar em Marcos, impossibilitando a defesa da vítima. Pela legislação, Elize precisará cumprir dois quintos do total da pena para pleitear progressão de regime e conseguir sair da prisão — considerando a condenação do júri, isso seria perto de oito anos. Como já está presa há cerca de quatro anos e meio, faltariam, com isso, três e meio para Elize pedir esse direito.

Ocorre, porém, que ela trabalha na prisão desde 2012 e, por isso, já tem direito a descontar isso do total da pena. Como previsto na lei, a cada três dias trabalhados na prisão, é possível ao detento reduzir um dia da pena.

Diante desse cenário, advogados estimam que Elize deve conseguir reivindicar à Justiça a saída para um regi-

me semiaberto até 2018.

A progressão da pena não é automática — precisa ser analisada pelo juiz, que também faz análise do perfil da detenta e pode indeferir esse pedido, como ocorreu com Suzane von Richthofen — condenada pelo assassinato dos pais em 2002, em São Paulo.

Pelos documentos apresentados no processo, no entanto, Elize tem na prisão um comportamento considerado exemplar — condição que tende a beneficiá-la.

## RECURSO

A condenação de Elize foi anunciada pelo juiz Adilson Simoni, incluindo, além da pena pelo assassinato, um ano e dois meses pela destruição e ocultação de cadáver.

A advogada Roselle Soglio, defensora de Elize, já recorreu da decisão. Ela tentará reduzir a punição por considerar que houve exagero do magistrado na dosimetria da pena, como se as três agravantes do crime — as qualificadoras — tivessem sido aprovadas pelos jurados, algo que não ocorreu.

A tese de que houve impossibilidade de defesa da vítima foi aceita pelo júri. Mas as acu-

sações de que a morte ocorreu por motivo torpe (vingança e por dinheiro) e meio cruel (teria iniciado esquartejamento ainda em vida) não tiveram concordância da maioria.

Advogados ouvidos pela Folha avaliam haver chances de a pena ser modificada pelo Tribunal de Justiça. Por exemplo, pelo fato de a confissão de Elize não ter sido considerada na definição da pena. O juiz diz que isso ocorreu “quando as investigações já convergiam contra ela”.

O Ministério Público Estadual diz que também está analisando a possibilidade de recurso. O promotor do caso, José Carlos Cosenzo, diz não acreditar, no entanto, que possa conseguir elevar a pena imposta agora.

“A pena, a meu ver, deveria ser num patamar entre 19 e, no máximo, 25 [anos de detenção]. Eu queria que fosse nesse teto. Eu queria, vamos pensar se vamos recorrer.”

Se as três qualificadoras tivessem caído (o placar foi de 4 a 3), o homicídio seria considerado simples, com pena mínima de 6 anos e máxima de 20, facilitando a progressão de pena ao semiaberto.



Elize Matsunaga (a esq.), 35, durante julgamento em SP

“A pena deveria ser num patamar entre 19 [anos] e 25. Eu queria esse teto”

JOSÉ CARLOS COSENZO  
promotor

## Ex-garota de programa teve com empresário ‘conto de fadas com final infeliz’

DE SÃO PAULO

Elize Matsunaga, 35, teve a vida esmuçada por testemunhas de defesa e de acusação em sete dias de julgamento. Descrita como “personagem de um conto de fadas com final infeliz”, nasceu em 1981 em Chopinzinho (20 mil habitantes), no interior do PR. Ainda criança foi abandonada pelo pai. Depois, ele só voltou uma única vez.

“Não veio exatamente para visitá-la. Ele pegou a televisão, uma TV pequena que tinha lá, e levou embora... para a casa da outra”, disse Roselle de Araújo, tia de Elize e que, ao longo dos anos, se tornou sua “mãe de coração”.

Aos três anos, Elize, sua irmã recém-nascida e a mãe passaram a viver na casa de madeira, sem banheiro e geladeira, dos avós e de Rose.

A mãe também deixou a filha, mudou-se para Curitiba e, depois, voltou para Chopinzinho com um namorado, quando Elize tinha 10 anos.

Com 15 anos, Elize fugiu de casa. Foi localizada após mais de um mês em Gravataí (RS), apreendida pelo conselho tutelar e devolvida à família.

Famíliares dizem que, depois, souberam que ela havia sofrido abuso sexual do padrasto. À época, sua mãe ficou do lado do namorado.

Elize foi aos 18 anos estu-



Elize chega algemada ao DHPP (departamento de homicídios) após ser presa em 2012

dar enfermagem em Curitiba. Os estudos foram financiados pela avó e sua tia — também técnica em enfermagem. Foram dois anos estudando.

### GAROTA DE PROGRAMA

Elize disse aos jurados que decidiu se prostituir quando estava no refeitório de um hospital e soube que uma amiga pagava a faculdade com isso.

Na nova profissão, conheceu um deputado estadual do Paraná, casado. Em 2004, mudou-se para São Paulo, onde publicou suas fotos em um site de garotas de programa.

Foi nessa época, como “acompanhante de executivos”, que conheceu o futuro marido, Marcos Matsunaga — herdeiro da indústria de alimentos Yoki, com patrimônio estimado em R\$ 1,7 bilhão.

Romântico, amante de vinhos e restaurantes refinados, passou a tratar Elize como namorada e a enchê-la de presentes. “Ela encontrou o príncipe encantado”, disse o delegado Mauro Gomes Dias.

Em 2006, ela decidiu iniciar a faculdade de direito, em uma faculdade particular ban-

cada pelo namorado. Em 2007, Elize e Marcos passaram a viver juntos num flat. Marcos era casado quando ambos se conheceram.

O casamento de Elize e Marcos, em comunhão parcial de bens, ocorreu em junho de 2009. A mãe dela não compareceu, apenas a tia.

### VINHOS E ARMAS

Uma das madrinhas do casamento, a empresária Cecília Yone Nishioka diz que Marcos, certa vez, decidiu viajar para Cancún para mostrar o México para a mulher. “Ela comprou um monte de

bolsas Louis Vuitton”, disse. O casal passou a morar numa cobertura duplex de 340 m² na Vila Leopoldina, zona oeste de São Paulo, estimada em cerca de R\$ 5 milhões.

Tinham alguns hobbies. Um deles era a criação de uma jiboia de estimação chamada pelo casal de Gigi. Também colecionavam vinhos, alguns estimados em até R\$ 20 mil uma única garrafa, formando uma adega estimada em mais de R\$ 2 milhões.

Outra mania era a coleção de armas, de pistolas a fuzis. Elize tinha quatro registradas em seu nome, entre elas uma pistola Imbel calibre 380.

Com esse armamento, o casal participava de caçadas em fazendas próprias para essa prática no PR e em MT. “Já comi animais caçados por ele, e, também, caçados por ela”, disse a madrinha Cecília.

Elize e Marcos queriam ter um filho. Marcos perdeu produção de esperma após uma infecção urinária e, assim, tinha dificuldades de engravidar a mulher. Após três tentativas assistidas por médicos, desistiram. Mas, em 2010, Elize descobriu que estava grávida. A notícia reuniu o casal em crise por suspeitas de infidelidade do marido.

A filha nasceu em abril de 2011 e a felicidade entre eles durou cerca de seis meses. O casal passou a participar

de terapias para melhorar a relação. Um reverendo amigo do casal aconselhou Marcos a trancar o cofre das armas.

### DESCONFIANÇA

O detetive particular William Coelho de Oliveira foi contratado por Elize para seguir o marido. “Flagramos ele com uma morena já no primeiro dia”, disse Oliveira, em referência a uma mulher que o empresário conheceu no mesmo site em que achou Elize.

Lara, como se apresentava, ganhou uma caminhonete Pajero TR4 blindada e uma mesada de R\$ 27 mil.

Segundo amigos do casal, Marcos passou a se referir à mulher como “louca”.

Após matar o marido e atirar os pedaços numa mata de Caucaia do Alto (Grande SP), Elize voltou para o apartamento como se nada tivesse ocorrido. Pegou um vídeo como prova da traição do marido e foi se reunir com a família dele para dizer que havia descoberto a vida secreta de Marcos e, por isso, acreditava que ele poderia ter saído de casa. “Ela foi muito dissimulada”, disse Cecília, a madrinha, aos jurados.

Elize foi presa em 5 de junho de 2012 e confessou o crime. “Se eu estiver mentindo, que Deus me castigue da pior forma possível”, disse aos jurados. (ROGÉRIO PAGNAN)

## B Relação de reportagens analisadas do caso de Graciele

### PREPARE-SE PARA O FERIADO

Hoje Amanhã Sábado

#### São Paulo



18º/26º 17º/26º 17º/28º

#### São Sebastião



20º/27º 21º/28º 20º/28º

#### Rio de Janeiro



22º/30º 21º/30º 22º/31º

#### Salvador



26º/33º 26º/33º 25º/33º

### ESTRADAS HOJE

Piores horários

Anhanguera/Bandeirantes das 15h às 20h

Anchieta/Imigrantes das 12h às 24h

Ayrton Senna/Carvalho Pinto das 17h às 20h

Castello Branco/Raposo das 16h às 23h

Dutra das 12h às 24h

Cotidiano C6

### NO SITE

Folha testa 10 ovos de Páscoa entre os mais vendidos

Confira 40 restaurantes com menus especiais para a Páscoa  
[folha.com/pascoa](http://folha.com/pascoa)

## velha LISBOA nova

Pasquale Cipro Neto relata a renovação da cidade e João Pereira Coutinho indica onde comer **Turismo F1**

### ILUSTRADA

Filme 'Copa de Elite' faz paródia autorizada de obras nacionais **E1**

### JUCA KFOURI

Ao mostrar cueca, Neymar esqueceu que campo é só para jogar **Esporte D4**

## Ex-diretor da Petrobras rebate Planalto, mas frustra oposição

Em depoimento na Câmara, o ex-diretor da Petrobras Nestor Cerveró rebateu a versão da presidente Dilma sobre a compra da refinaria de Pasadena. A presidente atribuiu à diretoria dele parecer "falho" sobre o negócio.

Para Cerveró, as cláusulas omitidas nesse resumo não eram importantes. Disse que "não houve intenção de enganar ninguém". A oposição esperava que a fala dele fosse mais "explosiva". **Poder A6**

## Deputado afirma a petistas que não vai mais renunciar

Dois dias depois de dizer que renunciaria, André Vargas (PT-PR) avisou colegas de partido que permanecerá na Câmara. O deputado afirmou que mudou de ideia ao constatar que a renúncia não interromperia o processo de cassação, aberto no Conselho de Ética da Casa. **Poder A9**

## Olimpiada do Rio já custa mais que evento de Londres

A previsão de custo para a Olimpíada de 2016, no Rio de Janeiro, chegou a R\$ 36,7 bi-



» LUTO Jussara Uglione (centro) no enterro do neto Bernardo Uglione Boldrini, 11, encontrado morto em matagal no interior do Rio Grande do Sul; preso desde segunda-feira sob suspeita do crime, pai do garoto nega participação **Cotidiano C6**

# Pai nega participação em morte de garoto no RS

Defesa afirma que suspeito de matar filho de 11 anos 'não sabia de nada'

**Além dele, madrastra e uma amiga dela estão presas; polícia apura se crime está relacionado à herança da mãe**

FELIPE BÄCHTOLD  
DE PORTO ALEGRE  
ARTUR RODRIGUES  
ENVIADO ESPECIAL A TRÊS PASSOS (RS)

O pai do garoto de 11 anos encontrado morto nesta semana no interior do Rio Grande do Sul se diz inocente e disposto a provar que não teve participação no crime, segundo seu advogado.

O defensor Andriago Rebeato, 36, é primo de Leandro Boldrini, 38, suspeito de participar da morte do filho Bernardo Uglione Boldrini, 11.

O pai foi preso na última segunda-feira, junto com a madrastra do menino e uma amiga dela. Por não ter tido contato com a defesa delas, a Folha optou por não divulgar os seus nomes.

O corpo de Bernardo foi achado em um matagal em Frederico Westphalen, a 80 quilômetros de Três Passos,

onde a família morava. Ele era procurado havia dez dias. "Ele [Boldrini] nega as acusações, todas. Ele não sabia de nada", disse o advogado.

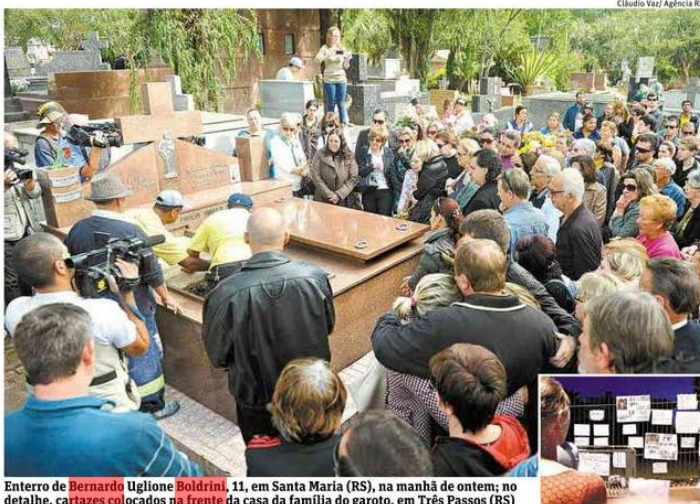
A Polícia Civil ainda não concluiu a investigação sobre o caso. A delegada responsável, Caroline Machado, disse antontem não ter dúvidas do envolvimento dos três suspeitos na morte, mas afirmou que ainda falta esclarecer de que forma cada um atuou.

A polícia não deu detalhes das provas. A delegada afirma que uma hipótese investigada é a de "motivação econômica" para o assassinato.

Segundo o advogado Marlon Taborda, que representa a avó materna do menino, corre na Justiça a partilha da herança da mãe de Bernardo, que se suicidou em 2010.

Com o menino vivo, ele afirma, o pai teria mais dificuldades para vender imóveis que pertenciam ao casal.

Investigadores dizem que câmeras gravaram as duas mulheres saindo com o menino e voltando sem ele. Afirma ainda que a amiga contou que o garoto morreu com uma injeção de remédios.



Enterro de Bernardo Uglione Boldrini, 11, em Santa Maria (RS), na manhã de ontem; no detalhe, cartazes colocados na frente da casa da família do garoto, em Três Passos (RS)

## Casa da família vira ponto de peregrinação na cidade

DO ENVIADO A TRÊS PASSOS (RS)

A casa onde o menino Bernardo Boldrini, 11, morava virou ponto de peregrinação em Três Passos, cidade de cerca de 24 mil habitantes no interior do Rio Grande do Sul.

A fachada da casa de alto padrão, na rua Gaspar Silveira Martins, foi tomada por cartazes e velas. Abaixo de uma foto de Bernardo sorrindo, os dizeres: "Três Passos quer justiça. Ele só queria amor".

Ontem a noite, dezenas de pessoas foram até o local prestar homenagem ao garoto, rezar ou protestar. Muitos deixaram o local chorando. Vizinho da família, o poli-

cial Mauro da Silva Dickel, 36, trouxe os filhos de 6 e 9 anos para colocar cartazes cobrando justiça pela morte.

"Ele não tinha a chave de casa e era obrigado a pular o portão (de dois metros de altura)", afirmou Dickel.

"Na primeira comunhão dele, o pai e a madrastra também não foram", completou.

A morte do garoto tornou ainda mais conhecida a história de rejeição de Bernardo. De acordo com testemunhas, o menino procurava o carinho que lhe faltava em casa na escola e também na casa de amigos.

Bernardo havia apelado à Justiça no final do ano passa-

do. O caso era acompanhado pela Vara da Infância de Três Passos, que chegou a apontar famílias para adotá-lo.

Como a situação de Bernardo não envolvia violência física, o juiz responsável pelo caso aceitou o apelo do pai para tentar refazer os vínculos com o garoto.

### MÉDICO

O médico Leandro Boldrini, virou "doutor morte" entre a população. Uma das faixas coladas na porta da casa da família diz: "O herói que salvou tantas vidas acabou com a do próprio filho".

"Ele era um ótimo médico. Me operou duas vezes e sal-

vou a vida do meu pai", disse o auxiliar de produção Moacir Albring, 29.

"No colégio Ipiranga, onde Bernardo era aluno no período da manhã, as aulas foram suspensas nesta semana. "Fizemos uma oração para ele", disse uma ex-colega de sala, Livia Kook, 10.

"Ele era um bom amigo, não brigava com ninguém. Mas não era muito bom em reportagem perguntar do que lembrava do amigo.

O traço mais marcante, afirmou a menina, era o jeito carinhoso. "Ele cumprimentava até quem não conhecia, gostava muito de abraçar". (A8)

Claudio Vaz/Agência BBS

Artur Rodrigues/Folhapress

# Para a polícia gaúcha, morte de menino foi premeditada

Delegada disse que vai indiciar o pai de **Bernardo**, 11, a madrasta e a amiga dela

**Pai do garoto negou ligação com o crime; as duas mulheres ainda não têm advogado; os três estão presos**

ARTUR RODRIGUES  
ENVIADO ESPECIAL A TRÊS PASSOS (RS)

A Polícia Civil gaúcha afirma já ter reunido provas da premeditação do assassinato de **Bernardo** Uglione Boldrini, 11. O corpo do garoto foi encontrado nesta semana, em um matagal em Frederico Westphalen (a 447 de Porto Alegre e a 80 km de Três Passos, cidade onde ele morava).

A delegada Caroline Machado afirmou ontem que vai indiciar o pai, o médico **Leandro Boldrini**, 38, a madrasta, a enfermeira **Graciele Uglini**, 32, e uma amiga do casal, a assistente social **Edelvânia Wirganovicz**, 40, sob suspeita de homicídio qualificado.

Os três estão presos desde segunda-feira. O pai nega o crime. As duas mulheres ainda não têm advogado.

A **Folha** apurou que a tese da premeditação se baseia no depoimento de Edelvânia. Ela confessou que começou a cavar a cova de **Bernardo** dois dias antes da morte do menino, segundo a polícia.

O trabalho, diz a polícia, foi iniciado com uma enxada. Um dia depois, ela comprou uma pá e um apetrecho usado para abrir buracos. As ferramentas foram apreendidas na casa de um parente dela, segundo policiais.

da não pode revelar as pistas do envolvimento do pai.

## OUTRO LADO

O pai de **Bernardo** prestou depoimento à polícia e se disse inocente. O advogado **Jader Marques** —que também defende um dos sócios da Boate Kiss, incendiada em janeiro de 2013—, assumiu a defesa de **Boldrini**. Ele não quis falar sobre o caso ontem.

Anteontem, o advogado **Andrigo Rebelato**, 36, primo de **Boldrini**, disse que o médico **está abalado** com a morte do filho e “não quer nenhuma vinculação” com **Graciele** e **Edelvânia**.

Segundo a polícia, as duas mulheres continuam sem advogado constituído. A madrasta do menino ainda não foi ouvida pela polícia.



Caroline Machado, delegada que investiga o assassinato

**Bernardo** ficou com o pai sob condição, diz Promotoria

DO ENVIADO ESPECIAL

Garhar um animal de estimação. Essa foi uma das condições impostas pelo menino **Bernardo Boldrini** para continuar morando com o pai, o médico **Leandro Boldrini**.

A audiência entre o pai do menino e a Justiça aconteceu no dia 11 de fevereiro.

A promotora da infância **Dinamácia Maciel** conta que tinha solicitado que a guarda fosse transferida para a avó materna depois que **Bernardo** foi até a Promotoria falar com ela.

“Já que o pai não dava atenção para ele e a madrasta não tinha paciência, ele queria uma família nova”, conta. O pai, porém, insistiu em ficar com o filho.

**Boldrini** admitiu dar pouca atenção ao menino e culpou o trabalho. Prometeu ainda que conversaria com a mulher, a enfermeira **Graciele**

Uglini, sobre o tratamento dado ao garoto.

**Dinamácia** disse que chamou **Bernardo** para conversar e perguntou se ele achava possível dar uma nova chance ao pai.

“Ele saiu da cadeira onde estava, colocou o braço em cima de mim e disse: “Desde que eu ganhe um bichinho de estimação e que a Kelly [apelido de **Graciele**] não me enche (sic) mais.”

Como o menino nunca havia se queixado de violência física, a Vara da Infância deu 60 dias para a família se entender.

O caso de **Bernardo** vinha sido acompanhado desde novembro. Assistentes sociais repassaram o assunto à promotora **Dinamácia**.

A promotora afirma ter feito tudo que podia, com o máximo de rapidez para proteger **Bernardo**.

“Por mais que nós aperfeiçoamos protocolos, por mais que a gente caminha para evolução, sempre vamos trabalhar com a margem de risco. Tem coisas que fogem à nossa capacidade de antever os fatos.”

50"



TV 50" COM  
CONVERSOR DIGITAL A PARTIR DE  
R\$ 1.999,00  
à vista



Neu Bahianinho  
Baixe o aplicativo gratuito  
e divirta-se com  
atividades surpreendentes!

Disponível na  
App Store e Google Play

TV 50"  
com  
conversor  
digital\*\*

ou 10x no cartão

R\$ 199,90

usado para abrir buracos. As ferramentas foram apreendidas na casa de um parente dela, segundo policiais.

Uma das suspeitas em investigação é que ela tenha cedido o apartamento para a aplicação de uma injeção letal no menino. A perícia vai dizer se foram usados remédios da clínica do pai de Bernardo e se o menino estava vivo quando foi enterrado.

Outro indício de premeditação são as ligações trocadas pelas duas mulheres dias antes do crime, dizem policiais extraoficialmente.

Enquanto a polícia investiga diversas motivações do pai e da madrasta para o crime, entre elas financeira, uma hipótese no caso de Edelvânia é que ela tenha sido paga. "Não dá para comparar as condições financeiras dela com as do pai e da madrasta", diz a delegada.

Para a polícia, até agora o papel das duas mulheres no crime parece melhor delimitado. A polícia já sabe que o pai não estava na cena do crime, mas diz ter indícios de que ele está envolvido na morte do filho. Precisa ainda definir o grau de participação dele.

A delegada disse que ain-

#### O DIA EM QUE BERNARDO SUMIU

4.abr.2014

##### > 12h30

Horário aproximado em que a **madrasta sai com Bernardo** de Três Passos, onde morava, rumo à cidade vizinha de Frederico Westphalen

##### > 14h

**Madrasta chega à casa da amiga** na cidade vizinha. Os três entram no apartamento e saem pouco depois, no Siena prata da assistente social

##### > 16h

A madrasta e a assistente social **vão a uma loja** do Magazine Luiza, onde compram um aparelho de TV

##### > 17h

Uma câmera flagra as duas indo para Três Passos **sem o menino**



à vista **R\$ 1.999,00**

**R\$ 799,90**  
sem juros

**PREPARE AS PIPOCAS.  
SUA CASA VAI TER UM CINEMA NA SALA.**

**CASAS**

BAHIA

DEDICAÇÃO  
TOTAL A  
VOCÊ

**JURO ZERO\***



43" 3D

TV 43" 3D COM  
CONVERSOR DIGITAL SAMSUNG  
R\$ **1.399,00**  
a vista

SAMSUNG

ou 10x no cartão  
**R\$ 139,90**  
sem juros

**TV 43" 3D COM  
CONVERSOR  
DIGITAL**  
Na compra desta TV,  
leve 2 óculos 3D.



32" LED

TV 32" LED FULL HD COM  
CONVERSOR DIGITAL A PARTIR DE  
R\$ **1.090,00**  
a vista

HOJE  
aproveite!

ou 10x no cartão  
**R\$ 109,00**  
sem juros

**TV 32" LED  
FULL HD**  
com conversor  
digital\*\*

ACEITAMOS CARTÕES DE CRÉDITO/DÉBITO: 

**A Via Varejo está com vagas abertas para profissionais com deficiência. Os candidatos deverão cadastrar o currículo pelo site [www.casasbahia.com.br/trabalheconosco](http://www.casasbahia.com.br/trabalheconosco).**

Ofertas válidas no dia 18/4/2014 ou enquanto durarem os estoques. Formas de pagamento: à vista; a prazo em 10x sem juros no cartão de crédito. IOF incluso. Consulte outras condições de pagamento. Não vendemos por atacado. 20 peças por produto, exceto para saldo/mostruário. Fotos ilustrativas. Eventuais erros neste impresso têm preservado o direito de retificação. Sujeito a análise de crédito. \*Condição exclusiva para os produtos anunciados. \*\*Consulte a loja sobre os modelos disponíveis. As ofertas anunciadas não são válidas para a loja virtual nem para a Televendas. Mais informações, acesse [www.casasbahia.com.br](http://www.casasbahia.com.br) ou ligue para 4003-2773.

**Acesse: [casasbahia.com.br](http://casasbahia.com.br) | televendas: 4003-2773** seg. a sex.: 8h às 22h - sáb. e dom.: 8h às 20h

FAÇA HOJE O SEU CARTÃO CASAS BAHIA EM QUALQUER UMA DE NOSSAS LOJAS E COMECE A COMPRAR AGORA.



## QUEM MATOU BERNARDO, 11?

Leitores estranharam a **Folha** não ter identificado os acusados da morte de **Bernardo Boldrini**, 11, em Três Passos (RS). No início da cobertura, o jornal omitiu os nomes dos três presos —o pai e a madrasta do menino e uma amiga desta—, alegando não ter conseguido contato com os advogados de defesa. “A **Folha** não publicou os nomes dos acusados por se tratar de uma acusação grave de crime familiar e por não haver, até então, possibilidade de ouvi-los”, diz a Redação.

É louvável a preocupação de não expor acusados quando não há o “outro lado”, mas esse não é o padrão do jornal. Na segunda-feira, a notícia de um atropelamento no Tatuapé trazia o nome do motorista, que teria fugido sem ajudar a vítima, mesmo sem ter a sua versão sobre o que aconteceu.

É difícil criar uma regra, porque a variedade de situações é imensa, mas a métrica da gravidade do crime não pode ser determinante. Na internet, o nome do motorista que atropelou, sem querer, a jovem estará, para sempre, associado ao crime.

Mesmo a condição de só publicar nomes quando houver a versão do acusado é complicada, porque os advogados podem adotar a tática de não atender a imprensa para preservar seus clientes.

O que se pode fazer é tentar manter a coerência. No triste fim do garoto **Bernardo**, omitir os nomes passou a impressão de proteção injustificada aos acusados.

# 'O Bê era nosso filho de coração', diz casal que 'adotou' garoto

Juçara e Carlos Petry substituíram família de **Bernardo Boldrini** na 1ª comunhão e ajudavam nas tarefas da escola

**Apesar da ausência, menino achado morto no interior do RS não falava mal do pai, um dos suspeitos do crime**

ARTUR RODRIGUES  
ENVIADO ESPECIAL A TRÊS PASSOS (RS)

Na casa da família Petry, **Bernardo Uglione Boldrini, 11, não precisava nem bater na porta para entrar.**

Ali, ele era como toda criança. Brincava e fazia bagunça, mas também tinha que decorar a tabuada.

Era tudo o que, segundo conhecidos, ele não tinha na própria casa, onde vivia com o pai, o médico Leandro Boldrini, 38, e a madrasta, Graciele Ugulini, 32. Ambos estão presos sob suspeita de assassinar o menino, encontrado morto no dia 14, em Frederico Westphalen (a 447 km de Porto Alegre).

**Boldrini** nega participação no crime. A madrasta ainda não constituiu advogado.

O descaso dos dois com a criança era comentado por toda a cidade de Três Passos (RS), onde viviam.

Sem a chave de casa e rejeitado pela madrasta, segundo os vizinhos, **Bernardo** pulava o portão de dois metros de altura para entrar.

"O Bê era nosso filho do coração", diz Juçara Petry, 54, emocionada. "Deus colocou ele na nossa vida para nos ensinar algo." A família recebeu

vieram mais de 50 pessoas."

No Facebook do menino, a maioria das fotos é da família que adotou. A última delas é na primeira comunhão, em 4 de novembro de 2013. Só uma mostra o pai e a madrasta sorrindo e sem **Bernardo**.

Apesar da ausência, o menino não costumava falar mal do pai. "Ele repetia que o pai estava ocupado salvando vidas e nunca falou uma virgula mal dele", diz Juçara.

**Bernardo** estava desaparecido havia dez dias antes de a polícia encontrar o corpo.

A localização foi informada pela amiga de Graciele, a

assistente social Edelvânia Wirganovicz, 40, também presa. Ela teria confessado o crime, segundo a polícia.

Quando chegou a notícia do sumiço, eram os Petry que a população da cidade procurava. "A gente viu no celular muitas chamadas dizendo que o Bê estava sumido. Começamos a procurar por todo lado", conta Juçara.

Até o último momento, achavam que encontrariam **Bernardo** vivo. "A gente sentiu muita impotência quando soube [da morte]", diz Juçara. "Todos nós fomos enganados", completa o marido.



Juçara e Carlos Petry com **Bernardo** na primeira comunhão do menino, no ano passado

**445**  
litros

Frost Free

INOX

**Continental**  
REFRIGERADOR  
2 PORTAS

A VISTA R\$ 2.299,00  
OU 10X NO CARTÃO

**R\$ 229,90**

lojas abertas  
**HOJE**  
agoravale!

CRONO DE HORÁRIOS  
CORREIA

**Electrolux**  
REFRIGERADOR  
2 PORTAS FROST FREE  
ILUMINAÇÃO LED, ICE TWISTER.

A VISTA R\$ 2.999,00  
OU 10X NO CARTÃO

**R\$ 299,90**  
SEM JUROS

**Meu Bahianinho**  
Baixe o aplicativo gratuito e participe com atividades surpresa!

Disponível na App Store e Google play

**459**  
litros

PANEL BLUE TOUCH



"O Bê era nosso filho do coração", diz Juçara Petry, 54, emocionada. "Deus colocou ele na nossa vida para nos ensinar algo." A família recebeu a **Folha** na sala reservada de sua confecção de roupas, onde o menino ia diariamente.

A relação começou quando a mãe de **Bernardo**, Odileine Ugolini, **ainda era** viva —ela se suicidou em 2010.

A mulher levava o menino para compras na loja e, com o tempo, ele foi voltando.

"Nos últimos quatro anos, ele saía da escola e vinha para cá. Depois, a gente levava o **Bernardo** na casa dele", diz Juçara, a quem o menino entregava os desenhos do dia das mães que fazia na escola.

#### NOTAS

Aos Petry, **Bernardo** mostrava as notas, **quase sempre** medianas. Todos os dias, quando voltava da aula, tinha de preencher uma tabela de tabuada, seu ponto fraco.

"Eu cobrava dele como os meus próprios filhos, até o jeito de sentar na mesa", diz Carlos Petry, 51. O vínculo com a família chegou ao ponto de o menino cogitá-los como pais adotivos.

O casal, evangélico, substituiu o pai de **Bernardo** na primeira comunhão do garoto. "O Bê disse que não iria porque o pai não estaria presente, e que não tinha roupa e festa. Ai falamos: 'Nós vamos contigo'", lembra Petry.

"Minha esposa comprou roupa, fizemos uma festa e

“ Nos últimos quatro anos, ele saía da escola e vinha para cá. Depois, a gente levava o **Bernardo** na casa dele. Ele repetia que o pai estava ocupado salvando vidas e nunca falou uma vírgula mal dele

JUÇARA PETRY, 54 empresária que acolheu o menino Bernardo Boldrini, 11, em sua casa

2 PORTAS  
À VISTA R\$ 2.299,00  
OU 10X NO CARTÃO  
**R\$ 229,90**  
SEM JUROS

**HOJE VOCÊ ECONOMIZA MUITO MAIS.**

**JURO ZERO\***

CASAS  
**BAHIA**

DEDICAÇÃO  
TOTAL A  
VOCÊ



**11 kg**

**BRASTEMP**  
LAVADORA  
CESTO SMART WAVE E  
FILTRO PEGA-FIAPÓS.

À VISTA R\$ 1.299,00  
OU 10X NO CARTÃO  
**R\$ 129,90**  
SEM JUROS



**BRASTEMP**  
LAVA-LOUÇAS ACTIVE  
FUNÇÃO ACQUASPRAY E  
PAINEL DIGITAL.

À VISTA R\$ 999,00  
OU 10X NO CARTÃO  
**R\$ 99,90**  
SEM JUROS

5 ciclos de lavagens  
8 PROGRAMAS DE LAVAGEM

ACEITAMOS CARTÕES DE CRÉDITO/DÉBITO: 

**A Via Varejo está com vagas abertas para profissionais com deficiência. Os candidatos deverão cadastrar o currículo pelo site [www.casasbahia.com.br/trabalheconosco](http://www.casasbahia.com.br/trabalheconosco).**

Ofertas válidas no dia 20/4/2014 ou enquanto durarem os estoques. Formas de pagamento: à vista, a prazo em 10X sem juros no cartão de crédito. ICDF incluso. Consulte outras condições de pagamento. Não vendemos por atacado. 20 peças por produto, exceto para saldo/mostruário. Fotos ilustrativas. Eventuais erros neste impresso têm preservação o direito de reificação. Sujeito a análise de crédito. \*Condição exclusiva para os produtos anunciados. As ofertas anunciadas não são válidas para a loja virtual nem para o televendas. Mais informações, acesse [www.casasbahia.com.br](http://www.casasbahia.com.br) ou ligue para 4003-2773.

**Acesse: [casasbahia.com.br](http://casasbahia.com.br) | televendas: 4003-2773** seg. a sex.: 8h às 22h - sáb. e dom.: 8h às 20h

# Mulher diz ter recebido por morte de garoto

Amiga da madrasta de **Bernardo Boldrini** afirmou à polícia ter ganho R\$ 6.000, de acordo com jornal 'Zero Hora'

**Detida há uma semana, Edelvânia Wirganovicz disse em depoimento que pai de Bernardo não sabia do homicídio**

DE PORTO ALEGRE  
DE SÃO PAULO

A assistente social suspeita de envolvimento na morte do garoto de 11 anos **Bernardo Boldrini**, em Frederico Westphalen (RS), disse à polícia gaúcha que recebeu R\$ 6.000 da madrasta do meni-

no pela participação no assassinato, de acordo com o jornal "Zero Hora".

Edelvânia Wirganovicz, que é amiga da madrasta do garoto, Graciele Ugolini, afirmou também que o pai, **Leandro Boldrini**, não sabia sobre o homicídio.

O jornal publicou trechos do depoimento da amiga à polícia, tomado na segunda passada, quando o crime foi descoberto e os suspeitos, presos. Edelvânia, Leandro e Graciele estão detidos desde então.

De acordo com "Zero Hora", Edelvânia afirmou à po-

licia que não sabe se **Bernardo** foi enterrado vivo e que a madrasta contou ao garoto, pouco antes da morte, que ele iria para uma consulta com uma "benzedeira".

A polícia afirma que a assistente social confessou que o menino foi morto com uma injeção letal, mas isso ainda precisa ser confirmado por meio de perícia.

A amiga relatou que Graciele planejava a morte havia muito tempo e que a madrasta tentou matá-lo anteriormente com um travesseiro.

Edelvânia, segundo o jornal,

disse que usou o dinheiro recebido para pagar uma parcela de um apartamento.

A **Folha** entrou em contato ontem com a delegada Caroline Machado, que conduz as investigações, mas ela afirmou que só falará sobre o caso amanhã.

A polícia já havia afirmado ter reunido provas de que o crime foi premeditado e que apurava a suspeita de que Edelvânia tenha recebido dinheiro para cometer o crime.

Ainda segundo a polícia, Edelvânia confessou que começou a cavar a cova do ga-

roto dois dias antes do crime. Edelvânia e Graciele ainda não têm advogado. Andriago Rebelato, advogado e primo de **Leandro Boldrini**, visitou o pai da criança na semana passada e afirma que ele nega participação na morte.

#### CRIME

O corpo de **Bernardo Boldrini**, 11, foi encontrado na segunda-feira passada em um matagal em Frederico Westphalen (a 447 de Porto Alegre e a 80 km de Três Passos, cidade onde ele morava).

De acordo com testemu-

nhas, o menino se queixava da pouca atenção que recebia em casa, e procurava compensar a carência na escola e em casa de amigos.

**Bernardo** havia procurado a justiça no ano passado. O caso era acompanhado pela Vara da Infância de Três Passos, que chegou a apontar famílias para adotá-lo.

Como a situação de **Bernardo** não envolvia violência física, o juiz aceitou o apelo do pai para tentar refazer os vínculos com o garoto. **Bernardo** teria concordado em dar mais uma chance ao pai.

# Suspeita nega dinheiro para esconder corpo de **Bernardo**

Ela disse a advogado que sofreu 'pressão psicológica' para ajudar no crime

**Amiga de madrastra foi quem indicou à polícia local onde estava o corpo, no interior do Rio Grande do Sul**

FELIPE BÄCHTOLD  
ENVIADO ESPECIAL A TRÊS PASSOS (RS)

A defesa da assistente social suspeita de envolvimento na morte de **Bernardo Boldrini**, 11, admitiu ontem que ela participou da ocultação do cadáver, encontrado em Frederico Westphalen (RS).

O advogado Demetryus Grapiglia, que assumiu o caso ontem, negou que Edelvânia Wirganovicz tenha contribuído para a morte.

Ele diz que Edelvânia sofreu "pressão psicológica" da madrastra de **Bernardo**, Graciele Ugolini, de quem era amiga, para ajudar a esconder o corpo.

Agora, porém, nega ter havido pagamento em troca.

Com a declaração, dois dos três suspeitos presos contestam a versão da polícia — o pai do garoto, o médico **Bernardo Boldrini**, 38, diz que não teve nenhum envolvimento no homicídio.

Foi Edelvânia quem indicou o local onde o corpo do menino foi enterrado.

Segundo a polícia gaúcha, Graciele levou **Bernardo** de Três Passos, onde moravam, para Frederico Westphalen, onde ele foi morto.

Grapiglia disse que conversou com Edelvânia na prisão e que ela contou que não estava no local do assassinato. Segundo o defensor, a suspeita disse que ajudou a enterrar o cadáver em um matagal. No fim de semana, o jornal

A delegada Caroline Machado afirma que o pai de **Bernardo** não estava na cena do crime, mas diz ter "convicção" do envolvimento dele na morte do filho.

Ela disse que a participação no crime também pode ocorrer por omissão. "Se tinha o dever de cuidar e não cuidou, por exemplo, pode ser culpado por isso", afirmou a delegada.

Após quase dez dias de recesso por luto, a escola onde estudava **Bernardo** em Três Passos retomou as aulas ontem. A direção do Colégio Ipiranga realizou uma atividade especial e teve apoio de uma psicóloga com experiência no atendimento a vítimas do incêndio da boate Kiss, em Santa Maria (RS), para auxiliar os estudantes.

As aulas estavam suspen-

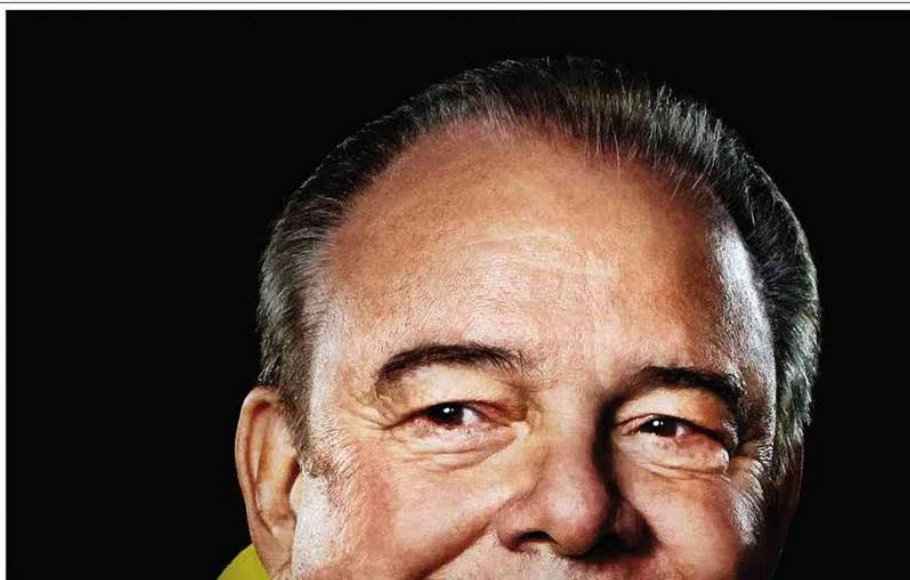
das desde quando se soube da morte do menino.

No início da manhã, todos os alunos do turno se reuniram para acompanhar pronunciamentos de uma pastora da comunidade luterana e da direção sobre a morte de **Bernardo**.

No encontro de cerca de 30 minutos, falaram sobre a necessidade de "seguir em frente" e rezaram.



Cartazes na escola onde **Bernardo Boldrini**, 11, estudava



Agora, porém, nega ter havido pagamento em troca.

Com a declaração, dois dos três suspeitos presos contestam a versão da polícia — o pai do garoto, o médico Bernardo **Boldrini**, 38, diz que não teve **nenhum** envolvimento no homicídio.

Foi Edelvânia quem indicou o local onde o corpo do menino foi enterrado.

Segundo a polícia gaúcha, Graciele levou **Bernardo** de Três Passos, onde **moravam**, para Frederico Westphalen, onde ele foi morto.

Grapiglia disse que conversou com Edelvânia na prisão e que ela contou que não estava no local do assassinato. Segundo o defensor, a suspeita disse que ajudou a enterrar o cadáver em um matagal.

No fim de semana, o jornal “Zero Hora” publicou trechos do depoimento de Edelvânia tomado no dia 14, quando o crime foi descoberto e os suspeitos, detidos. No relato, ela afirmou ter recebido R\$ 6.000 como parte do pagamento para participar do crime.

Segundo Grapiglia, o depoimento ocorreu sem a presença de um advogado e não deve ser validado na Justiça.

#### MADASTRA

A Polícia Civil ouviu Graciele anteontem, mas não deu detalhes sobre o depoimento. Segundo o advogado da madrasta, Vanderlei Pompeo de Mattos, o depoimento foi encerrado rapidamente porque ela não estaria em condições de falar.

Ontem, o advogado de Leandro **Boldrini**, Jader Marques, **pediu para** ter acesso à íntegra do inquérito. Para Marques, a polícia ainda não mostrou provas do envolvimento de Leandro no crime.

#### Suspeita afirma que não matou **Bernardo**

A defesa de Edelvânia Wirganovicz, suspeita de envolvimento na morte de Bernardo **Boldrini**, 11, admitiu a **participação** dela na ocultação do corpo, achado em Frederico Westphalen (RS). Seu advogado, porém, nega que ela tenha contribuído para a morte. O pai e a madrasta do garoto também são suspeitos. **Cotidiano C3**

**Gabriel García Márquez** · 1927-2014  
A eternidade do criador de *Cem Anos de Solidão*



**veja** [www.veja.com](http://www.veja.com)

Editora ABRIL  
edição 2370 - ano 47 - nº 17  
23 de abril de 2014

Bernardo Boldrini,  
assassinado no  
Rio Grande do Sul

EXEMPLAR DE  
ASSINANTE  
R\$ 10,99  
VENDA PROIBIDA

# AS FACES DO MAL

Afáveis, bonitos e bons profissionais, o médico Leandro Boldrini e a enfermeira Graciele desprezavam e maltratavam o garoto Bernardo, de 11 anos. Agora, são os principais suspeitos de tê-lo assassinado com uma injeção letal

Crime

# ELE GRITOU, MAS NÃO DEU TEMPO

Bernardo, que a polícia afirma ter sido morto pela madrasta, com a cumplicidade do pai, chegou a ir sozinho ao fórum pedir para ser adotado por outra família

**N**a tarde de 24 de janeiro, um menino de 11 anos entrou sozinho na sala do Centro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente, no fórum da cidade gaúcha de Três Passos. Em voz baixa, explicou que estava lá porque sua madrasta o xingava e seu pai não lhe dava atenção. Os funcionários ouviram a história de Bernardo Uglione Boldrini e o levaram à sala da promotora da Infância e da Juventude Dinamiraci Maciel de Oliveira. Sentado em seu colo, Bernardo disse que queria sair de casa: "Ninguém me dá bola lá. Eu quero uma família que cuide de mim". "Foi a primeira vez em quinze anos de Ministério Público que uma criança

BEILA NEGALE E ISABEL MARCHEZAN, DE TRÊS PASSOS (RS)

**"NINGUÉM ME DÁ BOLA"**  
Bernardo disse à promotora que queria uma família que cuidasse dele. Ao lado, o pai, o cirurgião Leandro Boldrini, e a madrasta, Graciele



veja | 23 DE ABRIL, 2014 | 77

Crime

## Felicidade de Facebook

No dia 11 de janeiro de 2012, Graciele registrou em sua página no Facebook que estava "em um relacionamento sério". A partir daí, postou diversas fotos ao lado de Boldrini e, mais tarde, com a filha que teve com ele em 2013. Bernardo não aparece em nenhuma das imagens. Também não há fotos dele no Facebook do pai, Graciele, ex-enfermeira, identificada na rede social como "vócia da clínica Leandro Boldrini"



78 | 23 DE ABRIL, 2014 | veja

veio nos procurar", diz a promotora. Na semana passada, essa história triste teve um final trágico. Depois de dez dias desaparecido, Bernardo foi encontrado morto, enterrado em uma cova. Na quinta-feira, a delegada Caroline Machado disse ao site de VEJA não ter dúvidas sobre a autoria do crime: "Bernardo foi morto pela madrasta com a ajuda de uma amiga. E seu pai participou do crime".

A história de Bernardo, um garoto magrículo, de cabelos castanhos, de azeitado, era conhecida de boa parte dos pouco mais de 20.000 moradores de Três Passos, a 500 quilômetros de Porto Alegre. Sua mãe morreu em 2010, em um caso de aparente suicídio. Menos de um mês depois, o pai, Leandro Boldrini, um cirurgião respeitado na região, já era visto com Graciele, uma enfermeira bonita e loira que ele havia contratado como secretária em sua clínica. "Graciele sempre quis se casar com um médico", diz a amiga Sandra Cavaleiro. Se, para a enfermeira, a união com Boldrini foi a realização de um sonho, para Bernardo foi o início de um calvário testemunhado por muita gente em Três Passos.

Apesar de pertencer a uma família de classe alta, morar em uma casa com piscina e vaga para quatro carros, o menino vivia "como um miserável", conta a ex-vizinha Carmina Lucia Negrini. "Num dia de muito frio, ele estava trancado do lado de fora só com chinelo de dedo. Uma dentista ficou com pena e o levou para casa. Era sempre assim." Costumava vizinhos e colegas de escola que Bernardo nunca tinha dinheiro para comprar lanche, só usava sapatos velhos, não tinha casacos para o rigoroso inverno gaúcho e passava dias com o mesmo uniforme surrado — presente de Jaçara e Carlos Petry, o casal que praticamente o havia adotado. Era na casa deles que Bernardo dormia boa



parte do mês, fazia reflexões e lições da escola. O menino chamava os filhos do casal de "mano" e "mana". "A Jaçara até cortava as unhas dele", contou Fátima Uglione, prima de Bernardo. Todas as vezes que o casal tentava fazer o menino falar dos problemas em casa, ele cortava o assunto.

A morte de Bernardo foi um caso em que a Justiça não tardou, mas no final falhou. Na tarde em que ele foi sozinho ao Centro da Criança e do Adolescente, declarou que queria ficar com a família Petry. Uma promotora chegou a procurar Carlos e Jaçara, mas eles preferiram não se indispor com o pai do menino. Diante disso, a promotora entrou com uma ação, no dia 31 de janeiro, pedindo a transferência da guarda de Bernardo para a sua avó materna, Justina Uglione (veja a entrevista na pág. 82). Na audiência que se seguiu à abertura do processo, Boldrini negou-se a entregar a guarda do menino. Pediu uma segunda chance e dispôs-se, inclusive, a atender a alguns desejos do filho, como ter um peixinho de aquário (a madrasta havia proibido qualquer animal de estimação

**COMEÇO DO CALVÁRIO** O túmulo da mãe de Bernardo, que teria se matado. Um mês depois, Boldrini foi viver com Graciele, e o aprisionamento do filho começou em casa). Como não havia sinais de que a criança sofresse violência física, o juiz Fernando Vieira dos Santos concedeu noventa dias para que Boldrini cumprisse a promessa de melhorar sua relação com o filho. Bernardo foi morto trinta dias antes do prazo expirar.

O ginecologista Ivo Neri, colega e ex-vizinho de Boldrini, afirma que Graciele tentava jogar o marido contra o filho. "Segundo uma babá, ela inventava coisas que o Bernardo teria feito para que o pai o castigasse quando chegasse em casa", diz. A situação do menino piorou quando o cirurgião e Graciele tiveram uma filha, há mais de um ano. Bernardo adorava a irmã, mas a madrasta o proibiu de pegá-la. No dia em que ele desapareceu, no entanto, Graciele deixou que ele a abraçasse. "Ela nem exigiu que ele lavasse as mãos. Achamos tão estranho que até comentamos, eu e a babá da neta", conta a

veja | 23 DE ABRIL, 2014 | 79

Crime

Do abandono à morte

Bernardo foi sozinho ao juizado em busca da ajuda que não chegou a tempo

Nov/2013

Uma assistente social de Três Passos relata à promotora Dinamécia de Oliveira sua preocupação com a situação de Bernardo, pois ouviu vários comentários na cidade sobre o abandono afetivo do "filho do médico". E pergunta se o Ministério Público tem medo de tumbar uma previdência porque a família é de classe alta

29/11/2013

A promotora recebe um relatório do conselho tutelar informando que o menino era vítima de negligência familiar e que precisava de acompanhamento, mas seu pai, Leandro Boldrini, insistia que estava tudo bem e que o conselho deveria se preocupar com crianças carentes. No mesmo dia, chega uma carta da escola dizendo que o menino tinha problemas afetivos, que se recusava a fazer as tarefas e era fechado. O pai havia sido procurado pela escola, mas não se importou

3/12/2013

Um relatório feito pelo conselho tutelar mostra que Bernardo era rejeitado pela madrasta e comia e dormia na casa de amigos. O texto citava uma família "do coração" de Bernardo, em cuja casa ele passava fins de semana sem o pai saber onde estava

11/12/2013

O conselho tutelar informa à promotora que o pai não havia levado Bernardo a uma entrevista com um psicólogo e se recusava a receber os assistentes sociais

16/12/2013

O advogado de avó materna de Bernardo, Jussara Uglietto, manda um e-mail à promotora pedindo os documentos do processo, porque ela tinha intenção de ficar com a guarda do neto

13/1/2014

Jussara deveria ser ouvida pelo Ministério Público em Santa Maria, onde vive, mas pediu que o depoimento fosse adiado, pois queria falar ao lado de Bernardo

24/1/2014

Bernardo vai sozinho ao 4º andar do Fórum de Três Passos, onde fica o Centro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente. Ali conta que era ofendido diariamente pela madrasta, que o pai não se importava com ele e, por isso, queria viver com outra família. Funcionários do centro levam Bernardo para falar com a promotora Dinamécia, responsável por casos que envolvem crianças

27/1/2014

A promotora procura a família indicada por Bernardo, mas ela se recusa a ficar com o menino, alegando que não quer se indispor com o pai dele

31/1/2014

O Ministério Público pede à Justiça que dê a guarda de Bernardo à sua avó materna, como uma medida para protegê-lo. O juiz Fernando Vieira Santos, da Infância e Juventude, marca uma audiência com o pai do garoto

11/2/2014

Em audiência, Boldrini diz que não quer entregar seu filho e pede uma chance de reaproximação. O juiz dá um prazo de noventa dias para reavaliar a situação e marca nova audiência para 13 de maio, à qual Leandro e Bernardo devem ir juntos

14/4/2014

O corpo de Bernardo é encontrado enterrado às margens de um rio em Frensdorf, cidade próxima a Três Passos



empregada Margarete Machado.

A indiferença paterna não foi suficiente para matar o amor filial. Por anos, Bernardo manteve-se calado, sem se queixar. No ano passado, chegou a declarar a um jornal da cidade, numa seção de perfis infantis chamada Espaço Criança, que queria ser médico e que Boldrini era seu "herói". Quando a mãe morreu, ele tinha 7 anos. Na ocasião, Odilaine e Boldrini estavam se separando. Havia partido do cirurgião a iniciativa do divórcio, ao qual a mãe resistiu por algum tempo. Estava tudo acertado para

UMA CIDADE DE LUTO

O velório de Bernardo e mensagens de despedida no portão de sua casa: moradores de Três Passos sabem da situação do menino e procuraram ajudá-lo. Quando o corpo foi descoberto, tentaram incendiar a casa de Boldrini, mas a polícia os impediu

que Odilaine recebesse metade do patrimônio familiar — 1,5 milhão de reais, mais uma pensão de, ao menos, 6000 reais — quando ela foi encontrada morta no antigo consultório do cirurgião, com um tiro na cabeça. A polícia concluiu que se tratou de suicídio, mas a família nunca acreditou. O advogado Marlon Taborda, que defende a família dela, agora vai tentar reabrir o inquérito. Segundo ele, dias testemunhas que, por medo, não depuseram na época já o procuraram e disseram que têm informações sobre o caso.

A polícia ainda não sabe os motivos do crime. A investigação hipotética de uma disputa pelo patrimônio que Bernardo teria herdado de Odilaine não fez sentido, já que Boldrini teria o controle sobre o dinheiro do filho até ele completar 18 anos. Se o motivo é incerto, a delegada Caroline Machado diz não ter dúvidas sobre o que ocorreu na tarde daquela sexta-feira, 4 de abril: de acordo com o relato da assistente social Edevrânia Wirganovitz, a amiga de Graciele, a madrasta de Bernardo levou o menino em sua caminhonete L200 preta até a cidade



## Ele estava “magrinho” e calado, diz avó

*Jussara Uglione, 73 anos, avó materna de Bernardo, tentava manter contato com o neto desde a morte da filha, em 2010. Em janeiro, encontrou-o pela primeira vez em quatro anos*

**A senhora tinha uma boa relação com Leandro?** Nunca gostei dele. Nem fui ao casamento dele com a Odilaine porque não fazia gosto.

**Por que ele e sua filha se separaram?** Leandro andou pulando a cerca, sempre foi “chineiro” (*mulherengo*). Essa mulher (*Graciele*) era uma das que mais andavam com ele quando ainda era casado com minha filha. Ela trabalhava num posto de saúde desses de interior e depois foi ser secretária dele.

**A senhora acredita que Odilaine se suicidou?** Não. Ela era miudinha, não tinha condições de espichar o braço com um 38 na mão e atirar nela mesma. Sempre desconfiei dele.

**Qual foi a última vez que viu seu neto?** Em janeiro ele veio a Santa Maria. Fomos ao supermercado, levei-o para patinar no gelo. Mas, quando o vi, nem parecia o mesmo Bernardo que eu conhecia, de tão magrinho.

**Há quanto tempo não o via?** Quatro anos. O Leandro não deixava eu visitá-los. Desde que minha filha morreu, quis romper conosco, disse que estava numa outra etapa da vida. Eu ligava, fui várias vezes a Três Passos, mas ele não me atendia e não me recebia.

**Bernardo se queixava do pai ou da madrasta?** Via que ele não podia falar muita coisa de casa. Ficava mais calado. Eu perguntava: “Como está a vida por lá?”. Ele só dizia: “Muito diferente”. Ou então: “A Keli (*apelido da madrasta*) brigou comigo”.

**Leandro era um dos médicos mais conceituados da cidade, tinha um bom padrão de vida. O Bernardo desfrutava disso?** Os amigos contam que ele andava mal-arrumado, pedia comida. Desde que a mãe dele morreu, meu neto não ganhou uma roupa nova.

**A FILHA E, AGORA, O NETO** *Jussara, de 73 anos, afirma que tentou várias vezes visitar Bernardo, mas o ex-marido da filha não a deixava encontrá-lo*

de Cristal do Sul, onde Edelvânia mora. No trajeto, foi multada por excesso de velocidade. O policial que lavrou a multa disse a VEJA ter visto o menino no banco de trás — acordado e com cinto de segurança. Na casa de Edelvânia, Graciele dopou Bernardo e depois o matou com uma injeção letal. O corpo do garoto foi encontrado enterrado numa vala na vizinha cidade de Frederico Westphalen. Segundo os investigadores, imagens de câmeras de segurança mostram Graciele e Edelvânia no carro com o menino, e depois, sem ele. O pai não teria participado da execução, mas ajudado a acobertá-la, acredita a polícia. Em depoimento, Boldrini negou qualquer envolvimento no crime. Graciele não se manifestou. Na terça-feira passada, depois da prisão do casal, moradores da cidade foram à casa deles na intenção de incendiá-la. Foram contidos pela delegada, que disse que poderiam destruir provas. Por muito tempo, o grito de socorro de Bernardo ainda ecoará em Três Passos. ■

COM REPORTAGEM DE PIETER ZALIS, LUCIANO PÁDUA, LUCAS SOUZA, FELIPE FRAZÃO E ALANA RIZZO



Carlos Macedo/Agência RBS

Dinamária Maciel, promotora que cuida do caso **Bernardo**

# Justiça do RS bloqueia bens de pai do menino **Bernardo**

Laudo descarta hipótese de o garoto de 11 anos ter sido enterrado vivo

**Advogado do médico não é achado para falar sobre medida; ele já tinha negado participação no crime**

DE PORTO ALEGRE

A Justiça do Rio Grande do Sul decretou ontem o blo-

queio dos bens do médico Leandro **Boldrini**, suspeito de envolvimento na morte do filho **Bernardo**, 11.

A medida atende a um pedido do Ministério Público e foi tomada por um juiz da cidade de Três Passos, onde a família vivia.

Leandro, a madrasta de **Bernardo**, Graciele Ugolini, e a assistente social Edelvânia

Wirganovicz estão presos desde que o corpo do menino foi encontrado em um matagal, na semana passada.

Com a decisão, o médico fica proibido de realizar movimentações financeiras ou de vender propriedades.

**Bernardo** era o único herdeiro da mãe, que morreu em 2010. O inventário dela ainda não foi concluído.

Segundo a promotora Dinamária Maciel, o bloqueio dos bens evita que Leandro use o patrimônio do filho para custear a sua defesa.

A Promotoria considera que não seria "digno" o médico se tornar herdeiro do garoto que é suspeito de ter ajudado a matar.

O juiz responsável, Marcos Agostini, argumentou que o Código de Processo Civil autoriza o magistrado a tomar "medidas provisórias" para evitar que uma parte prejudique o direito de outra antes de um julgamento.

Ele também determinou que a avó materna de **Bernardo** seja notificada da situação, o que permite que ela entre como parte no caso.

Um laudo divulgado ontem concluiu que **Bernardo** não foi enterrado vivo.

## OUTRO LADO

A reportagem não conseguiu localizar ontem o advogado de Leandro para comentar a decisão da Justiça de bloquear seus bens.

Em ocasiões anteriores, sua defesa negou envolvimento do médico na morte do filho e disse que ele pagou um preço por ser "absurdamente dedicado ao trabalho".

A defesa de Graciele diz que ainda analisa o caso. Já o advogado de Edelvânia nega envolvimento dela na morte do menino, mas admite participação na ocultação do cadáver.

O inquérito sobre a morte ainda não foi concluído.

## ABERTURA DOS DECORADOS HOJE

A 700M. DO SHOPPING JARDIM SUL





## diz que morte de **Bernardo** foi acidental

Segunda versão é de  
assistente social presa

**NATÁLIA CANCIAN**  
DE SÃO PAULO

Em nova versão, o advogado da assistente social Edelvânia Wirganovicz diz que a morte de **Bernardo Boldrini**, 11, no interior do Rio Grande do Sul, não foi planejada e ocorreu devido a uma superdosagem de medicamentos.

O pai de **Bernardo**, Leandro **Boldrini**, a madrasta, Graciele **Ugolini**, e Edelvânia estão presos sob suspeita de participação no crime.

Demetryus Grapiglia, advogado da assistente-social, afirma ter ouvido o novo relato em visita a ela na sexta.

Segundo ele, o remédio foi dado a **Bernardo** por Graciele, para **fazê-lo** dormir. A madrasta, o menino e Edelvânia saíram depois rumo a Frederico Westphalen, a 80 km de Três Passos, onde morava o garoto e a família.

“A madrasta queria que o menino dormisse a qualquer custo. Achou que [o remédio] não fez efeito. Então aumentou e nisso deu uma dose cavaluar”, afirma Grapiglia, para quem sua cliente foi pressionada pela amiga a ajudar a enterrar o corpo.

Segundo a polícia, Graciele levou **Bernardo** a Frederico Westphalen, onde ele foi morto e enterrado com auxílio de Edelvânia.

Na semana passada, o jornal “Zero Hora” publicou depoimento de Edelvânia do dia 14. Nele, ela diz ter recebido R\$ 6.000 para participar do crime. Segundo Grapiglia, o relato deve ser anulado, pois ocorreu quando ela estava em “estado de choque” sem a presença de um advogado.

O pai do garoto nega envolvimento no crime. A **Folha** não conseguiu localizar a defesa de Graciele ontem. Segundo relato anterior, ela ainda não falou sobre o crime.



CARLOS MACIEL/AG. BRASILIANA/CONTINIO

## NOVAS PISTAS

O médico acusado de participar da morte do filho estava prestes a ter de dividir com ele a herança da mulher morta

O casal Leandro e Graciele Boldrini corre o risco de perder a guarda da filha de 1 ano. Presos na cidade gaúcha de Três Passos, eles são acusados pela morte de Bernardo Uglione Boldrini, de 11 anos, filho do primeiro casamento de Leandro. A solicitação para a retirada da guarda partiu da promotora Dinamácia Maciel de Oliveira. Ela é a mesma que recebeu Bernardo quando ele procurou sozinho a Justiça pedindo para ser adotado por outra família, já que seu pai não lhe dava atenção e sua madrasta o maltratava.

A promotora também solicitou o bloqueio dos bens de Boldrini. Médico-cirurgião, ele é o herdeiro legítimo do filho morto e, por consequência, da herança deixada pela mãe dele, Odilaine Uglione, morta em 2010 num caso de aparente suicídio. Dinamácia argumenta que, com a medida, ela pretende evitar que Boldrini use parte dos bens que seriam de Bernardo para, por exemplo, custear a própria defesa. Caso se prove sua culpa na morte do filho, ele perde o direito à herança.

O inventário de Odilaine ainda não foi concluído. Boldrini só pediu sua abertura no dia 30 de janeiro. Quando era casado com Odilaine, ele vendeu um imóvel sem formalizar sua transferência. Recentemente, o comprador passou a pressionar o médico para regularizar a situação, o que só podia ocorrer com a abertura do inventário e uma autorização da Justiça, concedida em 24 de fevereiro. A abertura do inventário implicaria a repartição dos bens de Odilaine entre Boldrini e o filho, incluindo a casa em que moravam com Graciele. O menino só poderia reivindicar a herança para si ao fazer 18 anos. Até lá, quem administraria o patrimônio seria o detentor da guarda da criança, Boldrini. O médico, no entanto, correu o risco de perder esse status no dia 31 de janeiro, quando a promotora Dinamácia, depois de ser procurada por Bernardo, solicitou a transferência de sua guarda para a avó materna. O pedido foi negado pelo juiz Fernando Vieira dos Santos em 11 de fevereiro. Atendendo a uma solicitação de Boldrini, ele concedeu três meses para que o médico melhorasse sua



ALBINO DE PAZELLA

### HIPÓTESE DESCARTADA

O local em que o corpo de Bernardo foi encontrado: ele não foi enterrado vivo

relação com o filho. Bernardo foi morto um mês antes de o prazo expirar.

Laudo pericial divulgado na sexta-feira não apontou sinais de terra na traqueia nem nos pulmões do menino, o que afastou a possibilidade de ele ter sido enterrado vivo. Investigadores chegaram a cogitar a hipótese depois que a assistente social Edelvânia Wirganovicz, que confessou ter participado do crime, revelou que a madrasta de Bernardo não checou sua pulsação antes de enterrá-lo. Graciele está isolada das demais presas em uma cela de 12 metros quadrados. Seu advogado, Vanderlei Pompeo de Mattos, contou que ela se alegrou ao ser informada de que a filha está com a irmã na cidade vizinha de Santo Augusto, dado que o lugar fica "pertinho" dali e que ela poderá visitar a criança "quando sair da cadeia". ■

ISABEL MARCHEZAN

# Laudo aponta indícios de sedativo em **Bernardo**

Preliminar, exame não esclarece a quantidade encontrada no corpo

**Delegada descarta anular depoimento em que assistente social disse que morte do garoto foi planejada**

NATÁLIA CANCIAN  
DE SÃO PAULO

Laudo preliminar divulgado ontem pela Polícia Civil do Rio Grande do Sul indica a presença do sedativo Midazolam no corpo de **Bernardo Boldrini**, 11, achado **morto no interior** gaúcho, neste mês.

O laudo não informou a quantidade da substância. “Temos que esperar [outros laudos] para ver se havia outra substância ou a exata quantidade que havia no corpo”, afirmou a delegada Caroline Machado, responsável pelas investigações do crime.

O corpo de **Bernardo** foi achado numa **cova rasa** em um matagal em Frederico Westphalen (a 447 de Porto Alegre e a 80 km de Três Passos, cidade onde ele morava).

O pai dele, Leandro Boldrini, a madrasta, Graciele Ugolini, e a assistente social Edelvânia Wirganovicz estão presos sob suspeita de participação na morte do garoto.

## DEPOIMENTO

A delegada voltou a descartar a possibilidade de anular o depoimento prestado pela assistente social em que ela admitiu ter ajudado a ocultar o corpo de **Bernardo**.

Em uma nova **versão**, **Demetryus Grapiglia**, advogado de Edelvânia, afirmou que a morte do garoto não foi planejada e ocorreu devido a uma superdosagem de remédios dados pela madrasta para fazer o garoto dormir.

Segundo ele, a assistente social afirma ter ajudado a ocultar o corpo após sofrer “pressão psicológica”.

A defesa do médico **Leandro Boldrini** nega qualquer **envolvimento** dele com a morte do filho. O advogado de Graciele Ugolini ainda não se manifestou a respeito das acusações.

## MORTES



» **INFORMAÇÃO VALIOSA** Placa sobre corredor de ônibus na av. São João não informa horários em que táxis podem passar; multa para taxista infrator é de R\$ 127 e 5 pontos

# Madrasta de **Bernardo** diz que morte foi 'acidental'

Advogado da mulher afirma que ela isentou pai do menino da morte

**Laudo preliminar mostra que garoto foi sedado; pai e amiga do casal são transferidos de prisão por segurança**

NATÁLIA CÂNCIAN  
DE SÃO PAULO

Preso sob suspeita de envolvimento na morte de Bernardo **Boldrini**, 11, a madrasta do **menino**, Graciele Ugolini, afirmou em depoimento ontem que a morte ocorreu de forma "acidental".

Segundo a Polícia Civil do Rio Grande do Sul, a madrasta, que é enfermeira, disse ter dado remédios para acalmar o garoto, que estava "agitado". Em seguida, segundo seu relato, ela viu que Bernar-

do não apresentava reações.

É a primeira vez que a versão da madrasta sobre o crime é divulgada. Até então, a defesa afirmava que ela não havia comentado o caso.

Graciele prestou depoimento ontem de manhã na Penitenciária Modulada de Ijuí, onde está presa.

Na ocasião, ela também isentou o marido, Leandro **Boldrini**, pai do garoto, de envolvimento na morte de Bernardo. A informação foi dada pelo advogado da madrasta, Vanderlei Pompeo de Mattos, ao jornal "Zero Hora".

"Ela isentou o esposo. Explicou para mim, depois, que ele não tem nada a ver com a situação", afirmou o advogado da enfermeira em entrevista ao "Zero Hora".

"Ela foi fazer negócios em

Frederico [Westphalen], não tinha o propósito macabro, vamos dizer assim", disse o defensor. A **Folha** tentou, mas não conseguiu contatá-lo.

Além da madrasta, o pai de **Bernardo** e a assistente social **Edelvânia Wirganoviz**, amiga de Graciele, estão presos sob suspeita de participação na morte do garoto.

Os dois foram transferidos na madrugada de ontem para outros presídios do Estado. A medida foi determinada pela Justiça gaúcha por razões de segurança. Graciele também deve ser transferida, mas não há previsão de data.

## SEDATIVO

Ontem, a polícia divulgou resultado de uma perícia que revela a presença de um sedativo no corpo de **Bernardo**.

De acordo com o laudo preliminar feito pelo IGP-RS (Instituto Geral de Perícia), foi detectado o medicamento Midazolam no corpo do garoto.

**Bernardo** foi encontrado no último dia 14, enterrado numa cova rasa num mata-gal no município de Frederico Westphalen, a 447 km de Três Passos, onde ele morava.

"Temos que esperar [outros laudos] para ver se havia outra substância ou a exata quantidade que havia no corpo", afirmou a delegada Caroline Machado, responsável pelas investigações do crime.

De acordo com Machado, mais de cem pessoas já foram ouvidas na investigação. A previsão, segundo a polícia, é que o inquérito seja encerrado nos próximos dias.

RIO GRANDE DO SUL

## Defesa de pai de Bernardo pede revogação de prisão

DE SÃO PAULO - A defesa de Leandro Boldrini pediu anteontem a revogação de prisão temporária do médico, suspeito de envolvimento na morte do filho Bernardo, 11, no interior do Rio Grande do Sul.

O pedido foi feito após a madrasta do menino, a enfermeira Graciele Ugolini, isentar o marido de participação no crime. A afirmação foi dada em depoimento à polícia na Penitenciária Modulada de Ijuí, onde ela está presa.

“Não podemos comentar o teor [do depoimento], pois está em segredo de Justiça. Mas ela afastou a participação dele”, afirma o advogado Jader Marques, que representa Boldrini.

Segundo Marques, Boldrini está “abatido” e precisou de atendimento médico nos últimos dias. Ele também teria sofrido ameaças de morte no presídio, afirma. Ainda de acordo com o advogado, o pai do garoto nega participação no crime.

“A situação dele é muito difícil. Ele também tinha uma filha com ela [Graciele]. Ele perdeu o filho, a mulher e a guarda da filha. São muitas coisas.”

Ontem, o Ministério Público se manifestou contra a revogação da prisão do médico.

4 cotidiano 2 ★ ★ ★ SÁBADO, 3 DE MAIO DE 2014

FOLHA DE S.PAULO

# Justiça nega soltura de pai de Bernardo

Juiz diz que depoimento em que madrasta nega participação de marido no crime foi tentativa de protegê-lo

**Defesa de suspeita diz que garoto morreu após superdose de medicamentos; perícia apontou sedativo**

NATÁLIA CANCIAN  
DE SÃO PAULO

A Justiça negou ontem o pedido de revogação da prisão temporária de Leandro Boldrini, suspeito de envolvimento na morte do filho Bernardo, 11, no Rio Grande do Sul.

Na decisão, o juiz Marcos Luís Agostini, da 1ª Vara Judicial de Três Passos, alega que a revogação da prisão temporária neste momento “seria medida temerária e prejudicial” às investigações.

O pedido de liberdade ocorreu após a enfermeira Graciele Ugolini, madrasta do garoto, dizer em depoimento na quarta-feira que o marido não participou do crime.

Segundo relato dela à Polícia Civil, a morte ocorreu de forma “acidental”. Ela disse ter dado medicamentos para

acalmar o garoto, que estava “agitado”. Em seguida, notou que ele não reagia.

A polícia não disse qual remédio Ugolini afirma ter dado ao menino, mas o resultado de uma perícia apontou a presença do sedativo Midazolam no corpo dele. Ainda não se sabe, porém, qual a quantidade encontrada e se foi esta a causa da morte.

Para o juiz, o depoimento da madrasta não é suficiente para que a prisão seja revogada. “Não é de estranhar que ela negue a participação

de Leandro no fato, em nítida tentativa, ao que parece, de proteger seu convivente e pai de sua filha”, escreveu.

O advogado Jader Marques, responsável pela defesa do pai de Bernardo, nega que ele tenha participação no crime. Segundo Marques, Boldrini está “abatido” e precisou de atendimento médico nos últimos dias. Ele também teria sofrido ameaças de morte no presídio, afirma.

### O CRIME

O corpo de Bernardo foi

achado numa cova rasa em um matagal em Frederico Westphalen (a 447 de Porto Alegre e a 80 km de Três Passos, cidade onde o garoto morava), no dia 14 de abril.

Além do pai do garoto, foram presos no mesmo dia a madrasta, Graciele Ugolini, e a assistente social Edelvânia Wirganovicz, amiga do casal.

Segundo a polícia, a amiga indicou onde estava o corpo do menino, que estava desaparecido desde 4 de abril, quando tinha saído de Três Passos até Frederico West-

phalen com a madrasta.

De acordo com Demetrios Grapiglia, advogado da assistente social, Wirganovicz nega participação no crime, mas admite ter ajudado a ocultar o corpo de Bernardo.

Uma das suspeitas em investigação é que o garoto tenha morrido pela aplicação de uma injeção letal. Já a defesa de Wirganovicz também afirma que a morte não foi planejada e ocorreu por uma superdosagem de remédios dados pela madrasta, que queria fazer o garoto dormir.

## Defesa diz que pai de **Bernardo** vai se separar da madrasta

Segundo ele, objetivo é reaver guarda da filha

DE SÃO PAULO

O médico Leandro Boldrini, pai do menino **Bernardo**, 11, encontrado morto em 14 de abril, pedirá a separação da mulher, também investigada sob suspeita de participação no crime.

O objetivo, segundo a defesa do médico, é reaver a guarda da filha do casal, hoje aos cuidados de uma tia.

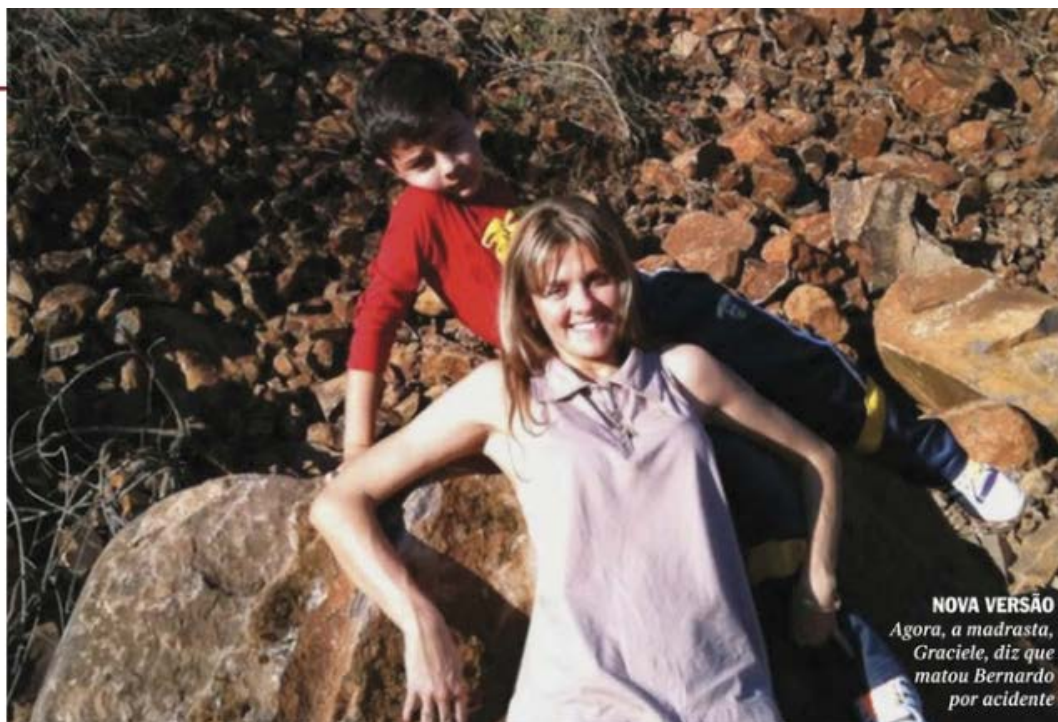
De acordo com Jader Marques, advogado de **Boldrini**, a decisão ocorreu após **Graciele Ugolini**, madrasta do garoto, admitir à polícia envolvimento na morte.

Marques diz querer entrar até amanhã com pedido de dissolução de união estável.

Além da separação, o pai de **Bernardo** também deverá abdicar da herança deixada ao garoto após a morte da ex-mulher, em 2010. Os bens deverão ser destinados à avó materna, Jussara Uglione.

**Bernardo** morava em Três Passos, no interior do RS, e desapareceu no dia 4 de abril. Dez dias depois, o corpo do garoto foi localizado numa cova rasa em um matagal em Frederico Westphalen (a 447 de Porto Alegre).

A madrasta afirmou à polícia que a morte ocorreu de forma "acidental".



**NOVA VERSÃO**  
Agora, a madrasta, Graciele, diz que matou Bernardo por acidente

ALBERTO FERRELLA

## “FOI ACIDENTE”

Graciele Boldrini diz à polícia que matou o enteado ao lhe dar uma dose equivocada de calmante. Mas ao menos duas evidências sugerem que ela mente

**D**epois de duas semanas em silêncio, a madrasta de Bernardo Boldrini, Graciele Boldrini, afirmou que matou o enteado de 11 anos acidentalmente, ao dar-lhe uma dose de calmante. A polícia mantém a tese de que se trata de um assassinato premeditado.

Um laudo parcial recebido pela polícia detectou a presença da substância midazolam no corpo do menino. Ela é usada em hospitais, sobretudo para sedar pacientes antes de uma cirurgia, e é também o princípio ativo do medicamento Dormonid. Em farmácias, a venda da droga é controlada e só pode ser realizada mediante apresentação de receita médica, que fica retida. Em hospitais, médicos e enfermeiros têm fácil acesso ao medicamento.

A hipótese de a morte de Bernardo ter sido causada por um erro na dosagem de midazolam ministrada por

Graciele, uma enfermeira, é frágil, afirmam especialistas. O presidente da Sociedade de Anestesiologia do Rio Grande do Sul, Charles Pan, disse que, para matar o menino, seriam necessárias ao menos cinco ampolas do medicamento — uma quantidade que tornaria implausível a versão de “acidente”.

A declaração de Graciele é a mesma de Edelvânia Wirganovicz, que mudou o depoimento na semana retrasada. Logo após a sua prisão, há três semanas, a assistente social e amiga da madrasta de Bernardo disse que as duas haviam matado o menino com uma injeção letal e que ela tinha ajudado Graciele em troca de dinheiro — 20 000 reais. Quase duas semanas depois da prisão, Edelvânia apresentou o relato de morte acidental. Outra constatação que ajuda a enfraquecer a nova versão apresentada pelas mulheres, e que já era de conhecimento da polícia,

é que a cova em que Bernardo foi enterrado foi cavada dois dias antes da morte dele. A diferença entre as punições previstas para os dois tipos de crime é de ao menos seis anos de cadeia. Se uma morte foi premeditada e proposital, a pena varia de doze a trinta anos. Se foi um acidente, vai de dois a seis anos.

Em seu depoimento, Graciele isentou o marido de culpa na morte de Bernardo. Tanto a polícia quanto o Ministério Público, no entanto, continuam a crer no envolvimento de Leandro Boldrini, médico-cirurgião. Afirma a promotora Dinamércia Maciel de Oliveira: “Vários indícios apontam a perfeita ciência do pai acerca da morte do filho, antes mesmo de o corpo de Bernardo ser encontrado”. Uma das teses da polícia para o crime é que Bernardo teria sido morto para que Boldrini e Graciele não tivessem de dividir com ele a herança deixada por Odilaine Uglione. Mãe de Bernardo, ela morreu em 2010 em um caso de aparente suicídio, pouco antes de separar-se oficialmente do cirurgião. A delegada Caroline Machado, responsável pelo caso, declarou na terça-feira que vai indiciar Edelvânia, Boldrini e Graciele por homicídio qualificado. ■

# Madrasta dizia que **Bernardo** era 'semente do mal', afirma pai

Médico disse à polícia no dia 16 que a mulher 'odiava' o garoto

DE SÃO PAULO

Em depoimento à polícia obtido pelo jornal "Zero Hora", o médico Leandro Boldrini, 38, pai do garoto Bernardo, 11, assassinado em abril, afirmou que a madrasta do garoto "odiava" seu filho e o chamava de "semente do mal".

Nesta semana, o advogado de **Boldrini** disse que entraria com o pedido de dissolução da união estável do casal.

Segundo o "Zero Hora", o médico disse que o medicamento Midazolam, um sedativo encontrado no corpo do garoto após a morte, era usado em sua clínica.

**Boldrini** afirmou que a madrasta "odiava" **Bernardo** e

considerava o garoto "uma semente do mal".

"O interrogado diz que ela tinha ódio do 'guri'. Que Keli, enquanto estava sozinha com o interrogado, se referia ao **Bernardo** dizendo que 'ele era uma semente do mal', tudo por aquela louca da mãe dele que tinha se matado' (referindo-se à mãe do menino que cometeu suicídio em 2010)."

**Boldrini** contou também o que teria acontecido no dia 4, quando o filho foi morto.

Segundo ele, Graciele disse que levaria **Bernardo** para uma cidade vizinha, onde compraria uma televisão para presentear o enteado.

O médico disse que ficou trabalhando e foi comunica-

do pela companheira que o menino iria dormir na casa de um colega.

Depois disso, diz **Boldrini**, ele ligou para o celular do filho, mas não conseguiu falar com o menino. No domingo, dia 6 de abril, resolveu comunicar o desaparecimento do garoto à polícia.

## O CRIME

**Bernardo** morava em Três Passos (RS) e desapareceu no dia 4 de abril. Dez dias depois, o corpo do garoto foi localizado em Frederico Westphalen (a 447 km de Porto Alegre).

Segundo a Polícia Civil do Rio Grande do Sul, as investigações deverão ser concluídas até o dia 13.

**cotidiano** em cima da hora

## Polícia prende 4º suspeito de morte de menino no RS

Detido é irmão de assistente social presa com pai e madrasta de **Bernardo Boldrini**

COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

A polícia do Rio Grande do Sul prendeu na tarde de ontem um quarto suspeito de participar da morte do menino **Bernardo Boldrini**, 11.

**Evandro Wirganovicz** foi preso em Frederico Westphalen (no norte do Estado). Ele é irmão da assistente social Edelvânia Wirganovicz, detida desde 14 de abril.

Também estão presos o pai de **Bernardo**, Leandro Boldrini, e a madrasta, Graciele Uglioni — que afirmou ter matado o enteado de forma "acidental", com remédios.

Por meio do canal da Polícia Civil no Twitter, a delegada Caroline Bamberg, afirmou que a prisão é de caráter temporário e deverá se estender por ao menos 30 dias.

O Tribunal de Justiça informou que o juiz Fernando Vieira dos Santos, que decretou a prisão, considerou que "prova testemunhal" aponta o veículo do suspeito perto da área onde o corpo foi ocultado.

Contatada pela **Folha**, a delegada não quis dar mais informações. O advogado de Evandro Wirganovicz disse que não poderia atender a reportagem. (ALAN SANTIAGO)



# Pai do garoto **Bernardo** é indiciado sob suspeita de planejar assassinato

Também foram indiciadas a madrasta da criança, Graciele Ugolini, e uma amiga, Edelvânia

**Defesa do médico nega e as mulheres dizem que morte foi acidental; inquérito foi entregue ontem à Justiça gaúcha**

NATÁLIA CANCIAN  
DE SÃO PAULO

O inquérito sobre o assassinato do menino **Bernardo**, 11, entregue ontem à Justiça, aponta o médico Leandro **Boldrini** como suspeito de planejar a morte do filho.

A polícia diz ter encontrado "vários indícios" de que ele tinha conhecimento do crime e que não só foi o mentor como forneceu a receita médica para o sedativo injetado no menino. Ele nega.

Além de **Boldrini**, foram indiciadas a madrasta de Bernardo, Graciele Ugolini, e uma amiga dela, a assistente social Edelvânia Wirganovicz. Elas admitiram participação no crime, mas disseram que a morte do garoto foi acidental.

Eles estão em prisão temporária (que dura no máximo 60 dias) desde meados de abril. Ontem, a polícia pediu sua prisão preventiva, a qual não tem prazo para terminar.

Segundo a delegada Carolina Bamberg, responsável pelo caso, os três foram indiciados sob suspeita de praticar homicídio qualificado e ocultação de cadáver, com motivo fútil ("desamor e ódio") e torpe (pagamento a Edelvânia) e meio insidioso (traíçoeiro) que dificultou a defesa da vítima.

Segundo a polícia, um dos indícios contra **Boldrini** é a receita usada dias antes do crime para comprar o sedati-

vo Midazolam, encontrado no corpo de **Bernardo**.

O documento teria sido assinado pelo médico, em nome de Edelvânia. A delegada afirmou que a assinatura ainda passará por perícia.

"Outra coisa que nos chamou a atenção foi que ele descartava algumas pistas [de onde **Bernardo** estaria] sem nem averiguar", diz Bamberg.

## DESAPARECIMENTO

**Bernardo** morava em Três Passos (RS) com o pai, a madrasta e a meia-irmã e desapareceu no dia 4 de abril.

Dez dias depois, o corpo foi localizado numa cova rasa em um matagal na cidade de Frederico Westphalen, a 80 km de Três Passos.

Naquele dia, a polícia prendeu pai e madrasta do garoto, além de Edelvânia, por suspeita de participar do crime.

Segundo a polícia, foi a assistente social quem indicou onde estava o corpo. Vídeos mostram Graciele e **Bernardo** em Frederico Westphalen no dia da morte. Os dois estavam no carro e encontram Edelvânia. Horas depois, de acordo com a polícia, apenas Graciele e a assistente social são vistas no veículo.

Outras imagens mostraram o carro de Graciele, dois dias antes do crime, próximo ao local onde o corpo foi encontrado. Isso, segundo a polícia, reforçou a suspeita de assassinato planejado.

No último sábado, também foi preso Evandro Wirganovicz, irmão da assistente social. Testemunhas relataram ter visto o carro de Evandro próximo ao local onde o corpo foi encontrado. Ele nega.

Jardel Costa/Futura Press/Folhapress



Delegada responsável pelo caso, Caroline Bamberg Machado

Edson Silva/Folhapress

## ▶ OUTRO LADO ◀

**Não há provas, diz advogado do médico**

DE SÃO PAULO

O advogado de Leandro **Boldrini** diz que a polícia não tem provas contra o médico e que usou argumentos "frágeis" para apontá-lo como um dos mentores do crime e indiciá-lo por homicídio.

"Os argumentos apresentados em nenhum momento se sustentam", disse Jader Marques. Segundo ele, a receita médica apresentada pela polícia não pode ser usada como prova de envolvimento do pai no crime.

"Não é nem razoável. Ele não iria passar uma receita para deixar como prova do crime", rebateu Marques.

"A polícia esconde as provas favoráveis. Há depoimentos de que ele chegou triste ao bloco cirúrgico naquele dia, que cancelou duas cirurgias e estava tenso", disse.

Demetryus Grapiglia, responsável pela defesa de Edelvânia Wirganovicz, disse que discorda das conclusões da Polícia Civil e que vai aguardar ser chamado para dar esclarecimentos sobre o caso, "inclusive com provas".

A **Folha** tentou falar com o advogado de Graciele Ugolini, mas não conseguiu contato até a conclusão desta edição. Em depoimentos dados à polícia, a madrasta de Bernardo afirmou que a morte foi "acidental". (NC)

## Vídeo mostra Bernardo com madrasta no dia da morte

Ele sai de carro, mas só ela e amiga voltam

DE SÃO PAULO

Imagens captadas por uma câmera de segurança de um posto de combustível da cidade de Frederico Westphalen, no norte do Rio Grande do Sul, mostram os últimos momentos de vida do menino **Bernardo Boldrini**, de 11 anos, em abril.

Nas imagens, ele aparece saindo da caminhonete da madrasta, Graciele Ugolini, e caminhando com ela e a assistente social Edelvânia Wirganovicz, amiga de Graciele, no dia 4 de abril, data da morte do menino.

A mesma câmera captura, horas depois, as imagens das duas suspeitas retornando ao local onde Graciele havia deixado a caminhonete estacionada. Desta vez, elas estavam sem o menino.

Na noite de terça-feira (13), a Justiça decretou a prisão preventiva dos três suspeitos de envolvimento na morte: Graciele, Edelvânia e o pai do garoto, Leandro **Boldrini**.

Todos estão presos desde 14 de abril, mas a prisão temporária deles venceria nesta quarta-feira (14). Agora, não há prazo determinado.

Na terça (13), a Polícia Civil indiciou os três investigados sob suspeita de homicídio qualificado e ocultação de cadáver.

Segundo a delegada Caroline Bamberg, o crime ocorreu de forma premeditada e por motivo fútil.

**Bernardo** morava em Três Passos (RS) e desapareceu na tarde de 4 de abril.

Dez dias depois, o corpo foi localizado numa cova rasa em um matagal.

Naquele mesmo dia, a Polícia Civil prendeu os três suspeitos do assassinato.

### CASO BERNARDO

## Justiça do RS decreta prisão preventiva do pai e da madrasta

DE SÃO PAULO - A Justiça gaúcha decretou a prisão preventiva de suspeitos de envolvimento na morte do garoto **Bernardo**, 11.

O casal Leandro **Boldrini** e Graciele Ugolini, pai e madrasta do garoto, e a assistente social Edelvânia Wirganovicz, amiga de Graciele, estão presos desde 14 de abril.

A prisão temporária venceria nessa quarta (14). Com a preventiva, eles ficam presos por tempo indeterminado.

O pai nega participação no crime. Edelvânia admite ter ajudado a ocultar o corpo, mas não a matar o menino. A madrasta disse que morte foi "acidental".

Imagens da câmera de um posto mostram **Bernardo** com a madrasta e Edelvânia em 4 de abril, dia em que morreu.



Veja as imagens  
[folha.com/no1454297](https://folha.com/no1454297)

### CASO BERNARDO

## Promotoria do RS denuncia 4 pela morte do menino

DE SÃO PAULO - Quatro pessoas foram denunciadas nesta quinta-feira sob acusação de envolvimento na morte do menino **Bernardo Boldrini**, 11, no interior do Rio Grande do Sul.

Além do pai e da madrasta do menino, Leandro **Boldrini** e Graciele Ugolini, foram denunciadas a assistente social Edelvânia Wirganovicz, amiga do casal, e o irmão dela, Evandro Wirganovicz.

O pai do garoto nega. Edelvânia admite ter ajudado a ocultar o corpo e isenta o irmão de envolvimento no crime. Graciele disse à polícia que a morte do enteado foi acidental.



> **Leandro Boldrini**  
Pai de Bernardo

Suspeito de planejar o crime com a madrasta. Para a polícia, ele se contradisse nos depoimentos e há indícios de que ele sabia do crime

#### Outro lado

Nega participação no crime, diz que não sabia da morte do garoto e que ficou surpreso ao saber do envolvimento da madrasta



> **Graciele Ugulini**  
Madrasta de Bernardo

Inquérito aponta que Graciele planejou e executou o homicídio. Depois, teria recebido ajuda da amiga Edelvânia para enterrar Bernardo

#### Outro lado

Morte foi "acidental" e ocorreu após ela ter dado remédios para acalmar o garoto, que estava agitado

# Pai e madrasta de Bernardo agora são réus no processo

Justiça gaúcha aceitou a denúncia contra o casal e outras duas pessoas

**Ministério Público aponta o médico como mentor da morte do garoto de 11 anos; ele nega o crime**

NATÁLIA CANCIAN  
DE SÃO PAULO

A Justiça aceitou a denúncia contra quatro pessoas acusadas de envolvimento na morte de Bernardo Boldrini, 11, no Rio Grande do Sul. Entre elas estão o médico Leandro Boldrini e Graciele Ugulini, pai e madrasta do menino e agora réus no processo.

Também passaram a ser réus a assistente social Edelvânia Wirganovicz e um irmão dela, o motorista Evandro Wirganovicz, acusado de ter ajudado a ocultar o corpo.

Para o Ministério Público, que ofereceu a denúncia, o pai de Bernardo atuou como "mentor" do crime, executado pela mulher. A suspeita é de motivação financeira.

A Promotoria afirma ter se baseado em indícios que apontam envolvimento de Boldrini como contradições em depoimentos, relatos de testemunhas sobre o mau relacionamento com o filho e desinteresse no paradeiro dele após o desaparecimento.

"A prova existe", afirmou a promotora Dinamária Maciel. "Leandro é o mentor



Bernardo Boldrini, 11, encontrado morto no interior do RS

intelectual do fato."

Segundo ela, Boldrini não queria dividir com o filho os bens que adquiriu com a ex-mulher, que se suicidou em 2010. Por isso, diz a promotora, demorou para formalizar o inventário dela.

O órgão também considerou interceptações telefônicas de parentes de Graciele, que dizem "ter certeza" de que ele planejou o crime. Testemunhas ouvidas pe-

la polícia afirmaram que o pai não gostava do filho e o chamava de "bichinha". Uma amiga disse ter ouvido de Graciele, em janeiro, que ela e o marido desejavam matá-lo, mas só não o faziam porque não tinham um poço para esconder o corpo.

O comportamento "tranquilo" do pai após o desaparecimento de Bernardo também é considerado pela polícia indicio de participação.

A polícia suspeita ainda que a receita usada para comprar o sedativo encontrado no corpo de Bernardo e possível causa da morte tenha sido assinada por Boldrini. O documento, no entanto, ainda não passou por perícia.

#### OUTRO LADO

O médico Leandro Boldrini, 38, nega participação no crime. Por meio de seu advogado, Jader Marques, diz que se surpreendeu com o envolvimento da mulher.

Marques afirma que a polícia e o Ministério Público "não têm provas" contra seu cliente e o acusam por uma "avaliação pessoal".

Segundo ele, as conversas telefônicas revelam apenas suposições de parentes. "Não há um só elemento sólido que mostre a participação dele."

Para o advogado, o argumento de que o pai agiu por interesse na herança da mulher é "absurdo".

Graciele e Edelvânia descartaram o envolvimento do pai de Bernardo no crime.

A madrasta admite ter dado um sedativo para o enteado, para acalmá-lo, mas afirma que a morte do menino foi "acidental".

Edelvânia, por sua vez, reconhece apenas ter ajudado Graciele a ocultar o corpo, sem participação na morte. Evandro nega envolvimento com o caso.



> **Edelvânia Wirganovicz**  
Amiga da madrasta

Em primeiro depoimento, disse que o crime foi planejado e que recebeu dinheiro da madrasta para ajudar a ocultar o corpo

#### Outro lado

Em nova versão, afirma que a morte do garoto foi acidental e que ajudou a ocultar o corpo de Bernardo após sofrer "pressão psicológica"



> **Evandro Wirganovicz**  
Irmão de Edelvânia

Testemunhas disseram à polícia que viram o carro dele próximo ao local onde Bernardo foi encontrado, um dia antes do crime; polícia investiga se ele ajudou a ocultar o corpo

#### Outro lado

Nega ter ajudado a ocultar o corpo do menino; irá depor na próxima semana



## “PAI FOI O MENTOR DO CRIME”

Delegada e promotora culpam o pai de Bernardo pela morte do menino, mas exibem provas pouco consistentes

**C**aso encerrado. Ao menos é o que pensam os responsáveis pela investigação da morte do menino Bernardo Boldrini, de 11 anos. Na semana passada, policiais e representantes do Ministério Público do Rio Grande do Sul anunciaram as conclusões a que chegaram depois de um mês de investigação do crime. Para eles, o pai de Bernardo, o médico-cirurgião Leandro Boldrini, e a madrasta do menino, Graciele Ugulini, com a ajuda da assistente social Edelvânia Wirganovicz, se uniram para matar a criança com o objetivo de livrar-se de um incômodo, segundo a polícia, ou tomar posse da herança que cabia a Bernardo pela morte de sua mãe, de acordo com a interpretação do Ministério Público. Apesar de divergirem quanto à motivação do assassinato, a delegada Caroline Machado e a promotora Dinamércia de Oliveira concordaram em um ponto:

Leandro Boldrini, afirmaram, foi quem tramou o assassinato do filho.

“Ele é o mentor ideológico”, disse a promotora. Apesar da convicção dos investigadores, as provas apresentadas até agora contra o cirurgião parecem frágeis. São, basicamente, gravações de telefonemas trocados entre parentes e uma receita médica assinada por Boldrini. A polícia gravou ligações feitas pela família Boldrini depois da prisão de Leandro e Graciele na tentativa de buscar informações que ajudassem a esclarecer o crime. Mas os diálogos mostrados à imprensa na semana passada como prova da culpa do médico contêm menos revelações incriminatórias do que ilações. Num deles, por exemplo, o padrasto de Graciele diz ter “certeza” da participação do médico na morte do filho. Mas não explica o motivo da sua convicção nem revela fatos que a corroborem. O segundo episódio

**FIM DE CASO?** Investigadores dão por encerrado o seu trabalho: Boldrini e a mulher agora são réus

que, de acordo com os investigadores, evidencia a culpa de Boldrini é a receita assinada por ele autorizando a “paciente” Edelvânia a comprar midazolam — o mesmo medicamento usado por Graciele para sedar Bernardo no dia de sua morte. O teste que pode assegurar que foi o próprio Boldrini quem escreveu e assinou o documento, porém, ainda não foi concluído.

Se as provas apresentadas até agora não parecem suficientes para incriminar o médico, tampouco os fatos depõem a favor de sua inocência. O desprezo que ele demonstrava pelo filho era evidente — e ficou claro também depois do desaparecimento da criança. Ao comentar o sumiço com amigos e parentes, Boldrini só se referia a Bernardo como “o garoto”, nunca como “o meu filho”. Ele, a mulher e Edelvânia foram denunciados à Justiça por homicídio qualificado, cometido por motivo torpe e sem chance de defesa da vítima. Na sexta-feira, a Justiça aceitou a denúncia e os três se tornaram réus. Eles vão à júri popular. Se forem condenados, as penas podem chegar a trinta anos de prisão. ■

ISABEL MARCHEZAN

## RIO GRANDE DO SUL

## Polícia indícia 4º suspeito por morte do garoto **Bernardo**

DE SÃO PAULO - A Polícia Civil gaúcha indiciou ontem (6/6) o quarto suspeito de participar do assassinato do menino Bernardo **Boldrini**, 11.

Foram atribuídos ao motorista Evandro Wirganowicz os crimes de homicídio simples e ocultação de cadáver. Testemunhas disseram que ele esteve, um dia antes, no local onde o corpo do garoto foi enterrado.

Preso temporariamente, Evandro nega as acusações. Ele é irmão da assistente social Edelvânia Wirganowicz, que admitiu ter participado da ocultação do corpo, em abril.

Ela, o pai e a madrasta de **Bernardo**, Leandro **Boldrini** e **Graciele Ugulini**, também estão presos e já foram denunciados.

CASO **BERNARDO**

## Além de casal, 4º suspeito será réu de homicídio de garoto

DE PORTO ALEGRE - Mais um suspeito de envolvimento na morte do menino **Bernardo** **Boldrini** passou a ser **acusado** de homicídio na Justiça.

Nesta sexta (13), um juiz de Três Passos (RS) aceitou denúncia contra Evandro Wirganowicz, irmão de Edelvânia Wirganowicz, presa sob suspeita de participar do crime.

A Justiça determinou a prisão preventiva de Evandro, acusado de homicídio triplamente qualificado. Em maio, a Promotoria já o havia denunciado por ocultação de cadáver. Agora, o Ministério Público complementou a denúncia.

O juiz Marcos Agostini disse que há indícios de que Evandro ajudou a abrir a cova onde o corpo do garoto foi achado.

A reportagem não conseguiu localizar o advogado dele.

Os outros três acusados também estão presos. O pai de **Bernardo**, Leandro **Boldrini**, nega estar envolvido **no crime**.

# Madrasta disse que **Bernardo** morreu por causa de calmantes

Vídeo divulgado pelo 'Fantástico' mostra depoimento à polícia

DE SÃO PAULO  
DO RIO

A madrasta do menino Bernardo **Boldrini**, Graciele Uguolini, afirmou à Polícia Civil que a morte do garoto foi um acidente que ocorreu porque ela exagerou na dose de calmantes dados ao enteado.

A versão dela contradiz com o que afirma a sua amiga Edelvânia Wirganovicz, que confessou participação no homicídio.

**Bernardo Boldrini**, 11, que morava em Três Passos (RS), desapareceu na tarde de 4 de abril. Dez dias depois, o corpo do garoto foi localizado numa cova rasa em um matagal em Frederico Westphalen, cidade próxima.

Naquele mesmo dia, a Polícia Civil prendeu o pai e a madrasta do garoto, além de Edelvânia, por suspeita de envolvimento no crime.

Graciele e Edelvânia são apontadas como envolvidas no crime e prestaram depoimentos em abril, dias depois da morte de **Bernardo**. Os vídeos com as declarações foram exibidos a noite deste domingo (20) pelo programa "Fantástico", da TV Globo.

Na gravação, a madrasta negou ter aplicado uma injeção letal em **Bernardo**.

Ela afirmou que deu calmantes e remédios para o menino dormir porque ele estava agitado durante a viagem de carro para a cidade de Frederico Westphalen. Ao per-

ceber que o garoto não tinha pulso, Graciele, segundo sua versão, escondeu o corpo com a ajuda de Edelvânia.

Em seu depoimento, Edelvânia afirmou que Graciele planejou o crime e lhe ofereceu R\$ 20 mil para que a ajudasse a matar **Bernardo**.

## RIO DE JANEIRO

Outra reportagem do "Fantástico" mostra os cabos Fábio Magalhães Ferreira, 35, e Vinícius Lima Vieira, 32, perseguindo jovens no Rio.

Com os três adolescentes na caçamba, um dos PMs diz "vamos lá em cima, soltar uns tiros?". A câmera é desligada e, quando religada, nenhum dos jovens aparece mais no carro da polícia.

C8 cotidiano ★ ★ QUARTA-FEIRA, 27 DE AGOSTO DE 2014

FOLHA DE S.PAULO

# Madrasta ameaçou **Bernardo**, diz delegada

Segundo a policial, vídeo mostra a mulher dizendo que vai matar o menino de 11 anos; corpo foi achado em abril

As imagens indicam que o pai era conivente com a mulher, diz delegada; defesas não comentaram o vídeo

DE PORTO ALEGRE  
DO UOL

A delegada Caroline Machado, responsável pela investigação do assassinato de **Bernardo Boldrini**, 11, afirmou que será usado como prova um vídeo em que a madrasta ameaça matar o menino.

As imagens, segundo ela, provam que o pai era conivente com a mulher e também maltratava o filho.

O corpo do garoto foi en-

contrado no dia 14 de abril dentro de um saco plástico em um matagal em Frederico Westphalen (a 364 km de Porto Alegre), cidade vizinha a Três Passos, onde ele morava com o pai e a madrasta.

O pai do garoto, Leandro **Boldrini**, a madrasta, Graciele Uguolini, e os irmãos Edelvânia Wirganovicz e Evandro Wirganovicz foram denunciados sob acusação de homicídio triplamente qualificado, ocultação de cadáver e falsidade ideológica. Os quatro estão presos.

Em determinado momento do vídeo, segundo a delegada, Graciele diz, dirigindo-se ao menino: "Vamos ver quem vai primeiro para baixo da terrinha, então?".

Caroline diz que as imagens mostram **Bernardo** pedindo socorro, enquanto é xingado pela madrasta e pelo próprio pai — que toma uísque sentado em uma poltrona. Em um trecho, o menino aparece "grogue", após tomar um medicamento.

"Ele [Leandro] fala que vai dar o remédio. Depois, [Bernardo] volta com a voz grogue", disse a delegada. O vídeo, segundo ela, foi recuperado por peritos no celular do pai do garoto.

A delegada depôs nesta terça-feira (26) em Três Passos, durante cinco horas, e foi uma das primeiras testemunhas de acusação ouvidas em audiências no processo.

Os únicos réus que esta-

vam presentes eram Edelvânia e Evandro. O pai e a madrasta de **Bernardo** não quiseram comparecer.

## OUTRO LADO

As defesas dos réus disseram que ainda não tiveram acesso ao conteúdo da gravação e que, por isso, não se manifestariam sobre o vídeo.

Leandro nega participação no crime e Graciele alega que a morte foi acidental, causada por erro na dosagem do calmante que deu ao enteado.

Edelvânia afirma que ajudou Graciele a ocultar o corpo do garoto após sofrer "pressão psicológica". Evandro, acusado de ter cavado a cova, nega participação na morte de **Bernardo**.



Edelvânia chega para audiência sobre a morte de **Bernardo**

MORTES

SERVICO

## Madrasta ameaçou Bernardo, diz delegada

A delegada Caroline Bamberg Machado, responsável pela investigação do assassinato de Bernardo Boldrini, 11, afirmou que será usado como prova um vídeo em que a madrasta ameaça matar o menino. A delegada disse que o vídeo mostra o pai, Leandro Boldrini, se "omitindo" enquanto Graciele "agride verbalmente" o garoto. O pai nega participação e Graciele alega que a morte foi acidental. **Cotidiano CB**

# Em áudio, Bernardo pede socorro, madrasta ameaça e pai não reage

'Vocês me agrediram', afirma em um trecho o garoto de 11 anos, que foi morto em abril no RS

**Para advogado do pai do menino, conversa não o incrimina pela morte; advogado de Graciele não foi encontrado**

DE PORTO ALEGRE

O menino Bernardo Boldrini, 11, que foi morto no interior do Rio Grande do Sul em abril, aparece gritando por socorro e sendo ameaçado de morte pela madrasta, Graciele Ugulini, em vídeo usado como prova no processo.

Um trecho de áudio da gravação, divulgado pela RBS TV, mostra o garoto discutindo com Graciele e o pai. "Vocês me agrediram, tu me agrediu", diz o menino.

O vídeo foi gravado em agosto de 2013, cerca de oito meses antes do crime, e encontrado em um celular do pai de Bernardo, o médico Leandro Boldrini.

Graciele e Leandro estão presos e respondem na Justiça pela morte do garoto.

Na gravação, Graciele diz ao menino que "vai agredir mais" e afirma: "Tu não sabe do que eu sou capaz".

Em outro trecho da gravação, feita na casa da família, em Três Passos (a 466 km de Porto Alegre), a madrasta diz: "Eu prefiro apodrecer na cadeia a viver nesta casa contigo incomodando".

O garoto diz: "Querida que tu morresse". Graciele retruca: "Vamos ver quem tem mais força". Mais adiante, ela fala: "Vamos ver quem vai para baixo da terra primeiro".

Leandro não reage à ameaça. Ele aparece em três momentos. Diz para o garoto se acalmar e afirma que "ninguém merece ser xingado". "Quem que começou a bagun-

### OUTRO LADO

A defesa de Leandro nega qualquer participação dele no crime. Procurado, o advogado Jader Marques disse que o vídeo mostra um conflito que já era conhecido, entre o garoto e a madrasta, mas não comprova o envolvimento do pai no assassinato. Para ele, o médico era apenas "condescendente" com a situação.

Graciele disse, em depoimento, que a morte de Bernardo foi acidental, por erro na dosagem de um calmante dado ao enteado. O advogado dela não foi localizado para comentar a gravação.

Evandro Wirganovitz nega qualquer participação no assassinato do menino e Edelvânia admite ter ajudado a ocultar o corpo após sofrer "pressão psicológica".



O menino Bernardo Boldrini, 11, que foi morto em abril no interior do Rio Grande do Sul

Reprodução TV Globo

### ÁUDIO RECUPERADO LEIA TRECHOS

**Bernardo:** Socorro! Socorro!  
**Graciele:** Vai lá pedir socorro!

**B.:** Vão vocês!  
**Leandro:** Vai lá.

**G.:** Tu que tá pedindo! Tu que tá gritando!

**Leandro:** Quem que começou a fazer isso?

**B.:** Vocês me agrediram, tu me agrediu.

**G.:** E vou agredir mais na próxima vez que tu abrir a boca para falar de mim. Eu vou agredir mais.

**G.:** Eu não tenho nada a perder, Bernardo! Tu não sabe do que eu sou capaz! Eu prefiro apodrecer na cadeia a viver nesta casa, contigo incomodando! Tu não sabe do que eu sou capaz!

**B.:** Minha mãe queria que tu morresse!

**G.:** Tu não sabe do que eu sou capaz! Vamos ver quem tem mais força! Ah, nós vamos ver quem tem mais força!

**B.:** Quando tu morrer...

**G.:** E, nós vamos ver quem vai para baixo da terra primeiro.

**B.:** Tul! Tu vai!

**G.:** Então tá, se tu tá dizendo.

abrir, aparece gritando por socorro e sendo ameaçado de morte pela madrasta, Graciele Ugulini, em vídeo usado como prova no processo.

Um trecho de áudio da gravação, divulgado pela RBS TV, mostra o garoto discutindo com Graciele e o pai. “Vocês me agrediram, tu me agrediu”, diz o menino.

O vídeo foi gravado em agosto de 2013, cerca de oito meses antes do crime, e encontrado em um celular do pai de **Bernardo**, o médico Leandro **Boldrini**.

Graciele e Leandro estão presos e respondem na Justiça pela morte do garoto.

Na gravação, Graciele diz ao menino que “vai agredir mais” e afirma: “Tu não sabe do que eu sou capaz”.

Em outro trecho da gravação, feita na casa da família, em Três Passos (a 466 km de Porto Alegre), a madrasta diz: “Eu prefiro apodrecer na cadeia a viver nesta casa contigo incomodando”.

O garoto diz: “Querida que tu morresse”. Graciele retruca: “Vamos ver quem tem mais força”. Mais adiante, ela fala: “Vamos ver quem vai para baixo da terra primeiro”.

Leandro não reage à ameaça. Ele aparece em três momentos. Diz para o garoto se acalmar e afirma que “ninguém merece ser xingado”. “Quem que começou a bagunça [briga]?”, diz, no início.

O vídeo foi anexado ao processo na semana passada e é uma nova prova para a acusação, que aponta envolvimento do pai no assassinato.

A delegada Caroline Machado, que foi ouvida na terça (26) na primeira audiência do processo, afirmou que o vídeo mostra o pai “se omitindo totalmente” diante do conflito na família.

Segundo ela, as imagens foram feitas em uma tentativa de mostrar que o menino tinha comportamento agressivo e problemático. Em determinado momento, os gritos de socorro de **Bernardo** atraem PMs até a casa.

Também estão presos sob suspeita de envolvimento na morte os irmãos Edelvânia e Evandro Wirganovicz.





Cena da gravação que mostra **Bernardo** com facão na mão

## ‘Vamos, machão’, provoca pai de **Bernardo** em vídeo

Gravação, feita pelo médico Leandro, mostra menino apontando um facão

**Em uma das cenas, garoto diz que só vai parar se o pai deixar de filmá-lo; advogado não foi encontrado**

PAULA SPERB  
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

Meses antes de o menino **Bernardo Boldrini**, 11, ser morto no interior do Rio Grande do Sul, gravações feitas no celular do pai dele, o médico Leandro **Boldrini**, mostram provocações ao garoto.

**Bernardo** reage aos gritos e chega a pegar um facão para tentar fazer com que o pai pare de filmá-lo.

As imagens, que constam do processo sobre a morte de **Bernardo**, ocorrida em abril

deste ano, foram divulgadas pelo jornal “Zero Hora” na tarde desta sexta (29) e gravadas em junho e agosto de 2013.

No vídeo divulgado na quinta-feira (28), recuperado pela perícia após ter sido apagado, Leandro mal aparece e a madrastra de **Bernardo**, Graciele Ugolini, é quem agride verbalmente o menino.

As novas imagens mostram o pai seguindo o garoto pela casa, enquanto **Bernardo** tenta se esquivar.

Em um dos vídeos, com data de 26 de junho de 2013, **Bernardo** está no banheiro com a porta fechada e o pai diz que quer lhe mostrar uma coisa.

Após uma discussão, **Bernardo** abre a porta e vai para a cozinha, onde pega uma faca. “É contigo. Tu tá agindo pelos teus próprios atos. Vai,

vamos, vamos ver se tu é corajoso. Isso aqui vai ser mostrado para quem tu quiser saber. Vamos, machão”, provoca Leandro.

“Faz alguma coisa com essa faca”, diz o pai, **Bernardo** pede para que ele pare de filmar. “Terminou teu show?”, responde Leandro.

É então que **Bernardo** troca a faca por um facão e diz ao pai: “Para o vídeo. Senão, não vou parar”.

Outro vídeo, gravado em 10 de agosto de 2013, mostra **Bernardo**, chorando, escondido dentro de um guarda-roupa. “Sai! Para de me filmar. Seu idiota, olha o que tu fez, bateu na minha porta.”

Segundo o Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul, a dentista que tratava **Bernardo** disse que ele “fazia tudo

sozinho, não tinha ajuda”.

No início do ano, **Bernardo** chegou a procurar ajuda no Ministério Público, reclamando de negligência afetiva. Em audiência na Justiça, ficou decidido que pai e filho tentariam uma reconciliação.

### OUTRO LADO

O pai de **Bernardo** nega participação no crime. Seu advogado não foi encontrado ontem para comentar as novas gravações. A madrastra diz que a morte foi acidental, após erro na dosagem de um calmante dado ao enteado.

Edelvânia Wirganovicz, amiga de Graciele, afirma que ajudou a ocultar o corpo após sofrer “pressão psicológica”. Evandro Wirganovicz nega participação no crime. Os quatro estão presos.



2014 ■ Brasil

### Ele não está mais só

Na entrada de Três Passos (RS), um outdoor traz a mensagem: "Bernardo, não nos cansamos de lutar por você. Justiça!". Quase toda semana, um grupo de moradores da pequena cidade gaúcha se reúne diante da casa em que vivia o menino órfão de mãe, maltratado pelo pai e assassinado pela madrasta. Na calçada, os vizinhos rezam por ele e discutem o andamento do processo que apura o crime. Nos dias de audiência, o encontro é no fórum da cidade, o mesmo onde Bernardo, aos 11 anos, foi sozinho pedir para mudar de família — isso três meses antes de morrer. Seu pai, o médico Leandro Boldrini, continua a negar a participação no crime. Em maio, um mês depois de ser preso, ele entrou na Justiça com um pedido de separação da mulher, a enfermeira Graciele, que admitiu ter enterrado o corpo de Bernardo e ter dado a ele os remédios que o mataram. A separação não foi adiante, já que, com bens e contas bloqueados, Boldrini diz não ter como pagar os custos da ação. Ele e Graciele nunca mais se encontraram (os dois foram liberados de comparecer às audiências diante do juiz) nem conversaram por carta ou telefone, segundo uma pessoa próxima da família do médico. "Ele quer que ela morra", diz a amiga. O julgamento do casal está previsto para 2015.

VEJA | 13 DE DEZEMBRO, 2014 | 89

## Inquérito sobre a mãe de Bernardo é reaberto

Justiça do RS manda reinvestigar suicídio

DE SÃO PAULO

A Justiça gaúcha determinou nesta quarta-feira (20) a reabertura do inquérito policial que investigou a morte da mãe do menino Bernardo Boldrini, Odilaine Uglione.

Segundo o juiz Marcos Luís Agostini, da 1ª Vara Judicial da Comarca de Três Passos, “novos elementos e fundamentos apresentados são suficientes para reabertura das investigações”.

Odilaine morreu em fevereiro de 2010 no consultório do marido e pai de Bernardo, Leandro Boldrini. O inquérito foi arquivado a pedido do Ministério Público, após a polícia concluir que ela se matou. Odilaine morreu em decorrência de um tiro e teria deixado uma carta.

Após a morte de Bernardo, a avó do menino e mãe de Odilaine, Jussara Uglione, encomendou novas perícias, que levantaram questionamentos sobre o suicídio.

Bernardo foi achado morto em abril de 2014. O pai do menino, a madrasta e uma amiga dela foram presos. O pai nega o crime, a madrasta afirma que a morte foi acidental e a amiga alega que ajudou a esconder o corpo porque sofreu ameaças.

# ‘Não participei disso’, diz pai de Bernardo

Acusado pela morte do filho de 11 anos, médico depõe à Justiça gaúcha pela primeira vez e culpa a mulher pelo crime

**Leandro Boldrini disse que garoto e madrasta ‘se odiavam’; ela não respondeu às perguntas do juiz em Três Passos**

**PAULA SPERB**  
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA,  
EM TRÊS PASSOS (RS)

Um ano depois de serem presos pelo assassinato do menino Bernardo Boldrini, 11, o pai dele, a madrasta e os outros dois réus prestaram depoimento à Justiça pela primeira vez em meio a um clima de comoção em Três Passos (RS), onde a família vivia.

O Ministério Público acusa o médico Leandro Boldrini, 39, pai de Bernardo, de ser o mentor do crime.

A enfermeira Graciele Ugulini, 33, é acusada de matar o enteado com um sedativo e de enterrar o corpo com ajuda dos irmãos Edelvânia e Evandro Wirganovicz.

Boldrini, o primeiro a ser ouvido, disse ao juiz que a denúncia contra ele é “falsa” e que os outros três réus são os culpados. “Eu não participei disso. Eu nego”, disse. “Os autores são os demais denunciados”, afirmou, referindo-se a Graciele e aos irmãos Wirganovicz. “Tem imagens que mostram isso.”

Boldrini afirmou que a polícia e o Ministério Público “imaginaram” que ele participou do crime e, por isso, colocaram seu nome com o deles na denúncia. O médico negou conhecer os dois irmãos.

Enquanto Boldrini dava o depoimento, os outros réus aguardavam fora da sala.

O médico se queixou do comportamento de Bernardo (“ele não obedecia”) e disse que Graciele entrava em conflito com o menino porque ele não ia bem na escola.



O médico Leandro Boldrini (ao fundo, sob escolta) chega para depor sobre a morte do filho

## QUEM É QUEM

Personagens do caso Bernardo, morto aos 11 anos



**Leandro Boldrini, 39**  
> Pai de Bernardo, é acusado de planejar o crime, o que ele nega; promotora diz ter se baseado em contradições em depoimentos



**Graciele Ugulini (Kelly), 33**  
> Enfermeira, mulher de Leandro, disse que a morte foi acidental, por erro na dosagem de um sedativo para acalmar o enteado



**Edelvânia Wirganovicz**  
> Amiga de Graciele, sempre negou ligação com a morte; disse que recebeu dinheiro para ajudar a ocultar o corpo



**Evandro Wirganovicz**  
> Irmão de Edelvânia, foi preso sob suspeita de cavar a cova onde o corpo foi enterrado. Nega participação



não ia bem na escola.

“Com o tempo, o afeto [entre eles] foi diminuindo. Eles se odiavam”, disse. Os dois continuam casados.

Questionado sobre vídeos em que aparece provocando o filho, Boldrini falou que fez as gravações para registrar a agressividade de Bernardo e “procurar ajuda psicológica”.

Graciele e Edelvânia não responderam às perguntas feitas. A madrastra estava abastida, com o cabelo sem corte nem tintura, bem diferente das imagens divulgadas à época do crime. Já Edelvânia disse que está fazendo tratamento de saúde e que foi obrigada a comparecer à audiência. “Não tenho condições de falar”, disse ao juiz.

#### OCULTAÇÃO

Último dos réus a ser ouvido no fórum, o motorista Evandro Wirganovicz negou participação no crime e acusou a irmã. Ele é suspeito de ajudar a ocultar o corpo do garoto em um matagal na cidade de Frederico Westphalen.

“Foi minha irmã que fez o buraco”, disse, referindo-se a Edelvânia. “Sou mais uma vítima dessa história. Sou inocente. Eu nego”, declarou.

Para agilizar o processo, na próxima etapa todas as partes se manifestarão por escrito. Essa fase levará cerca de 45 dias. Quando o juiz receber os documentos, ele decidirá o próximo passo: júri popular, arquivamento, absolver os réus ou desclassificar a denúncia da Promotoria.

Manifestantes fizeram apitação e distribuíram “santinhos” com a foto do garoto.

Boldrini, Graciele e Edelvânia são acusados de homicídio qualificado e ocultação de cadáver, com motivo fútil (“desamor e ódio”) e torpe (pagamento a Edelvânia) e meio insidioso (traíçoeiro) que dificultou a defesa da vítima.

Boldrini também responde por falsidade ideológica, por ter registrado um boletim de ocorrência de desaparecimento do garoto Bernardo.

#### RIO GRANDE DO SUL

### Acusados pela morte do menino Bernardo vão a júri popular

**DE SÃO PAULO** - Os quatro acusados pela morte e ocultação do corpo do menino **Bernardo Boldrini**, 11, em abril de 2014, serão julgados por júri popular. A decisão foi proferida na manhã desta quinta (13).

Denunciados pelo Ministério Público, Leandro **Boldrini** (pai do menino) e **Graciele Ugulini** (madrasta) respondem por homicídio quadruplicamente qualificado. **Boldrini** responde ainda por falsidade ideológica.

Edelvânia Wirganovicz é acusada de homicídio triplamente qualificado, e o irmão dela, Evandro, de homicídio duplamente qualificado e ocultação de cadáver.

A **Folha** tentou entrar em contato com as defesas dos acusados, mas não teve resposta.